

A close-up photograph of a woman's face, focusing on her eyes and mouth. She has bright red lipstick and is wearing a white lace veil that covers her eyes and forehead. The background is a soft, out-of-focus pinkish-white.

FLORENCIA BONELLI

Bodas de ódio



BODAS DE ÓDIO

Florencia Bonelli

Sinopse

Corre o ano 1840 em Buenos Aires. Com sua beleza ruiva, sua teimosia e seu espírito impulsivo, a jovem Fiona de Malone faz honra a sua origem irlandesa. Nega-se a seguir os costumes portenhos da época, pois está decidida a casar-se por amor. Por isso se desespera quando seu pai impõe seu matrimônio com Dom Juan Cruz de Silva, protegido do tirano Juan Manuel de Rosas.[1]

De Silva, apelidado de “o Diabo”, tem um escuro passado e deve a sua prosperidade a sua inteligência, coragem e frieza, como também ao afeto que Rosas têm por ele. Para consolidar sua posição deve casar-se com uma jovem de boa família, e a beleza de Fiona o conquistou.

Entretanto, o matrimônio começará marcado pelo ódio. Juan Cruz e Fiona só serão felizes se souberem ceder à imensa força do desejo e do amor.

Breves considerações

Este é um livro que ama-se ou odeia-se. Uma mocinha que desperta todos os sentimentos contraditório nos leitores. Mimada, impulsiva e apaixonada.

Um mocinho forte, considerado rude, batalhador e que se derrete a frente de sua esposa.

Intrigas, ódios, tramas e descobrimentos vão enredando os leitores.

Por ser um livro de uma escritora Argentina, traz muito da cultura deste país. A linguagem regional está presente em alguns momentos. Pelo bem da narrativa, não foi modificado a verdadeira essência da escrita e explicado a rodapé o significado. Foi considerado nomes próprios, ruas e avenidas permanecendo tal e qual o livro original.

A preposição “de” antes do sobrenome foi mantido porque estabelece a relação de que pertence “a” uma família. Se encontrará a mesma preposição de forma repetida fazendo a ligação do fato a relação de que pertence a alguém (de de Silva), portanto não é erro de revisão.

Obrigada.

Capítulo 1

"Amor! palavra escandalosa em uma jovem, o amor se perseguia, o amor era cuidadoso como uma depravação..."

Mariquita Sánchez de Thompson

A noite de 9 de julho de 1847, Buenos Aires.

Fiona de Malone suspirou cansada e sentou-se meio entorpecida na poltrona. Dali observava a sala principal da mansão, lotada de gente.

Fizera uma pausa no baile. Os homens, reunidos em pequenos grupos, conversavam de política. As juvenzinhas, excitadas, consultavam suas cadernetas e anotavam os nomes dos cavalheiros que tinham pedido esta ou outra peça. Em um canto, a orquestra afinava os instrumentos, enquanto seu maestro, o professor Favero, recebia instruções da anfitriã, Misia^[2] Mercedes de Sáenz. As mulatas iam e vinham com mate^[3] nas mãos, bandejas com manjares e garrafas de vinho. Tudo parecia ocorrer como foi pedido, os convidados pareciam satisfeitos e a proprietária da casa resplandecia pelo êxito de sua reunião social no Dia da Independência.

Fiona voltou a suspirar, pensando em sua cama, quentinha e cômoda, em um bom livro, ou no copo de leite quente que sua criada preparava a cada noite. Mas não! Aí estava, rígida, de espartilho até os seios, os pés gelados, e com muito desejo de voltar para sua casa. Sentia-se cansada; nada parecia atraí-la, sempre era o mesmo. Definitivamente, odiava as festas; em realidade, para ela não eram mais que uma feira de luxo, aonde o gado se substituíria por mulheres desesperadas para encontrarem um marido. Uma solteirona: antes, fossem ao convento.

Perguntou-se, então, por que permanecia nessa tertúlia,^[4] em uma gelada noite de inverno, entre pessoas tediosas e espalhafatosas. Pensou por instantes e recordou as palavras de sua avó Brigid essa tarde.

— Deve ir, Fiona — lhe ordenou a anciã.

— *Se se negar a participar de todas as festas que lhe convidam, nunca conseguirá um bom partido para se casar, — predisse sua tia Ana, colocando um pente ornamentado de prender cabelo na sua cabeça que ela, a sua vez, tirou-o rapidamente.*

— *What are you doing, girl?*^[5] *Não percebe o trabalho que dá colocá-lo em um cabelo tão liso como o seu? — recriminou-lhe a tia.*

— *Não irei com pente de prender cabelo. Os odeio. Além disso, não quero conseguir um bom partido para me casar, quero me apaixonar.*

A juvenzinha, desafiante, observava alternadamente para sua tia e sua avó.

— *Good heavens!*^[6] *Essas baboseiras românticas que lhe colocaram na cabeça, Fiona, são ridículas; terminarão por me enlouquecer.*

A anciã se deixou cair em uma poltrona. As ideias irreverentes de sua neta conseguiam tirá-la do controle.

— *Por que são ridículas, Grannie?*^[7] *Acaso você não se casou apaixonada pelo Grandpa?*^[8]

— *Menina! Que perguntas você faz? — exclamou sua tia.*

— *Grannie... — disse Fiona, insistindo para que sua avó respondesse.*

— *Bom... não... mas com os anos cheguei a amá-lo.*

— *Pois ele diz que a amou com loucura desde o primeiro dia em que a viu.*

Brigid observou sua neta e tratou de descobrir em seus enormes olhos azuis o mistério que a envolvia. Certamente, era uma menina incontrolável. Só Fiona poderia arrancar semelhante confissão do velho Sean Malone. Há cinquenta anos que estavam casados, tinham cinco filhos, e a ela jamais tinha dito isso.

— Finalmente! — disse Fiona para si, ao divisar sua melhor amiga, Camila de O’Gorman.

Camila entrou no salão de Misia Mercedes e procurou por Fiona com o olhar. Ao encontrá-la só em um canto, dirigiu-se para ela.

— Finalmente chega, Camila! Já enlouqueci Torrecilla perguntando por você.

— Justo hoje que não tenho vontade nem mesmo de olhar em sua cara.

Camila sentou ao lado de sua amiga.

Conheciam-se desde pequenas e se amavam muito, como irmãs. Eram muito companheiras e cada uma sabia dos segredos da outra. Às vezes discutiam, porque nem sempre estavam de acordo, embora as irritações durassem pouco.

Em pouco tempo, faziam as pazes e tudo continuava como sempre.

— Não te compreendo, Camila. Se não tem vontade de olhá-lo é porque não o ama; se não o ama, não deve se casar com ele.

O silogismo soava lógico para Fiona, que desde algum tempo não entendia o capricho de sua amiga em manter uma relação que não desejava.

— Sim, já sei.

— Então...

— Então... — suspirou Camila.

— Sim, o que acontece então, Camila de O’Gorman?

— Nada, Fiona de Malone, nada. É que... Oh, mas até você, também, vai me fazer recriminações!

— Não seja tola, eu só desejo que seja feliz. — Tomou uma de suas mãos e lhe sorriu. — É seu pai, verdade? Tem pânico de que se zangue contigo.

— É que tatita^[9] nunca compreenderia o que sinto aqui dentro, — disse, golpeando o coração.

— Camila...

Alguém a interrompeu vociferando seu nome.

— Fiona de Malone! Meia festa está murmurando a respeito de você.

Uma jovem se aproximava direto para elas, com passo apressado e rosto alterado.

— O que pretende obter com este comportamento absurdo, Fiona? Ohh! Eu poderia enforcá-la com minhas próprias mãos neste preciso instante.

— Olá, Imelda!

Camila não pôde ocultar a risada que lhe provocava a fúria da irmã mais velha de Fiona.

— Não ria, Camila. O que sua amiguinha está fazendo nesta festa é imperdoável.

Ela escutou o sopro de Fiona. Tinha cruzado os braços sobre o seio e revirado seus olhos para o teto.

— É que cheguei há poucos instantes e não tenho ideia do que estive fazendo sua irmãzinha, — explicou O’Gorman.

— A senhorita Fiona rechaçou a todos e cada um dos cavalheiros que lhe pediram um minueto^[10] — declarou Imelda, sem deixar de olhar para sua irmã.

— Talvez não goste de minueto.

— Não provoque, Camila. Também rechaçou Soler para a valsa e Anchorena para a mazurca.^[11] É evidente, não é questão de bailes.

— Não, Imelda. Não rechacei Soler, disse-lhe que sim.

— Sim, disse-lhe que sim, mas então, quando ele veio te buscar, espantou-o lhe dizendo que tinha vontade de vomitar.

— Não lhe disse que tinha vontade de vomitar. Tão somente lhe disse que...

— Bem, já basta, menina malcriada! Não importa o que disse ou o que não disse. O único que importa é que está deixando muito mal nossa família na casa de Misia Mercedes.

— Misia Mercedes jamais pensaria mal de Grandpa por isso. Respeita-o muito. Além disso, ela e eu somos amigas.

— Ahhhhhh! Basta, basta — ordenou Imelda.

— Acalme-se, Imelda — disse Camila. — Seu rosto parece um tomate e não acredito que isso agrade a Dom Senillosa.

— Não acredite, Camila, não acredite — a corrigiu Fiona, com ironia. — Senillosa é mazorquero...[12] Eh! perdão, sócio popular e tudo o que seja vermelho sangue lhe apaixona.

Camila não suportou mais e soltou uma sonora gargalhada, que chamou imediatamente a atenção de um grupo de anciãs paradas a alguns passos delas. Imelda as observava furiosa, o rosto vermelho e os olhos a ponto de saltarem das órbitas. Recolheu a bainha de seu vestido, deu meia volta e saiu.

— Oh, não! Agora Torrecilla, era o único que faltava — murmurou Fiona.

Lázaro Torrecilla se aproximou e pediu a Camila a dança do próximo minueto; a moça aceitou a contragosto e partiu para o salão principal junto a seu prometido.

Fiona ficou sozinha outra vez. Sozinha, porque não desejava estar com ninguém mais nessa festa. Possivelmente, seria divertido passar um momento com as *enjeitadas*.^[13] Havia sempre delas nas festas. As menos graciosas, as mais feias, as mais gordas, as muito magras, as mais pobres; um grupo de mulheres que ninguém pedia para dançar. Elas somente ficavam agrupadas nos cantos ou nos pátios mais retirados do salão. Uma e outra vez eram humilhadas pelos cavalheiros nas festas sociais. Apesar de tudo, insistentes, elas continuavam a participarem. Fiona não conseguia compreender.

— Não, não, senhorita. Outra vez com as enjeitadas, não. Simplesmente, não o permitirei.

Misia Mercedes deteve Fiona em seu intento por escapar da festa.

— Oh... Misia Mercedes...

— Não permitirei que se afaste como se fosse uma das mulheres mais feias de

Buenos Aires quando é justamente o contrário.

— Justamente o contrário?

— Sim, querida, justamente o contrário. É a mais bela da festa.

— Eu, Misia Mercedes? Mas se a mais bela é Dona Agustina Mansilla.

A proprietária da casa conduziu Fiona pelo braço até um lugar mais afastado: ali se sentaram em tamboretos.

— Não, menina. Agustina perdeu o viço de sua pele e seu cabelo não brilha como antes. É que os anos não vêm sozinhos, querida. Além disso, você é distinta. É especial. Ela só tem uma cara bonita e nada mais. Você tem muito mais que isso.

Fiona admirava a Misia Mercedes de Sáenz e Velazco. Sentia-se muito confortável com ela. Talvez fosse parte de toda aquela parafernália de reuniões, sobrenomes, fazendas e coisas que ela detestava, mas havia algo a mais nessa mulher que a atraía irremediavelmente. Sua delicadeza, acompanhada por uma grande firmeza; sua educação estrita e sua abertura ao impensável; sua bondade, unida a uma grande sagacidade. Fiona amava escutar dos próprios lábios da protagonista a história a respeito de como Misia Mercedes se opôs a seus pais quando quiseram casá-la com um parente longínquo, muito mais velho que ela, cheio de dinheiro e linhagem. "*A primeira mulher do vice-rei que se opôs a seus pais e contraiu matrimônio com o homem que realmente amava*", vangloriava-se de sua anfitriã.

— Disseram-me que não queria dançar com ninguém. E eles estavam todos ansiosos para fazê-lo com você.

— Misia Mercê...

— Eu te compreendo, querida, eu entendo. Sei que estes nossos crioulos não são um modelo de virtudes ou algo parecido. Não tem que me explicar isso, pois me casei com um inglês, que Deus tenha sua alma.

— Amém — demandou Fiona.

— Sim; eles não são os melhores, mas é o que temos para escolher — sorriu.

— É que eu não desejo qualquer um deles, eu não quero um marido, Misia. Eu não quero isso ainda.

— Ou talvez, o que desejas é se apaixonar, verdade?

O pulso de Fiona se acelerou. Pela primeira vez alguém a entendia. Não tinha necessidade de explicar nada. Tão somente, tinha-a compreendido.

— Sim, Misia Mercedes, desejo me apaixonar por um homem que também esteja apaixonado por mim. Só então eu vou aceitar me casar.

— É um desejo muito nobre. Espero que o alcance. Em realidade, sei que o fará.

— Misia Mercedes?

— Sim, querida?

— Não fique zangada comigo porque não quis dançar com ninguém, eu imploro.

— Não, querida, como poderia ficar?

— Prometo-lhe que ao próximo que me peça uma dança, eu aceito.

— Como quiser, Fiona.

Naquele momento, um cavalheiro de baixa estatura e volumoso, mas vestido com elegância, entrou no salão com uma mulher.

— Mas são o conde e a condessa Walewski!

Mercedes se levantou imediatamente.

— Peço desculpas, Fiona, devo recebê-los. Isso mesmo: não quero que vá em busca das enfeitadas. Prometa que vai ficar aqui onde o seu belo rosto pode ser visto. Alegria este lugar.

— Sim, Misia Mercedes, o prometo.

A jovem observou à mulher afastar-se, até que desapareceu atrás de algumas cortinas.

Outra vez sozinha. Então, começou a observar a seu redor. A mansão de Misia Mercedes de Sáenz, na Rua da Flórida, era uma das mais lindas de Buenos Aires. Seus salões eram famosos pelo luxo e o bom gosto. Levantou a vista para o teto. O enorme lustre de bronze, carregado de adornos de cristal e velas de sebo, era fantástico. Observou-o balançar-se muito lentamente; talvez seus olhos estivessem fazendo uma peça e tudo era uma ilusão de ótica, talvez o lustre não se movesse nenhum centímetro. Mas parecia que se movia ao som dos acordes da valsa tocada por Favero e sua orquestra. Fechou os olhos para concentrar-se nas notas que chegavam a seus ouvidos. Sentiu que um ardor os enchia, deixando escapar lágrimas pelos lados.

— Você já descobriu por acaso uma rachadura no teto? Ou talvez uma teia de aranha em um canto? Porque esta casa pode ser uma das mais belas, diferenciadas e soberbas de toda Buenos Aires, mas está faltando muita manutenção. Já não é a mesma dos dias de Don Cecilio. Permite-me te acompanhar, Fiona?

A jovem assentiu com desagrado, enquanto observava à anciã gorda que sentava ao lado dela.

— Como eu estava dizendo... O que eu estava dizendo? Ai, que memória a minha! Sempre fui assim.

— De Dom Cecilio.

— Ah, sim, obrigada, querida! Em épocas de Dom Cecilio... bem, você nem tinha nascido ainda. Em tempos desse galante e honrado cavalheiro de River Plate, esta casa era um paraíso.

Embora a mulher continuasse com suas lembranças, Fiona não a escutava. Não podia ser possível. Tinha conseguido um momento agradável e nada mais e nada menos que Dona Josefina Coloma veio incomodá-la. Era velha, já tinha até bisnetos e qual era a necessidade de participar dessas festas? Poderia permanecer em seu lar; pelo menos, não causaria danos aos ouvidos e sanidade de qualquer um. Em realidade, pensou Fiona, teria preferido dançar com Soler do que escutar essa ladina da idosa anciã.

— Que belo vestido você usa hoje, Fiona. Acaso lhe fez... — não concluiu a frase. Nessa altura, o nome de uma boa costureira era uma coisa muito preciosa. Ter o melhor vestido em uma festa poderia se tornar a chave para encontrar um marido. E Fiona usava o mais belo naquela noite.

— Sim, Dona Josefina?

— ahram! — pigarreou Dona Josefina. — Talvez foi a senhora de Urrutia ou possivelmente a senhorita Torre... Não sei, são as melhores que conheço. Ali se confecciona os vestidos Clelía.

A avó dirigiu o olhar ao salão para observar sua neta, que se esforçava para agradar ao jovem com quem dançava. Fiona contemplou por segundos a juvenzinha e pensou dela o mesmo de sempre: uma caça-marido sem muitos escrúpulos.

— Bem, você não me disse onde fez este vestido deslumbrante — insistiu a anciã. Tomou o tecido da saia, roçando-o com os dedos, como se estivesse tentando descobrir que tipo era.

— *Aunt Tricia*^[14] me enviou de Londres, Dona Josefina.

Não era verdade, mas ela gostava de fazer este jogo perverso de mentirinhas com uma velha astuta como Coloma.

— Oh, Tricia lhe mandou de Londres!

Diante disso, a mulher não podia competir. Ela não tinha ninguém para enviar-lhe qualquer coisa da Europa.

— E, como foi que você fez para recebê-lo considerando o terrível bloqueio que está sendo submetida nossa Santa Federação?

Não era fácil enganar aquela velha ardilosa. Fiona vacilou um momento; depois, respondeu: — É que... é que, se você tiver alguém para enviar-lhe algumas coisas em pacotes da Inglaterra ou da França, o mais possível é que cheguem, como meu vestido, entende, Dona Josefina?

Fiona tentou um sorriso falso e levantou o tecido do traje. A mentira era tão grande que teria que confessar-se com o padre Vicente se quisesse receber a comunhão no domingo. Mas se tranquilizou pensando que se tratava de uma mentira piedosa, para baixar as fumaças da velha intrometida.

— Ah, também o serviço é lamentável nesta casa! — Comentou a anciã com sarcasmo. — Pode acreditar que não me convidaram para um só mate desde que cheguei, há mais de uma hora? — E a seguir, gritou: — Sofia, Sofia, sirva-me um mate!

Fiona se compadeceu de Misia Mercedes por ver-se na obrigação de convidar a sua casa pessoas como essa. Ocorria que Josefina Coloma era uma "boa federal": fiel à causa, amante da Federação, da cor vermelha, e de seu chefe político Rosas. Não convidá-la seria para Misia Mercedes como parar-se em meio da Plaza de la Victoria e gritar "Sou unitária! Sou união!",^[15] embora isso nada tivesse que ver com a inclinação partidária. Mas assim eram as coisas; não havia escolha a não ser se adaptar ou perecer.

A negra Sofia se juntou a elas.

— Aqui tem, Dona Josefina.

— Mas, minha filha! Este mate é pior do que o dos Morales... — disse a anciã, enquanto o arrebatava de um tapa. — Finalmente! Tinha a língua seca como a de um papagaio.

"Isso foi por falar tantas besteiras", pensou Fiona, fazendo um gesto de indigestão inequívoco que provocou a risada de Sofia.

— Bom, agora já me sinto um pouco melhor, então!

A mulher respirou com dificuldade dentro de seu espartilho.

— Diga-me, filha, por que você está aqui e não está dançando com um dos nossos bonitos federais? Você está mais sozinha do que uma freira de clausura, Fiona. Isso não é bom se deseja conseguir marido.

— Não me sinto muito bem, Dona Josefina. Talvez seja algo que me causou indigestão.

— Oh, pobre menina! Com razão tem essa cara de morta, mais pálida que uma alma. Oh, e essas olheiras, escuras como uma noite sem lua! Decididamente, você não está no seu melhor momento.

Fiona, que não tinha desejo de comentar nada mais com aquela senhora, apertava os miolos pensando em frases de cortesia para livrar-se dela.

Os instrumentos pararam de tocar e a sala ficou em silêncio; os homens, que se reuniram em grupos, dirigiam o olhar à estrada principal; algumas juvenzinhas começaram a cochichar, nervosas, escondendo-se atrás de seus leques, dissimulando o súbito rubor em seus rostos.

Intrigada, Fiona franziu o cenho. Nesse momento viu Misia Mercedes, que se encaminhava para a porta com os braços estendidos, e a ouviu dizer em um doce tom de voz: *"Bem-vindo à minha casa"*. Como estavam, muito afastadas do salão principal, Fiona e Josefina não conseguiam ver de quem se tratava; embora de algo elas tinham certeza: tratava-se de uma grande personalidade. Misia Mercedes não recebia assim a qualquer um. Nem sequer com o Conde Walewski tinha agido dessa forma.

O piano do maestro Favero soou de novo, e embora Misia Mercedes, estivesse perdida entre os cortinados, não tinha reaparecido ainda, tudo retornou à normalidade.

— É óbvio! Eu deveria ter imaginado! — Resmungou de repente Dona Josefina Coloma. — Claro, como não! Trata-se de Juan Cruz de Silva.

Misia Mercedes de Sáenz, agarrando o braço de um cavalheiro exótico, apareceu diante dos olhos de Fiona como uma aparição do além. Tudo parecia crescer lentamente; o homem caminhava com o porte aristocrático, um sorriso frio e gesto vaidoso. Ela não conseguia tirar os olhos dele. Sabia que era impróprio observá-lo assim, mas não se importava; de todos os modos, não podia deixar de fazê-lo.

— Quem é? — perguntou a Dona Josefina.

A mulher virou o rosto para Fiona com um gesto de horror.

— Por acaso você vive em um dedal, menina?

A pergunta lhe provocou risos.

— Não, Dona Josefina, por que me pergunta isso?

— É que só uma pessoa que viveu em um dedal nos últimos três meses não conhece Juan Cruz de Silva.

— Eu não o conheço, Dona.

— E claro, como vai conhecê-lo. Quase não aparece nas festas, não vai à Alameda, em vez disso monta o seu cavalo como uma foragida, não percorre a Rua da Florida depois da missa aos domin...

— Você vai me dizer quem é o cavalheiro, sim ou não? — perguntou Fiona

com insolência.

— Sim, minha filha, sim. É um dos homens mais ricos da Confederação. Além disso, é o protegido de nosso excelentíssimo governador. Agora que o Brigadeiro Rosas está ocupado com as questões de estado, de Silva é quem dirige todas suas fazendas. Sabe, Fiona, seu filho, Juancito, não é o melhor dos filhos, e como não se ocupa muito dos assuntos familiares... bem...

— Jamais tinha escutado seu nome — comentou a jovem, distraída. Disse-o sem afastar o olhar do enigmático cavaleiro, como muitas das outras jovens. Algumas, mais atrevidas, tentavam aproximar-se.

— Em realidade, chegou do campo há alguns meses, nada mais.

— E vai ficar?

— Parece que você quer saber sobre o moço de Silva[16], não é verdade?

O comentário malicioso da anciã a pôs em guarda. Talvez tivesse se deixado levar pelo impacto que de Silva tinha lhe causado e estava perguntando demais. Dona Josefina era muito perigosa; de um nada, era capaz de criar a mais fantástica das fábulas. E Fiona não desejava ser a protagonista de uma história imaginada por ela.

— Sim, Dona Josefina, tem razão. O que me interessa, verdade?

Olhou-a com acuidade, diretamente nos olhos.

— Além disso, tenho que deixá-la; não posso perder toda a noite aqui sentada se o que quero é conseguir um marido. Boa noite.

Ela se levantou e saiu, deixando à mulher com a boca aberta, sem nada que dizer.

— Ai, senhor de Silva! Que sorte que chegou! Já temia que não viesse — exclamou Mercedes, que tomando-o pelo braço entrava com ele no salão.

— Sim, desculpe-me, Misia. Acontece que me entretive até o último momento na discussão de alguns negócios — se apressou a explicar o recém-chegado.

— Alguns negócios ou... uma donzela, senhor?

A mulher o olhou atentamente e sorrindo maliciosamente com picardia e acotovelando-o nas costelas.

— Sinto-me estranho, Misia Mercedes! Sabe que ultimamente não penso em outra coisa que em sentar a cabeça e conseguir uma esposa — respondeu de Silva, com certa ironia.

Mercedes riu. Gostava desse moço, e estava encantada com a missão de casamenteira que havia sido imposta a ela.

— Sua demora quase atira pela amurada todos os planos que planejei para você esta noite, senhor de Silva. Vamos, tenho o que me pediu. Agora tudo depende de seu encanto.

Encanto era o que sobrava a Juan Cruz de Silva quando se propunha. Tinha chegado à cidade envolto em um halo de mistério que o fazia ainda mais apetecível. As moças solteiras suspiravam ao vê-lo, e as casadas não podiam sentir outra coisa que decepção quando o comparavam com seus maridos. Os homens, por sua parte, sabendo que obteriam bons lucros, desesperavam-se por fecharem algum acordo com ele. O conheciam como homem de palavra e tinha fama de enriquecer seus sócios. Mas todos sabiam de sua rudeza e rapidez com o facão. Não era fácil amedrontá-lo, e se comentavam que muitos tinham passado pela lâmina de sua faca. Seus peões não só o respeitavam: temiam-lhe como o próprio demônio. Diziam que era severo e exigente e que não duvidava em castigá-los muito duramente quando não cumpriam suas ordens ao pé da letra. Não o conheciam com amigos, e ele tampouco mostrava ansiedade por migalhas de amizade com os portenhos. Era atento, educado e sucedido, mas não passava disso.

Com certeza, era pouco o que sabiam dele. Que era o protegido do governador Rosas, um lince para os negócios, e muito rico. Sua origem e seu passado se mantinham em uma nebulosa; talvez ninguém desejasse conhecer realmente sua história, intuindo-a que não era muito Santo. Havia criado histórias ao redor de de Silva, tantas quanto havia uma infinidade de mulheres em Buenos Aires. Até os varões tinham seus próprios contos.

Essa noite, Mercedes o notou nervoso e estranhou. Sempre desconfiado e cauteloso, ele era o tipo de pessoa que nunca revelava seus sentimentos.

A mulher inclinou seus lábios; acreditava conhecer o motivo de sua inquietação.

Fiona necessitava de um pouco de ar. Já tinha suportado muito daquela tertúlia.

O pátio do velho casarão seria sua salvação. Cruzou os corredores deixando para trás o som da música, o incansável murmúrio das pessoas, a fumaça dos charutos, e o aroma — meio repugnante — das essências que se queimavam nos incensários do salão.

O choque com a brisa gelada havia-a recomposto o suficiente. Fechou os olhos e inspirou profundamente. Instantes depois, soltou o ar pela boca com lentidão.

A noite era fria, mas esplêndida. Permaneceu um longo tempo observando a lua, que aparecia sob o arco da cisterna. Aproximou-se da cisterna de água e se reclinou sobre sua parede de mármore. Ali ficou, olhando o céu, fechando os olhos de vez em quando. Não soube quanto tempo permaneceu assim. Possivelmente adormeceu por alguns minutos e depois despertou. De repente, sentiu frio; talvez devesse retornar à festa. "*Assim nunca conseguirá marido, Fiona de Malone*", disse-se, sorrindo.

— Fiona você estava aqui! Enquanto eu estava procurando por você. O que estava fazendo aqui sozinha? Ahhh! Mas está gelada! Vamos, entremos.

Camila tomou-a pelo braço, e virtualmente a obrigou a entrar na mansão.

— Viu-o?

— A quem? — inquiriu Fiona.

— Como a quem? Ao convidado mais popular desta noite. Juan Cruz de Silva.

Ela tinha se esquecido dele.

— Sim, eu o vi quando ele chegou há poucos minutos.

— Fiona, você andou bebendo? De Silva chegou mais de uma hora atrás.

— Bom, sim, faz mais de uma hora, e daí? Mas o que tanto há com esse homem? Todos parecem depender dele.

— O que acontece é que ele é o protegido de Dom Juan Manuel. Alguns dizem que é seu filho bastardo; outros dizem que é o filho de uma negra, que o teve com um importante fazendeiro. O que eu sei é que ele chegou a Buenos Aires para procurar uma esposa.

— Agora entendo tanto escândalo — replicou Fiona, com um sorriso sardônico. — Por isso todas as solteiras da cidade tiraram para fora seus cartazes dizendo: "*Busca-se marido*", verdade?

— Não seja mordaz, Fiona. O que acontece é que ele é um homem verdadeiramente atraente, acaso não o viu bem?

— Sim, o vi. Não me pareceu nada do outro mundo.

— Não posso acreditar que tenha parecido igual aos outros. Não me engana.

Fazendo-lhe cócegas sob seus braços, Camila obteve que sua amiga confessasse.

— Sim, detenha, sim, sim, basta. Está bem, sim, pareceu-me interessante.

— Bem! Então, vamos, para o salão. Talvez a convide para dançar o minueto.

— Não, Camila, não desejo dançar com ele. Em realidade, não desejo dançar com ninguém.

— Teimosa como toda boa filha de irlandeses, Fiona.

— Você também é.

— Sim, mas trato de me controlar. Além disso, eu sou neta, não filha, como você.

Olharam-se por segundos, seriamente; então, começaram a rir.

— Anda, vamos. Além disso, Misia Mercedes me perguntou mil vezes por você.

— Bom, está bem, vamos. Mas antes me conte mais sobre o galhardo e honrado cavaleiro — disse Fiona, parodiando Dona Coloma.

— Em realidade, não é muito o que sei. Tatita no outro dia comentava com Eduardo que ele é um homem muito rico. Parece que além de administrar as propriedades de Dom Juan Manuel, é dono de várias. Ah, sim, agora recordo! É dono de um dos maiores saladeiros^[17] da Confederação. Depois de amanhã, acredito, deve almoçar na nossa casa. Aí poderei averiguar mais.

— De todas as formas, não compreendo bem por que é tão bom partido. Se é bastardo de Rosas, ou filho de uma negra... Nada muito lisonjeiro para dizer... — comentou Fiona.

— Mas isso o que importa! Dom Juan Manuel é como um filho. Assim o apresentou, como seu filho adotivo. Ele mesmo o acompanhou a Lacompte^[18] e Dudignac^[19] para que o vestissem com esmero, como você viu. — Camila fez uma pausa. — Bom, agora sim, vamos ao salão ou Misia Mercedes se zangará comigo. Ela foi quem me enviou para encontrá-la.

— Sim, vamos.

Elas caminharam alguns passos, e desta vez foi Camila quem se deteve.

— Ah, esquecia-me! Sabe como o chamam?

— Não.

— O diabo.

Quando chegaram ao salão principal, Camila e Fiona trocaram um olhar cheio de decepção: de Silva dançava um minueto com Clelia Coloma. Por tratar-se de um recém-chegado do campo, pensou Fiona, seus movimentos ao som da música eram muito harmônicos e coordenados.

Fiona ficou observando-o, absorta, meio escondida atrás de uma porta. Era alto, muito alto. Em comparação com a silhueta lânguida de Clelia, o homem

parecia enorme. Seu corpo era vigoroso, e ao mesmo tempo incrivelmente belo. Vestia um elegante casaco levita negro que destacava o contorno de suas costas e terminava atendo-se a sua cintura. Os punhos de renda lhe caíam sobre as mãos, que sustentavam as pequenas mãos de Clelia com tanta suavidade e destreza como um cavalheiro da corte francesa. Em um movimento do baile, sua levita deixou entrever mais claramente o colete de veludo negro no qual se destacava, como uma rosa branca e uma elegante gravata de seda. Ninguém diria que se tratava de um homem do campo. Havia algo nele que o fazia distinto; tanto, que se sobressaía, inclusive, entre os cavalheiros mais bonitos da cidade.

A fita que se pendurava na lapela do paletó era menor do que os dos outros cavalheiros, provavelmente, para esconder a sua unidade de inclinações políticas. Seu rosto, sem barba, não exibia sequer o obrigatório bigode federal. Usava o cabelo repartido ao meio, no estilo trovador. Entretanto, ninguém em toda Buenos Aires teria ousado pôr em dúvida sua lealdade à causa. Tratava-se do protegido de sua excelência, o Brigadeiro Dom Juan Manuel de Rosas, "presidente dos portenhos" e caudilho da Confederação. Não, ninguém teria ousado sequer mencionar essa possibilidade.

— Parece que esta noite estamos destinadas a nos encontrar, querida Fiona.

A jovem reconheceu a voz de Dona Josefina, desta vez a suas costas. Não se importou com a presença da mulher. Seu mau humor inicial se dissipou.

— Assim parece, senhora — respondeu amavelmente Fiona.

Ela tinha sido muito rude com a anciã e tratava de corrigir seu comportamento anterior.

— Vejo que sua neta foi uma das afortunadas em dançar com o cavalheiro de Silva — comentou.

— Oh, sim! — exclamou alvoroçada Dona Josefina. — De Silva foi várias vezes a casa de meu filho. Em todas as ocasiões a desculpa foram os negócios, mas eu não acredito. Além disso, comenta-se que já escolheu quem será sua esposa. Para mim que... Bem, filha, não me faça falar demais.

Fiona a olhou surpreendida. Ela não a estava fazendo falar demais, era a anciã a que sempre abria a boca com seus comentários. Mas o que importava; aquela mulher tinha sido assim por mais de sessenta anos e nada nem ninguém a mudaria agora.

— Tudo bem, Dona Josefina. Agora devo deixá-la; já é tarde e tenho que me retirar.

— De maneira nenhuma, senhorita! Ainda é muito cedo e você não dançou

com ninguém ainda. — Permaneceu um instante pensativa. — Dançará com meu neto Esteban.

— Oh, Por Deus, Dona Josefina, nem sequer pense nisso!

Mas já era muito tarde. Esteban Coloma passava por ali nesse momento. Sua avó tomou-o pelo braço e, literalmente, esmagou-o contra Fiona.

— Leva-a para dançar, querido.

O jovem estava vermelho; o rosto de Fiona, no entanto, já tinha ido para a violeta profundo. Finalmente, não ficou outra opção, e quando a valsa começou a soar, ela e Esteban se encaminharam à improvisada pista de baile. Desde outro lugar, Camila e Imelda a observavam atônitas. Elas não podiam acreditar que ela tivesse aceitado uma peça com o neto de Dona Josefina.

— Bem, isso é merecido! Por fazer-se a deliciosa, ficou com o pior — afirmou Imelda com sarcasmo.

Esteban tinha que suportar sobre suas costas a pesada carga de ser neto de sua avó; no entanto, era uma pessoa agradável e sensível. Evidentemente, ele também se sentiu desconfortável com Fiona porque a música continuou soando e eles não deixaram de dançar. A tensão do princípio foi levando a uma conversa agradável, que logo se transformou em um diálogo de velhos amigos.

Esteban era doce, cavalheiro, e muito tenro. Gostava do campo, de música, e de literatura. Fiona não podia acreditar que de uma avó assim pudesse sair um neto como ele. Embora, dada à história de sua própria família, teve que aceitar que ela era a menos indicada para julgar as pessoas por seus antecedentes genealógicos.

Seguiram dançando por um longo tempo. De repente, Fiona sentiu a necessidade de ir ao banheiro, e no primeiro intervalo entre as peças, desculpou-se com Esteban. Mercedes sempre lhe indicava que utilizasse o banheiro adjacente a seu dormitório, de modo que não duvidou em encaminhar-se para lá.

A casa era enorme e tinha que atravessar duas salas e dois pátios para chegar à área das alcovas, que dava justo sobre a Rua de San Martín. O ruído da festa se perdeu e tudo parecia tranquilo e silencioso nessa parte da mansão.

Por um momento, pareceu-lhe escutar um som; um pouco parecido a um gemido, a um lamento. Não, não, era um ofego; e parecia angustiado. Talvez, alguém chorasse; possivelmente uma das enjeitadas. Sentiu a necessidade de descobrir quem seria; pensou que poderia consolá-la.

Com essa ideia em mente, entrou nos quartos, e foi percorrendo um a um,

tratando de alcançar aquele som que ia fazendo-se cada vez mais audível. Seus sapatos de cetim mal tocavam o chão, e tomou a precaução de elevar a saia do vestido para que o roce do tecido com o piso não alertasse a pobre moça que chorava.

Percebeu, então, que o som vinha do fundo, um dos últimos quartos para hóspedes. A ansiedade lhe pregou uma peça, e tropeçou com uma mesa colocada em um dos lados do corredor. Um vaso de prata caiu ao chão, e Fiona conteve a respiração. Por sorte, o vaso caiu sobre um tapete grosso e o ruído não foi tão estrondoso. Voltou a respirar, um pouco agitada.

— Que barulho foi esse? Escutou-o? — A voz era inequivocamente feminina.

Fiona se deteve, e permaneceu quieta no lugar.

— Não, não... deve ter sido o gato... não se detenha... — E outra vez o gemido, o lamento.

Fiona estava mais que intrigada. Era evidente que havia duas pessoas nesse quarto, e que eram um homem e uma mulher, mas, que diabos faziam ali?

Com muita cautela, ela abriu a porta do quarto e viu algo que nunca poderia ter imaginado.

Uma mulher, de costas a Fiona, sustentava-se com ambas as mãos de um dos dosséis da cama. Como se estivesse montado sobre ela, e agarrado com força a sua cintura, um homem impulsionava uma e outra vez, atraindo-a para si, balançando-se sobre ela, esfregando-se nela, emitindo estranhos sons. A mulher também gemia e respirava entrecortadamente. O lugar estava escuro e só o banhava a luz do farol da rua. Fiona acreditou ver que a mulher tinha o vestido levantado, mas o assombro era que a má iluminação não a ajudavam.

Uma única imagem franziu a mente naquele momento: a égua de seu avô esmagada sob o peso do garanhão árabe dos Terrero. Nos dias em que o animal visitava a fazenda, ela era proibida de ir para o pasto; mas ela não se importava, e se lançou para descobrir o que era que faziam os dois cavalos. E isso a recordava.

Agora, no entanto, os que se entregavam a esse estranho balé eram um homem e uma mulher. Fiona mantinha apertado o trinco com tanta força que sentiu como as unhas se cravavam na sua carne. Sabia que não devia olhar. Entretanto, os movimentos, os pequenos gritos reprimidos, o ofego, sobretudo esse contínuo e persistente ofego, como se estivessem correndo desesperadamente, tudo aquilo exercia sobre ela uma atração tão irresistível que não podia afastar os olhos. Pressentia que logo haveria um fim. Além disso, queria ver seus rostos.

Respirou fundo para tratar de dominar sua agitação, e outro mau movimento esteve a ponto de pô-la em evidência. Tinha afrouxado inadvertidamente a pressão de sua mão: em meio da quietude da noite, o ruído do trinco ao voltar para seu lugar como um tiro de canhão.

O homem e a mulher voltaram seus rostos instintivamente para a porta. Embora tivesse oportunamente jogado seu corpo para trás, Fiona alcançou reconhecê-los. Por um momento, pensou que seus olhos a enganavam. Mas não. Não cabia dúvida de que eram Clelia e de Silva.

Fiona viu que o homem, tudo desalinhado, com a calça aberta e a camisa por fora, afastava-se a contragosto da mulher. Era evidente que estava disposto a averiguar quem veio interromper sua tarefa. Fiona decidiu que era tempo de sair dali e correu para o pátio dos servos. Quando Juan Cruz terminou de abrir a porta, já não havia mais ninguém.

— Será melhor que retornemos à festa — sentenciou de Silva.

Fiona entrou no salão. Não se sentia bem: tinha cruzado a mansão de um lado a outro à carreira, quase sem respirar. O coração palpitava a toda velocidade e as têmporas pulsavam. Estava pálida e as mãos tremiam.

— O que te aconteceu, Fiona? Acaso viu ao diabo?

— Talvez — respondeu ela com a respiração entrecortada. — Por favor, Camila, me consiga algo fresco para beber.

Ao cabo de alguns minutos, Camila reapareceu com um copo de água.

— Obrigada. Por favor, Cami, traga minha capa. Quero ir para casa. Agora mesmo.

Camila não ia discutir. Nunca a tinha visto assim, tão abatida.

Fiona sorveu a água lentamente, tratando de não engasgar-se. Depois, deixou o copo em uma mesa e se sentou em uma poltrona. Não desejava estar ali; desejava partir, escapar. O que acabava de ver era algo horroroso. Clelia sempre tinha parecido uma mentecapta qualquer, com seu tom enjoativo e seus modos de boa moça. E esse tal de Silva... Tinha acabado por ser... sim, o diabo em pessoa.

— Finalmente, Fiona querida! — exclamou a anfitriã ao vê-la. — Estivemos procurando-a por um bom tempo. Bem, não importa, nós a encontramos.

Mercedes lhe sorriu tão docemente que Fiona sentiu pena dela. A mulher não tinha ideia do que estava acontecendo em sua casa, em um dos seus quartos...

— Venha, eu quero que você conheça alguém — indicou a senhora, levando-a há poucos metros de distância.

— Fiona, querida — começou a dizer Mercedes ao ver aparecer de Silva. — Dom Juan Cruz de Silva deseja dançar contigo a próxima peça.

Fiona olhou alternadamente de um para o outro sem pestanejar. Finalmente, declarou: — Antes prefiro estar morta.

Camila não teve tempo de lhe entregar seu casaco. Fiona o arrebatou de suas mãos, e abandonou resolutamente a tertúlia.

Capítulo 2

"Falar do coração para aquelas pessoas era farsa do diabo, o casamento era um sacramento e as coisas mundanas não tinha nada a ver com isso."

Mariquita Sanchez Thompson

Seus ouvidos se contraíram ao ouvir como chiavam as rodas da galera[20] contra os paralelepípedos da Rua da Florida. Seu corpo se balançou sobre o veludo do assento e fechou os olhos; não queria ver nada mais por essa noite.

Tão somente escutava. *"Viva a Santa Federação! Morram os selvagens unitários! As doze badaladas deram e o tempo está nublado!"*. A voz do sereno[21] ia perdendo-se à medida que os cavalos, açulados pelo Eliseu, ganhavam mais terreno em sua corrida para sua casa. *"As doze badaladas deram e o tempo está nublado!"* Nublado? Acaso não tinha visto a lua no pátio de Misia Mercedes? Misia Mercedes... Jamais a perdoaria por seu comportamento dessa noite. *"Antes prefiro estar morta... Antes prefiro estar morta."* É que sempre seria assim, impulsiva, arrebatada. Perguntou-se o que teria ocorrido se respondesse: "Desculpe, Dom de Silva, mas devo me retirar". Ela pensou por alguns minutos; em realidade, disse-se, que teria custado muito alto.

Não podia acreditar que a mesma pessoa que momentos atrás fazia "isso" em um dos quartos se apresentasse pouco depois diante dela e a convidasse para dançar como se nada tivesse ocorrido. Com o rosto impassível e aquele sorriso falso. Embora, devia admiti-lo, lindo.

Talvez tivesse exagerado. O que lhe importava o que o tal de Silva fizesse com Clelia? Não era assunto dela, pelo menos. Nem Clelia era sua amiga, nem "o diabo" seu prometido.

"E nublado." Abriu a cortina da portinhola e deixou entrar a paisagem. A lua não estava mais lá. As nuvens espessas, iluminado por trás, deixava-a entrever cada momento, e a ocultava depois entre sua espessura cinza. Uma luz repentina iluminou as ruas e instantes depois um estrondo caiu sobre Buenos Aires. E mais uma vez a luz, e, novamente, o som estridente que era assustador.

Em poucos minutos tudo tinha mudado; o céu se transformou em uma espessa mistura de nuvens negras e gritos com seus anátemas sobre a cidade; a lua

aparecia, ocasionalmente, com um olhar lânguido e sem brilho.

Em poucos minutos, tinha mudado também a pureza de sua alma e seu rosto angelical, o brilho de seus olhos e o trepidar de seus lábios inseguros. Tinha chegado à tertúlia de uma forma e partira de outra, completamente distinta. Em sua mente, as lembranças cândidas e inocentes de sua infância desapareceram para dar lugar às experiências mais realistas que jamais imaginara.

Escutou as primeiras gotas de chuva sobre o teto da galera e se recostou ainda mais entre as almofadas. Apoiou a cabeça sobre seu ombro e tratou de fazer-se tão pequena como um pássaro. Como quando era uma menina e seu avô a agasalhava na cama, enquanto lhe contava as histórias dos heróis irlandeses.

A galera se balançou ao passar por um incipiente atoleiro, trazendo o som das cachoeiras nas laterais das rodas. E em mais outros buracos, e mais ruído de cachoeiras. A água suja e barrosa da rua parecia abrir-se para a passagem das rodas da carruagem Malone. Fiona começou a cochilar. A raiva que ela tinha sentido ao entrar na carruagem foi esfumando-se à medida que um torpor incontrolável se apoderava de seus olhos, de sua cabeça, de todo seu corpo.

— Menina Fiona! Menina!

Estava profundamente adormecida. Eliseo a teria tomado entre seus braços para carregá-la até a casa, como quando era pequena. Mas agora não podia fazê-lo. Fiona tinha deixado de ser uma menina para transformar-se em uma das mulheres mais belas que ele tinha conhecido; apesar disso, para ele seguiria sendo sempre sua menina Fiona.

— Menina Fiona! — repetiu.

Desta vez, Fiona começou a despertar. Entreabriu os olhos, acariciou seus cabelos e estendeu a mão para sacudir o torpor que a entorpecia.

— Vamos, minha menina! Ainda devo retornar pela menina Imelda, que ficou no baile.

Ela tinha esquecido por completo dela. Tinha saído como um furacão da mansão Sáenz; lançou-se sobre Eliseo e tinha rogado que a levasse de retorno para casa imediatamente. E Eliseo jamais podia negar-se a sua menina, apesar de que sabia que Imelda iria repreendê-lo por havê-la deixado na casa de Misia Mercedes.

Nesse instante, um som de cascos de cavalo e rodas de carruagem chegou aos ouvidos do homem. Era a carruagem dos O'Gorman, que um momento depois se detinham na porta da mansão Malone.

— Boa noite, Camila, e obrigada por me trazer — se despediu Imelda antes

de descer ajudada por um laçao.

Uma mão de mulher fechou a portinhola. Com um ruído agudo, um chicote sulcou o ar e caiu sobre as ancas do cavalo ruano. A carruagem dos O'Gorman arrancou a toda velocidade.

Eliseo, que apareceu por detrás da carruagem Malone, encarou uma Imelda quase desfigurada pela fúria.

— Seria em vão te pedir que me explique por que me deixou no baile, não?
— vociferou Imelda.

— Menina Imelda, eu... — balbuciou Eliseo.

— Cale a boca, Imelda! Não se atreva a culpar Eliseo por isso — interveio Fiona, que se protegia da garoa sob o beiral da carruagem. — Eu pedi que me trouxesse de volta para casa o quanto antes.

— É óbvio, sua majestade — replicou Imelda com tom sarcástico. — É óbvio — e fez uma reverência. — E o fiel e servil laçao jamais poderia contradizer uma ordem de sua majestade, verdade?

— Deixe-o em paz! Fui eu quem a deixou no baile.

— Veremos amanhã quando contar a Grannie todos os papelões que fez na mansão de Sáenz!

— Meninas, meninas, é muito tarde e não é correto que estejam aqui paradas na porta discutindo — interveio Eliseo. — Além disso, estão se molhando.

— Sim, Eliseo, melhor será entrar — respondeu Fiona sem tirar os olhos de sua irmã.

Imelda lançava faíscas pelos olhos quando levantou sua saia e se preparou para entrar na mansão de seu avô.

A porta principal se abriu e uma rajada de ar quente entrou. Maria apareceu, que com olhos sonolentos insistiu para que as jovens entrassem. Imelda passou rapidamente ao lado da serva, que a olhou curiosa. Fiona permaneceu ao lado de sua fiel criada; tinha sentido falta de Maria toda a noite e agora desejava conversar com ela.

— Virgem abençoada! Parece que leva o diabo dentro dela!

— Não faça conta. Está furiosa porque teve que voltar na volanta^[22] dos O'Gorman.

— Eu não sei por que me cheira que você tem algo que ver com isso, verdade?

— Oh, Maria! Jamais adivinharia as coisas que aconteceram esta noite. Desejo lhe contar tudo, e agora mesmo.

E agarrando à mulher pelo braço, tentou arrastá-la para a cozinha.

— Prepare-me um copo de leite quente com scones[23] e lhe contarei tudo.

— Um minuto, senhorita — a serva se deteve, — Que acontece?

— Acontece que alguém a espera na sala.

— Que alguém me espera na sala? Há esta hora?

— Sim, minha menina. É seu pai. Chegou esta noite, depois que saíram para a tertúlia As feições de Fiona se contraíram; seu olhar se endureceu. Seu pai. Quando se tratava dele, a jovem se convertia em outra. Seus olhos se apagavam, seus lábios apertados e começava a respirar com dificuldade. Franzia a testa e suas sobrancelhas se uniam em uma só linha. Fiona odiava William Patrick Malone, o filho mais velho de seu avô, seu pai.

— Está bem. Imelda, vá para seu quarto. Devo conversar com sua irmã — disse William quando viu, sua filha mais nova, Fiona entrar na sala.

— Por favor, papai, desejo ficar com você um momento mais — suplicou Imelda. — Fazia tanto tempo que não vinha nos visitar.

Fiona tinha se detido na porta e tinha os olhos fixos nos de seu pai. Nem um só músculo do rosto se movia.

— Já sei. Imelda, mas agora deve ir dormir.

— Por que não posso ficar aqui com vocês? Por favor, papai...

Mais uma vez o apelo de Imelda. Para Fiona, era uma humilhante súplica. O ódio que ela sentia por William e a idolatria que a outra lhe professava, tinham provocado uma greta profunda entre as duas irmãs.

Isabella, a mãe da Imelda e Fiona, havia falecido quando a mais velha de suas filhas tinha dois anos e a outra, apenas seis meses. Era uma linda e inteligente italiana que com a idade de vinte anos, havia deixado sua cidade natal de Asti, no Norte da Itália, para se aventurar em terras cisplatinas. Logo depois de chegar, conheceu William Malone e se casou com ele. Não muito tempo depois nasceram suas filhas: primeiro Imelda, e um ano e meio mais tarde Fiona, ambas eram lindas como ela e saudáveis como ele.

Pouco depois de fazer vinte e cinco anos, Isabella faleceu por causa de uma aguda infecção provocada por um furúnculo que tinha deformando seu rosto em uma infecção irreconhecível, convertendo-a em um monstro. Seus olhos azuis já não podia ser detectado após o inchaço; bochechas, lábios e nariz, pareciam prestes a estourar.

William jamais superou a culpa. Ou talvez sim, mas sentia que sua filha Fiona se encarregava de recordar-lhe em cada oportunidade. Tinha sido ele quem provocara a virulenta infecção ao tratar de perfurar uma espinha no rosto de Isabella com uma agulha sem esterilizar.

Algum dia William compreenderia que não era isso o que sua filha lhe reclamava? Fiona sabia que seu pai jamais teria feito algo assim com a intenção de provocar a morte a sua mãe. Sabia que seu pai tinha amado Isabella. Assim havia dito Grandpa, tratando de suavizar o rancor de seu coração. E Fiona acreditava em seu avô; ele jamais a tinha enganado. Mas o ódio seguia vivo porque não era isso o que a consumia de raiva por dentro.

Poucos meses depois de falecer Isabella, William contraiu matrimônio com outra mulher, filha de um fazendeiro vizinho. A mulher se chamava Úrsula.

É mais fácil saltar sobre ela em vez de caminhar ao redor dela.^[24] Seu avô só disse isso ao retornar das bodas de William no campo, quando sua esposa Brigid e suas filhas, que tinham ficado em Buenos Aires, imploraram-lhe que lhes relatasse algo a respeito da nova mulher de William. Ficaram mudas observando como o velho irlandês se sentava na poltrona, enquanto carregava sua pequena neta Fiona.

— E quando as meninas irão para fazenda? — perguntou Brigid.

— Nunca.

— Como nunca, Sean?

— Elas viverão aqui, junto de mim. Serão como minhas filhas, lhes darei tudo e nada lhes faltará.

— Sean, não seja tolo, sabemos que se afeioou a elas, mas...

— Você não entendeu, Brigid? A nova esposa de William proibiu que as meninas vivam com eles. Não quer cuidar delas.

— Maldita seja, prostituta do demônio! — exclamou Tricia, uma das irmãs de William.

Brigid olhou horrorizada para sua filha antes de esbofeteá-la. Mas a jovem não chorou. Acariciou a bochecha e partiu para seu quarto.

Os olhos de Brigid ficaram fixos na mão com que acabava de golpeá-la. Tinha desistido de castigar fisicamente sua filha; sabia que não obtinha nada com isso, só rasgar o coração cada vez que o olhar inteligente e incriminatório de Tricia se

cravava em seu rosto. Mas desta vez não tinha podido controlar-se.

— Ana, se retire para seu quarto — ordenou Sean.

— Sim, papai.

As irmãs pareciam o dia e a noite. Ana era obediente, enquanto Tricia nunca retrocedia em sua rebeldia. Ana era aplicada e minuciosa, Tricia, desorganizada e livre. O dia e a noite, sim, mas eram irmãs e se amavam imensamente.

— Por que esbofeteou Tricia? — perguntou Sean a Brigid quando estiveram sozinhos.

— É que... não sei, Sean... esse vocabulário que ela empregou com a nova esposa de seu irmão.

— Brigid, você sabe bem o que é prostituta imunda do diabo. E embora me doa mais do que um cardo preso no meu pé, meu filho não tem coragem ou dignidade. É um covarde; envergonho-me dele. Não quero pensar quais serão as consequências desta decisão nefasta. No final, para mim isso é como uma dádiva de Deus. Admito que sou egoísta por querer que minhas meninas permaneçam aqui, junto a mim, para sempre.

— Vamos, Imelda, deixe-me sozinho com sua irmã — ordenou William, impaciente.

— Mas...

— Te disse que você não pode ficar! — vociferou seu pai.

Imelda deu um passo atrás, com o rosto contraído. Depois de alguns segundos, ela correu chorando para seu quarto.

— Não se atreva a gritar com ela, nunca mais — disse Fiona com os dentes apertados.

A jovem tinha avançado para seu pai tirando a capa e arrojando-a com raiva sobre uma cadeira.

William a olhou com fúria. Já tinha se acostumado que não o tratasse de *você*, porque com nenhum parente o fazia, mas uma impertinência como essa, em outra família teria significado o desterro a um convento de clausura. Com Fiona não. Ela era a dona e senhora de sua vida. E tudo graças a seu avô e a sua tia Tricia, que não lhe tinham ensinado outras coisas.

— Como te atreve!

Ele se aproximou de sua filha com o braço levantado, pronto para descarregá-

lo sobre ela.

— Vamos, se atreva a colocar um só dedo em cima de mim!

Fiona se aproximou ainda mais de seu pai, com a cabeça levantada, peito para fora. Ante esse espetáculo, seu pai não pôde mais que baixar o braço. Observou-a por segundos e se deixou cair sobre a poltrona, com as mãos no rosto.

Nenhuma fibra no corpo da Fiona se comoveu. Recolheu a capa e se dispôs a partir para seu dormitório.

— Não se retire ainda, Fiona; devo falar contigo — disse William com tom abatido.

A moça se deteve. Conhecendo-a, William não esperou que sua filha se virasse. Simplesmente, começou a falar.

— É necessário que saiba toda a verdade para que compreenda a decisão que tomei.

Houve um silêncio. Fiona virou-se lentamente.

— A situação econômica de nossa família é terrível. Estamos prestes a perder todos os campos e talvez esta casa.

Fiona não disse uma palavra; seus olhos encontraram os de seu pai, que automaticamente baixou a vista ao chão.

— Seu tio John e eu tivemos alguns problemas desde que seu avô nos confiou à administração das propriedades; agora, os credores nos estão perturbando. A verdade é que não temos um centavo.

Novamente silêncio. Desta vez Fiona caiu sobre um tamborete e baixou o rosto.

— Por tudo isto, tenho que te dizer que acordei um matrimônio que nos salvará da ruína. Você se casa com o homem, e ele cuidará de nossas dívidas.

Surpreendida, Fiona se levantou como impulsionada por uma mola, e num instante estava na frente de seu pai.

— Você fez o quê? — encarou-o.

— Fiona, não há outra possibilidade se não quisermos perder tudo.

— Como você foi capaz? Com que direito? — repreendeu-o. Aproximou-se tanto dele que ele pôde sentir sua respiração.

— Que direito? Que direito, pergunta-me? O direito de ser seu pai, caso você tenha esquecido, Fiona? — trovejou William ficando de pé.

Fiona se retirou para trás; não estava preparada para a repentina reação de fúria de seu pai.

— Você... você... — balbuciou sem poder modular as palavras; sua boca

tremia de cólera e seus punhos se fechavam ao lado do corpo. — Você não é meu pai; jamais foi, e jamais o será — disse por fim.

William se deixou cair de novo na poltrona. Desta vez respirou profundamente, tentando conter as lágrimas. Não queria mostrar-se fraco na frente dela.

— E quem é o homem? — Tratou de dissimular o medo com a fúria. — Não será Soler. Por Deus Santo! — Exclamou com gesto de repugnância.

— Palmito Soler? Não, Fiona! — William fez uma pausa. — Em realidade, não o conhece.

— Como que não o conheço?

— É um estrangeiro. Ele chegou a Buenos Aires para radicar-se não muito longe daqui. É milionário. Pense, poderá viajar muito, talvez a Europa, até poderá ver Tricia. Tem grandes projetos e negócios nos quais... — Não pôde seguir.

— O que me importa os negócios desse estúpido! O que me importa seu dinheiro! Nada disso me importa um cominho!

— Fiona... — William não sabia o que dizer. — Fiona, sei que me detesta, eu sei. Se não o fizer por mim, faça-o por meu pai, por seu avô.

— Ele jamais permitirá que eu me case contra minha vontade. E menos ainda para pagar as dívidas que você e o inútil de tio John contraíram. Jamais o permitirá.

— Não compreende...

— Sim compreendo, não sou estúpida. Vendeu-me à melhor oferta para cobrir os erros que você fez com as propriedades do meu avô. Vendeu-me como no mercado de escravos, como qualquer um. Não, não, não! Jamais o farei.

— Sim, fará.

— Não, não o farei.

— Então, sobre sua consciência pesará a morte de seu avô. Teve a possibilidade de salvá-lo, e não o fez por um estúpido capricho de menina malcriada.

A certa estocada final tinha atingido o alvo. Fiona ficou sem fôlego.

— O doutor Rivera disse a seu tio e a mim que o coração de seu avô jamais poderá resistir a uma notícia como esta. Morrerá no mesmo instante.

Fiona conhecia muito bem a condição de Sean Malone. Seu coração tinha começado a debilitar-se cinco anos atrás. Naquele momento, por indicação do médico, o fazendeiro irlandês tinha delegado o negócio nas mãos de dois de seus

filhos, William e John.

Às vezes, a pressão estava acostumada subir às nuvens e não havia nada além de uma sangria com sanguessugas, para baixar. Nesse caso, só Fiona podia estar junto a seu avô. Só ela sabia o quanto sofria, o quanto doía à cabeça, o coração, o peito, o corpo inteiro. Ela sofria cada vez que os olhos do velho Malon se cravavam nos seus, agarrando-se a mão para tratar de suportar a tortura.

— Por isso te digo: em suas mãos está a vida ou a morte de seu avô. Sobre sua conciên...

— Cale-se, cale-se, amaldiçoo-te! Maldito seja! Você arruinou a minha vida quando eu estava apenas começando. E agora, que sou feliz aqui, volta a entrar nela para enchê-la de ódio e dor! Odeio-te, odeio-te com toda minha alma, com todas minhas forças! E te amaldiçoo, William Malone, amaldiçoo-te para sempre!

Desesperada, Fiona abandonou a casa correndo.

Talvez fosse melhor morrer.

Fiona não conseguia ponderar, ainda, no que seu pai acabava de lhe confessar. Os negócios da família, a saúde do avô, a perda dos campos e, finalmente, seu possível matrimônio. Não podia acreditar que seu pai a tivesse vendido. Jamais tinha lhe pertencido, nem pertenceria. Nunca aceitaria semelhante loucura. Só desejava apaixonar-se por um homem, amá-lo com toda sua alma e entregar-se a ele. Mas seu pai tinha arruinado tudo.

Tomou a Rua Larga de Barracas. Sabia que estava se afastando da casa de seu avô. *A casa de seu avô...* Estavam a ponto de perder todos os campos e, talvez, a casa também. As palavras de seu pai eram como um martelo. Os olhos lhe ardiam pelo pranto contido e sua garganta pulsava com intensidade.

Caminhava pela estreita calçada cambaleando, como ébria. Os seus sapatos se afundava sob o barro fazendo mais difícil ainda a caminhada; a bainha de seu vestido estava conspirando contra ela, fazendo-se cada vez mais pesado à medida que recolhia a mistura de terra e água.

Talvez fosse melhor morrer. Sua mente repetia a ideia à medida que seguia avançando para nenhum lugar. A chuva golpeava seu rosto, seus braços, empapava-lhe o calçado, provocava-lhe espasmos de frio.

Caiu ao chão da rua e seu corpo mergulhou totalmente em um dos buracos de água suja e fedorento. Suas mãos se enterravam lentamente no fundo do lodaçal e a queda parecia interminável. Toda ela estava esparramada nessa imundície. Não pôde mais, e começou a chorar. Seus braços cederam, seu rosto e

seu peito bateu sobre a água imunda.

Talvez fosse melhor morrer.

Ela tentou se levantar com dificuldade. Seu vestido, suas anáguas, suas mangas gigot,[25] sua saia com crinolina,[26] tudo pesava uma tonelada. Seu corpo não suportava mais. Começou a levantar-se como pôde, tratando de não escorregar, tentando não chorar mais; isso lhe tirava forças.

Levantou-se e permaneceu ali, de pé, no meio da rua, enlameada dos pés à cabeça, toda enegrecida pela lama. Tanto que a carruagem que virou na esquina da Rua da Independência e entrou pela Larga, não conseguiu distingui-la do resto da paisagem noturna. Ela o viu aproximar-se, imparável. Os cascos dos cavalos chapinhavam no barro, e as rodas abriam sulcos como arados. Isso seria melhor. Com estoicismo, dispôs-se a esperar a investida mortal da volanta correndo em sua direção.

— *Vovô!*

Finalmente, o grito se fez vivo na garganta da jovem. Só então, nesse momento, o cocheiro compreendeu que tinha diante de si uma pessoa.

— Alto! Alto!

O homem se pôs de pé sobre a boleia; seus braços, elevados no ar, sustentavam as rédeas em um intento desesperado para deter a carruagem. Era quase impossível: os cavalos galopavam muito rápido. Além disso, o lodo conspirava para que a corrida maluca dos potros fosse mais veloz.

Fiona viu que a carruagem se lançava sobre ela, mas não pôde mover-se. E depois, a investida final, esperada, quase sem medo.

A carruagem passou como cortando a estrada em duas. Fiona já não estava ali.

— ...não era necessário que a trouxesse aqui. Não tinha outro lugar onde levá-la...?

Fiona despertou escutando um murmúrio longínquo. Palavras e frases entrecortadas que não compreendia provinham de outro quarto. Olhou ao redor e não sabia onde estava. Essa cama não era a sua; sentia-se estranha, incômoda. A seu lado uma serva negra a olhava, com gesto impassível. Momentos depois, a escrava espiou para o corredor interrompendo a conversa que se desenvolvia lá fora.

— A senhorita despertou — disse.

Voltou para o lado de Fiona e, com um trapo úmido, começou a limpar seus pés. A jovem tratou de levantar-se; a mulher, sem dizer nada, obrigou-a a recostar-se de novo.

Fiona fixou seus olhos nas molduras do teto e tratou de recordar o que tinha acontecido. Seu pai, a lama, o vestido que pesava... O vestido. Apalpou seu corpo e percebeu que não o usava. Agora vestia uma bata de merino^[27] branca.

— Onde estou? — perguntou à negra, que espremia o trapo em uma bacia.

Naquele momento, a porta se abriu e um homem alto aproximou-se da cabeceira.

— Senhor de Silva! — Conseguiu dizer Fiona.

— Isso mesmo, senhorita. Está melhor?

Fiona ficou olhando-o. Não compreendia nada. Ele balbuciou algumas palavras e seus olhos começaram a brilhar.

— Paolina, nos deixe sozinhos — ordenou Juan Cruz à negra. — Senhorita Fiona de Malone. Esse é seu nome, certo?

Enquanto isso, aproximou uma cadeira à cabeceira. Fiona assentiu, abaixando o olhar. Agora as lembranças se amontoavam em sua mente e se sentia pior ainda. Uma vez mais se arrependeu de seu comportamento imaturo na casa de Misia Mercedes, mas ao recordar o que esse homem, agora tão galante, tinha estado fazendo horas atrás com Clelia, não pôde evitar que o rubor tingisse suas bochechas.

— Posso lhe fazer uma pergunta, senhor?

Juan Cruz assentiu.

— Onde estou? O que me aconteceu? Quem... quem me trouxe até aqui?

As lágrimas desejavam sair e a voz distorcida pelo pranto reprimido. Começou a se levantar.

— Vamos, senhorita, recoste-se — ordenou de Silva com amabilidade. O homem abandonou a cadeira e a obrigou a voltar para sua posição inicial. — Além disso, são várias perguntas. — Sorriu amigavelmente, e depois adicionou: — Está na casa de meus amigos. Eu a trouxe aqui porque a encontrei no meio da Rua Larga, a ponto de ser atingida por uma carruagem.

Fiona baixou o rosto e finalmente começou a soluçar.

— Você... você me salvou?

A jovem levantou o olhar avermelhado e percebeu que os olhos de Silva a escrutinavam com intensidade; deu-lhe tanta vergonha que decidiu levantar-se e partir imediatamente dali.

Sem lhe responder, de Silva a deixou levantar; o salto foi tão repentino e estava tão débil, que ficou tonta e caiu em seus braços. Assim permaneceram por segundos; para Fiona, uma eternidade. Não o olhava; tinha o rosto enterrado em seu peito e os olhos fechados.

Um momento depois, sua mente voltou para o seu lugar e o equilíbrio a seu corpo. Separou-se dele; não se atrevia a olhá-lo.

— Onde está meu vestido? Devo partir.

Juan Cruz riu suavemente e se afastou alguns passos dela.

— Senhorita, não acredito que seu vestido sirva mais.

Ele abriu o armário e pegou um dos trajes de mulher que havia ali.

— Tome, fique com este. Ficaré um pouco folgado, mas não acredito que pretenda usá-lo para um baile, verdade?

— Obrigada — respondeu Fiona laconicamente.

Depois, olhou-o direto nos olhos e apontando para o vestido, o convidou para sair do quarto. Ele permaneceu por segundos sob o marco da porta, observando-a. Finalmente, saiu.

Tirou o robe de chambre e o jogou sobre a cadeira. Deu-se conta de que debaixo da bata não usava nada; sua nudez era completa. Olhou com receio em volta do quarto, nos lados, para se certificar de que ninguém estava espionando e rapidamente, colocou o traje sem a menor cerimônia. Depois, sentou-se na frente da penteadeira e, ao ver seu rosto refletido no espelho, desejou que a terra a engolissem. Seu cabelo era uma massa compacta de barro, fibras e cabelo. As mechas, rígidas e retas, caíam sobre seu rosto longas e pesadas. Seu rosto, manchado de barro, não era o mesmo. Descobriu em seu pescoço uma crosta de lama seca que retirou com asco. Sentia vergonha. Durante vários minutos tinha conversado com de Silva nesse estado. Estava horrível, desgrenhada, fedorenta, suja. Ficou pensativa por um momento; depois, continuou limpando-se.

Levantou o braço direito para tirar as flores de seda de seu cabelo, desbotadas e sujas, e uma dor aguda, percorreu seu ombro até o cotovelo, paralisando-a. Com muita dificuldade levantou o mais que pôde a manga do vestido e pode ver, à altura da clavícula, um enorme hematoma azulado.

Agora recordava com mais clareza. Alguém tinha se jogado sobre ela, e era óbvio que não tinham sido os cavalos. Alguém a tinha alcançado pelo lado direito e a tinha tirado do alcance da carruagem. Esse alguém era de Silva.

Tomou o trapo com o qual a negra Paolina a tinha limpado momentos atrás. Quando o molhou na bacia só conseguiu sujá-lo mais: a água estava imunda.

Espremeu-o com força e o passou pelo rosto, tentando eliminar as manchas. Com o cabelo não tentaria nada; não contava com os elementos necessários e só conseguiria piorar a situação. Além disso, desejava terminar rapidamente com tudo aquilo e voltar para seu lar.

Ela caminhava pelo corredor. Estava escuro e deserto. De repente, escutou vozes que vinham de outro setor da casa; não podia entender o que diziam exatamente, mas pareciam um homem e uma mulher em plena discussão.

Encaminhou-se para o lado esquerdo do corredor; talvez, no final encontraria a porta principal. Só desejava escapar dali.

— Senhorita Malone! — A voz veio de atrás. — Senhorita! Aonde acredita que vai?

Fiona se deteve e, voltando-se sobre si mesma, encontrou-se uma vez mais com de Silva. A escuridão do corredor lhe impedia de vê-lo bem.

— Vou para minha casa, senhor. Devo ir. Além disso, já causei-lhe muitos problemas.

— Estamos muito longe de sua casa.

— Você sabe onde eu moro, senhor?

Juan Cruz permaneceu em silêncio por um momento, observando fixamente suas formas através da escuridão.

— Não; mas suponho que uma moça de sua linhagem deve viver... eu não sei... perto da Plaza de la Victoria,^[28] talvez?

— Vivo na Rua Larga, perto da esquina com Cochabamba.

— Pois isso é muito longe daqui. Você não pode ir sozinha. Eu mesmo a levarei em minha volanta.

— Senhor, não quero causar-lhe mais...

— Não diga nada. É uma ordem. — E a seguir gritou: — Mateo, prepare a volanta, sairei em seguida!

Ninguém respondeu; tudo o que se escutou foi uma correria no outro lugar da casa.

A figura majestosa de Juan Cruz estava se tornando mais nítida à medida que se aproximava dela. Fiona não podia mover-se; aquele homem cravava seus olhos nela, de tal forma que conseguia paralisá-la e remover todos os vestígios de sua vontade. Tomou-a pelo braço.

— Ahh! — exclamou Fiona, esfregando o hematoma.

— Desculpe-me — disse ele, sinceramente arrependido.

Pela primeira vez em toda a noite, Fiona o notou desconcertado.

— Incomoda-lhe o braço — ele afirmou. — O lamento; eu não tinha outra escolha a não ser jogar-me sobre você, levando-a para o outro lado se queria salvar sua vida. Teve sorte de que eu estivesse caminhando por aí.

Nenhum dos dois voltou a falar até que subiram na volanta.

— À Rua Larga, esquina com Cochabamba! — gritou de Silva, e automaticamente os cavalos começaram a trotar.

Entre as almofadas da volanta, Fiona adotou uma postura que não correspondia a de uma jovem de sua classe. Sabia muito bem que em presença de um cavalheiro devia permanecer sentada, muito reta, os joelhos juntos e as mãos entrelaçadas sobre o colo, como se rezasse. Mas ela não o fez assim: esparramou-se comodamente no assento, em frente à de Silva, recolhendo os pés sob a saia. Para ela, ele não era um cavalheiro. Além disso, estava exausta. Aquela tinha sido a noite mais longa e difícil de sua vida. Não estava para protocolos; normalmente não estava, muito menos agora.

De Silva não tirava os olhos dela, embora não estivesse olhando-o, ela sabia. Abriu a cortina do guichê e divisou a lua. Cheia, muito cheia e branca. Agora que a tempestade tinha passado, pensou, tudo tinha voltado para a normalidade.

— Seria pouco cavalheiresco, e indiscreto, além disso, lhe perguntar por que desejava tirar sua vida. De todos os modos, como me considero seu salvador, acredito ter certo direito.

Fiona voltou seus olhos para ele. Era mais belo do que lhe tinha parecido na casa de Misia Mercedes. Embora, pensou, talvez beleza não fosse a palavra adequada. Suas feições não eram perfeitas. Talvez o seu nariz fosse muito longo e fino, talvez seus olhos estivessem levemente rasgados para baixo, talvez seus lábios fossem muito grossos. Mas era incrivelmente sensual e atraente. Era o homem mais viril que Fiona tinha visto em sua vida.

Finalmente, descobriu a cor de seus olhos. Mas, talvez, não teria uma cor definida? Agora os via negros, mais negros que o azeviche. Tão negros que não podia distinguir a pupila da íris. Antes, na mansão Sáenz, eles tinham sido diferente.

— Evidentemente, você não vai me responder.

De Silva a trouxe para terra. Extasiada no rosto daquele homem, esqueceu-se de tudo. Deu-lhe vergonha uma vez mais, e baixou a vista.

— Não sei... não sei por que o fiz.

— Não acredito que uma pessoa que decide tirar a vida...

— Por favor, senhor, não volte a dizê-lo!

— Que coisa? "Tirar a vida"? — Os olhos de Juan Cruz pareciam sorrir. — Não é essa a verdade, então?

Fiona não respondeu. Ainda com os olhos baixos, só que agora se sentou muito reta, os joelhos juntos e as mãos entrelaçadas sobre o colo, como se rezasse.

— Fiz porque... bem, porque... Porque meu pai arranhou um casamento para mim e... — voltou a levantar o olhar. Depois de dizê-lo sentiu que tirava um mundo de seus ombros, embora tivesse confessado a um estranho.

De Silva continuava observando-a, impassível. Parecia não ter escutado a confissão da Fiona.

— E quem é o afortunado? — perguntou, finalmente.

— Afortunado, São Patrício! Não vai sê-lo jamais! Eu me encarregarei de fazer sua vida impossível!

De Silva riu com vontade.

— Do que ri, senhor? — perguntou, ofendida.

— Não, nada, nada. Desculpe-me... Possivelmente, de sua veemência. — Fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Ainda não me disse de quem se trata.

— Não o conheço. Só sei que se trata de um estrangeiro que vai se estabelecer em Buenos Aires e ... bem, apenas isso. Não me importa.

— Não acredita que sua decisão foi um pouco... dramática e definitiva? Talvez se trate de um bom homem.

— Duvido-o muito.

— Em vez disso, qualquer mulher se sentiria feliz de saber que seu pai lhe conseguiu um marido. Não é isso o que desejam todas as portenhas nestes tempos?

— Todas, menos eu.

— E o que deseja, senhorita Fiona de Malone?

Voltou seu rosto para ele e o olhou com desdém.

— Senhor de Silva — começou a dizer. — Não quero que você pense que sou uma pessoa mal educada e descortês. Em todo esse tempo eu não lhe agradei por salvar minha vida. Então ... obrigada.

— Ah! Depois de tudo, sim, deseja continuar vivendo!

— Sim, desejo seguir vivendo, mas não por mim. Desejo-o por outra pessoa.

— Talvez seu coração pertence a um outro?

— A quem eu poderia haver entregue meu coração? Todos os homens que conheço não são mais que mentecaptos aborrecidos. Não, senhor de Silva, só

desejo viver por meu avô.

Não voltaram a dizerem uma palavra no resto da viagem.

De pé na porta de sua casa, Fiona seguiu com o olhar a marcha da carruagem de Silva. Porque o chamariam o diabo? Perguntava-se. E, por mais que pensasse, não conseguia entendê-lo. Porque, embora, tivesse saído da casa de Misia Mercedes convencida disso, agora tudo parecia ter mudado.

O ruído da porta a arrancou de seu devaneio. Era Maria, que impulsivamente jogou os braços ao seu pescoço.

— São Patrício seja bendito uma e mil vezes porque te trouxe para casa sã e salva! — Exclamou enquanto a abraçava. Fiona respondeu ao abraço e a beijou em ambas as bochechas.

Maria se afastou e ficou olhando-a, perplexa.

— Deus Santo, Fiona! O que te aconteceu? Onde esteve? — Olhou-a um pouco. — O que aconteceu a seu cabelo? De quem é esse vestido, menina?

A mulher não conseguia deter o palavreado reprimido durante as três horas que tinham transcorrido desde o desaparecimento de Fiona.

— Meu pai está?

— Não, saiu com Eliseo. Estão lhe procurando.

— Pobre Eliseo! Deve estar muito preocupado.

— A morte, minha menina, a morte. Mas, pode-se saber onde esteve?

— Ah, Maria! Aconteceram tantas coisas esta noite que não sei por onde começar. Venha, vamos. Enquanto me prepara um banho lhe conto.

— Um banho, há esta hora!

— É que, entre outras coisas, esta noite nadei em um buraco cheio de lama e barro.

A face do terror de Maria a fez sorrir. Tomou pelo braço sua criada e a arrastou para seu quarto. Elas entraram na casa em meio de um silêncio e uma escuridão assustadora. Fiona compreendeu com alívio que o resto da família tinha permanecido alheio a tudo quanto tinha acontecido nessa noite em sua vida.

Afinal, estava em sua cama, quente e cômoda. Só então, nesse momento, seu corpo voltou a tomar a forma de sempre. De todas as maneiras, sentia-se estranha. Nem triste nem contente: diferente.

Em instantes adormeceu.

Capítulo 3

No dia seguinte, Fiona pediu a Maria que a desculpasse junto a seus avós. Mandou dizer que estava indisposta e permaneceu o dia inteiro na cama.

Era verdade. Cada parte do corpo lhe doía e, por momentos, teve febre; mas era seu espírito quem tinha amanhecido mais indisposto.

A excitação pela aventura da noite anterior tinha desaparecido ao despontar o sol para dar passagem ao desgosto e a angústia. Tudo tinha terminado; agora a realidade a afogava. A saúde de seu avô, a ruína de sua fortuna, seu casamento arranjado. Tudo tinha terminado: todos seus sonhos e fantasias tinham ficado destruídos. Seu pai tinha destruído mais uma vez.

Mais tarde, seu avô veio e sentou-se ao lado da sua cama, pronto para falar com ela como todas as manhãs. Fiona olhou aqueles olhos cansados, magro, emoldurados por dobras secas e enrugadas de pele. Segundo sua avó, em sua juventude os olhos de Sean Malone eram de um vívido azul como o do céu; mas com a passagem do tempo os tinha desbotado, tornando-os de um azul celeste claro.

Como nunca antes, Fiona compreendeu nesse momento que se fosse para prolongar alguns anos a mais de vida de seu avô, o sacrifício de sua própria vida valeria a pena.

Conversaram a respeito de tudo. Leram os periódicos, discutiram um pouco de política e Sean disse-lhe novas histórias sobre a Irlanda e de quando ela era pequena. Contou-lhe a preferida de Fiona; possivelmente a tinha escutado mil vezes, mas não se importava em escutá-la mil mais. Havia algo no olhar de seu avô quando a relatava que enchia de orgulho a jovem.

— Uma vez, eu lembro que era o dia de São Patrício... — começou Sean.

— O dia do aniversário de tia Tricia... — adicionou Fiona.

— Isso mesmo, querida. Bem, nesse dia sentou-se sobre meus joelhos, como sempre fazia a cada manhã quando me dispunha a ler a Gacela.^[29] Apontou-me uma palavra do periódico e balbuciou: "*Eu sei o que diz aí, Grandpa*". Assim foi como começou a ler. Primeiro o nome do periódico, logo os títulos, e depois tudo. Tenho que te confessar, princesa, que no princípio me assustei. Depois, pensei que Tricia tinha te ensinado às escondidas. Entretanto, quando perguntei

negou tão sinceramente que acreditei. Consultamo-la com o médico Rivera. Disse-nos que aquilo era nem mais nem menos que uma das tantas raridades da natureza. Compreenderá que não fiquei muito de acordo com essa resposta, assim consultei outros doutores. Um deles me explicou que existem no mundo algumas pessoas que aprendem a ler, inclusive a escrever, sem que ninguém lhes ensine. As chamam de autodidatas. Só há umas poucas no mundo e uma dessas eu a tenho.

Roçou com sua mão a bochecha da Fiona; pensou, se sua neta lhe faltasse, ele morreria.

Depois de um tempo, a jovem e seu avô pareciam haver se esquecido de tudo e de todos. Inundados em suas lembranças e vivências, nada os trazia de novo à realidade.

— Seu pai manda dizer que é melhor que amanhã esteja bem porque seu prometido virá vê-la pela tarde.

Depois de entregar a mensagem, Maria a olhou com temor, esperando uma explosão. Fiona escutou e não disse nada, o que preocupou à criada; talvez, teria sido melhor que a menina gritasse e se esperneasse em sua cama.

— Sabe quando ele partirá? — perguntou Fiona.

— Partir? Quem, minha menina?

— Meu pai, ora.

— Não disse ainda; eu acho que não pretende partir tão breve — respondeu à crioula.

— E onde você conseguiu isso?

— Ele disse a Eliseo que esteja atento nestes dias porque tem que fazer muitos negócios na cidade e vai precisar dele como cocheiro. Além disso, trouxe um baú bastante grande com roupa. *Pra'mim* que quer ficar até as bodas.

Ao escutar essas palavras, Fiona cravou o olhar nos lençóis. Maria, angustiada, sentiu pânico ao pensar que sua garotinha pudesse perder a razão por toda essa maldita questão do casório. Já tinha acendido uma vela à Virgem de Luján e outra a São Patrício, que sempre era tão bom com ela. Mas naquele momento lhe ocorreu uma ideia melhor: acenderia uma vela a Santo Antônio para que fizesse que sua menina se apaixonasse por seu prometido; assim não sofreria tanto.

A ponto de sair do quarto para cumprir com seu trabalho, Fiona a deteve.

— Ninguém mais sabe a respeito de tudo isto?

— De tudo isto? O que, minha menina?

— Ai, mas você está lenta hoje, Maria! O que há de errado? Não tomou o desjejum? Se alguém mais sabe sobre o meu casamento.

— Ninguém, minha menina. Todos estão como se nada estivesse acontecendo; todos menos seu pai. Tem uma cara, o pobre!

— Pobre coisa nenhuma! É um maldito embusteiro! Entende o que ele fez, Maria? — Olhava fixo à criada, jogando faíscas pelos olhos. — Me vendeu como uma escrava no mercado! Vendeu-me pelo melhor lance — rematou com indignação, e levou as mãos ao rosto.

— Vamos, minha menina, não chore.

Maria tratava de consolá-la, mas quando viu Fiona como sempre era, com os olhos ardentes e língua afiada, sentia-se mais confortada.

— Sim, não chorarei, Maria, não chorarei. Embora quisesse, não poderia. Tenho tanta raiva, tanta raiva... — e, juntando os dentes, lançou um grito afogado.

— Por que não ofereceu Imelda? Ela ficaria feliz em fisgar um marido.

— Mas não, minha menina, na sua presença, quem escolheria Imelda? É tão bela, mais bela que a aurora no campo. A menina Imelda não é nem a metade do que você é. Além disso, ela já tem noivo.

— Senillosa? Esse não é um noivo, é um idiota, acredito que Imelda o trocaria se tivesse possibilidade.

— E como diz o ditado: *"Deus dá o pão a quem não tem dentes"* — sentenciou Maria. — O que eu não compreendo é como não te ocorreu perguntar a seu pai de quem se trata... Seu prometido, digo.

— Já te disse que não o conheço; é um estrangeiro, recém-chegado à cidade. Não me interessa. Pode tratar do Jesus Cristo ou do próprio Lúcifer, para mim não interessa.

A criada fez várias vezes o sinal da cruz com os olhos fechados antes de deixar o quarto.

Apesar de que nada lhe importava, Fiona estava muito bela essa tarde. E tudo graças às mãos magistrais de Maria que não só tinham confeccionado o vestido,

mas também a tinham penteado e maquiado. Embora a criada já tivesse acendido a vela para Santo Antônio, não era a questão de deixar todo o assunto nas mãos do santo.

Maria suspirou. Depois, continuou marcando os cachos de cabelo com um ferro quente.

— Por que suspira? — perguntou Fiona.

— Ah, o amor, minha menina, o amor!

Levantou a vista do cabelo de Fiona e observou pela janela. Aí está Eliseo.

— Para mim, o amor já não existe. É um sonho que jamais se fará realidade — afirmou sombriamente a jovem.

— Como pode dizer semelhante coisa, Fiona! Não faça me zangar.

— Como posso dizer uma coisa dessas? Basta perguntar ao filho mais velho de meu avô.

Começava a irritar-se de ter que ficar rígida frente ao espelho preparando-se para alguém a quem já tinha decidido odiar desde o primeiro momento, — Eu sei, minha menina, não é como você sonhou. Eu sei por que falamos disso muitas vezes. Mas a vida não é sempre como nós queremos, Fiona. Às vezes as coisas são de outra forma e não resta outra poss...

— É que não posso aceitar que por sua culpa, justamente por sua culpa, minha vida tenha que ser diferente de como eu a planejei. Por culpa dele e do estúpido do tio John.

— Bem, minha menina, não fique nesse estado que não estará linda para quando ele chegar.

Maria abandonou o penteado e começou a roçar um toque de carmim nas bochechas de Fiona.

— Você não entende que não me interessa estar mais linda? Não desejo lhe agradar. Oxalá me veja feia, muito feia, assim não vai querer casar-se comigo.

Calou-se e baixou o rosto. Sabia que se o homem não quisesse casar-se com ela, o único que sofreria seria seu avô. Arrependeu-se de haver dito isso.

— Por mais que tente, jamais poderá obter que te veja feia porque, simplesmente, é linda, a mais linda que eu conheço.

— Não exagere. Você diz isso porque me ama seriamente, mas não tem que ser para tanto.

— Para tanto e muito mais. Não sabe quantas damas de outras famílias mandam suas servas me perguntar onde você faz seus vestidos, onde penteia seu cabelo, quem te ensinou a tocar o piano...

— Não posso acreditar!

Fiona girou sobre si no tamborete e cravou seus olhos nos de Maria.

— Sim, cada vez que vou à Recova^[30] de compras, alguma das criadas me detém e me pergunta. Você nunca quis perceber o quão bela é e sempre tentou se manter além da sociedade. Mas a sociedade a vê, Fiona; eles sempre lhe veem.

— Não posso acreditar! — Ela repetiu. Olhou-se no espelho da penteadeira e acariciou a bochecha.

— Pois me acredite minha menina, acredite-me. É a mais bela. De verdade.

Houve um silêncio. Maria continuou com seu trabalho e Fiona permaneceu com o olhar perdido em seu próprio reflexo.

— Terminei! Está pronta! Está mais linda que uma açucena. Espero que o cavalheiro morra de amor por você. E você por ele.

— Jamais. Jamais morrerei de amor por alguém que me comprou como uma vaca na feira. Entende-me, Maria? Jamais.

— Não, Fiona, não! É necessário predispor seu coração para ele. Talvez seja um bom homem que realmente te queira bem. Se o combater, só conseguirá fazer de sua vida um calvário. Deve fazê-lo pelo bem de todos.

— Pelo bem do vovô é que eu faço o maior sacrifício de minha vida, Maria. Uma vez que tenha a certeza de que esse homem pagou todas as dívidas de meu avô, escaparei, fugirei para longe, onde ninguém possa me encontrar.

Maria levou as mãos à boca para não gritar. Arregalou seus olhos e movia a cabeça de um lado ao outro negando insistentemente. Sabia que ela era capaz disso e muito mais.

— Mas, Maria, não fique assim. Você e Eliseo virão comigo. Jamais os abandonaria — argumentou Fiona, afastando suas mãos da boca.

— O que está errado com você, menina. Nunca volte a pensar em algo igual, não deve fazê-lo.

A palidez de Maria a assustou. Tanto que lhe prometeu que jamais voltaria a pensar em tal coisa. Entretanto, a ideia que acabava de ocorrer-lhe não pareceu ser tão má, e decidiu mantê-la em um canto de sua mente para resgatá-la no momento propício.

— Tem que tratar de amá-lo, menina — insistiu Maria, um pouco mais tranquila com a promessa de Fiona. — Talvez, com o tempo, chegue a se apaixonar por ele, e tudo isto que está vivendo agora provará ser gracioso.

Fiona a olhou docemente. Maria era como uma mãe para ela, uma das pessoas em que mais confiava, mas nesse momento sua criada não conseguia

compreendê-la. Pensou em tia Tricia; ela sim a entenderia. Por desgraça, fazia muitos anos que sua tia se casou com um poderoso comerciante inglês e partiu com ele para Londres.

Nesse momento escutou a aldrava da porta principal. Devia ser ele. Fiona, muito nervosa, levou a mão à boca e começou a chupar a ponta do dedo; logo, inconscientemente, estirou o cacho de cabelo que tanto trabalho haviam dado à criada; e, finalmente, e sem querer, lhe caiu o pote de talco, fazendo uma dispersão de pó no piso.

— Meu Deus, a batinha de seu vestido está cheia de talco, Fiona! Meu Deus! O que vamos fazer agora?

— É um pouco de talco, Maria! Não exagere! Vê? Sacudindo um pouco, remove-se — disse, enquanto se curvava para eliminar o pó.

— Não se curve, Fiona! Vais arrebentar o espartilho.

Maria tomou-a pelos antebraços e a obrigou a endireitar-se.

— Deixe que eu o faça.

Naquele momento, Coquita, uma serva negra da mansão, bateu na porta do dormitório.

— O senhor Dom William manda dizer que a menina Fiona vá à sala. Que alguém a está esperando.

Fiona tomou as mãos de Maria entre as suas, que estavam frias, suadas e tremendo um pouco.

— Santo Antônio, deixo tudo em suas santas mãos — murmurou Maria.

E a deixou ir.

Quando Fiona entrou na sala, seu pai já não estava ali. Só viu um homem de costas para ela, olhando para fora pela janela.

— Boa tarde — disse Fiona, delatando sua presença.

— Boa tarde — respondeu o cavalheiro, começando a virar-se.

— Senhor de Silva? — franziu o cenho, surpreendida e estranhando. — Ah... é você.

De Silva assentiu com um sorriso nos lábios.

— Que confusão! — Fiona tratava de ganhar tempo para pôr em ordem suas ideias. Pressentia que algo horrível estava prestes a acontecer, e não se atrevia a encará-lo. — Eu acreditei que... Em realidade, meu pai... Ele me disse que...

Fiona fechou os olhos e engoliu saliva, tentando controlar sua ansiedade. Sabia que estava balbuciando como uma criança, e isso não gostava.

— É por acaso você... — disse um momento depois, — a quem meu pai se

referia quando disse...? Quero dizer, trata-se de você, senhor de Silva, com quem eu...?

Sua voz tinha se convertido em um fio; o pânico pela sua resposta a dominava.

O cavaleiro se limitou a assentir em silêncio.

Sem mais delongas, Fiona tomou entre suas mãos o vaso de porcelana do aparador e o arrojou direto a sua cabeça. Certamente, não contou com os bons reflexos de Juan Cruz. O homem se abaixou e se esquivou do projétil. O vaso foi desviado para a direita contra o marco da janela e seus fragmentos se espalharam, em parte, sobre o casaco levita negro de de Silva.

Fiona, em estado de choque, não disse uma palavra, não respirou, não pestanejou, não se moveu. Sua mente não podia sair da confusão em que tinha caído; um torvelinho, um furacão a teriam comovido menos. "Meu Deus, não ele", foi o que pôde pensar.

— Jesus Cristo! O que está acontecendo aqui? — exclamou Brigid ao entrar na sala. O espetáculo com o qual a senhora se encontrou era estranho. Um homem que não conhecia sacudia os últimos cacos de porcelana de seu casaco. Sua neta Fiona o olhava como a um fantasma. Brigid pendurou os óculos no nariz: tinha que admitir que o que estava vendo não era produto de sua imaginação.

Atrás da anfitriã Anne e William entraram. O pai de Fiona ficou boquiaberto ao ver os cacos do vaso sobre o piso da sala — O que aconteceu aqui? — perguntou a sua filha, voltando seus olhos para ela.

Fiona não podia falar. Ela tinha permanecido em silêncio e manteve o olhar em de Silva. Mais uma vez, suas explosões a tinha colocado em uma situação impossível.

— Fiona? — insistiu seu pai Fiona não se alterou. Seguia com a vista cravada em de Silva, que nesse momento, como se nada estranho tivesse ocorrido, dedicava-se a recolher do chão os cacos do vaso.

— Oh, não, senhor! Por favor, deixe! — Brigid já estava junto a Juan Cruz. Tirou-lhe com suavidade o caco de porcelana da sua mão, pegou-o pelo braço e o conduziu até a poltrona.

— Por favor, senhora — disse então de Silva, e com uma elegante reverência convidou Brigid a sentar-se.

A anciã lhe sorriu, adulada, e se sentou. De Silva passou fugazmente seu olhar pelos presentes, consciente do suspense e o desconforto que se criou entre eles.

Era evidente que todos estavam pendentes dele.

— Toda a culpa foi minha — disse com simplicidade, sem dirigir-se a ninguém em particular. — O vaso me atraiu por sua cor e delicadeza. Aproximei-o da janela para apreciá-lo melhor, e sem que percebesse escorregou das minhas mãos. Nesse momento entrou à senhorita. E como é natural, ficou parada, boquiaberta ante minha estupidez. Não sei como lhes pedir desculpas...

Brigid cruzou um rápido olhar com Fiona, que afastou os olhos envergonhada.

— Esqueça o vaso, senhor de Silva — disse rapidamente William, que não precisava de explicação para saber a verdade do que aconteceu.

O gesto de contrariedade que se desenhava no rosto de Brigid — aquele vaso era uma antiguidade da família avaliada em várias centenas de pesos — não passou inadvertida a Juan Cruz.

— Não, Dom William, não é algo sem importância; para mim é um fato vergonhoso. Devo repará-lo de algum jeito.

O canto de seus olhos pousaram alternadamente em Brigid e em Fiona, ainda ausente pela surpresa.

— Amanhã mesmo procurarei um vaso igual — disse finalmente.

— Não se preocupe, senhor... — Brigid percebeu de repente que com o alvoroço nem sequer sabia com quem estava falando.

— Oh, mãe, desculpe-me! Ainda não os apresentei! — Disse William enquanto se aproximava dos dois. — Mãe, ele é o senhor de Silva, meu amigo pessoal e sócio em alguns negócios. Senhor de Silva, a senhora Dona Brigid Maguire de Malone, minha mãe.

De Silva tomou delicadamente a mão da anciã e a beijou.

— Esta é minha irmã mais nova, Ana — adicionou William. — Ah! E ela é minha filha Fiona.

Fiona cravou os olhos nos de seu pai, que baixou a vista.

— Boa tarde, senhorita Fiona. — De longe, de Silva inclinou a cabeça para ela.

— Nos conhecemos anteontem à noite, em casa de Misia Mercedes de Sáenz, na tertúlia pelo Dia da Independência — comentou Juan Cruz sobre Brigid.

— Sente-se, por favor, senhor de Silva. E sobretudo, esqueça-se do vaso!

O rosto da anciã tinha mudado ao compreender que o jovem Juan Cruz era um candidato mais que potencial para pôr um final no celibato de sua neta.

Enquanto, Ana e William se sentavam perto de Brigid e de Silva, Fiona

permaneceu de pé, confundida.

— Se me permitir vovó, eu me retiro — disse, inexpressiva. Ana e Brigid a observaram desconcertadas. William conteve sua fúria, e de Silva sorriu com picardia.

— Por favor, senhorita Fiona! Não me prive você de sua presença! — Juan Cruz se levantou da poltrona. Foi direto até Fiona, pegou sua mão e levou-a a um tamborete perto dele. A jovem não tirava os olhos dele, e de Silva acreditou ver faíscas neles.

Entregaram-se a uma conversa inconsequente do qual só Fiona se manteve afastada. No começo conseguiu não pensar em nada. Momentos depois, quando entendeu o giro brusco e radical que tinha dado sua vida, sua pele se arrepiou e seu corpo começou a tremer imperceptivelmente.

— Vamos, filha, tome um pouco de chá, se sentirá melhor. Está muito pálida, querida.

Fiona tomou trêmula a xícara que sua avó lhe deu. Em seguida, de Silva pegou a louça por ela, deixando-a em uma mesa perto da jovem.

— Desta vez eu não cometi nenhum desastre, Dona Brigid. — O comentário de Juan Cruz causou a alegria de todos. Fiona, no entanto, observava em desespero, prestes a explodir.

Depois de uma hora, de Silva tinha colocado no bolso Brigid e Ana. William estava radiante com o triunfo. A atitude de sua filha já não importava; se sua mãe e seu pai o aceitavam, o matrimônio já era um fato. A batalha com Brigid estava ganha. Agora só faltava impressionar o velho Malone, e problema resolvido.

— Acredito que já é hora de me retirar, senhoras. Foi um verdadeiro prazer compartilhar à tarde com vocês.

Todos começaram a levantarem-se de seus assentos.

— Senhor de Silva, o prazer foi nosso. Retorne quando desejar — disse Brigid, educadamente. E ansiosa por fechar o círculo ao redor da escorregadia Fiona, adicionou: — Eu gostaria que o senhor Malone o conhecesse.

— Será um prazer — replicou de Silva com galanteria. Então, olhou fixamente para Fiona e acrescentou: — Além disso, eu gostaria de ver sua neta se para você não for inconveniente, minha senhora.

Fiona sustentou seu olhar, implacável e fria.

— Insisto, senhor de Silva, volte quando desejar. As portas desta casa estão sempre abertas para você — esclareceu Brigid, para que não ficassem dúvidas.

De Silva saudou com uma leve reverência, deu meia volta, e abandonou a

sala.

— Além de tudo, é um mentiroso — disse Fiona entredentes e com o gesto desconcertado.

William sabia bem a que se referia, mas não desejava discutir mais com sua filha.

— Por que diz isso?

— Você sabe exatamente o que quero dizer. — Olhou-o fixamente, e no silêncio que sobreveio ressoou com força sua respiração agitada. — Me disse que não o conhecia e que se tratava de um estrangeiro!

— É verdade — afirmou William com sarcasmo.

— Mas acontece que eu sim o conheço. E não é estrangeiro. — Fiona projetou seu corpo para frente e colocou as mãos nos quadris, desafiadora.

— Eu não sabia que o conhecia e... poderia dizer que, de certa forma, é estrangeiro. Não é de Buenos Aires. Além disso, em algo não menti; é muito, mas muito rico.

— Mentiroso! Ocultou-me a verdade porque é um bastardo. É bastardo! E tem a alma de um demônio maldito! — explodiu Fiona. — É filho de uma negra ou algo assim! Por isso me ocultou a verdade! Não pode fazer isso comigo, não pode me fazer... — de repente, sua voz desfaleceu.

— Desconheço-te, Fiona. Você não é a única que sempre prega igualdade para todos? Não é você que sempre trata os servos como se fossem da família? E sobre Maria e Eliseo? Os respeita mais que a mim, e não são mais que dois mestiços.

— Não se atreva mexer com eles, maldito embusteiro! Eles são dez vezes melhores que você.

— Basta! — Gritou William, tratando de amedrontar Fiona. — Já está tudo resolvido. Se casará com ele. Se não o fizer, já sabe o que ocorrerá nesta casa.

De Silva voltou. E o fez quase todas as tardes. Cada vez que se apresentava na mansão Malone, Juan Cruz trazia consigo algum presente para os membros da família. Para todos, exceto para Fiona, a quem parecia não se importar. O primeiro foi um magnífico vaso de porcelana Sévres azul marinho com delicadas orquídeas desenhadas e laqueadas em rosa pálido. Muito belo, e por certo muito mais caro que o que Fiona fizera voar pelo ar. Ana recebeu um par de luvas de pelica marfim que Juan Cruz mandou comprar no Caamaño, a loja mais elegante da cidade. O velho Malone também foi surpreendido com um presente: um cachimbo, cujo o corpo do forninho foi esculpido com grande precisão a

cabeça de um soldado turco. Sean ficou perplexo ao receber o presente de Juan Cruz. Fazia anos que desejava um idêntico e em nenhuma parte o conseguia. Nem sequer Tricia, em Londres, tinha achado um. Como tinha adivinhado aquele homem seu desejo? Ninguém podia compreender como conseguia coisas tão bonitas em épocas em que, pelo bloqueio anglo-francês, até comprar mantimentos era difícil. Aparentemente, nenhum obstáculo se interpunha entre o Juan Cruz de Silva e seus desejos.

Frente a seus avós, Fiona aparentava ser a juvenzinha mais charmosa da Confederação. Risonha, conversadora, até pícara, mas convertia-se em outra pessoa quando a deixavam a sós com de Silva na sala. Com ele era mordaz e atrevida, violenta e ressentida. Não tinha outros olhares para expressar todo seu desprezo. Mas de Silva mostrava a paciência de um beduíno e a segurança de um magnata. Nada o importunava; nenhum dos comentários ou as palavras de Fiona pareciam perturbá-lo. Sempre de bom aspecto, não poupava seus elogios a Malone.

— Até quando terei que suportar esta farsa do galante apaixonado? Que espera para anunciar nossas bodas? Que me apaixone por você, senhor de Silva?

Um sorriso sarcástico, quase doentio, sulcou os lábios de Fiona.

— É tão bela quando sorri, minha querida.

O homem tomou sua mão; ela a retirou como se queimasse.

— Não seja hipócrita, senhor de Silva. Responda a minha pergunta. Quando será as malditas bodas?

— Não sabia que estava tão interessada em se casar comigo, Fiona. Realmente, saber que deseja tanto é uma notícia maravilhosa.

Fiona fechou os punhos e apertou os dentes tratando de reprimir um grito de impotência. Seu rosto ficou escarlate. Por um instante, seus olhares se cruzaram. Mas era tanto o poder e o domínio que de Silva demonstrava ter sobre ela, sobre seu pai, sobre todos, que baixou o rosto e começou a soluçar. Não queria que ele soubesse que sofria. Levantou-se e abandonou a sala.

A dor que a embargava deixou no ar uma esteira que se apoderou da alma de Juan Cruz. Seu habitual gesto arrogante se desvaneceu, e em seu lugar apareceu um semblante apagado e mortiço. Em realidade, de Silva não sabia o que fazer com Fiona.

No dia seguinte, William anunciou para toda a família o compromisso de sua filha e de Silva, e o desejo de Juan Cruz de que as bodas se realizassem o quanto antes.

— Quero que saibam que aceitei o pedido que me fez o senhor de Silva pela mão de Fiona Ana e Brigid tentavam conter as lágrimas: não era certo chorar; Imelda se aproximou de sua irmã e, dissimuladamente, tomou sua mão. Sean Malone permaneceu um longo tempo olhando para seu filho. Sempre tinha pensado que o consultaria sobre este assunto quando chegasse a hora.

Finalmente, Juan Cruz se aproximou de Fiona e entregou um pequeno estojo de veludo. Todos permaneciam calados e espectadores, os olhos cravados nas mãos da jovem. Finalmente, Fiona o abriu.

— É muito belo! — exclamou Imelda ao descobrir o anel de brilhantes e água-marinha.

Juan Cruz tomou o anel de mãos de Fiona e o colocou no seu dedo. Brigid e Ana se aproximaram para bisbilhotar, assombradas ante uma joia tão soberba.

No dia seguinte, toda Buenos Aires sabia a notícia do compromisso de Fiona de Malone e Juan Cruz de Silva. Cada uma das famílias mais importantes parecia um formigueiro de fofocas e boatos. Finalmente, de Silva expunha o enigma que tinha mantido em alerta às juvenzinhas da cidade. Algumas estavam verdes de inveja. Um dos solteiros mais cobiçados da Confederação tinha escapado delas. Tinham que aceitar, nenhuma competia com a moça Malone.

Fiona era a mais linda, a mais rebelde, a mais escorregadia de todas as donzelas da alta sociedade. Ele, embora bastardo, mal-educado e arrivista, era o protegido do governador e um dos homens mais ricos do país. Razão suficiente para que todos fizessem caso omisso dos antecedentes genealógicos de de Silva e o deixassem entrar em seu círculo como se se tratasse de um conde francês, embora soubessem perfeitamente que não se tratava de um deles.

— Não posso acreditar, Fiona!

A jovem se sobressaltou quando Camila de O’Gorman irrompeu em seu quarto e quebrou o silêncio no qual estava sumida há alguns momentos.

— Camila! — gritou Fiona. E se jogou em seus braços com tal ímpeto que sentiu as aspas do espartilho de sua amiga sob suas mãos.

Camila sabia do compromisso de Fiona com de Silva. O próprio Juan Cruz tinha anunciado na noite anterior durante o jantar em sua casa. Entretanto, não pôde evitar a pergunta, — É verdade que você...

Fiona não a deixou terminar. Queria falar o menos possível do tema.

— Por favor, me diga, como está sua avó?

— Não muito bem.

Os olhos de Camila se escureceram e seus lábios se curvaram em um sorriso triste. Sua avó, popularmente conhecida em Buenos Aires com o apelido depreciativo de "A Perichona",^[31] não estava bem de saúde. Por isso, viajava todas as semanas a La Matanza, a fazenda de seu pai, aonde tinham confinado à avó há anos, depois de seu romance com o vice-rei Liniers. Camila e Fiona amavam a Perichona, talvez porque desejavam ser como ela. Linda, majestosa, refinada, e livre como um pássaro. Um pássaro que já tinha suportado muitos anos de cativeiro e estava decidida a partir em definitivo.

Fiona compreendeu que devia mudar de assunto.

— Esteve com seu padre de Tucumán?^[32] — perguntou em voz baixa e com tom cúmplice, tentando levantar seu ânimo.

Isso pareceu suficiente para alegrar a Camila. Começou a relatar a sua amiga os detalhes da relação clandestina que mantinha com o sacerdote de Socorro, Ladislao Gutiérrez. Estava perdida de amor e paixão por ele. Dentro dela se desataram finalmente os sentimentos que tanto tinha falado Perichona.

Depois, Fiona lhe contou a respeito de sua relação com de Silva, dos acontecimentos na tertúlia de Sáenz e Velazco até a entrega do anel na frente de sua família. Finalmente, pôde expressar o ódio que sentia por aquele homem, a vergonha que lhe provocava ao saber que foi comprada, a dor de casar-se sem amor, a humilhação, a desonra.

— Talvez, Fiona, não seja tão mau como você pensa.

— Oh, você também! Parece como se estivesse de acordo com Maria — resmungou Fiona, levantando-se da cama e dirigindo-se a penteadeira. Camila a seguiu e, tomando uma escova de cerda, começou a pentear seu cabelo, tão liso, tão longo. Sabia que isso a fascinava.

— Ele foi várias vezes a minha casa. Tem alguns negócios com tatita. Eu não o vi muito ultimamente porque fui a La Matanza, sabe, mas as vezes que nos cruzamos, pareceu-me um homem muito interessante. Seriamente...

Camila sorriu ao escutar o som obstinado de sua amiga.

— Não seja teimosa e me escute — insistiu. — Não é o mais belo, não, mas tem algo especial. É galante, é delicado... E muito refinado para ser um gaúcho^[33] a maior parte do ano, não acha?

— Acredito que é um cretino. Jamais se perguntou por que o chamam "o diabo"? Não deve ser justamente por tratar do melhor e mais galante homem do

mundo, não acha?

— Está bem — disse Camila um tanto zangada. — Está bem. Se não o suporta, por que não o procura e lhe diz que não se casará com ele?

— Não! Sabe que não posso. Pelo vovô.

Fiona baixou os olhos. Ali, abandonado na penteadeira desde o dia em que Juan Cruz o entregou, estava o anel de compromisso.

— Então, faça uma tentativa de mudar de atitude. Senão, sua vida será um verdadeiro inferno.

Fiona assentiu em silêncio. Eram as mesmas palavras de Maria. Seria ela uma obstinada sem razão? Por que não conseguia ver a solução que todos pareciam vislumbrar tão claramente? Estava muito confundida.

As bodas ocorreram em 25 de agosto de 1847, na mansão Malone, na mais estrita intimidade. Só participaram a família de Fiona e os amigos mais próximos. Não tinha convidados pela parte do noivo, e ninguém cometeu a indiscrição de perguntar por que; todos sabiam que Juan Cruz não tinha mãe nem pai, que tinha vivido toda sua infância em uma das propriedades de Rosas, e que tinha sido criado por uma negra.

Nessa manhã, Fiona estava simplesmente soberba. Os convidados contiveram o fôlego ao vê-la entrar na sala, pelo braço de seu avô, arrumada para a ocasião. Juan Cruz simulava uma indolente impavidez ao observá-la aproximar-se. Entretanto, não deixou de entreter-se intimamente com a beleza de sua prometida; de repente, seus movimentos sempre estudados se liberaram, e o corpo estremeceu de prazer; seu sorriso, meio diabólico, foi, pela primeira vez, sincero. Fiona, no entanto, parecia alheia a tudo. Seu olhar estava perdido em um ponto indefinido da parede, seus olhos tinham abandonado seu azul intenso e se converteram em duas safiras duras e frias.

O vestido que Maria tinha confeccionado era tão belo quanto ela. Apesar de que tinha insistido em mandar trazer um de Paris, ao vê-la naquele majestoso traje, Juan Cruz teve que admitir que ninguém o teria feito melhor. Era branco, de renda francesa. O espartilho se ajustava de tal modo a seu tamanho que revelava a estreiteza de sua cintura e a redondeza de seus seios. Juan Cruz imaginou-os suaves como uma rosa, e imediatamente teve uma ereção.

O Padre Fahy, um sacerdote irlandês amigo íntimo de Sejan e guia espiritual

da família, abençoou o matrimônio. Depois da cerimônia, serviram-se os manjares que Brigid tinha mandado preparar. Apesar de que tudo parecia estar como foi pedido, a anciã estava desconsolada; os acontecimentos se precipitaram de tal modo que não tinha tido tempo necessário para preparar o tradicional pudim de ameixa, que leva mais de um mês de elaboração. Brigid pensava que bodas sem pudim de ameixa era um mau augúrio para os recém-casados, então tinha implorado a Juan Cruz para adiar as bodas para mais adiante; mas ele se opôs com o argumento de que já tinha permanecido muito tempo em Buenos Aires e deveria voltar a ocupar-se de suas propriedades.

Enquanto tudo a seu redor parecia imensa felicidade, a expressiva tristeza no rosto de Fiona eram gritos silenciosos de desconsolo. Era irônico, pensou; nessa manhã, sua família festejava o que acreditava ser sua sorte, e ela se sentia o ser mais desgraçado deste mundo. Seu avô irrompeu em seus pensamentos tomando-a pelo braço e afastando-a do grupo.

— Por que está tão triste, princesa?

— Não, vovô, não estou triste. — Tratou de mostrar um sorriso como tinha feito todos os dias desde que seu pai anunciou o compromisso. — Me sinto um pouco estranha, nada mais. A verdade é que sinto muito a falta de tia Tricia. Teria gostado que estivesse hoje aqui.

Seu avô acariciou carinhosamente sua bochecha, com gesto divertido.

— Acredito que é normal que se sinta um pouco estranha. Hoje é um dia muito especial. Tudo vai mudar em sua vida.

Sean parou e se sentou na poltrona. Fiona recostou-se a seu lado.

— Como eu disse, tudo vai mudar. Mas para melhor. Compartilhar sua vida com a pessoa que você ama é a coisa mais maravilhosa que pode acontecer a um ser humano. Asseguro-lhe isso.

Fiona sentiu que o coração galopava em seu peito. Esfregou as mãos, cada vez mais úmidas e frias; podia sentir as gotas de suor que se deslizavam entre seus seios até perder-se em seu ventre. Como faria para ocultar de seu avô que tudo aquilo era uma farsa? Uma horrível e cruel farsa urdida por seu pai e aquele que agora era seu esposo. Como faria para suportar sua vida ao lado de um homem que odiava com toda sua alma? Via seu sorriso, sempre sardônico, que parecia lhe dizer: *"Não me desafie, Fiona. Agora, eu tenho o poder"*. Seus olhos profundos eram intransponíveis: nunca podia saber o que pensava. E seus gestos eram tão controlados que não fazia um só movimento, não dizia uma só palavra, sem analisar antes. Ela tinha certeza disso. A mera presença de Juan Cruz a

intimidava, enchia-a de temores e vacilações. Como faria para suportá-lo uma vida inteira?

Sean continuou com sua argumentação, mas Fiona já não o escutava. Imersa em um mundo inextricável de perguntas sem resposta, só conseguia ficar ainda mais deprimida. Se continuasse assim só conseguiria que as lágrimas a traíssem na frente de seu avô e o desconsolo a levasse a revelar toda a verdade.

Um pequeno tumulto na porta principal interrompeu os conselhos de Sean Malone, Rosas tinha chegado.

Sean e Fiona ficaram de pé rapidamente, como se alguém os tivesse cravado com um alfinete. Fiona permaneceu ao lado da poltrona, sem mover-se; seu avô saiu ao encontro do governador de Buenos Aires.

Os convidados não podiam acreditar que Rosas tivesse vindo às bodas de de Silva; ultimamente, permanecia encerrado em sua fazenda em Palermo trabalhando todo o dia, quase sem dormir nem comer. Os portenhos se cansavam de convidá-lo para participar das tertúlias e festas que organizavam, sem obter que o governador federal fizesse a honra de pisar em seus lares. A desculpa era sempre a mesma: os assuntos da Federação.

Atrás de Rosas apareceu sua filha Manuelita. Não era linda, mas tampouco feia; tinha uma figura magra e um rosto agradável que conquistava os corações de todos pela humildade de seu olhar e o acolhedor de seu sorriso. Sempre tinha palavras doces e cheias de esperança com quem visitava sua casa em busca de consolo ou de um favor. Converteu-se em uma das mulheres mais queridas de Buenos Aires e não era difícil cair sob um encanto tão puro e espontâneo.

— Viva a Santa Federação! — gritou Rosas, pousando seus rasgados olhos azuis em cada um dos que estavam perto dele.

— Viva! — responderam os comensais ao unísono.

Sean chegou ao governador empurrando através das pessoas e estendendo a mão, recebendo-o e deu-lhe as boas-vindas.

— Sua excelência, é uma honra que você se dignou a visitar minha casa em um dia tão feliz como este.

Continuando, o velho irlandês fez uma receosa reverência com a cabeça.

— Deixe de tanta formalidade, Dom Malone. Se eu o conheço antes de você subir em um cavalo. — Rosas o atraiu para seu volumoso peito e o abraçou fraternalmente, provocando o assombro dos presentes. Evidentemente, o governador estava de muito bom humor nesse dia; apesar disso, as pessoas a seu redor o tratavam com um cauteloso respeito, que se mesclavam a admiração e o

temor. Todos o conheciam muito bem; com suas brincadeiras ou seus mandatos poderia fazer qualquer pessoa infeliz.

— Além disso, a honra é minha — continuou dizendo Rosas com voz varonil, enquanto se afastava de Sean. — Quem tem sido amigo do coronel Dorrego, como você, Dom Malone, merece meu mais profundo respeito e admiração. Além disso, agora que Cruz se uniu a sua neta, você e eu somos quase como da família.

Sean se sentiu intimidado pela fogosa saudação. Não só intuía o que Rosas simulava: ele mesmo o estava vendo.

Sete anos atrás, em 1840, o bloqueio francês devastou a economia de Buenos Aires, apoiada fundamentalmente nos ganhos aduaneiros. As lojas estavam vazias e custava conseguir os artigos mais elementares, inclusive certos mantimentos. O inverno, muito rigoroso, tinha arruinado algumas colheitas. No verão tinham se focado nos falatórios a respeito de que Rosas deixaria o comando e se retiraria a uma de suas propriedades. O Legislativo o tinha colocado em seu posto por mais cinco anos. E o caudilho^[34] federal tinha mais poder que nunca.

Dois anos antes havia imposto a ordem de não se articular qualquer palavra sem antepor às frases *"Viva a Santa Federação! Morte os selvagens unitários!"*. Há pouco tinha decretado o uso obrigatório da divisa da Federação pregado, no chapéu das damas, no peito dos homens, com o lema *"Federação ou morte"*, sem exceção. O governador tinha criado uma força-tarefa especial, os monitores, encarregada de controlar o uso da divisa, que deveria serem visíveis e ostentosas. Os monitores castigavam aos cidadãos que não levavam o distintivo e, em meio da rua, colavam-lhes uma tira vermelha como cauda. Não só isso, também vigiavam as casas procurando algum elemento que delatasse que seus donos eram unitários. Bastava um objeto celeste para enfurecer os soldados federais.

Mas a que se tornou muito duro foi a Mazorca. Todas as manhãs se anunciava a gritos quem tinham sido degolados, quantas cabeças haviam expostas na Plaza de la Victoria, que casas tinham sido revistadas. O discurso durava muito tempo; as vítimas e os acusados eram cada vez mais. Rosas era claro com os mazorqueros; *"No estado que chegaram as coisas nos povoados argentinos, todos os meios são bons para trabalhar... os meios sempre ficam legitimados pelos fins"*. E seus homens nunca deixaram suas ordens.

A Confederação estava sumida em uma cruel guerra civil. Os mortos eram muitos e os ânimos se exacerbavam à medida que o sangue corria. O ódio se acentuava e a crueldade com os oponentes tornou-se feroz. Era comum a morte

por aqueles dias; todos parecia haverem se acostumado aos fuzilamentos, às decapitações. Cada homem carregava à vista seu punhal, "*a espada da federação*", como a chamavam.

Emigrar para países vizinhos eram aos milhares. Refugiavam-se especialmente em Montevideo e Santiago do Chile. De lá, eles começaram uma luta amarga contra o regime do "*abominável tirano*". Escapavam de Buenos Aires como podiam. Alguns de navio, durante a noite. A empreitada era mais que temerária; a Mazorca sempre vigiava o Bajo e a Boca.[35] Outros, os que fugiam por terra para o Chile, deviam tomar cuidado na zona de Cuyo[36]; era muito difícil passar pelo controle dos caudilhos nessa parte da Federação.

Para Sean, todo esse assunto de unitários e federais lhe importava um cominho. Tinha deixado sua Irlanda natal irritado pelas lutas entre católicos e protestantes, entre ingleses e irlandeses. Não se renderia agora a nenhum grupo, por mais razão que tivessem um ou outro. O fazendeiro pensava que os dois tinham suas verdades e seus desacertos. "Embora nenhum fosse um santo", estava acostumado a dizer isso a sua esposa.

Mas a realidade o arrastava; seus melhores amigos eram unitários e estavam sendo perseguidos e assassinados sem compaixão. Devia a muitos desses crioulos que o tinham ajudado em seus primeiros anos no Vice-reinado. Tinham-no acolhido no seio de seu grupo social, tinham-lhe dado uma mão em seus primeiros negócios, tinham-lhe aberto às portas necessárias para sua integração.

O pior era esse moço, Joaquín de Echevarria, do qual sua filha Ana estava apaixonada, e que era mais unitário que o próprio Lavalle. Os sócios populares, surpreenderam-no no Bajo, em plena fuga para Montevideo, tinham-no ferido gravemente de um disparo.

Aquela vez, um amigo, Martín de Uturralde, conseguiu salvá-lo do confronto. Mas Joaquín perdia muito sangue e Martín não conseguia estancar a ferida. Levá-lo para sua casa equivalia a condená-lo; os mazorqueros estariam rodeando-a a qualquer momento, dispostos a saltar-lhe em cima. E como ele também estava pontuado de unitário e sua mansão era assediada diariamente pelos soldados de Rosas, Martín não atinou a outra coisa que a levá-lo a casa de sua prometida, Ana Malone.

Sean não queria comprometer-se, mas os rogos e o pranto de sua filha puderam com ele. Joaquín permaneceu em sua residência da Rua Larga até que morreu. Tinha perdido muito sangue, a ferida estava muito infectada e não se atreviam a chamar um médico: isso os teria convertido imediatamente em

suspeitos. Embora tivessem ocultado Joaquín em uma zona pouco visitada da casa e a servidão fosse da maior confiança, havia duas negras que teriam ido correndo avisar a Rosas que seu patrão tinha escondido um unitário.

Foram dias muito duro para todos; não só deviam ocultar o prometido de Ana, mas também suas próprias emoções. As meninas, Fiona e Imelda, permaneceram alheias aos horrores que aconteciam dentro e fora da casa, obrigando que os adultos fizessem um esforço sobre-humano para lhes ocultar a realidade. Ana chorava pelos cantos e Joaquín tinha que morder o punho para não gritar de dor. Sua morte deixou na família Malone uma amargura que demoraria anos em apagar-se. Ana nunca o esqueceu. Não voltou a permitir a proximidade de nenhum moço, e consagrou sua vida aos cuidados de suas duas sobrinhas.

Depois da morte de Joaquín, algo mudou em Sean. Sem definir-se politicamente por nenhum lado, tomou aberta participação nas fugas de seus amigos unitários. Qualquer recurso era válido se a vida de alguém corria perigo e pudesse facilitar uma fuga do país. Malone se fez famoso pela ajuda que prestava aos inimigos de Rosas e logo a Mazorca ouviu rumores sobre ele. Entretanto, conduziu-se com tanta habilidade que jamais puderam apanhá-lo. Nem mesmo as duas servas negras, devotas do governador, puderam achar um dado certo que o compromettesse.

Rosas se comia pelos cotovelos de fúria. *"Esse velho irlandês de merda algum dia vai me pagar por isso."* Mas o governador não era tolo e conhecia muito bem o poder de Malone dentro da Confederação. Era dono das propriedades mais ricas do Rio da Prata e amigo do ministro Mandeville, representante de Buenos Aires na Inglaterra. Além disso, mantinha contatos muito fortes com os franceses. Para pior, sua filha Tricia estava comprometida com um comerciante inglês tão poderoso que a rainha Vitória o tinha renomado "Sir". Os peões de seus campos se contavam por centenas e o adoravam por sobre qualquer causa política. Se quisesse, o irlandês poderia despertar uma grande revolta por parte da população rural contra Rosas.

Não, tinha que ir com cuidado. Se enfurecesse Malone, podia provocar uma catástrofe.

"Algum dia, algum dia", repetia o governador, golpeando a mão com o punho.

Quando Rosas afrouxou seu caloroso abraço deixou Malone meio aturdido, que se afastou para que o governador saudasse sua esposa.

Naquele momento, Juan Cruz acreditou conveniente irromper na cena.

— Dom Juan Manuel, pensei que já não viria! — exclamou.

— Ah, filho, Manuelita me enlouqueceu toda a manhã me recordando de suas bodas! Já sabe como é esta menina contigo — replicou Rosas, desviando o olhar ao rosto carmesim de sua filha.

— Ah, ratinho, como está? — comentou a jovem, acostumada às saídas imprevisíveis de seu pai.

As apresentações e saudações duraram muito tempo. Em todo esse tempo, Fiona não se moveu do lugar que seu avô a tinha deixado, ao lado da poltrona, calada, enquanto observava a cena. Começava a vislumbrar o verdadeiro poder do homem com quem se casou. Sentiu que a pele se arrepiava. Que Rosas se dignou a aparecer essa manhã na casa de seu avô para saudar Juan Cruz destacou o imenso amor que sentia por ele. E ao mesmo tempo, que o carinho e a apreço de Rosas valiam mais que qualquer outra coisa.

Quando viu que o Brigadeiro Rosas e sua filha se aproximavam dela, engoliu saliva. Acaso tinha esperado passar despercebida e que não a saudassem? Se essa ilusão tinha passado por sua cabeça, desvaneceu-se apenas em o governador tomar sua mão e beijar a ponta dos seus dedos sem tirar seus olhos dos dela, que a essa altura já era incapaz de dissimular seu terror.

Rosas era realmente um homem muito bonito, alto, e de corpo hercúleo e fascinante. De pele branca e bochechas rosadas, suas grandes pálpebras emolduravam o azul escuro de seus olhos; sua boca era só uma linha purpúrea sob o nariz fino e reto, sua ampla testa terminava em um denso e suave cabelo castanho com alguns cachos nas pontas. Fiona decidiu que o nariz e os olhos eram as partes que melhor definiam o caráter desse homem. Os olhos, pequenos, não permitiam imaginar o que ele estava pensando; e o nariz, reto e alargado, outorgava-lhe um ar autoritário, imperioso, que dava medo e desprezo. Ela o tinha visto fugazmente em algum ato público, ou um dia que escapuliu com Camila para o candombe^[37] dos Domingos, mas fazia muito tempo isso. Em seguida, elas eram apenas meninas.

Camila era amiga de Manuelita; sempre ia às tertúlias de Palermo e, às vezes, a filha de Rosas a mandava chamar só para conversar. Apesar de todo seu entorno, Manuelita era uma moça sensível que gostava de pessoas como ela, romântica e com sentimentos bondosos, algo em falta em sua casa. Por isso, Fiona sentia simpatia pela jovem, embora jamais tivessem trocado uma palavra.

Juan Cruz se ocupou de apresentá-los, e logo depois dos beijos de rigor,

assumiu a liderança na conversa. Suas piadas, que fizeram rir Manuelita, só conseguiram arrancar dos lábios apertados de Fiona um sorriso falso e afetado. Mas a filha do governador pareceu não notá-lo.

O maestro Favero, o professor de piano de Fiona, tinha dado como presente de bodas a sua melhor aluna tocar com sua orquestra algumas valsas para ela e o noivo; quando começou a tocar os acordes, Juan Cruz tomou a estreita cintura de sua esposa e se encaminhou com ela para o setor da mansão, que se improvisara uma pequena pista de baile. Fiona era quase arrastada, mal movia os pés; dura e ereta como uma vara, a repentina e inesperada intimidade das mãos de seu marido a tinham colocado extremamente nervosa. Os dedos de de Silva, calosos e grandes, entrelaçaram-se com os da jovem, pequenos e suaves. Juan Cruz apoiou sua mão na curva mais elevada e excitante da cintura dela e, com a mestria de um cavalheiro, começou a levá-la ao ritmo da valsa através da galeria principal.

Os convidados e os proprietários do imóvel se reuniram em torno do casal. Logo se somaram novos casais à pista e dentro de momentos não havia espaço para mais ninguém.

Juan Cruz tinha o olhar cravado no rosto de sua esposa. Pensou que essa era a primeira vez que dançavam juntos e não pôde evitar sorrir ao recordar a única ocasião em que tinha pedido uma dança. *"Antes prefiro estar morta."* A voz de sua esposa chegava agora como a lembrança de um passado que, apesar de ser recente, parecia-lhe tão longe quanto sua infância em "Los Cerrillos". De Silva tinha certeza de que naquela noite Fiona o tinha visto fodendo com Clelia. Como explicar, então, semelhante resposta a um simples convite para dançar? De todos os modos, era algo que não lhe importava o mínimo; Clelia só tinha sido uma de muitas.

Fiona, no entanto, evitava os olhos de Juan Cruz. Não os suportava; pareciam despi-la com o olhar. Ela também recordava aquela noite na casa de Misia Mercedes e não pôde evitar um estremecimento. Nesse momento percebeu que a mão de seu marido agarrou-se mais firmemente sobre a dela e seu rosto ficou mais perto. Uma deliciosa fragrância encheu seus sentidos, mais perturbados e confusos do que nunca. Enquanto isso, seus pés seguiam o ritmo dos passos destros de de Silva, que a guiava como uma pluma na sua mão; por momentos,

quando um acorde mais pronunciado convidava ao dançarino a fazê-la girar entre seus braços para tomá-la com mais vigor e foga que antes, sua cabeça parecia dar voltas. Sentia que devia agarrar-se ao corpo de Juan Cruz porque seus pés falhavam; o remédio era pior que a enfermidade: o homem respondia com mais ardor.

Salvou-a seu avô. Pediu a de Silva a próxima peça e o noivo aceitou com desagrado.

Enquanto dançavam. Sean Malone, extasiado e orgulhoso, olhou-a sem esboçar o menor comentário. Que menina especial era essa! Por quê? Não sabia. Talvez fosse sua beleza insuperável. Não, não era só isso. Sua inteligência. Talvez, mas havia algo mais nela que a fazia singular. Fiona era sua neta adorada, sua alma gêmea. Ninguém o conhecia como ela, nem sequer Brigid, depois de tantos anos juntos.

Apesar de que Fiona já não viveria sob seu teto, Sean estava contente de que se casasse com de Silva. Não podia queixar-se; o homem era educado, apresentável e muito rico. Asseguraria a sua neta a vida cômoda a que estava habituada. Além disso, era o único que ela tinha aceito.

Malone não se importava muito com o fato de que Juan Cruz fosse um bastardo. Alguém podia culpá-lo por isso? Em vez disso, de Silva tinha mostrado sua dignidade abrindo seu caminho em meio de um mundo antagônico que o condenava sem misericórdia, até chegar a ser o que era agora: um homem importante, refinado e agradável.

Além disso, Fiona de Malone precisava de alguém como ele, de caráter, com convicções firmes e espírito corajoso. Talvez tivesse sido muito brando com sua neta, talvez a tivesse estragado com suas ideias românticas e utópicas. Mas quando a menina chegou a sua vida, ele já estava velho e com a guarda baixa. Como poderia ser duro e restrito com uma doçura como ela?

Enquanto isso, a jovem parecia apaixonada. Isso era seguro; se não, ela nunca teria consentido em casar-se com de Silva. E embora a visse nervosa e consternada, tranquilizou-se pensando que não tinha conhecido nunca uma noiva que não estivesse assim o dia de suas bodas.

Tampouco lhe incomodava que Juan Cruz de Silva fosse o protegido de Rosas. Primeiro, porque o moço, embora fosse federal, não parecia do tipo exacerbado e fanático. Segundo, porque ele jamais tinha considerado que Dom Juan Manuel fosse seu inimigo. Sean não era nem unitário, nem federal. Anos atrás, o destino o tinha posto em uma encruzilhada e ele tinha tomado uma

decisão: colaborar com seus amigos unitários. De todas as formas, sabia muito bem que estes, tampouco, eram os bons da história. Ou acaso não tinha sido um general unitário, Lavalle, que tinha mandado fuzilar o seu amigo mais íntimo, o coronel Dorrego? Não, ninguém se salvava, todos eram pecadores, todos tinham culpa; a guerra tinha sido suja e ninguém saiu sem mácula.

Mesmo em algumas questões-chave, dava razão aos federais. Agora o destino lhe oferecia uma nova oportunidade: demonstrar que ele não guardava ressentimentos por ninguém, e que só desejava viver em paz. Não queria se sentir como uma sombra à espreita do olhar dos rosistas,[38] nem pensar que sua família corria riscos por suas aventuras na época das lutas civis. Que melhor forma de obter isto que entregar em matrimônio a sua neta mais querida a um homem como de Silva, a mão direita do caudilho da Federação?

Afinal, Rosas sempre tinha sido simpático com ele; um pouco autoritário e grialhão, sim, mas agradável ao fim, e além disso cheio de brios e ideias. Recordava-o em seus anos de moços, com vários quilos a menos e mais cabelo no topete. Uma briga com sua mãe, uma mulher nada fácil de conviver, lançou o jovem Juan Manuel ao mundo; só e sem dinheiro. Começou por baixo, sem a ajuda de ninguém, e logo chegou a ser dono de várias fazendas em Buenos Aires. Eram vizinhos em várias propriedades e, mais de uma vez, Rosas tinha pedido conselhos a Sean, já um velho experiente em artes rurais.

"É incrível as voltas que dá a vida", pensou Sean, sem deixar de sorrir para sua neta.

As valsas deixaram de soar e tudo estava acabado. Os primeiros em partirem foi Dom Juan Manuel e sua filha, saudaram cordialmente aos noivos. Juan Cruz acompanhou o governador até a porta, enquanto Manuelita rogava a Fiona que a visitasse em São Benito de Palermo, e lhe assegurava que agora, que eram quase como irmãs, desejava como nunca sua amizade.

— Porque como deve saber, Fiona, que Cruz é para meu pai como um filho, de modo que, para mim, é como um irmão muito querido.

Fiona não soube o que responder ante um comentário tão sincero; nesses dias, toda sua vida era uma mentira. Não soube, nem pôde dizer nada; qualquer coisa teria soado falso e desajeitado para Manuelita de Rosas e Ezcurra.

E com eles foram desaparecendo acordes da música, o burburinho dos convidados, o falatório controlado dos servos na cozinha, o som do choque das taças de cristal, Fiona compreendeu do que tinha estado fugindo durante todo esse tempo: que deveria partir de seu lar, do lar de seus avós, seus seres mais

queridos e adorados, para dirigir-se à propriedade de um homem que, embora todos, a Igreja e a sociedade portenha, chamavam de seu marido, para ela não era mais que um estranho.

— Nem pense em mencionar isso, Fiona de Malone! — Maria parecia furiosa desta vez. — Será que tudo isso a perturbou, menina?

— Suplico-lhe, não me deixe sozinha com ele.

— Mas, você não percebe que ele é seu marido e que terá que passar seus dias a seu lado?

A criada a olhou direto nos olhos, contendo o fôlego por uns instantes. Depois, suspirou, e baixando o olhar, cedeu.

— Está bem.

Fiona correu para seus braços.

— Basta, Fiona! Você se parece com um filhote de cachorro, basta!

— Obrigada, Maria, obrigada.

A reação da Fiona tinha sido tão infantil que Maria não pôde esgrimir uma careta de desgosto. Iria com os recém-casados na carruagem, sim, já que não tinha tido força suficiente para negar-se. Não a deixaria a sós com seu marido até que chegassem à propriedade. E depois o que? Ela tinha arrepios só de pensar que Fiona não se demorasse muito em entrar em razão.

Saíram todos à rua. Três volantas esperavam diante da porta. Os baús com a roupa e o enxoval de Fiona já tinham sido carregados na carruagem. Seu cavalo baio, amarrado a carruagem principal, corcoveava impaciente, enquanto Maria e Eliseo esperavam a partida junto com sua ama; Fiona jamais teria consentido que seus dois servos não fossem viver com ela na casa de de Silva. Ninguém, nem sequer de Silva, tratou de interpor uma desculpa para impedi-los; todos sabiam o afeto que a jovem tinha pelos dois e o respeito e idolatria que eles lhe professavam. Sean Malone jamais se oporia: sabia que ninguém a protegeria melhor que essas duas pessoas.

A despedida foi rápida, em um intento de dar fim ao que parecia ser uma tortura para os membros da casa Malone. Fiona se pendurou no pescoço de seu avô e tratou de não derramar nenhuma lágrima. Por sua parte, o irlandês tentou manter-se incólume e não demonstrar que sua alma se rasgava. Quando conseguiu separar-se dele, só lhe acariciou torpemente a maçã do rosto, instando-a a partir.

William permanecia a um lado. Finalmente, aproximou-se de sua filha e lhe murmurou algo com medo.

— Não se atreva a me dirigir a palavra nunca mais — murmurou Fiona, com os dentes apertados, quase sem separar os lábios. Depois de perfurar o olhar de seu pai, girou sobre si, e ordenou com voz firme: — Maria, vamos agora, por favor.

Capítulo 4

A mandíbula de Juan Cruz caiu por um breve instante ao observar que Maria subia de um salto à carruagem em que só ele e Fiona deveriam viajar. Com a mão ainda na portinhola, Juan Cruz olhou para dentro em busca de uma explicação, mas a serva manteve a vista baixa. Fiona, por sua parte, olhava para o outro guichê, parecia contemplar com atenção o rio, que dali se divisava claramente.

Finalmente, e sem obter qualquer esclarecimento, Juan Cruz entrou na carruagem.

Ele não entendia muito bem qual era o feitiço que emanava dessa mulher capaz de transformar sua irritação — que em outra ocasião não teria demorado a aflorar — no sorriso de perplexidade que agora se desenhava em seus lábios. Talvez fosse sua constante arrogância o que obtinha o milagre; talvez fosse esse gesto valente que a fazia mais bela ainda. Ou possivelmente suas respostas encorajadas e bem elaboradas. Ou o brilho de seus olhos, sempre atentos e inteligentes. De algo não tinha dúvidas: por muito menos teria feito açoiar ao que se atrevesse a desafiá-lo assim.

Eles dirigiram pela Rua Larga de Barracos e, ao chegar a la Gochabamba, dirigiram-se para o Baixo. Ali, rodeando o rio, encaminharam-se para a mansão que Juan Cruz tinha terminado de construir recentemente em meio de uma de suas propriedades mais prósperas, A Candelária, na paragem chamada Los Olivos, a três léguas da cidade. A viagem levaria algumas horas.

Juan Cruz se inclinou para fora da janela e observou o rio com irritação onde se projetava as sombras escuras das nuvens. O céu se converteu em uma massa espessa de cores cinza e marrons. Um momento depois, voltou o rosto ao interior da volanta.

Fiona, sentada de frente a ele e ao lado de sua criada, tinha tomado um livro de capa vermelha de sua pequena bolsa de couro e lia atentamente, com uma expressão de paz e serenidade que para Juan Cruz era toda uma novidade. E como tinha esperado uma cena de pranto e recriminações com o movimento da viagem, a estóica atitude de sua esposa o surpreendeu.

O rosto de sua esposa desprendia uma aura de brancura que se projetava

desde sua pele como se estivesse acetinada e uma luz própria que a fazia brilhar. Seus lábios grossos eram desejáveis; em vermelho carmesim e sua umidade natural os faziam mais apetecíveis ainda. O nariz era diminuto e reto, e suas fossas nasais tão pequenas que lhe custou imaginar como conseguia respirar por ali. Suas maçãs do rosto se elevavam femininamente e sua leve tonalidade rosada parecia a de um bebê. Sentiu um desejo irrefreável de roçá-las; sabia que seria como acariciar uma nuvem de algodão. Estremeceu sobre o veludo cotelê do assento e sua respiração se acelerou; nenhuma das duas mulheres pareceu notar, embora, por um instante, sua esposa elevou os olhos por sobre a leitura e vislumbrou a paisagem. Depois, Fiona voltou à vista ao livro, e a congelou uma vez mais sobre suas páginas.

Foi um momento fugaz, mas a imensidão de seus olhos se projetou sobre a pupila de Juan Cruz, e se gravou em sua mente para sempre. Sua forma rasgada para cima, suas pestanas longas e espessas, delicadamente arqueadas, a cor azul profunda da íris, esse delineado natural que lhe concedia certo ar ameaçador. Seus olhos outorgavam a Fiona uma veia de fera que o resto de suas feições tratava de desmentir.

Um relâmpago iluminou o interior da volanta, uma luz forte e esbranquiçada que se projetou sobre os rostos dos viajantes. Segundos depois, pareceu que a cidade inteira se sacudia com o trovão.

Maria deixou o tecido que segurava e Fiona levantou novamente o olhar do livro, entretanto Juan Cruz não afastava o seu do dela.

— O que você lê? — sua voz grossa quebrou o silêncio.

Maria deixou de tecer, mas não afastou a vista das agulhas. Fiona permaneceu calada uns instantes, com o rosto ainda submerso no livro. Finalmente, levantou o olhar e arqueou suas sobrancelhas.

— Hamlet — sussurrou, embora seu gesto dizia a gritos: "O que lhe importa?".

Fiona voltou para seu livro. Seu marido, em troca, parecia cansado de tanto silêncio.

— Hamlet, de Shakespeare! Genial como poucos! Você não acha, Fiona?

Sabia que a estava incomodando com seus comentários, mas esse jogo, ele estava começando a gostar.

— Você já leu?

O tom petulante de sua esposa não pareceu importuná-lo; justamente ao contrário, instou-o a continuar com o enredo no qual ambos se colocaram.

— Eu li toda a obra de Shakespeare, Fiona.

Depois de lançar esse comentário como um tiro inesperado, esperou sua reação. A jovem permaneceu calada, evidentemente surpreendida, embora em seguida trocou esse gesto sincero por um mais estudado. Depois, voltou a inundar-se na leitura.

— Você leu Macbeth, querida?

— Não.

— O encontrará em minha biblioteca. Não só tenho as tragédias e as comédias. Também os sonetos.

Sabia que com isso colocaria a isca no anzol. Mercedes de Sáenz lhe tinha falado da paixão da Fiona pela leitura, e como por esses dias metade dos livros estavam proscritos e a outra metade não era fácil de encontrar, uma fonte de boa literatura significava que seu possuidor era, no melhor dos casos, um afortunado e no pior, decididamente um audaz.

— Você tem uma biblioteca, senhor?

— Sim; e completa. Poderá pegar o livro que goste.

Juan Cruz estava feliz. Finalmente tinha ganhado uma batalha, finalmente tinha encontrado algo com que atraí-la. Porque, definitivamente, Fiona era a primeira mulher que se negava a seus encantos. Famoso pela impetuosidade de seu membro viril entre as mulheres de má reputação e requinte de suas maneiras entre as da alta sociedade, nunca tinha tido que suportar o desprezo de alguma do sexo oposto. Pelo menos, não, até que ele conheceu Fiona.

— Que outros livros tem, senhor?

Fiona parecia em paz, mas seu tom seguia sendo sério e formal, — Tenho todos — respondeu Juan Cruz.

Estirou o braço para alcançar o livro, que descansava no colo de sua esposa. Fiona estremeceu ao sentir a mão dele sobre sua saia. Maria levantou os olhos da malha pela primeira vez; fixou-os no casal de Silva e conteve a respiração. Juan Cruz demorou seus dedos sobre Fiona mais do que necessário e sentiu uma estranha sensação de prazer ao fazê-lo. Finalmente, tomou o livro. A jovem tratou de arrebatá-lo por um instante, mas logo o deixou pegar.

— Humm! Em inglês... — comentou, enquanto o folheava.

Fiona sentiu que o fulminava com o olhar. Seus olhos não tinham perdido ainda esse caráter turvo que tanto a atemorizava.

— Sim. Tia Tricia me enviou de Londres.

Juan Cruz sorriu com um gesto que incomodou Fiona; não podia discernir se

era de divertimento ou zombaria. A moça se preparou mais uma vez para a batalha que parecia ter abandonado momentos atrás. Seu marido percebeu isso imediatamente, e esticando o braço, devolveu-lhe o livro. Fiona o arrebatou da sua mão. Sem adicionar nada mais, abriu-o e continuou com a leitura.

Se tivesse estado sozinho, ele teria ignorado a tempestade que se aproximava. Mas sua solidão tinha terminado, e devia pensar na segurança da mulher que viajava junto a ele. A estrada contornava o rio aberto e eram comuns tempestades que arrasavam tudo, inclusive carretas ou carruagens que percorriam a região.

Juan Cruz golpeou o teto da volanta com a ponta de metal de sua bengala. A carruagem se deteve, e todos em seu interior sentiram como se balançou quando o corpo maciço e pesado de Eliseo abandonou a boleia, atendendo ao chamado de seu novo amo. Junto a ele, o rosto jovem do laçao, que trazia na mão uma espingarda.

— Eliseo, diga aos outros que não continuaremos a viagem. Faremos uma parada para a noite na estalagem dos Fleitas — ordenou Juan Cruz.

— Sim, senhor — respondeu Eliseo, e imediatamente, com um gesto, mandou o moço cumprir a ordem.

Agora que as rodas se detiveram, o silêncio no interior da volanta se fez mais insondável. Fiona seguia lendo. Maria tecia a um ritmo frenético, e o leve choque metálico das agulhas era o único som que enchia o lugar. Juan Cruz, absorto, mantinha seu olhar naquela mulher que teimava em rechaçá-lo com uma indiferença que estava começando a parecer incomoda. Agora desejava seus ataques, suas palavras duras e dolorosas, seu olhar frio e depreciativo; algo seria melhor que essa mortal indiferença.

Depois de retomar a marcha, as carruagens se desviaram para a esquerda e tomaram um atalho que os conduziria mais rapidamente à estalagem. Já era quase noite: as nuvens espessas a ponto de estourar tinham precipitado o crepúsculo. As primeiras gotas, grossas e pesadas, repicaram sobre o teto. A brisa fria que invadiu o interior da volanta e uma gota que lhe salpicou a pele trouxeram Fiona novamente à realidade. De repente, seu corpo se ergueu, suas mãos se apoiaram na janela e olhou espantada para a paisagem escura que se desenhava fora.

— Quero que Eliseo entre aqui, conosco. Não deve molhar-se — opinou quando compreendeu que logo a chuva aumentaria.

Juan Cruz a olhou atordoado; um segundo depois, seu semblante pareceu escurecer-se. O arranque de fúria que o atravessou como uma corrente galvânica,

sacudiu seus hábitos autoritários adormecidos.

— De maneira nenhuma — foi à resposta. Seu tom era sério; tinha abandonado o gesto zombador e já não parecia estar brincando com ela.

— Ou detém a carruagem ou eu o faço.

Fiona tinha se estremecido de medo ante a nova atitude de seu marido, mas seu orgulho não lhe permitia ceder. Maria guardou a malha na bolsa e se aconchegou em um canto; com as mãos entrelaçadas, parecia rezar, morta de medo.

Juan Cruz, por sua parte, ficou paralisado. Sentia que a raiva esquentava suas bochechas e que a jugular começava a se sobressair no pescoço. O que estava acontecendo? Era para tanto? Embora não acostumassem ter considerações com seus servidores, a proposta de Fiona não era tão descabelada; afinal, Eliseo já era um ancião. Então, por que de repente essa raiva tão profunda? Um pensamento penetrou de repente em sua mente e o enfureceu: perguntou-se o que aconteceria se o cocheiro fosse ele; com certeza, Fiona nem se alteraria. Sentiu ciúmes de Eliseo, terrível, infantil e intratável ciúmes. E isso o pôs pior ainda porque nunca tinha experimentado uma sensação semelhante. Seus negros da Candelária, suas amantes, seus amigos, seus servos, todos se prostravam a seus pés, ele era o centro do universo. Mas aquela jovem, doze anos mais nova que ele, tinha conseguido pô-lo em carne viva, sem máscaras, sem sua couraça. Tinha conseguido lhe arrancar um sentimento que, por novo e desconhecido, estava-o enlouquecendo.

— Nem se atreva a deter a volanta. Devemos chegar o quanto antes e depois...

Fiona não o deixou terminar. Ficou de pé, e bateu com fúria no teto com seus nódulos. Eliseo não teria podido escutar; nesse instante, um estrondo encheu os ouvidos de todos. Então, Juan Cruz a tomou fortemente pelo braço e, atraindo-a, murmurou perto dos seus lábios: — Já me cansou, moça caprichosa. Tentei ter paciência, mas seus melindres e malcriações de criança pequena me levaram ao limite. Ou permanece em seu lugar ou te darei uma surra que jamais esquecerá.

Finalmente Fiona compreendeu por que o chamavam "o diabo": a fúria cinzelava em seu rosto aprofundando as rugas que deformaram sua cara até convertê-lo no de uma criatura monstruosa. O medo a paralisou. Era a primeira vez que alguém a tratava assim. Nem sequer seu pai nunca se atreveu a isso.

Embora Maria a atraísse para si, em um primeiro momento de Silva não quis largá-la. Depois, com um gesto de profundo desprezo, soltou-a bruscamente, e

ato seguido se sentou com todas suas forças contra o respaldo do assento. Finalmente, deixou escapar um grande fôlego que fez tremer às duas mulheres.

Durante o resto da viagem, Fiona permaneceu enrolada no colo de Maria. Ela manteve os olhos para baixo e não tinha vontade de ler. O olhar e o rosto enfurecido de seu marido a tinham perturbado. Uma angustiosa desesperança a inundava; sabia que dentro de algumas horas estariam na casa de de Silva, em seu território, no qual ele era amo e senhor. Não teria escapatória. Afogou um lamento e fechou os olhos para que as lágrimas não escapassem tão facilmente; não queria humilhar-se ainda mais na frente dele.

Recolheu os pés sob a saia para acomodá-los entre sua barbatana do corset e o assento, tal como a noite em que de Silva a resgatou da morte. A lembrança a encheu de ansiedade; não podia esquecer que tinha salvado sua vida. E naquela mesma noite em casa de Misia Mercedes tinha conseguido impactá-la. Seu andar sereno, seu cabelo negro, comprido e liso, bifurcado ao meio por obra de um redemoinho que insistia em partir suas mechas em duas, outorgavam-lhe um ar muito especial.

Chegaram à estalagem. A chuva descarregava todo seu ímpeto sobre a terra, que se tornou lamacenta e escorregadia.

A carruagem se deteve e de Silva desceu com agilidade. Fora, ele envolveu-se em seu manto e se encaminhou à hospedaria, não sem antes dar instruções aos cocheiros. Fiona e Maria permaneceram caladas; acostumadas ao silêncio que reinava, era-lhes difícil quebrá-lo com o som de suas vozes. De repente, Eliseo, empapado, enfiou a cabeça através da abertura da carruagem.

— Vamos, minha menina. O patrão me pediu que as fizesse entrar.

Fiona olhou para fora e divisou, entre a espessa cortina de água, uma casa de tijolo cru com teto de palha que se parecia mais a uma mercearia que a uma estalagem. Suas janelas, localizadas a ambos os lados da porta, deixavam entrever as chamas trepidantes das velas que ardiam no interior. Engoliu saliva e suspirou. Só desejava uma cama confortável; estava exausta.

Quase arrastada através da chuva e do vento pelos fortes braços de Eliseo, Fiona entrou no lugar aos tropeços. Retirou de sua cabeça o capuz e enxugou algumas gotas que rolavam por seus olhos. Olhou a seu redor; o panorama era desolador.

A tormenta tinha afugentado todos os clientes as suas casas; o salão estava completamente vazio. Divisou Juan Cruz apoiado sobre o balcão, conversando com o dono da loja. Ao ouvi-los entrarem, de Silva voltou e, com ar hierático,

cravou-lhe o olhar por alguns instantes; só um momento fugaz, mas suficiente para atormentá-la mais ainda.

A esposa do hospedeiro apareceu por uma cortina que se pendurava de uma abertura à direita do salão.

— Por favor, senhora, aproxime-se do tripé. Aqui está mais quente. Ah, mas está empapada! — comentou a mulher ao tomar entre suas mãos a capa de Fiona.

— Obrigada, senhora, mas ela e eu não estamos tão molhadas. É ele o que está completamente ensopado.

Fiona tomou Eliseo pelo braço e, virtualmente, arrastou-o até o fogo.

— Seria amável de conseguir um pouco de roupa seca? Eu lhe pagarei...

Não pôde terminar; uma aguda dor no braço a deteve. Juan Cruz cravara seus dedos nela e atraíra com força seu rosto para o dele; desta vez o tom foi mais cauteloso do que antes.

— Fiona, eu vou organizar a nossa noite aqui.

"Desautorize-me uma vez mais na frente a meus servos e estes pousadeiros e te estrangulo"; pelo menos, isso foi o que a jovem interpretou.

Ela e Maria ocupariam um dos dois quartos que tinham na estalagem, explicou Juan Cruz. No outro ele se hospedaria. Os três cocheiros e os jovens lacaios se acomodariam no celeiro.

— Não... — murmurou Fiona ao pensar que Eliseo, molhado como estava, passaria a noite sobre um catre de palha, quase à intempérie. De Silva, ao escutar o murmúrio de sua voz, girou sobre si, desafiando-a com o olhar. Fiona baixou os olhos, curvada.

Comeram algo em uma das mesas do salão. Maria, sem que ninguém indicasse, foi sentar-se junto de Eliseo e dos moços. Fiona ficou, pela primeira vez, a sós com seu marido.

Apesar de que não tinha provado um só bocado em todo o dia, a jovem brincou com a comida que acabaram de servir e não levou um só bocado à boca. Juan Cruz, em troca, devorou com avidez o guisado, quase sem levantar a vista do prato.

— Deveria comer; está muito magra — comentou de Silva.

Fiona o olhou furiosa. Ao notá-lo outra vez afável e com esse tom mordaz, seu caráter impulsivo ressurgiu.

— Não acredito que deve se importar com minha anatomia, senhor — disse, com os dentes apertados.

Juan Cruz começou a sorrir suavemente.

— Oh, sim que me interessa. — Ele inclinou-se para trás na cadeira, como procurando o melhor ângulo, e se entregou a olhar para Fiona com descaramento. Depois, continuou: — Embora tenha que confessar que a mãe natureza te esculpiu mais que harmoniosamente. Tem as curvas necessárias, e onde devem tê-las.

Seus olhos se cravaram no pronunciado decote da jovem.

— Não seja insolente, maldito depravado! — Bramou Fiona com o rosto vermelho. Levantou-se da mesa de um salto, cobrindo ao mesmo tempo o peito com as mãos.

— Maria, por favor, vamos nos recolher.

Momentos mais tarde, Juan Cruz entrou no quarto sem chamar. Fiona se levantou como propulsada da borda do leito e Maria deu um passo atrás, levando a escova de marfim à boca.

— Nos deixe a sós.

Fiona observou irritada como Maria mansamente saía pela porta, com a cabeça encurvada e a escova ainda sobre os lábios. Furiosa, descobriu que naquele lugar não havia nada apropriado para lhe arrojear a cabeça.

— Sua educação deixa muito que desejar, meu senhor. Não lhe ensinaram que deve bater na porta antes de entrar no quarto de uma dama?

Juan Cruz sorriu, enquanto dava uma olhada nela dos pés a cabeça. O cabelo solto caía sobre suas costas e os seios, cobertos agora por uma bata de lã que se aderiu a seu contorno. Diminuiu os passos que o separavam de sua esposa. Já perto dela, permaneceu quieto alguns instantes, inspirando a fragrância de sua pele. Agora seus olhos percorriam cada centímetro do rosto dela, de seu pescoço, de seus seios. Tomou em suas mãos uma mecha de cabelo tão longo que quase roçava os quadris da jovem. O levou ao nariz e absorveu seu perfume, fechando os olhos quando o aroma o alagou. De Silva ardia de desejo. Quando a soltou, a juba caiu pesadamente.

Fiona estava alterada. Não podia falar, nem brigar; sentia que as forças a tinham abandonado, e uma estranha sensação de comichão lhe percorria o corpo.

— Realmente acha que devo bater na porta do quarto de minha esposa?

Ela não soube o que responder.

— O que necessita, senhor de Silva? — sussurrou.

Baixou o rosto, dando um passo atrás. Juan Cruz lhe levantou a cabeça

roçando apenas seu queixo com os dedos. Os cachos que emolduravam o rosto da jovem pareciam dançar ao ritmo do brilho da vela de sebo, que acentuava ainda mais o tom avermelhado de seu cabelo. Por momentos o tornava quase de um carmim perolado, e logo seu matiz trocava do mais intenso ao mais suave, ao compasso do movimento contínuo da chama.

— O que necessita? — voltou a perguntar Fiona com a voz por um fio.

— O que necessito, pergunta? — De Silva sorriu outra vez. — Só queria te avisar que amanhã, logo que amanheça, sairemos para a fazenda. Desejo que para essa hora estejam preparadas; não quero perder um só minuto.

Deu meia volta e abandonou o quarto. Quando Fiona atinou a reagir, de Silva já tinha deixado o quarto.

Capítulo 5

Juan Cruz fechou os olhos. Não desejava cochilar: precisava pensar. Fiona, sentada frente a ele na volanta, continuava lendo seu livro de capa vermelha, embora soubesse que há meia hora seu olhar se perdia na mesma página.

Casou-se com ela porque queria unir-se a uma mulher de linhagem que lhe tirasse o último vestígio de arrivista. O dinheiro tinha feito muito. Sua estreita relação de mais de vinte anos com Rosas tinha feito outro tanto. De todas as maneiras, ele sabia que as pessoas de ascendência o olhavam com desprezo e arrogância por sua origem incerta, por ser um bastardo. Às vezes desejava gritar aos quatro ventos sua verdade; mas não podia, fizera uma promessa.

Não era o olhar altivo das pessoas com linhagem o que lhe incomodava; simplesmente precisava clarear seu sobrenome para que os negócios se facilitassem. Além disso, desejava um herdeiro que continuasse o que ele tinha construído.

Por isso a tinha escolhido. Ela era da mais alta sociedade portenha, seu avô era um dos fazendeiros mais reconhecidos da Federação, sua tia Tricia tinha contraído matrimônio com um famoso comerciante inglês e vivia agora em Londres. Todas essas coisas o tinham decidido.

Mas, por que insistia nesse raciocínio? Ele jamais se enganara. Por que o estava fazendo agora? Ou acaso não recordava o primeiro dia em que a viu? No átrio do Socorro, depois da missa de domingo, com seu vestido lilás claro e a manta de renda branca que lhe cobria a cabeça e emoldurava as linhas femininas mais belas que ele já tinha visto.

— Nem pense, Senhor de Silva — tinha sussurrado no seu ouvido Mercedes de Sáenz nessa ocasião. — É inalcançável.

Mercedes de Sáenz não sabia que para ele nada era inalcançável. Entretanto, devia reconhecer que por aqueles dias Fiona de Malone tinha se convertido em uma obsessão. Era difícil encontrá-la nas festas, quase nunca ia; jamais percorria a Rua da Flórida depois da missa aos domingos. O mais estranho, ainda, era achá-la no passeio da Alameda, que só aparecia em contadas ocasiões para montar seu cavalo, afastada de todos e sem dirigir um olhar ao grupo de pessoas ao redor; jamais vinha para tomar chá com Manuelita às quartas-feiras. A

obsessão o levou a averiguar a respeito de sua família. Misia Mercedes o pôs a par da calamitosa situação econômica em que se encontrava seu avô.

Entrecerrou os olhos ao escutá-la espirrar. Tinha sido um som curto, delicado, até divertido, como o de um gatinho. Observou-a limpar seu nariz com um lenço de linho e seus modos eram tão femininos que não pôde evitar que seu peito se enchesse de uma sensação de orgulho. Fiona era distinta de todas. Sua rebeldia, sua inteligência, sua liberdade, faziam-na diferente. Seus arrebatamentos e ímpetos eram definitivamente divertidos. Além disso, estava ferida porque sabia que tinha sido comprada e isso tinha jogado por terra seus sonhos românticos; já o tinha advertido Misia Mercedes quando lhe expôs seu plano.

E o que lhe importavam os sonhos românticos de uma jovem que nada entendia da vida, que sempre tinha tido tudo em bandeja de prata, que jamais tinha passada fome ou frio? Sua inflexibilidade, sua extrema severidade, inclusive sua crueldade, tinham feito merecer a de Silva o famoso mote:[39] o diabo. Mas isso tinha lhe servido muito bem. Seu mundo era diferente, o conto de fadas parecia ser bom para os filhos da cidade. Viver no meio do campo, entre gaúchos brutos, tendo que ulcerar as mãos até vê-las sangrar por nada mais que umas poucas moedas para comer, e defendendo o pouco que tinha com unhas e dentes, isso não era um conto de fadas. Manejava o facão como ninguém e era famoso por seus golpes precisos e mortais, que lhe tinham granjeado desde muito jovem o temor e o respeito dos gaúchos e índios dos pampas; seu nome tinha transpassado os confins de suas propriedades para chegar além da fronteira.

— Senhor de Silva, estamos chegando!

A voz do laçao ressonou dentro da volanta e sobressaltou às duas mulheres. Juan Cruz não demorou a sair de seu devaneio.

— Por Deus e Maria Imaculada! — exclamou Maria, com a vista cravada na paisagem.

A curiosidade carcomia Fiona, mas seu orgulho não lhe permitia inclinar-se pelo guichê. Tinha fechado o livro, que descansava agora sobre seu colo, e insistia em torcer o lenço de linho entre suas mãos.

— Maria, deixe de tanto dramalhão e entre! Não pode ter meio corpo fora da carruagem — exclamou Fiona em inglês, descarregando toda a tensão na pobre mulher. Maria, sem emitir som, acomodou-se obedientemente ao lado de sua menina. Sabia que quando sua jovem ama lhe falava nesse idioma era porque desejava que um terceiro não a compreendesse ou porque estava furiosa com ela.

Mas a imagem do que acabava de ver voltou a refletir-se em sua retina e, esquecendo a provocação de Fiona, comentou: — Oh, Fiona! Deveria vê-la, é linda. — Continuando, e sem olhar a Juan Cruz, disse: — Senhor, você tem uma casa muito bela.

— Obrigado, Maria.

Fiona queria estrangular Maria. Sentia-se traída ao vê-la tratar com tanta deferência a de Silva. E embora a fulminasse com o olhar, só obteve da mulher um gesto de descaramento que a deixou atônita.

— Talvez devesse prestar atenção a Maria. A vista da mansão se aprecia muito melhor daqui — adicionou Juan Cruz.

— Desgraçadamente para mim, senhor, terei toda a vida para apreciá-la. Por que adiantar a tortura?

O sarcasmo do comentário incomodou de Silva: entretanto não o demonstrou. Ao contrário: fixou seus olhos nela e lhe dedicou um olhar amoroso.

Maria se incomodou pela acidez das palavras de sua ama. Sabia que podia ser venenosa com as pessoas que lhe desagradavam, mas devia tratar de mudar essa atitude imatura com seu marido.

Fiona jamais tinha visto algo como aquilo. A impressão que lhe causou a mansão de Silva a deixou sem fôlego. Seu rosto deixava entrever facilmente a fascinação que a embargava.

Eliseo a ajudou a descer os degraus da carruagem. Seus olhos não podiam se afastar do palacete que se erguia frente a ela. Era majestoso, parecia à residência de algum rei europeu, uma dessas que via nos quadros que tia Trícia lhe enviava de Londres. De dois andares, muito mais elevada que os Altos dos Riglos,^[40] estava claramente dividida em alas separadas por uma construção circular que finalizava em um teto cônico com uma pequena claraboia em seu ápice, como se se tratasse de um abrigo. Na parte superior, cada uma das alas possuía várias janelas que davam a uma varanda deslocada que se comunicavam. O teto tinha a caída de duas águas, de modo que se alguém caísse para diante poderia ser visto em sua totalidade, enquanto a outra se perdia por detrás e era difícil vê-lo. O telhado era estranho; de cor negra, brilhava sob a luz do sol e se tornava por momentos de um tom azul pétreo que logo voltava a converter-se em azeviche.

Tempo depois soube que se tratava de uma rocha muito exclusiva chamada ardósia, que seu marido tinha feito trazer de pedreiras na Itália. Finalmente, e sobre a cumeeira do telhado, um corrimão o circundava de um extremo ao outro, lhe imprimindo um toque tão especial como estranho para a época. Sua soberba fachada cinza calcária possuía alguns detalhes em tijolos de terracota que rodeavam os parapeitos das janelas.

A única coisa que passou pela sua cabeça naquele momento era que jamais poderia terminar de conhecer aquele palacete que se erguia arrogante ante ela. A incrível mansão era uma prova a mais do poder e domínio de seu marido, que tinha podido construir essa magnífica casa como tomá-la em troca de algumas avultadas dívidas. Este pensamento a afogou, e uma sensação de angústia lhe oprimiu o peito.

Várias servas apareceram pela porta principal para receber o patrão e desceram solícitas as escadas de mármore até alcançar a estrada de pedregulho onde esperavam as três volantas. Algumas eram negras, outras mestiças, e todas vestiam impecáveis aventais brancos e levavam as cabeças cobertas com lenços vermelhos.

Fiona, ainda de pé perto da carruagem, divisou entre a servidão uma negra que se destacava por sua vestimenta. Um traje de seda cor de vinho com detalhes em renda marfim no decote, demonstrava que se tratava de alguém especial. Obviamente, essa era a negra que se supunha era sua mãe. Mas não podia ser verdade; os rasgos de Juan Cruz não apresentavam nem sequer um traço da raça africana que tão bem caracterizava à mulher. De lábios muito grossos, nariz largo e achatado contra o rosto, olhos um pouco inclinados, testa ampla e cabelo eriçado e negro, essa mulher não podia ser sua mãe. A divisa que a negra tinha no lado esquerdo de seu chapéu era tão vistosa que Fiona sentiu que a sua dificilmente poderia ser vista.

De Silva estava afastado, perto da primeira volanta, dando ordens aos outros cocheiros, quando seu olhar se encontrou com o de Candelária. Fiona soube naquele instante que seu marido a adorava: jamais havia visto semelhante expressão em seu rosto. Pareceu que os olhos dele se iluminavam como os de um menino frente a um doce, enquanto o cenho, sempre franzido, se suavizava. Aproximou-se a grandes pernas da mulher, que o observava séria, mas não zangada.

— Esperava-te ontem à noite — disse a negra Candelária com ar de repreensão, provocando o sorriso cúmplice de Juan Cruz, que a tomou pelos

ombros e a beijou nas bochechas.

Logo, conduziu-a onde Fiona estava e que não podia afastar seu olhar do dele. De Silva a escrutinava seriamente como lhe dizendo "se atreva a tratá-la mal e te mato".

— Candelária, apresento minha esposa, a senhora Fiona de Silva. Fiona, Candelária é como uma mãe para mim; espero que a trate com o respeito que merece.

— É um prazer, senhora.

A jovem a beijou em ambas as bochechas, tal como viu seu marido fazê-lo. Sentiu-se estranha ao conferir esse trato tão especial a uma negra; naquela época eram quase como escravos, mesmo que a Assembleia do ano XIII tivesse abolido essa prática. De todos os modos, tinha a certeza de que com de Silva a seu lado nada voltaria a ser normal.

— O prazer é meu, senhora de Silva — respondeu a mulher, sem dissimular seu desgosto.

As três primeiras noites em *A Candelária*,^[41] Fiona dormiu no sofá da sala principal. Jamais consentiria em compartilhar um quarto com de Silva; economizaria-se dessa humilhação.

De Silva, por sua parte, tampouco dava o braço a torcer e não lhe permitia ocupar um dos vários dormitórios da casa. Ou se instalava no dele ou em nenhum outro.

O matrimônio ainda não se consumara, Fiona não queria compartilhar sua cama e, o que era pior ainda, olhava-o de soslaio e com desprezo. Estava de um humor dos mil demônios e os empregados da casa eram suas vítimas. Nunca tinha sido um patrão fácil, mas o pagamento era bom, seus campos os mais famosos, e trabalhar em uma de suas propriedades ou no saladeiro era uma chave segura para qualquer outro emprego. Agora, estava definitivamente insuportável, jamais o tinham visto assim. Parecia um vulcão a ponto de entrar em erupção, incomodava-se por bobagens e, por momentos, parecia distraído. Era óbvio que se tratava de problemas com a mulher, concluíram os peões na ronda de mate, perto da fogueira, à noite.

Finalmente, na quarta manhã, Maria a acordou de seu sono desconfortável no sofá. Quando ela se levantou, ainda sonolenta e tonta, todos e cada um de seus

músculos estavam doloridos. As olheiras, cada vez mais violáceas, acentuavam-se sob seus olhos avermelhados, e o semblante pálido pela falta de dormir bem dava-lhe um aspecto fantasmagórico. Quase não tinha comido; sentia que tinha as paredes do estômago coladas, e isso lhe provocava uma espantosa sensação de languidez.

Acomodou-se na poltrona com as mãos sob a cintura e descobriu seu aspecto refletido em um espelho da sala. Quase caiu de costas. Os fios de seu cabelo ruivo estavam murchos e caídos e tinham perdido seu brilho natural. Sua bata, toda enrugada, já começava a cheirar mau. Durante esses primeiros dias mal tinha podido lavar um pouco suas partes íntimas com um trapo embebido em água de flores-de-laranja no diminuto quarto de Maria.

— Vamos, minha menina.

Quando Maria a chamava "minha menina" era porque estava sentindo pena dela.

— A negra Candelária me disse que deve se alojar em um dos quartos da ala direita — explicou sua criada.

Fiona a olhou estranhando, franzindo o cenho, enquanto arrumava as mechas de sua cabeça.

— Ela te disse isso? — Observou-a assentir em silêncio. — Pensar que eu sou a senhora da casa, e ela decide que quarto posso tomar!

— Bom, Fiona, concorde comigo que você não se comporta justamente como à senhora da casa desde que chegou.

— O que está dizendo! O que pretende? Que durma com ele? Na mesma cama?

Seu rosto refletia a profunda perturbação que tinha tomado conta dela.

— Mas Fiona! Você aceitou se casar com ele. Sabe o que um homem espera de sua esposa. Sua tia Trícia lhe explicou isso... — Maria deixou a frase em suspense.

— Tia Trícia não foi muito explícita com esse tema. Sim, algo me disse, mas... Camila tampouco sabe muito, embora pelo menos Lázaro a beijava nos lábios quando eram noivos. Eu, nem isso.

Tinha baixado os olhos e a imagem de de Silva e Clelia se apresentava agora mais nítida que nunca.

Chegaram ao início da escada de mármore, com seu imponente corrimão de ferro negro e madeira escura. Era a primeira vez que Fiona subia à parte alta; os primeiros dias tinha perambulado entre o quarto de sua criada e os salões da

planta baixa. Tinha matado o tempo lendo e escrevendo seu jornal íntimo, em inglês, pelas dúvidas.

Embora não o tinha visto virtualmente nesses dias, havia se sentido humilhada, indefesa e vulnerável frente a seu marido. Ele saía muito cedo pela manhã, minutos antes que amanhecesse; e quando retornava, já era de noite; passava como flecha para seu dormitório no primeiro andar e Candelária lhe levava algo para comer em uma bandeja.

Sabia que a servidão estaria fazendo a fofoca do ano. Não lhe importava absolutamente; o que sim lhe importava era que essa fileira de rumores chegasse aos ouvidos de sua família e seu avô se inteirasse do plano que seu filho William e de Silva tinham esboçado. Isso seria o fim.

Chegaram ao quarto; os baús com sua roupa tinham sido deixados a um lado. Não queria sequer imaginar o estado deplorável de seus vestidos depois de vários dias de fechamento; estariam mais enrugados que um fole.

Não podia negá-lo: o quarto era amplo como um salão, era deslumbrante. A cama com baldaquino era enorme, como seria para um matrimônio. "*Para um matrimônio.*" sobressaltou-se. Não seria esse, finalmente, o quarto de Silva? Correu espavorida para um dos roupeiros. Maria, assombrada, seguiu-a com o olhar. Fiona abriu uma das portas do armário e comprovou que estava vazio. Suspirou aliviada; se a roupa de Silva não estava ali era porque esse não era seu quarto. Quando Maria compreendeu a corrida de sua ama, arqueou uma de suas sobrancelhas com irritação. A seu entender, Fiona estava conduzindo mal as coisas.

— É linda, não acha, Fiona?

— Não me parece — mentiu a juvenzinha, que não podia separar os olhos das paredes forradas com um estranho papel aveludado adamascado.

— Por Deus, Fiona! Muda essa atitude, pelo teu bem e o de todos.

A serva se dirigiu para ela e, tomando-a pelos ombros, sacudiu-a levemente, como se quisesse fazê-la entrar em razão.

— O que está procurando? Que seu avô saiba toda a verdade? Isso que você quer? Porque te asseguro que isso o levará a tumba mais rápido que as dívidas dos campos.

Fiona arregalou tanto seus olhos que Maria pôde ver dentro deles.

— Isso que você quer, Fiona? É isso o que está procurando? — insistiu, encorajada ante a evidente vulnerabilidade da jovem.

— Não! Não! É óbvio que não.

A sala de banho estava ao lado do dormitório e só se podia entrar por uma porta situada na parede direita. No centro, havia uma tina de latão transbordante de água quente. O banho lhe pareceu maravilhoso; Maria o completou com essências de jasmims e lhe esfregou o pescoço e as tensionadas costas com azeites aromatizados.

Ao sair do banho, chamou-lhe a atenção uma porta de frente, localizada na parede oposta. Caminhou descalça para ali. Tentou abri-la, mas estava fechada com chave; quis olhar pelo olho da fechadura, mas algo o encobria do outro lado. Ao fim, deu-se por vencida, e, dirigindo-se à cama, pediu a Maria que acendesse o braseiro de prata que acabava de descobrir.

Afundou-se entre as almofadas e deixou que seu corpo relaxasse sobre o colchão. Sentiu que cada osso, cada músculo, cada tendão, acomodava-se novamente em seu lugar, lhe provocando uma estranha sensação, entre prazerosa e dolorosa. Dormiu mais de oito horas seguidas.

— Fiona! Acordada, vamos!

A voz de Maria parecia vir do além-túmulo. Ela ainda estava dormindo e as pálpebras lhe pesavam toneladas; não podia abri-los. Esfregou os olhos. Como na distância, escutava os passos pressurosos de sua serva.

Tratou de localizar a janela de seu quarto: não a encontrou. Tateou com a mão, procurando o lenço em sua mesa de noite, mas a cama parecia não ter fim. Por último, olhou para cima para localizar o candelabro de Caireles que tanto gostava; só descobriu o teto do dossel coberto por uma fina cortina de musselina branca.

— Onde estou?

Embora soubesse que não estava no dormitório da casa de seu avô a não ser na de Silva, precisava perguntar.

— Encontra-se em casa de seu marido, o senhor Dom Juan Cruz de Silva, recorda-se? — replicou Maria, seguindo seu jogo.

Finalmente, Fiona se levantou. Sentia uma dor muscular nas costas e a cabeça lhe pesava. Em meio de seu embotamento atinou em reconhecer Maria, em uma busca frenética por algo dentro de um dos baús.

— O que faz?

— Vamos, Fiona, se levante. — Foi tudo o que lhe disse, de costas a ela, sem interromper sua tarefa.

— Não quero me levantar; quero seguir dormindo — disse com preguiça e voltou a recostar-se sobre o travesseiro de pluma de ganso.

— Vamos, Fiona!

Desta vez a mulher deu meia volta e a olhou fixamente. Fiona voltou a inclinar-se.

— Vamos, se levante! De Silva mandou dizer que a espera na sala de jantar às oito e meia para jantar — insistiu Maria, enquanto retomava a busca. — Ah, finalmente! Encontrei-o! Usará este; é muito belo e não está muito enrugado — disse, mostrando um vestido.

— O que? De Silva quer jantar comigo? Quem te disse?

— E quem mais vai ser. Candelária, pois — respondeu Maria, sem tirar os olhos do vestido. — Anda, se levante. Ainda há muito por fazer. Tenho que tratar de melhorar um pouco essas olheiras e te arrumar o cabelo; parece um ninho de ratos.

Quando desceu á sala de jantar, de Silva e Candelária já estavam sentados à mesa. Ao vê-la entrar, Juan Cruz ficou de pé e veio a seu encontro; sem dizer uma palavra, ofereceu-lhe o braço para acompanhá-la até seu lugar, ao lado dele e em frente à Candelária. A mulher a observava seriamente, com um olhar carregado de desaprovação. "*Não será fácil*", pensou Fiona, lhe dirigindo um olhar furtivo.

Uma vez em seu lugar, pela extremidade do olho tratou de olhar uma vez mais Juan Cruz. Seu cabelo escuro brilhava sob a luz das velas por efeito do fixador com que tinha se penteado, colocando o cabelo todo para trás; Fiona, perplexa, teve que admitir que ficava-lhe muito bem. Essa noite vestia uma impecável camisa de cambraia branca com punhos de renda da mesma cor. Ela odiava os coletes coloridos de ramagens em negro, mas em Juan Cruz ficava muito bem, talvez pelo contraste com sua pele tão branca e o cabelo tão escuro, talvez pela forma em que colava-se a seu peito.

Estava nervosa; as mãos lhe tremiam, e ficavam cada vez mais úmidas à medida que os minutos corriam e ninguém falava. Quando o estômago começou a fazer ruído temeu que Juan Cruz ouvisse. Tomou sua taça de cristal e bebeu um pouco de vinho, mas a acidez da bebida surtiu o efeito contrário: acentuou ainda mais o vazio do estômago e os ruídos de suas vísceras. Tinha desejo de levantar-se e sair correndo sem dar nenhuma explicação, apesar de que tinha prometido a Maria que se comportaria como uma dama.

— O quarto é de seu agrado, Fiona? — perguntou Juan Cruz, rompendo abruptamente o silêncio.

— Sim, senhor. — Sua voz soou como um grasnido que a encheu de

vergonha; seu rosto ficou de mil cores e, rapidamente, baixou a face.

Naquele momento uma das servas anunciou a presença de um mensageiro.

— Quantas vezes devo repetir que não devem me interromper quando estou jantando! — vociferou de Silva.

A jovenzinha tremia, com as mãos apertadas no colo e os olhos cravados no chão. Fiona, aterrada como se tivesse gritado com ela, pôde sentir ao longo de sua coluna vertebral o pânico que de Silva inspirava. Candelária, em troca, olhava-o sem alterar-se.

— É um mensageiro de sua excelência, patrão. Pensei que.., — Está bem, faça-o entrar — resmungou.

Juan Cruz, mal-humorado, arrojou o guardanapo sobre a mesa e se levantou. Finalmente, entrou um homem envolto em uma capa vermelha de nanquim rústico, com o clássico chapéu caído para um lado que usavam os servidores de Rosas.

— Viva a Santa Federação! — gritou a modo de saudação.

— Viva — disseram em uníssono Candelária e Juan Cruz sem muito ímpeto. Fiona permaneceu calada.

— Boa noite, Dom de Silva. Senhoras... — inclinou sua cabeça, primeiro em direção a Candelária, em seguida, aquela que seria certamente a senhora de Silva.

— O que o traz por aqui, Cosme?

— Desculpe pela hora, Dom Juan Cruz. Mas sua excelência o governador envia uma missiva que pediu que a responda agora mesmo, assim eu levo a resposta antes do amanhecer.

O homem estendeu a mão ressecada e gretada pelo frio e lhe entregou um sobre lacrado com o selo de Rosas. Juan Cruz quebrou o lacre, abriu o sobre e retirou um papel colorido e dobrado em dois. Candelária ficou de pé e abandonou a sala de jantar sem dizer uma palavra. Fiona a observou partir com os olhos dilatados pela surpresa. Juan Cruz, que parecia não haver-se precavido da escapada da mulher, continuou a leitura da carta.

Depois de alguns minutos, a negra retornou com um tinteiro, uma pluma e uma barra de lacre que depositou sobre a mesa. Juan Cruz, que acabava de finalizar a leitura da missiva, tomou a pluma, embebeu a ponta no tinteiro de bronze e começou a rabiscar algumas palavras na folha colorida. Fiona ficou atônita; parecia que de Silva e Candelária podiam comunicar-se com apenas um olhar, era estranho vê-los juntos. Sentiu certa inveja e ciúmes dessa mulher que tanto conhecia seu marido e que, mais que amá-lo, parecia idolatrá-lo.

— Diga a Carmelita que te dê algo quente para comer e um pouco de vinho antes de partir. Peça a Celedonio que troque seu cavalo, o teu deve estar esgotado — ordenou de Silva ao mensageiro, enquanto derretia o lacre em uma das velas dos candelabros de prata. Continuando, estampou o selo de seu anel e lhe entregou o sobre.

— Obrigado, Dom Juan Cruz. Obrigado e boa noite. — Olhou às damas e novamente saudou com a cabeça.

— Boa noite. — Desta vez, responderam os três.

O jantar foi servido. Tudo estava delicioso, mas Fiona quase não provou um bocado.

— Não gostou da comida, senhora? — perguntou Candelária, séria como sempre e com tom imperioso. — Maria me disse que o pudim de espinafre é um de seus pratos prediletos.

— A comida está deliciosa — se apressou a responder Fiona. — Mas não tenho muita fome por estes dias.

— Está muito magra. Deve comer para estar forte, senhora.

O comentário de Candelária soou mais como uma ordem que como sugestão.

— Necessita algo mais em seu quarto? Deixei toalhas no roupeiro da penteadeira e mais lençóis nas gavetas do armário.

— Obrigada, Candelária. Tudo está bem. — Fiona levou a taça aos lábios para não ter que falar mais. Pressentia que a qualquer momento cometeria algum erro do que se arrependeria.

Juan Cruz, que observava alternadamente a uma e a outra, não pôde deixar de perceber a tensão entre elas.

— Juan Cruz vai tomar o mate como sempre no escritório?

"Juan Cruz, vais tomar o mate como sempre no escritório?". Fiona repetiu em sua mente uma a uma as palavras de Candelária com o tom mais zombador. Uma raiva incompreensível a inundava cada vez que a negra tratava com tanta familiaridade seu marido. Era evidente que conhecia cada um de seus segredos e costumes. Sabia bem o que gostava e o que odiava, suas preferências e seus deleites. Ela, em troca, não sabia nada dele.

— Não, Candelária. Mande preparar o salão azul. Tomarei um conhaque ali junto à Fiona.

Juan Cruz olhou para Fiona de lado e seus olhos se encontraram por um instante. As pálpebras da jovem dançavam, sem saber o que fazer. Finalmente, deixou que seu olhar se perdesse outra vez em algum bordado da toalha.

— Faz dias que não abrimos esse salão... — comentou Candelária. — Deve estar gelado, e...

— Não importa, que levem o braseiro — ordenou ele, sem tirar a vista do cabelo de sua esposa.

Fiona parecia ter perdido a acidez dos últimos dias; não usava palavras acres e estava um pouco mais serena. Juan Cruz tinha cedido outro tanto; em grande parte, pelos rogos de Candelária que, embora não gostasse da moça, tampouco podia vê-la dormir em um sofá ou perambular pela casa como alma penada sem ter piedade dela. Além disso, já não suportava a fofoca das servas.

Fiona ficou pasma ao entrar no salão. Nem sequer Misia Mercedes tinha um salão como esse em sua casa. Acabavam de iluminá-lo e as velas acesas refletiam sua chama sobre as Caireles do candelabro e miríades de luzes enchiam a sala de ponta a ponta. O papel de forragem azul escuro chegava até a metade das paredes, que finalizava em um revestimento cinza claro, quase branco. O piso de madeira, de uma tintura escura, ressoava à medida que as botas de cano longo de Fiona avançavam. Os móveis de mogno escuro eram de estilo inglês e os canapés estavam estofados em um tecido adamascado amarelo muito tênue. O piano foi o primeiro que atraiu sua atenção. Com passos curtos e pressurosos, chegou até ele; apoiou a ponta dos dedos sobre a madeira brunida da cauda e acariciou a superfície.

— Mandei-o comprar para você antes de nos casar. Disseram-me que toca o piano melhor que Favero. — A voz profunda de Juan Cruz carregou o ambiente de uma tensão intratável. — E como nunca aceitou tocá-lo na casa de seu avô, pensei que talvez agora... bem...

A frase ficou em suspense. Fiona, de costas para ele, não disse nada.

Nesse momento, entrou no salão uma serva. Trazia, em uma bandeja, uma garrafa de cristal, duas taças e uma cesta com pastéis de pêssego.

— Branca, feche a porta.

A serva fez uma reverência antes de trancar as duas folhas de madeira quase sem fazer ruído.

— Jamais pede as coisas “por favor”, senhor?

— Não — respondeu Juan Cruz, divertido.

Fiona continuou calada, inspecionando as paredes do salão, carregadas de quadros de grande beleza e maestria.

— Fiona, poderia tocar algo para mim, “por favor”?

Os olhos de Silva faiscavam, e seus lábios se curvavam em um sorriso

malicioso. Fiona deu meia volta para olhá-lo, surpreendida pelo "por favor". Não pôde notar o gesto divertido de seu marido, que agora, enquanto servia a bebida, dava-lhe as costas. Um momento depois, quando chegou até ela para lhe oferecer a taça, seu rosto estava tão sério como de costume.

— Quantos "por favor" a mais devo dizer antes que toque algo para mim no piano? — perguntou, ao tempo que tomava um gole.

Ela molhou apenas os lábios: a bebida era muito forte. Deixou-a sobre uma mesa. Encaminhou-se ao piano e se sentou frente a ele. Levantou a tampa e admirou por instantes as teclas novas e reluzentes. Fez ranger seus dedos, e logo brincou uns segundos, provando sons e acordes. Perfeito.

De Silva, enquanto isso, acomodou-se em uma poltrona, a taça em sua mão, preparava-se para escutá-la tocar. As primeiras notas chegaram a seus ouvidos e fechou os olhos; parecia-lhe que assim podia escutar melhor. Pouco a pouco, a melodia foi entorpecendo-o, lhe transmitindo uma sensação de paz e harmonia. Imaginou que os lânguidos dedos de Fiona se enchiam de vigor e descarregavam todo seu ímpeto sobre as teclas. Imaginou que o gesto ousado de seu magnífico rosto, concentrado agora na melodia que tão magistralmente estava executando, permutava-a para uma expressão angelical como a que viu um dia. Imaginou que suas mechas de cabelo cor de fogo escapavam do coque e dançando enlouquecidas sobre suas têmporas. Imaginou seu peito agitado e seus lábios apertados, e...

Quase, como um autômato, chegou até onde ela estava e pousou a mão sobre seu ombro, nu e suave ao tato como veludo. O roce desses dedos a sobressaltou e deixou de tocar. De Silva a sentiu estremecer-se com seu contato.

— Não deixe de tocar. — A voz dele soou tensa e torturada.

Com menos brios que antes, Fiona retomou a melodia, mas a mão de Juan Cruz sobre ela a tinha em alerta. Sentia que seu coração palpitava loucamente e sua respiração se acelerava. Sentia no estômago o mesmo comichão que tanto a tinha afligido quando passaram a noite na estalagem, uma sensação estranha que antes nunca havia sentido, e uma ansiedade que se contrapunha com o ódio que aquele homem lhe inspirava.

Juan Cruz não suportou mais: rodeou com suas pernas os quadris de Fiona e ficou sentado escanchado detrás dela. Os sons do piano se cortaram em seco; o profundo silêncio que seguiu denunciou a agitação em que ambos estavam sumidos. Com um movimento automático, a jovem se moveu para frente, até a borda do banco.

Fiona sentiu que sua mente começava a girar vertiginosamente. Seu peito subia e descia, sua garganta se ressecou e já não sentia as pernas. O que sim sentia sobre suas nádegas era a potente e ereta virilidade de Juan Cruz.

As teclas retumbaram quando, por trás, de Silva entrelaçou seus dedos com os dela, inertes sobre o piano, e a envolveu com seus musculosos braços. Ato seguido, Juan Cruz afundou o rosto no cabelo de Fiona. Inspirou profundamente e se encheu de essências balsâmicas que despertaram nele um desejo irrefreável. Tomou o pescoço de sua esposa com ambas as mãos e o beijou com uma ânsia que alimentavam ainda mais sua paixão.

A garganta de Fiona se contraiu convulsivamente quando sentiu as mãos ásperas de Juan Cruz. Estava assustada, morta de medo. Jamais tinha experiente semelhante intimidade com um homem. Sentia que o fôlego de seu marido lhe queimava o pescoço.

— Fiona...

A voz de Juan Cruz a assustou mais que nunca. Como pôde, liberou-se da pressão que a mantinha apanhada contra o piano; espavorida, abandonou o salão azul.

Estava a ponto de alcançar o patamar da escada quando a seus ouvidos chegaram, magnificamente executados, os primeiros acordes de uma sonata de Mozart.

— Saia, Maria. — Disse Juan de Cruz depois de uma pausa, adicionou: — Por favor.

Juan Cruz entrara pela porta que ficava na parede esquerda do quarto de Fiona. Evidentemente, o quarto contíguo era o dele.

Ao escutar sua voz, Fiona emergiu dos braços de Maria que há minutos, consolava-a. Tinha o rosto vermelho e as pestanas empapadas. A criada a tirou de seu colo e a deixou sozinha na beira do leito.

Uma vez que se certificou de que a criada estava fora e a porta tinha sido fechada Juan Cruz se aproximou dela. Com os cabelos revoltos e o alisamento perdido, mechas caprichosas lhe caíam agora livremente sobre o rosto. Ele tinha tirado o colete de ramas e usava a camisa fora da calça, aberta até a metade do peito.

O que estava lhe acontecendo? Por que não podia com ela? Era seriamente inalcançável? Estava enlouquecendo; pressentia que se não a fizesse sua algo explodiria dentro dele. Mas não queria machucá-la. Por Deus! Afinal de contas,

só tinha que jogá-la sobre a cama, abrir suas pernas e... Sim, assim era sua natureza, mas o que parecia ser sua própria essência se voltava contra ele quando se tratava da Fiona.

— Fiona... — Tentou que sua voz parecesse tranquila e doce.

A jovem levantou o olhar choroso fixando no dele. Parecia um animal ferido disposto a qualquer ardil para defender-se.

— Fiona... É minha esposa.

Não sabia o que dizer. Jamais lhe tinha faltado eloquência; nunca ninguém se atrevera a refutar seus agudos e convincentes argumentos. Fiona, em troca...

Tentou tomá-la pelo braço. A jovem se separou dele como se sua mão a tivesse queimado. Deu um salto e escapuliu pela cama para o outro setor do quarto.

— Não se atreva a me tocar! — Escondida, Fiona tinha o olhar atento procurando a melhor oportunidade para escapar.

— Já me cansei de seus caprichos, Fiona de Malone! Suportei-te mais do que minha mente pode compreender. Encheu minha paciência!

De novo a fúria esculpia em seu rosto esses sulcos profundos que o convertiam em outro ser: um ser diabólico e possuído. Fiona tinha começado a tremer; não sabia o que fazer para afugentá-lo de seu quarto.

— Para que saiba, de Silva, você não é meu primeiro homem! — gritou, em um intento desesperado de ganhar tempo.

A infantilidade da suposta confissão fez Juan Cruz rir as gargalhadas. Agora, seu rosto se suavizou e já não parecia o monstro que tanto a assustava. Entretanto, era evidente que não tinha intenção de abandonar o dormitório.

— Isso já o veremos — disse finalmente, com os olhos fixos no decote de Fiona.

— Não há nada que fazer, senhor! Eu estou dizendo!

— Então não há nada a fazer... — repetiu ele, com ironia.

A expressão de desconcerto de sua esposa o deixou atônito.

— Você realmente é mais sincera do que eu imaginava, meu amor — concluiu, e avançou para ela.

Fiona não suportava mais e tratou de fugir do quarto. Mas não foi suficientemente rápida. Com um ágil salto, Juan Cruz fechou sua saída, e em um instante a teve apanhada em seus braços. Fiona se debateu com fúria entre aqueles tenazes braços, desesperada por escapar. Seu ímpeto começou a desvanecer-se quando entendeu que de Silva era imensamente mais forte que ela.

Seus músculos eram poderosos e apertavam contra seu peito até sufocá-la. Uma sensação de raiva fez afluir às cores em suas bochechas. Estava vencida, humilhada, e não podia olhá-lo de vergonha. Não queria perder essa batalha. Começou de novo a lutar, em um último intento de afastá-lo. Mas Juan Cruz segurou-a ainda mais forte, mas sem querer machucá-la.

— Fiona... deve aprender a relaxar. Não vou te machucar; somente quero fazer amor contigo. Sou seu marido, é meu direito.

— Direito adquirido como um cavalheiro, verdade?

Foi mordaz e deu justo no alvo: conseguiu ferir seu amor próprio. Mas não conseguiu que a soltasse; ao contrário: arrastou-a sem o menor esforço até a cama e a depositou brutalmente ali, como quem joga um saco de batatas ao chão.

A cabeça de Fiona elevada no ar e seus cotovelos afundando no colchão, as pontas do cabelo roçando o cobertor e o decote da camisola deslocado deixando entrever a perfeição dos seios, esses olhos que não cessavam de olhá-lo e a boca entreaberta deixando escapar um ofego irreprimível, tudo naquele momento o excitava.

Fiona estava paralisada. Assim, sem poder articular uma palavra, viu como Juan Cruz tirava a camisa e se desfazia da calça. Viu o peito nu de seu marido, empapado de suor que fazia sua pele brilhar. Afastou a vista e viu na parede a sombra dos músculos de seu torso.

Então, seus olhos se encontraram com os dele, enigmáticos e profundos, e nesse instante Fiona compreendeu que a olhava de uma forma estranha, completamente nova, e percebeu que esse olhar parecia despertar nela sentimentos desconhecidos. E esses sentimentos, tinha que admiti-lo, não eram desagradáveis.

Um arrepio a percorreu quando Juan Cruz começou a aproximar-se dela, quase nu; o calção íntimo e curto rodeava suas pernas cobertas por um espesso pelo negro e essa proximidade inquietante arrancou um gemido afogado de sua garganta. De Silva o escutou, e em sua boca, uma vez mais, desenhou-se esse sorriso entre divertido e zombador. Fiona tratou de escapular pelo outro lado da cama; Juan Cruz a segurou pela perna e a arrastou para ele com facilidade.

— Não, por favor... me deixe — sussurrou Fiona, tentando afastar-se.

A voz se quebrou ao sentir o peso de seu corpo sobre ela. Com uma doçura

inesperada, Juan Cruz começou a acariciar seu rosto, enquanto lhe dedicava um desses olhares que tanto a desconcertava.

— Deixe-me, peço por favor — insistiu a jovem, sabendo que era em vão.

— Não, Fiona, não. Desta vez sou eu quem te pede, por favor — sussurrou ele. Beijou-lhe o pescoço e o aroma de sua pele o enlouqueceu. Habilmente, suas mãos a despojaram da camisola. — Por favor, meu amor, por favor... Fiona... — voltou a sussurrar.

Fiona já não podia lutar. Sua mente tentava ordenar a seus braços, a suas pernas, a seus dentes, que defendessem sua dignidade, mas uma força desconhecida estava dobrando sua vontade.

— Deixe-me, o suplico... — murmurou-lhe ao ouvido, já sem convicção. — Não me toque, por favor...

— Fiona... É tão linda... Desejo-te tanto...

Era evidente que Juan Cruz de Silva não a escutava. Estava extraviado em um mundo de sensações. Centenas de vezes tinha fantasiado com ela nua, como agora, mas nunca tinha imaginado a extrema magnificência de seu corpo. Cada centímetro da pele de sua esposa era sua maior fortuna, sua maior conquista. Por isso, tocava-a com suavidade, como se temesse danificá-la, ou talvez manchar sua perfeição.

— Deixe-me te mostrar, Fiona...

Os lábios de Juan Cruz procuraram desejosos os dela, e pela primeira vez sentiram sua carnosidade. Sua língua abriu passagem entre os dentes apertados da jovem e tentou sem êxito brincar com a dela.

Fiona sentiu que o mundo girava loucamente quando as mãos dele se fecharam delicadamente sobre seus seios nus. E a vertigem cresceu quando dedos peritos roçaram seus mamilos endurecidos como se se tratassem de inestimável gemas.

Juan Cruz não suportava mais. O ataque não poderia ser lento: estava transtornado pelo desejo que o consumia. Sabia que para ela era sua primeira vez, mas não podia esperar. As unhas da Fiona se cravaram em suas costas e o grito de dor que saiu vivo dela, destroçou-o por dentro.

— Já foi, meu amor, já passou... — sussurrava Juan Cruz, respirando com dificuldade sobre os lábios dela. — Relaxe, Fiona. Relaxe e verá.

Fiona, varada de dor como estava, não podia tirar os braços das costas de seu marido. Depois de sentir esse rasgão, tinha permanecido dura sob o corpo de Juan Cruz, que, entre gemidos e ofegos, parecia não poder deixar de mover-se

dentro dela.

De repente, algo ocorreu; sentiu que uma energia a envolvia como um fluido veloz em suas zonas mais íntimas, e isso a assustou; assustou-a porque a encheu de prazer, um prazer raro que a incitou a friccionar a pélvis contra o corpo de de Silva. Mas não, não queria fazê-lo... não devia fazê-lo.

Fiona abriu desmesuradamente os olhos quando de Silva curvou o corpo para trás, separando o torso de seu peito, e levou a cabeça para cima, como em transe. O homem soltou um grito profundo, dilacerador, semelhante ao de um animal ferido de morte, que a estremeceu de susto. Os braços de de Silva se salientou aos lados de seu rosto, os músculos marcaram sob a pele suada e seus traços Apolíneo se deixaram entrever quando, finalmente, caiu exausto sobre o corpo nu dela.

Fiona sentia que o peito de Juan Cruz se sacudia e chocava ritmicamente contra seus seios. Em poucos instantes, de Silva se retirou de cima dela, estendeu-se a seu lado, e cobriu o rosto com o antebraço esquerdo. Ainda estava agitado.

A jovem o observava atônita. Não sabia o que fazer; se fazia algo depois disso? Voltou-se e contraiu instintivamente o corpo; colou os joelhos ao peito, escondeu o rosto e ocultou as mãos sob o queixo. Nesse momento, sentiu uma umidade quente entre as pernas, um líquido meio pegajoso que jorrava lentamente. Ao descobrir do que se tratava, proferiu um alarido tão estremecedor que arrancou bruscamente Juan Cruz de sua letargia.

— Não deve preocupar-se! É absolutamente normal! — disse-lhe, ao descobrir a causa de seu pânico.

O homem se inclinou e tratava de virar o rosto de Fiona para o seu, mas a jovem, que não podia conter seus soluços, insistia em mantê-lo oculto atrás de suas mãos ensanguentadas.

— Então ninguém lhe explicou isso... — De Silva não podia acreditar. Ela parecia tão segura de si, tão inteligente e culta. — É normal na primeira vez que se faz. Depois, nunca mais volta a acontecer.

Fiona não queria escutá-lo.

— Vá embora... Vá embora, por favor — disse entre suspiros. — Por favor...

Quando Juan Cruz abandonou o quarto, sua esposa não cessava de soluçar. Antes de fechar a porta, voltou seu olhar e a viu feita um bola, enrolada entre os lençóis, com o cabelo espalhado atrás dela. O coração lhe contraiu, mas outra sensação mais agradável o embargou.

Depois, de Silva se estendeu em sua cama, com o olhar fixo no teto, os braços estendidos para trás lhe servindo de travesseiro, um charuto que se consumia em seus lábios, e a imagem dela em sua mente ainda excitada.

Capítulo 6

Na hora do jantar, quando Juan Cruz se apresentou na sala de jantar, só Candelária o esperava sentada à mesa.

— Onde ela está? — quis saber.

— Desculpou-se com Maria. Disse que não jantará porque não tem apetite. — A negra parecia medir cada palavra; tinha percebido que Juan Cruz tinha cara de poucos amigos. — Não tem que ser nada. Deve sentir-se um pouco cansada, sabe, o ar do campo...

Candelária tentava suavizar as coisas. Dias atrás tinha havido outro escândalo, quando Juan Cruz descobriu que Maria estava levando o desjejum para ela pela manhã à cama.

— Nada de frivolidades em minha casa — havia dito a Fiona com dureza. — Pelas manhãs, toma-se o desjejum na sala de jantar, como todos, às sete em ponto. — Sem dizer mais, retirou-se, deixando às duas mulheres boquiabertas.

— Talvez esteja um pouco... — começou a balbuciar a negra; mas de Silva já não a escutava.

Subiu os degraus de dois em dois, e rapidamente esteve na planta superior. Caminhou a passo rápido pelo corredor, chegou a seu quarto, e parou na frente da porta que se comunicava com os quartos: procurou abri-la. O único ferrolho estava do seu lado, totalmente aberto; não entendia por que a porta não cedia.

Depressa, saiu ao corredor e tentou entrar pela porta principal do quarto de sua esposa, mas tampouco pôde. Provou várias vezes o trinco, mas nada.

De dentro, Fiona seguia com ouvidos atentos e os olhos muito abertos a cada um dos movimentos de de Silva. Não lhe seria tão fácil entrar em seu dormitório desta vez. Com uma das cadeiras tinha bloqueado a porta comum, colocando-a reclinada em duas de suas pernas sob o trinco; na outra, a que dava ao corredor, tinha fechado a chave que Maria tinha conseguido arrancar a contragosto de uma das servas.

De sua cama, escutava os inúteis esforços de Juan Cruz e seus olhos pareciam sorrir satisfeitos. Sentia-se divertida com a situação, e ao mesmo tempo um pouco estranha. No mais recôndito de sua alma desejava que seu marido ignorasse cada uma das armadilhas que tinha lhe estendido. Queria ver seu rosto,

certamente vermelho de fúria depois que abrisse a porta, para assim poder rir na sua cara com ironia e desprezo.

Por uns segundos, os intentos cessaram e Fiona se sentiu decepcionada.

Momento depois, o estrondo que produziu o golpe de Juan Cruz sobre a porta a sacudiu. A porta de madeira golpeou totalmente contra a parede: virtualmente saiu de suas dobradiças. O espelho que recebeu o impacto ao ser atingido caiu feito pedacinhos, o que adicionou um pouco mais de escândalo à cena. Juan Cruz, com o rosto vermelho e desequilibrado, não caiu para frente por milagre. Tinha descarregado sobre a porta todo o peso de seu corpo.

Fiona, boquiaberta, observava como seu marido recuperava o ar. Rígida, sentada no leito, presenciava a cena com a metade do corpo coberto pelos lençóis.

Viu-o aproximar-se até os pés da cama. Seus olhos, carregados de ódio, pareciam vermelhos. Suas sobrancelhas, unidas em uma mesma linha, tinham recuperado esse aspecto satânico que conseguia imobilizá-la e emudecê-la. Pressentiu que se aproximava seu fim.

Juan Cruz chegou ao extremo do leito e, sem tirar seu olhar dos olhos de Fiona, puxou no ar os lençóis que a cobriam, deixando-a a descoberto. Sem lhe dar tempo a nada, tomou-a pelos tornozelos e a arrastou para ele como se se tratasse de uma boneca de trapo. Fiona gritou de terror.

As pernas ficaram pendurando a ambos os lados do corpo de Juan Cruz que, na borda da cama, erguia-se colossal frente a ela. Desde essa perspectiva, parecia um gigante. Sentiu morrer quando aproximou seu rosto ao dele e tomou-a pelo pescoço. Tratou de baixar a vista: não suportava olhá-lo.

— Ah, não, minha senhora! Agora vai me olhar direto nos olhos — exclamou Juan Cruz, tirando a mão do seu pescoço por um segundo, e apontando para ela. E como ela insistiu em não olhá-lo, levantou-lhe o rosto, pressionando com seus polegares sob o queixo. — Se não desejar que faça amor com você — murmurou com ódio, — não o farei; mas diga-me de frente e não atue como uma menina malcriada e torpe.

Juan Cruz permaneceu alguns instantes mais sustentando o rosto de Fiona; ela sentia que sua respiração lhe golpeava a pele. Pensou, aterrada, que com um movimento de suas mãos poderia lhe quebrar o pescoço. Mas não o fez.

Quando se afastou dela, disposto a sair, seus olhos se chocaram com os servos da mansão, entre eles Maria e Candelária, que contemplavam atônitas a cena da porta.

— Fora! Fora daqui, corvos malditos! — ele gritou, fora de si.

Todos desapareceram como fumaça.

Antes de sair, divisou a cadeira que impedia o acesso pela entrada comum. Aproximou-se dela lentamente. Em seguida, deu a volta, cravou seus olhos nos de Fiona, e lhe sorriu sarcasticamente.

— Muito engenhosa — disse, com expressão turva. A madeira da cadeira rangeu com o chute que de Silva deu-lhe, que a desencaixou do trinco, e a enviou a vários metros de distância.

Fiona lançou um grito dilacerador, e um momento depois rompeu em um pranto amargo e lamentoso.

— Acredita que tenho medo de você! — bramou no momento em que Juan Cruz transpassava a porta. — Acredita que o temo porque pode me matar com uma só mão! Não, não!

De Silva se deteve sob o marco da porta — Odeio-o, maldito de Silva! Odeio-o com toda minha alma! E você sim deve ser o diabo como dizem, porque isto se converteu para mim no inferno!

Sem sequer olhá-la, Juan Cruz abandonou o quarto.

Com as palavras de Fiona ainda lhe golpeando nos ouvidos, Juan Cruz saiu ao corredor. Já não havia ninguém ali; os servos tinham desaparecido.

Desceu a passo rápido a escada e deu uma portada ao entrar em seu escritório. Deixou-se cair no sofá, e ocultou o rosto entre as mãos. De repente, levantou-se e foi direto à bandeja com o conhaque. Serviu-se de uma taça e a esvaziou de um gole. Logo, sem alterar-se, tomou outras três taças. Finalmente, voltou para sofá, recostou-se, e fixou a vista no teto.

Tratava de entendê-la. Queria fazê-lo, mas não podia. Não conseguia ordenar seus pensamentos. Estava muito humilhado e ferido para controlar-se. Sabia que se retornasse ao quarto de Fiona era capaz de estrangulá-la. Golpeou com rudeza o piso de madeira e proferiu um insulto. Depois, levantou-se do sofá e abandonou o escritório.

Viu a porta do salão azul entreaberta e o piano que tinha comprado para ela. Um calafrio percorreu seu corpo ao recordar aquela primeira noite. Tudo tinha começado ali. A silhueta de Fiona, linda e tentadora, reapareceu frente a ele, sentada nesse banco, descarregando sua paixão sobre as teclas novas do piano. Voltou a ver seu rosto concentrado, sua boca entreaberta, e a ouvir os acordes harmoniosos que acompanharam o despertar de seu desejo irreprimível. Alcançou depressa a porta principal e abandonou a mansão. O frio da noite lhe

golpeou o peito, mas não se importava. De repente, o som da guitarra dos peões encheu seus ouvidos; decidiu seguir aquela melodia até que a cor alaranjada da fogueira apareceu a poucos metros de distância. Só desejava escutar a música, de modo que se manteve afastado, meio escondido. Entretanto, tampouco assim pôde deixar de pensar em Fiona. Cada lembrança voltava para sua mente açoitando-o cruelmente. Por que tinha travado as portas? Por que tinha se encerrado? Por que não o desejava? Por que não era amável e doce com ele? As perguntas sem resposta lhe provocavam uma sensação de tristeza e vazio que nunca havia sentido.

Quando voltou a olhar para o grupo de peões, as cordas da guitarra já não soavam e a fogueira se extinguiu.

Capítulo 7

Depois da noite em que Juan Cruz quebrou a cadeira e a porta do quarto de sua esposa, não se soube nada dele por várias semanas.

À manhã seguinte, Fiona despertou de mau humor. Tinha passado uma noite terrível, dando voltas na cama sem poder fechar os olhos sequer um instante. O pranto e a angústia fizeram com que a noite parecesse mais escura ainda. Em algum momento ouviu ruídos no quarto de Juan Cruz. Uma portada, passos; depois, nada mais.

Apesar de tudo, às seis e meia estava em pé para não faltar desjejum da manhã. Não lhe desagradava, absolutamente. Era um momento de prazer para ela; gostava de observar aos capatazes e aos peões que desfilavam um a um diante de Juan Cruz, com a cabeça encurvada, a boina de felpo entre as mãos e os pés indecisos ao ultrapassar o vão da porta, enquanto eles se deleitavam com o melhor café com leite e os manjares mais deliciosos.

— Viva a Santa Federação! — gritava-lhes de Silva, sem se voltar. Sua voz profunda e viril, que enchia o ambiente, arrepiava-lhe a pele.

— Celedonio, sele meu cavalo. Sairemos para preparar o rodeio, teremos que separar o gado para a feira — ordenava, sem olhá-lo.

— Sim, Dom Juan Cruz — respondia submisso o capataz.

— Miranda, o gado está pronto para a feira?

— Estamos com o pi...

— Está ou não está?

— Não, Dom Juan Cruz.

— Melhor que esteja tudo preparado antes que termine este desjejum da manhã e vá aos currais. Agora, saia daqui.

— Sim, Dom Juan Cruz.

O domínio que tinha sobre esse povo era incrível; apesar do temor que lhe tinham, o respeito que lhe professavam era total. Fiona se sentia estranhamente orgulhosa disso.

Às sete, tal como seu marido tinha ordenado, desceu as escadas rumo a sala de jantar. Vestia um traje de seda verde nilo com uma bata e um colete de gaze da mesma cor que se ajustava a seu corpo delineando-lhe as formas. Sabia que

chamaria sua atenção. Os contornos de suas feições se destacavam melhor ainda com a boina: o que era raro para a época, que se levantava sobre a cabeça, adornada com flores de seda. Os cachos de cabelo, que lhe caíam ao redor do pescoço e sobre as costas, balançavam-se ao ritmo de seus passos.

— Bom dia, Candelária — saudou, com tom despreocupado. Chamou-lhe a atenção que Juan Cruz não tivesse chegado ainda; mas por muito que lhe picasse a curiosidade estava decidida a não perguntar.

— Bom dia, senhora de Silva — respondeu friamente a mulher.

Fiona se sentou no lugar de sempre e percebeu que no lugar de seu marido não havia nada. Nem xícara, nem prato, nem guardanapo. Nada. Teria tomado o desjejum? Não perguntou.

Uma das servas entrou no salão com uma cafeteira de prata e lhe encheu a xícara. Tomaram o desjejum em silêncio. Nenhuma das duas disse uma palavra e mantiveram seus olhares desviados para não enfrentar uma com a outra. Fiona, por orgulho. Candelária, por raiva.

Naquele dia, e os que se seguiram, não foram tão desagradáveis para ela depois de tudo. Desde que chegou à estadia quase nunca tinha saído; por isso, a partir de então, todas as tardes pedia a Eliseo que selasse seu cavalo e, junto a ele, saía a cavalgar pela propriedade. Era enorme, mais do que ela imaginara, mais que as de seu avô, que eram uma das mais importantes da Confederação.

Eliseo estava muito contente ali. Tinha passado quase toda sua vida no campo, e agora, finalmente, estava de volta em seu covil. Ao nascer à menina Fiona e antes que falecesse sua mãe, Dom Sean lhe pediu que se transferisse à cidade para viver com eles na mansão da Rua Larga. Naquela época, com duas meninas na casa, fazia falta mais serviço. Embora não duvidou um só minuto em atender ao pedido de seu velho patrão, lamentou ter que abandonar o posto de capataz que ostentava há anos em uma das maiores propriedades de Malone. De todas as formas, afeiçoou-se tanto a Fiona que jamais voltou a pensar em retornar ao campo. Agora tudo parecia haver se resolvido; estava trabalhando em uma fazenda importante, junto à menina Fiona e Maria, sua amante de muitos anos. Depois de tudo, de Silva não era tão mau patrão. Não era um tipo fácil, certamente. Dizia as coisas uma só vez e teriam que fazer tudo tal e como ele tinha pedido. Não se podia falhar; melhor, desaparecer. Tinha-o visto castigar duramente com seu chicote um peão por ter extraviado dois bezerros do rodeio que mais tarde foram encontrados mortos, destroçados por algum animal. O homem, humilhado e cheio de ódio, tinha tirado seu facão com a intenção de

ferir Juan Cruz, mas este, com a velocidade de um raio e a habilidade dos melhores, arrancou de sua mão sem que o peão se desse conta.

— Desaparece de minha vista antes que te estripe com seu próprio facão. Não volte a aparecer por aqui em sua vida. Hoje lhe perdoo, mas na próxima vez preferirá não ter nascido.

O homem se foi dali quase dobrado pela vergonha. O resto dos peões não se atreveu a dizer nada; a cena era um claro exemplo do que seu patrão era capaz de fazer quando algo não era de seu agrado.

Apesar de tudo, Dom Juan Cruz lhes agradava. E lhe agradava que se casasse com a menina Fiona; ela necessitava um pouco de mão dura. Talvez seu avô e a menina Tricia a tinham malcriado muito e ela agora tinha que pagar as consequências. Eliseo sabia que seu novo patrão conseguiria domá-la.

— Em que pensa? — perguntou Fiona.

— Em você, minha menina — respondeu Eliseo com serenidade.

Fiona lhe sorriu. Depois, voltou o olhar à paisagem, acomodando-se um pouco sobre a sela. Passaram alguns segundos antes que voltasse a lhe perguntar.

— E o que pensa de mim?

— Penso em você e no patrão.

— Em mim e em de Silva? — Sorriu com desprezo.

— Seu marido não é um mau homem, minha menina — disse Eliseo, carrancudo. — É um dos homens mais respeitados da Federação.

— Sim. Um homem que precisa comprar sua esposa porque de outra forma não a conseguiria — replicou ela.

— Vamos, menina, você jamais o teria aceitado. Isso você sabe. Ele fez o que lhe pareceu conveniente para tê-la a seu lado.

Fiona observou atônita a seu servo.

— Colocou-se do seu lado...

Eliseo sorriu antes de responder.

— O que me diz, menina? Se você sabe que eu lhe sou mais fiel que um cão. O único que lhe digo é que o senhor Dom Juan Cruz não é tão mau homem. Talvez devesse lhe dar uma oportunidade.

Depois desse interlúdio, os dois voltaram a mergulhar no verde da La Candelária e não cruzaram mais nenhuma palavra.

Uma tarde, Fiona decidiu visitar os peões que viviam mais perto da mansão. Só encontrou nas casas às esposas e as crianças, pois os homens estavam espalhados ao longo da La Candelária fazendo seu trabalho.

Receberam-na orgulhosas em seus lares. Embora humildes, Fiona pôde ver que nada lhes faltava. Era evidente que não passavam nem frio e nem fome.

Não pôde deixar de perguntar-se se teriam chegado aos ouvidos desse povo os rumores de seus escândalos com de Silva. Sentia-se envergonhada, mas o carinho com que foi recebida a ajudou a esquecer esse pensamento.

Nenhuma das crianças ia à escola e, como quase todas as mães eram analfabetas, os filhos também eram. Aquilo inspirou Fiona à ideia de abrir uma escola; ela seria a professora. Só de pensar nesse projeto lhe voltaram um pouco à vontade de viver.

Era muito estimulante organizar a abertura da escola. Decidiu que daria as aulas na capela que Juan Cruz tinha feito construir não muito longe da mansão. Ali havia bancos suficientes para todas as crianças; no altar colocaria seu cavalete de pintura, e ainda por cima dele um quadro negro que tinha mandado comprar na loja de Caamaño.

Tudo isto lhe trazia reminiscências de seus dias de professora junto a Camila na igreja do Socorro, onde, meio às escondidas de Rosas, ensinavam crianças a lerem e escreverem, pois de escola e de livros o governador parecia não gostar muito. Entretanto, até Eugenia, sua amante, tomava aulas com elas; obviamente, às escondidas do governador.

O primeiro dia de aula esperou mais de uma hora; nenhuma das crianças se apresentou. Saiu da capela com decisão e partiu na carruagem para ver as mães.

— Senhora, não é que não queira. É o Braulio. Disseme que vai me matar a pauladas se deixo Crispina ir a sua escola.

A mulher estava assustada. Por um lado, não desejava contradizer à esposa do patrão; pelo outro, não queria desobedecer a seu marido. Não gostava quando a açoitava com o chicote.

— Mas... — Fiona não podia acreditar. — por que Braulio não quer que Crispina aprenda a ler e a escrever?

— Disse que o patrão de Silva não sabe nada dessa escola. E que quando voltar vai ficar furioso.

A cena se repetiu com as outras mães. A causa era sempre a mesma: o medo que tinham do patrão.

No dia seguinte, Fiona preparou duas carruagens, uma conduzida por ela e outra por Eliseo, que apesar de sua reticência inicial, finalmente aceitou a secundá-la. Visitaram casa por casa e em cada visita colocavam na carruagem uma ou duas crianças, as que houvesse na família. Quando recolheram dez

crianças, Fiona ordenou a Eliseo partir para à capela para começar as aulas.

Acabou sendo muito divertido, para ela e para as dez crianças. Tinha espírito docente, sabia ensinar e conseguiu ganhar a atenção do auditório, que era bastante variado. Meninos e meninas de entre cinco e treze anos, alguns negros, outros mestiços e mulatos, e até um índio dos pampas.

Cada dia, ela e Eliseo percorriam as casas das crianças e os recolhiam. O grupo ia aumentando à medida que os alunos contavam as outras crianças quão divertido era estar com Dona Fiona na capela. Alguns, por curiosidade, aproximavam-se das janelas e mostravam o nariz para espiar à professora. Fiona percebia os olhos curiosos, mas não lhes dizia nada; ao contrário, se fazia de indiferente. Certeza que no dia seguinte esses olhos a estariam observando de um dos bancos, junto ao resto das crianças. Tarde após tarde, Fiona se preparava para dar suas aulas, que tinham se convertido para ela no prazer de seus dias. O fazia com muito desprendimento e carinho. As crianças gostavam dela, embora fossem relutantes em demonstrar-lhe porque tinham medo do patrão, e, depois de tudo, ela era sua esposa. De todas as formas, alguns não podiam conter a ânsia e lhe enchiam a escrivadinha de flores silvestres de belas cores e fragrâncias. Fiona se sentia orgulhosa cada vez que as recebia e as ofertava à imagem da Virgem que havia no altar. Assim que entravam na capela rezavam em voz alta a Ave Maria; depois, começavam a aula.

Tampouco as mulheres tinham instrução alguma. Só atendiam a casa e ao marido. Umas poucas sabiam costurar, e outras poucas, bordar. Fiona sentia que já era tarde para lhes ensinar a ler e escrever, e se revirava os miolos pensando em alguma outra atividade que fosse útil e enchesse seu espírito. Mas não lhe ocorria nada.

— No que pensa, senhora de Silva? — perguntou Candelária uma manhã, enquanto tomavam o desjejum.

Fiona levantou a vista e se fixou no rosto da mulher. Embora o gelo entre elas não tivesse se quebrado ainda, pelo menos durante nos cafés da manhã que compartilhavam em solidão trocavam algumas palavras amáveis. Talvez porque os silêncios se tornavam muito profundos e incômodos; ou melhor, porque queriam ser amigas. A questão era que estava se produzindo uma imperceptível aproximação entre as duas.

— Penso nas mulheres dos peões. Não sabem fazer quase nada.

— Assim viveram toda sua vida, senhora. Não deveria preocupar-se com elas.

Candelária se incomodava com a atitude de Fiona. Estava convencida de que,

em vez de preocupar-se tanto pelos outros, deveria cuidar mais da mansão e de seu marido.

Fiona não prestou atenção ao comentário da mulher; era-lhe vazio. Pegou um pedaço de pão com uma fatia de queijo, e o levou a boca.

— Que queijo delicioso! — comentou, lambendo os dedos com sinceridade.

— Eu o fiz — disse Candelária com orgulho.

— Sério? — E sem esperar resposta, acrescentou: — É excelente!

Fiona ficou um momento pensativa. Candelária percebeu e guardou silêncio.

— Isso! — disse Fiona de repente, entusiasmada. — Ensinares a fabricar queijo. Abriremos nossa própria queijaria. — Olhou para Candelária, e, pela primeira vez, sorriu-lhe.

Há três semanas que Juan Cruz tinha deixado A Candelária e Fiona não sabia nada dele. Tratava de pensar que isso era o melhor; que se mantivesse longe dela e que não a incomodasse nem a tocassem mais. Entretanto, uma sensação de vazio a perturbava sem que pudesse encontrar uma explicação lógica.

Só em sua cama, quando a noite se extinguia como uma lenha no fogo e o sol começava a despontar, ela estava atenta a qualquer ruído que proviesse da porta contígua; talvez, ele chegasse nesse dia. Logo, zangava-se tanto consigo mesma por aqueles pensamentos que precisava deixar escapar um grito afogado entre os travesseiros, para aliviar o sentimento de culpa que a afligia. Ela odiava de Silva. E não o necessitava.

— Maria, sabe onde está de Silva? — perguntava de vez enquanto, e fingia estar mais interessada no estado de suas unhas do que no destino de seu marido.

Maria, que a conhecia como se tivesse dado à luz, olhava-a de soslaio, e lhe respondia com um "não" mais que displicente, e continuava arrumando a cama.

— Não se comenta nada entre a servidão?

— E para que se interessa saber onde ele está? Não está melhor assim, sem ele? Até que volte, desfrute-o. Não era isso o que tanto queria?

— Justamente... O que quero saber é quando volta; assim saberei até que dia exatamente posso desfrutar.

— Está bem. Averiguarei onde está e quando volta, mas deve me confessar que sente sua falta. Vamos, Fiona, não me engana.

— O que diz, Maria! Já está como Eliseo, dizendo absurdos.

Parecia furiosa nessas ocasiões. O rosto ficava rubro e seu olhar parecia lançar chamas. Então, Maria a deixava sozinha.

— Está trabalhando nas propriedades do governador — comentou Maria uma manhã.

— Ah, para isso deve ter vindo aquela vez o mensageiro de Rosas, o tal Cosme! Lembra-se, Maria? Essa noite, enquanto jantávamos... — calou-se. Uma lembrança repentina a assaltou. Naquela noite, no salão azul.

— Deve ser — murmurou a mulher com apatia. Estava costurando a bainha do vestido e mantinha a vista fixa no trabalho.

— E me diga... — Com atitude cúmplice, Fiona se sentou junto à Maria na borda da cama. — Diga, o que mais averiguou?

— Não se sabe quando volta. Pode chegar amanhã como no ano que vem. — Maria, sem olhá-la, continuou olhando o vestido de renda que Fiona vestiria no dia seguinte para ir à casa de seu avô.

— O ano que vem!

— É decepção o que escuto em sua voz, Fiona de Malone? — A serva cravou os olhos nos de sua ama. — Não deveria estar encantada de não voltar a vê-lo até o ano que vem? Confunde-me, menina.

Fiona não respondeu. Preferiu mudar de tema.

— Em um dos estábulos, que está perto das cestas de varetas, sabe de quais te falo? Bem — seguiu Fiona. — Aí há uma mesa que está deixada de lado, arruinando-se. Também estão as cadeiras.

A criada a ajudava a vestir-se e, sem olhá-la, e perguntou: — E o que há com isso?

— Poderíamos trazê-la para a casa, limpá-la, arrumá-la. Eliseo sabe arrumar essas coisas, sempre às arrumava na casa de vovô. Bem, arrumamos e a damos a Maria Isabel, a filha desse peão, o tal Rudecindo. Acaba de casar-se e não tem nada a pobre. É uma moça muito...

— Fiona, pelo amor de Deus! Deixe em paz a mesa, Maria Isabel, ao tal Rudecindo e a todos! Está fazendo cada confusão desde que de Silva partiu, que a qualquer momento vai armar uma tão grande que Pai Nosso e meu Senhor!

Fiona a olhou sobressaltada. Maria nunca a tinha gritado assim. Sentiu-se tão mal que começou a soluçar. Ao vê-la, a criada se arrependeu. Embora sentisse piedade dela, seguia pensando que alguém deveria lhe pôr um freio; do contrário, quando seu marido retornasse, o desastre poderia vir. As servas da mansão já comentavam aos burburinhos o que ia desencadear a escola.

— Ai, minha menina, não chore! — disse Maria, tratando de consolá-la, e a abraçou.

Foi inútil. Fiona se enrolou em seu colo e seguiu chorando. Sabia que, depois de tudo, não tinha sido para tanto, mas as lágrimas brotavam e brotavam e ela sentia tanta angústia que não podia controlar-se.

Maria entendeu que Fiona, finalmente, desafogava-se. O matrimônio forçado tinha sido para ela uma verdadeira tortura. A sensação de não ter saída, e a certeza de que se não se casasse colocava em perigo a vida de seu avô, tinham sido muito. Maria deixou que descarregasse sua dor e não voltou a insistir em suas recriminações; limitou-se a acariciá-la e a beijá-la na cabeça.

— Onde disse que estão a mesa e as cadeiras? — perguntou Maria quando lhe pareceu que sua ama se tranquilizou o suficiente.

Fiona emergiu de seus braços, com o rosto avermelhado e as pestanas úmidas. Estava adorável, como quando era uma menina.

— Realmente você quer me ajudar com a mesa?

Maria assentiu com a cabeça.

— E pedirá a Eliseo que nos ajude, também? Ele nunca diz não a você.

— Sabe muito bem que jamais te nego nada. E Eliseo, menos.

Um momento depois, entravam no estábulo. Cheirava mau, a umidade. Da porta escutaram o revoar dos pássaros na parte alta. O lugar estava lotado de coisas velhas; além da mesa, havia centenas de objetos que ninguém usava. E Fiona ficou de água na boca pensando no bem que essas coisas seriam aos peões. Maria a olhou de soslaio sabendo o que pensava. Mordeu o lábio para não lhe dizer nada.

Um ruído estranho chamou a atenção da jovem; Maria assegurou que se tratava dos pássaros. O som se repetiu mais audivelmente e já não puderam atribuir às aves. Era um gemido.

Aproximaram-se com precaução, e atrás de umas tábuas viram um homem recostado sobre o chão, com a perna ferida. Maria se assustou e insinuou sair do estábulo em busca de Eliseo. Talvez se tratasse de algum malfeitor que, escapando de uma maldade, ocultou-se no celeiro. Mas Fiona a deteve.

Ao vê-las, o homem tratou em vão de levantar-se. Fiona tentou ajudá-lo, mas era muito pesado para ela.

— Me deixe ver sua ferida, senhor — pediu Fiona.

Maria tentou armar um escândalo. Sua menina ia tocar a ferida de um asqueroso delinquente? Que loucura! Fiona a fez calar e lhe ordenou que

trouxesse seu estojo de primeiro socorros.

— O que lhe aconteceu, senhor? — perguntou Fiona, enquanto tirava como podia pedaços de calça do corte.

O homem mordía os lábios para não gritar. O que mais lhe pesava, entretanto, era que justamente a esposa do patrão o tivesse encontrado ali, e nessas condições. Sua sorte não podia ser pior.

— Terei que levá-lo para um médico — disse Fiona, depois de examinar a ferida.

— Não, senhora, o suplico! Um médico não! — falou pela primeira vez o homem.

— Por quê? Esta ferida está muito mal, pode infectar-se.

— Não, senhora, se o patrão se inteira vai me matar! Mata-me e me deixa sem trabalho!

Fiona o olhou e descobriu o terror nos olhos do homem. Teve piedade dele. Ela mesma havia sentido esse pânico cada vez que de Silva se aproximava. Disse-se que devia resolver o problema o mais rapidamente possível e sem consequências nefastas para ninguém.

O homem parecia ser índio, do sul. Era comum que seu marido os contratasse para determinadas tarefas do campo.

— Está bem, não diremos nada. Mas algo devemos fazer com a ferida. Como se chama?

— Sanc Nieté, seu servidor, senhora de Silva.

— Ah, você sabe quem sou eu!

— Todos por aqui sabemos quem é você, senhora — adicionou Sanc Nieté.

Nesse momento, entrou Maria com a caixa que continha vários frascos, potes com unguentos, bandagens e diversos elementos para curas. Entre as duas limpavam a ferida, cobriram-na com uma mistura fedorenta e lhe envolveram a perna com bandagens. Sanc Nieté mordía o lábio para não bramar de dor ao terminar o tratamento, Fiona levantou a vista e se encontrou com o rosto mudado do homem, a ponto de desmaiar. Então, ajudou-o a acomodar-se melhor sobre um fardo de alfafa, enxugou-lhe o suor da testa e lhe deu para beber algo de mau sabor que, no momento, adormeceu-lhe a perna. O índio estava desconcertado pelo comportamento da esposa de de Silva e não sabia como agir. Nunca um patrão tinha prestado tantos cuidados. Fiona, por sua parte, decidiu não lhe perguntar nada mais. O índio não tinha querido que um médico o atendesse, e isso só podia significar uma coisa. A ferida devia ser

produto de uma briga, e ela sabia tão bem como o índio, que de Silva tinha proibido que seus homens resolvessem suas diferenças a facadas.

O homem disselhes que vivia longe, mas há anos trabalhava para de Silva na temporada da tosquia. Falava de Juan Cruz como se fosse um Deus. Respeitava-o e lhe temia tanto como os outros. Fiona o escutava e não conseguia entendê-lo. Como de Silva obtinha inspirar essa devoção em seus homens?

Apesar de sua evidente fortaleza, o índio não podia manter-se em pé por si só. A jovem compreendeu que ele precisaria repousar em um leito confortável e receber boa alimentação, pelo menos por uns dias. O problema seria Celedonio; dele se encarregaria mais tarde, pensou.

— Vamos, Sanc Nieté, apoie-se na Maria e em mim — ordenou Fiona.

O homem começou a transpirar. A só ideia de roçar na mulher do patrão alterou suas pulsações. Se de Silva se inteirasse de que ele a havia tocado, lhe arrancaria as mãos. Balbuciou algumas palavras incompreensíveis e tratou de levantar-se sozinho mais uma vez. Tinha o rosto vermelho e parecia muito transtornado.

— Vamos, não seja tolo — insistiu Fiona.

O homem apoiou os braços nos ombros de ambas as mulheres e se deixou levar, convencido de que não tinha alternativa.

Sanc Nieté passou vários dias na casa grande; dormia em um quarto da servidão e comia o que vinha da cozinha. Fiona e Maria lhe curavam a ferida diariamente, e em pouco tempo pôde caminhar sozinho, quase sem mancar. Eliseo, cúmplice das mulheres, ajudava a vesti-lo. Não passou muito e se fizeram grandes amigos. Sanc Nieté era uma pessoa encantadora e com muitas histórias entretidas para contar. Estava muito agradecido a Fiona. Uma tarde, enquanto ela cuidava do ferimento, disse-lhe que daria sua vida por ela se fosse necessário. A jovem riu; talvez nesse momento não percebeu até que ponto era sincera a adoração que o índio lhe professava.

Para justificar sua presença na casa, Fiona lhe pediu que recuperasse a mesa e as cadeiras do celeiro; era um trabalho leve, e podia realizá-lo sentado no pátio traseiro da casa. Acabou sendo hábil com a madeira, e terminou o acerto com muito esmero e limpeza. Maria Isabel, a filha de Rudecindo, ficou encantada com o presente de bodas e não parava de agradecer a patroa.

Celedonio não se privou de destrambelhar. Não podia entender por que a senhora de Silva dispusera dos peões como se fossem dela. Sanc era um dos melhores em seu trabalho e sua falta se sentiria nos dias que a patroa o destinasse

a outras tarefas.

— Droga! — queixava-se na ronda do mate. — Esta mulher é mais perigosa que um gato montanhês! Descuide-se um momento e já muda tudo. Aí está o índio Sanc lixando mesas. Onde já se viu!

Mas não passou disso. Em pouco tempo, Sanc retornou a suas tarefas, e tudo voltou à normalidade.

Todos os dias, pela manhã, Fiona trabalhava no "laticínio" que ela e Candelária tinham organizado. Fiona não podia acreditar que a mulher tivesse aceitado sua proposta. Além disso, era boa nisso. Ainda não tinham provado nenhum dos queijos porque o estoque ainda não era suficiente; Candelária era muito restrita a respeito. Mas, sim, tinham saboreado a nata e a manteiga no estilo irlandês. Fiona ficou muito espantada; quando lhe perguntou como conhecia a receita desse tipo de manteiga e a negra lhe respondeu com evasivas, decidiu que seria melhor não insistir.

Pela tarde seguia dando aulas aos filhos dos peões. Alguns já tinham aprendido o alfabeto; outros, um pouco menos dotados, ainda o balbuciavam sem muito êxito.

Os que estavam zangados eram os peões. Desde Celedonio até o mais baixo ajudante de todos. Por um lado, seus filhos já quase não ajudavam no campo: se não estavam na escola, tinham que estudar. Por outro lado, suas mulheres perdiam algumas horas do dia no laticínio. Celedonio estava furioso com Fiona, que lhe tinha feito arrumar um celeiro com porão não muito longe da casa para a famosa "fábrica de queijos". Além disso, tinha-o obrigado a destinar várias vacas a mais para a ordenha e alguns peões para que o fizessem diariamente. Antes, com uma vaca, como muito duas, era suficiente para o consumo da casa grande.

Por outra parte, Celedonio temia a reação do patrão quando chegasse e visse as mudanças feitas sem seu consentimento. "Aqui arderá Troya",^[42] dizia a outros peões na ronda do mate; nem ele nem os que o escutavam tinham a menor ideia do que significava aquela frase, mas não tinham nenhuma dúvida de que indicava que algo mau ia acontecer.

Durante o exílio voluntário de Juan Cruz, Fiona visitou duas vezes seus avós. Foi em dois domingos. Partia rumo à cidade muito cedo, antes do amanhecer, acompanhada por Eliseo e Maria, para chegar à missa das dez no Socorro, da

qual era habitual irem sua avó, tia Ana e Imelda. Sean Malone fazia anos que tinha deixado de ir à missa e isso custava ao Padre Fahy vários cabelos brancos por semana.

Depois da missa, como era seu costume, Imelda percorria junto a suas amigas a Rua da Florida. Fiona, que tinha detestado sempre esses passeios, retirava-se a seu antigo lar junto a Brigid e a Ana, desejosa de encontrar-se com seu avô.

Sean Malone esperava com ânsia a chegada de sua neta, e até que ela não aparecesse não lia o periódico. Juntos se sentavam na poltrona do living a repassar as páginas, comentando as notícias e rindo das ocorrências de um e de outro. The British Packet, o periódico em inglês que se distribuía com a vênua do senhor governador, era um dos preferidos de Fiona; lia-o com avidez e recortava os artigos que mais lhe interessavam. Cada domingo, dom Pedro de Angelis enviava a casa de seu amigo Sean Malone um exemplar gratuito do Arquivo Americano, do qual era diretor. Mas esse não gostavam tanto. Também liam, como sempre, a Gazeta Mercantil.

Ela não sabia como, mas seu avô sempre conseguia algum dos jornais proibidos. El Comercio del Plata, Montevideo, ou El Mercurio de Chile. Embora fossem mais que ácidos com Rosas, a Fiona gostava de algumas de suas notas, especialmente as da Alsina ou Echeverría. Os "monitores" do governador castigavam com severidade as pessoas que possuísse esses periódicos. Batiam com gosto o chicote sobre o lombo dos "traidores", sem importar se era homem ou mulher, ancião ou jovem. Estas coisas colocavam Fiona de cabelos arrepiados. De todas as formas, estava tranquila, sabia que nenhum "monitor" se animaria a entrar na mansão de Malone com a intenção de realizar uma investigação; nem sequer lhes ocorreria isso.

No segundo domingo que foi visitar a casa de seus avós, também seu pai, com sua esposa Úrsula e seus cinco filhos, estavam passando o dia ali. À esposa de William não lhe dirigia a palavra. E seu pai, menos ainda. De seus meios irmãos a separava uma barreira que William mesmo, empurrado por Úrsula, tinha levantado. Jamais tinham convivido, e isso fez rachadura na relação. Além disso, tinha que reconhecê-lo, estava com um pouco de ciúmes, e isso aumentava ainda mais seu ressentimento.

Apesar do acérrimo ódio para com seu pai e a indiferença para com seus filhos, quando os encontrou neste domingo na casa de seu avô não se sentiu muito irritada por sua presença. Sentou-se junto a Sean para ler o periódico, almoçou com todos na mesa, conversou com tia Ana, com Imelda e com a avó, e

em algum momento até trocou algumas palavras com Brenda, a mais velha dos cinco filhos de William e Úrsula. De todas as formas, por mais que a presença dessa família já não a enchesse de ira, a indiferença era mortal. Fria e cortante.

Depois do almoço, William e ela se encontraram no pátio dos servos. Em realidade, Fiona tinha ido ver a Maria, e seu pai aproveitou para ir atrás dela.

— Queria te dizer que de Silva já pagou todas as dívidas. Cumpriu seu trato, Fiona.

O olhar da jovem teria perturbado um homem menos escrupuloso.

— ahram... — William pigarreou, nervoso. — É um homem de honra... ahram... Além disso, nos está ajudando na administração das propriedades. Graças a isso estamos indo melhor.

— Acredito haver dito tempo atrás que não voltasse a me dirigir a palavra — lhe recordou Fiona, friamente. Sem mais, deu meia volta e entrou na cozinha. Morria de vontade de lhe perguntar a respeito de de Silva, se o tinha visto ultimamente, se sabia onde estava agora, o que tinham conversado, se tinham falado dela. Mas seu orgulho irlandês não o permitiu, e ficou com a vontade de saber.

Essa vontade de saber crescia tão vertiginosamente dia a dia que fazia perigar as mais fortes convicções de Fiona de Malone em se riscar.

A negra Candelária estava sentada a seu lado na carruagem e se dirigiam, como de costume, ao laticínio. De propósito, Fiona havia dito a Eliseo que essa manhã não o necessitaria: ela mesma conduziria a carruagem. Nesse momento, o homem suspirou com alívio; levá-la e trazê-la a todos os lados o fazia perder muito tempo e não conseguia cumprir com as tarefas que lhe encomendava Celedonio, que eram as que em realidade gostava. Quão único desejava Eliseo era que a menina Fiona permanecesse na mansão, bordando ou fazendo algo assim, em lugar de armar tanto alvoroço entre os peões com suas ocorrências.

Fiona desejava falar de Juan Cruz e sabia que Candelária era a pessoa que melhor poderia informá-la.

— Desde quando conhece Senhor de Silva, Candelária?

Até para ela, a pergunta soou estranha. Jamais tinham falado dele; era um pacto tácito que havia entre as duas; agora, sem razão aparente, Fiona o estava violando.

— Desde o dia em que nasceu, senhora — respondeu laconicamente a mulher, sem sequer olhá-la.

— Ah... — replicou Fiona, cortante. Não sabia como continuar a conversa,

mas a curiosidade pôde mais e prosseguiu. — Em que dia nasceu?

Agora Candelária girou a cabeça, desconcertada.

— Em 5 de novembro de 1816.

— E, onde?

Já era muito.

— Com todo o respeito que você merece, senhora de Silva... Não acredita que isso deveria perguntar-lhe você mesma?

A negra esperou a resposta sem tirar os olhos dela.

— Sim, tem razão, Candelária.

Era verdade, ela tinha razão, mas a tinha humilhado dizendo-lhe assim, tão sinceramente. Por um momento, acreditou sentir o que os outros sentiam cada vez que ela lançava alguns das suas "indiretas", e deu errado. Pensou na Imelda, em aunt Ana, em seu pai. Mas não, o de seu pai era farinha de outro saco.

Quando chegaram ao laticínio, Fiona já tinha tomado uma decisão. Essa manhã não ficaria no lugar. De modo que deixou Candelária na porta do celeiro, e conduziu a carruagem sem saudá-la. A jovem retornou à mansão, e pediu a um dos moços de Celedonio que selasse seu cavalo baio.

Depois, saiu a percorrer A Candelária.

O cavalo se deteve de repente, como se soubesse que não devia entrar ali. Dava coices impaciente contra o chão, levantando terra. Fiona o acariciou tentano acalmá-lo.

A jovem olhou em direção ao bosque de tipuana tipu^[43] que se encontrava frente a ela, a poucos metros de distância. Sabia que não devia aventurar-se por essas paragens; Candelária lhe havia dito que de Silva não permitia que ninguém visitasse essa parte da fazenda. Talvez pelos ladrões, índios ou talvez um gato selvagem, fosse o que fosse, o certo era que essa região da propriedade, que ainda não tinham explorado muito, era perigosa.

Claro que, se seu marido tinha proibido, essa era uma razão suficiente para que ela desejasse transgredir a ordem e investigar essa parte do campo.

Como não conseguiu tranquilizar o cavalo, apeou e seguiu a pé, levando a animal pelas rédeas. O lugar era belo, embora sombrio pela espessa folhagem das árvores. Até cheirava diferente: um aroma úmido, como quando está por chover. Não havia muito arbusto no lugar, mas uma espessa folhagem que sussurrava à

medida que avançavam.

Deu a volta, e por entre as árvores divisou a mansão, cada vez mais longínqua. Melhor seria voltar, pensou por um instante; mas desistiu rapidamente. Para que voltar? Não tinha nada importante que fazer e esse lugar tinha um encanto especial.

Continuou caminhando, lentamente, observando tudo a seu redor. Pensou que tinha sido uma estupidez não ter visitado o bosque anteriormente. Inspirou o ar fresco da manhã e se sentiu bem, tranquila. Ao longe, divisou uma clareira cheia de arbustos e apressou o passo, queria chegar até ali. Deixaria o cavalo pastar e ela se recostaria um bom momento na erva para contemplar o céu, que parecia mais limpo que nunca.

Pareceu-lhe ver, ou realmente havia alguém detrás desses troncos? Como uma sombra que desaparece, acreditou ver a cabeça de uma pessoa, que se desvanecia entre as árvores. Depois, pensou que não era mais que uma ilusão da luz do sol, que se esfumava por aqui e reaparecia mais à frente.

Ah, não! Desta vez sim tinha visto alguém entre as árvores. Atou o cavalo em um ramo baixo e correu em direção à aparição. Metros mais à frente divisou a silhueta de uma mulher que se dirigia rapidamente para a clareira do bosque. Um elegante xale se pendurava sobre suas costas e se arrastava pelo chão, levantando um pouco de pó.

"Uma mulher!" disse-se, sem tirar os olhos dela.

Talvez a vista lhe falhava, mas estava quase segura: essa não era a esposa de nenhum peão.

Muito resolvida, levantou a saia de seu vestido e correu, sem analisar o que fazia. O vento movia as folhas mais altas das árvores. Escutava alguns papagaios que tagarelam e, de vez em quando, algum bem-te-vi. De Silva lhe havia dito que havia muitos por ali, recordou.

A momentânea distração foi suficiente para que perdesse de vista à mulher. Sem fôlego, apoiou-se em um tronco para descansar. Olhou para cima, como esquecendo sua caçada. Os raios do sol contornavam as taças das árvores, e davam totalmente sobre os olhos de Fiona, lhe esquentando o rosto, que a corrida indevidamente tinha esfriado.

De repente, um ruído distinto, como de ramos secos que se partiam, quebrou a harmonia do lugar.

— Há alguém aí? — Esquadrinhou o lugar, atemorizada, e dando-se ânimos elevou a voz: — Por favor, saia, não desejo lhe fazer mal.

Esperou alguns instantes, mas nada. De repente, a figura feminina apareceu novamente de frente a ela; corria como enlouquecida, deixando para trás a densidade do bosque que até esse momento lhe tinha servido de escudo.

— Hey! Espere, senhora! Espere!

A mulher não se deteve. Fiona correu atrás dela. Por momentos, a silhueta se desvanecia entre as árvores, por momentos voltava a divisá-la, um pouco mais longe. Repentinamente, percebeu que já não a via mais.

— Oh, não! — gritou, decepcionada.

Estava agitada e exausta; deteve-se um momento para recuperar o fôlego. Olhou para o horizonte. Era um lugar magnífico aquele; pensou que já entrara muito no bosque e que devia voltar. Mas estava muito intrigada para abandonar a aventura. Ergueu-se, e pôs-se a andar outra vez, agora sem pressa.

Não soube quanto tempo esteve perambulando por aquelas paragens. Não sabia se voltaria a ver a mulher misteriosa e, pior ainda, nem sequer tinha a certeza se poderia recordar o caminho de volta à mansão. Entretanto, isso não pareceu perturbá-la muito, e seguiu avançando, guiada por seu instinto.

Deve ter caminhado por mais de duas horas antes de topar-se com uma casinha, meio oculta por trás da densa floresta. Parecia desabitada. Aproximou-se com precaução, tratando de não deixar-se ver, mas logo descobriu que não havia nenhum perigo, e se encaminhou audazmente à porta. Subiu os degraus da escada de madeira e se deteve uns instantes para observar a varanda que circundava a moradia. Tudo estava ordenado e limpo. Havia vasos em todas as partes com as plantas mais variadas. Hortênsias, agapantos,^[44] margaridas; todas bem cuidadas e florescentes.

Sem chamar, abriu a porta. Ali estava a mulher, sentada em uma cadeira de balanço, olhando pela janela. Certamente, teria estado vendo-a enquanto ela se aproximava.

— Desculpe-me — começou a dizer Fiona com a voz entrecortada. — Pensei... Não sabia...

— Está tudo bem, querida — disse a mulher, enquanto se levantava. Depois, encaminhou-se para uma mesa postada em um canto da sala de jantar. — Estava te esperando. Vamos, entre. Vem aqui, comigo — e lhe estendeu a mão.

Com passo indeciso, Fiona foi se aproximando sem tirar os olhos dela. Era uma mulher de meia idade, teria talvez quarenta ou quarenta e cinco anos. Era muito linda, e seus movimentos tinham uma cadência aristocrática que recordavam os de Misia Mercedes.

— Você quer uma xícara de chá, querida?

Perguntou em inglês o que a surpreendeu tanto que não soube o que responder; então, a mulher lhe explicou.

— Escutei-a falar em inglês com sua criada; sua pronúncia é excelente.

Fiona não saía de seu assombro.

— Escutou-me falar com Maria?

— Sim — replicou, em meio de uma risada cândida, quase infantil. — Às vezes gosto de espiar os que moram na casa grande.

— Ah... — foi tudo o que Fiona atinou em dizer. Não pôde zangar-se com ela; sentiu que teria sido como zangar-se com uma garotinha de cinco anos.

— A xícara de chá? — insistiu a mulher. Com o xale que cobria a cabeça erguida tinha o porte de uma rainha.

— Por favor— respondeu a jovem.

A mulher pegou o bule e verteu a bebida em uma xícara. A mesa estava tão bem arrumada como na casa de sua avó; não faltava um só detalhe. Até havia um vaso de cristal com rosas brancas.

— Venha, querida, sente-se. Tomemos juntas o chá.

Sentaram-se. Fiona lhe agradeceu quando lhe passou a xícara e quando lhe serviu um pedaço de bolo de amoras que, conforme disse, ela mesma tinha colhido.

— As árvores estão tão cheias que caem as amoras. Olhe! — Levantou as mãos e lhe mostrou as palmas. — Ficaram-me coloridas de tantas que recolhi.

— Está delicioso, senhora... Perdão, como se chama?

A mulher não respondeu em seguida. Ficou olhando-a atentamente, como se quisesse apreciá-la em detalhe.

— É tão linda — disse finalmente. — Meu nome é Catherine Emmet. Mas não me chame Catherine, ninguém o faz. Chame-me Catusha, como todos.

"Todos?" pensou Fiona. *"Quais, por Deus, em meio de um nada?"*

Catusha?

— Esse apelido me pôs meu pai, quando eu ainda nem caminhava. — Riu outra vez, e esclareceu: — Ele sempre dizia que eu era tão pequena e suave que parecia mais uma gatinha que um bebê.

Fiona se sentia cômoda, mas não conseguia sair de seu assombro. *Quem era essa mulher? Que fazia ali, no meio do bosque, sozinha?*

— Você mora sozinha, senhora Catusha?

— Não me chame senhora, faz-me sentir velha — a repreendeu. — O que

me perguntou, querida? Ah, sim! Se vivo sozinha... Bem, sim, mas meu filho vem me visitar, de vez em quando.

— Seu filho?

— Sim, ele é um homem já. É muito importante, sabe? Quase tanto como era seu pai.

Naquele instante seu olhar se perdeu, e deixou de mover as mãos como tinha vindo fazendo-o até esse momento.

— Senhora... Eh, digo, Catusha, está você bem? Sente-se bem? — Teve que repeti-lo, porque parecia que a mulher já não estava ali.

— Oh... Sim, querida Fiona, sim.

— Sabe meu nome!

— Já te disse que às vezes espio sua casa. Não se incomoda, verdade?

— Não, é óbvio que não. — Que mais podia lhe dizer? Perguntou-se. — Mas talvez tivesse sido melhor que se apresentasse; dessa forma a teríamos convidado para jantar, Catusha. O meu marido e eu...

— Ah, não! Seu marido me dá medo, Fiona querida! Não quero nem cruzar com ele.

A extrema sinceridade da dama não fazia mais que desconcertá-la.

— Sim, compreendo-a — respondeu, e olhou para baixo.

— Oh, me perdoe, fui uma grosseira! Depois de tudo, é seu marido. Mas... não sei... Esse olhar... Você não o teme?

— Sim, às vezes... Bem, em realidade, sempre. Mas...

— Sim, já sei; está apaixonada por ele, verdade? Quer mais chá?

— Não!

— Não deseja mais chá? — Olhou-a incrédula.

— Não... não. Bem, sim, um pouco mais de chá estaria bem. Referia-me a que não estou apaixonada por ele.

Depois que o disse, sentiu-se mau, mas já o tinha dito.

— Não está apaixonada por ele?

Olhou-a tão assombrada que Fiona se envergonhou.

— Ah, não! Eu amava muito meu Manuel e ele me amava também. Sim, senhor.

Fez um gesto divertido que causou hilaridade em Fiona.

— Você é um dos mais belos sorrisos que já vi, Fiona. Você deve sorrir o tempo todo.

— Obrigada, Catusha.

A jovem olhou a seu redor. A casinha era pequena, mas muito acolhedora; ao contrário do estilo mourisco das casas de Buenos Aires; por certo, ao contrário da mansão. Mas havia algo ali que a fez sentir-se extraordinariamente bem. Suspirou.

— Esta casa é sua?

Arrependeu-se de perguntá-lo; não queria parecer uma metida.

— Sim, meu filho a fez construir. — Parecia orgulhosa.

— Mas, isto não é ainda território de A Candelária?

— Não sei, querida. Suponho que não — respondeu, sem dar muita importância ao assunto. — Mais bolo?

— Não, obrigada.

Fiona deu outra olhada a seu redor.

— Toca o piano, Catusha? — Perguntou sem tirar a vista do instrumento colocado em um canto da sala.

— Sim. Deseja que toque para você? Posso te ensinar novas melodias. — Ficou esperando a resposta.

— Sim, claro, eu gostaria muito de escutá-la tocar.

O resto da manhã junto a essa mulher tão estranha resultou ser encantador. Embora houvesse coisas nela que não conseguia explicar, mas não se preocupou muito. Pensou que, em meio de sua amargura, tinha encontrado a alguém com quem conversar. Maria não a entendia nesses dias; até parecia estar do lado do imbecil de Silva. E Candelária... Bem! Candelária nem pensar.

Catusha insistiu em acompanhá-la de volta e Fiona aceitou; não sabia se poderia orientar-se para voltar à mansão. Tinha perambulado por essas paragens sem reparar muito em nada, guiada só pelo desejo de encontrar à mulher misteriosa.

O cavalo de Fiona, agarrado ainda ao ramo da tipuana, estava impaciente. Como o lugar não tinha ervas não tinha podido comer; ao vê-la aparecer, relinchou zangado. Dali, Fiona já recordava o caminho; despediu-se de sua amiga Catusha com a promessa de retornar muito em breve.

Ao chegar em casa, Maria a repreendeu duramente. Fazia horas que a procurava e ninguém conhecia seu paradeiro. Fiona escutou suas recriminações e lhe prometeu não voltar a desaparecer assim.

— Pode-se saber onde esteve, Fiona? Por Deus Santo, Candelária está brava com seu desaparecimento! — exclamou a criada levando as mãos à cabeça.

— E por que ela tem que meter-se no que eu faço! Nem que fosse minha

proprietária! Era só o que me faltava! Não está meu carcereiro, mas tenho uma carcereira! — explodiu a jovem.

— Bem, minha menina, se tranquilize — a acalmou Maria, arrependida de ter citado à negra. Fiona, estava muito sensível por esses dias, não suportava nada, em especial nada que tivesse que ver com seu marido.

— Vai me dizer por onde esteve? Sim ou não? — insistiu Maria.

Fiona a olhou de soslaio e pensou em contar-lhe tudo. Depois se arrependeu; Maria era muito medrosa, a tudo temia. Se lhe confessava que tinha encontrado uma mulher estranha no meio do bosque proibido, depois de cruzá-lo sozinha, se poria a gritar que chegaria ao céu e lhe proibiria de retornar a Catusha. Melhor seria calar.

— Andei por aí, sem rumo fixo.

— Camila!

No mesmo instante Fiona descia pelas escadas da entrada principal a grande velocidade, Camila descia da volanta de seu pai auxiliada pelo laçao. Encontraram-se no caminho de pedregulho que rodeava a mansão e se abraçaram. Não se viam desde o casamento de Fiona, quase dois meses atrás, e tinha sentido saudades dela.

— Tenho tantas coisas que te contar, Fiona. Já não tenho com quem falar. Bem, tem Blanquita, mas algumas vezes não me compreende; não como você.

— Então, vamos para dentro a nos faltar de relatos. Eu também preciso te contar coisas. Acontece o mesmo com a Maria.

Tomou-a pelo ombro e a conduziu escada acima.

— É bela, muito bela — comentou Camila meio boquiaberta, dando voltas sobre si para poder admirar em toda sua magnificência o salão principal. — Quando vi a mansão da volanta não podia acreditar; jamais vi uma casa como esta — adicionou, enquanto observava atônita um gobelino^[45] que ocupava toda uma parede.

— Sim, é muito bela — respondeu Fiona sem maior interesse. — Venha, vamos a meu quarto. Ali estaremos mais cômodas.

Ao chegar à escada, apareceu de improviso Candelária; deteve-se ante as duas jovens e olhou para Camila com cara de poucos amigos.

— Camila, apresento-lhe Candelária...

Não sabia nem seu sobrenome, nem sua posição dentro da casa. Não era a mãe de de Silva, não era a ama de chaves, não era a tia e nenhuma parenta longínqua. O que era, então? A que o tinha criado? Sim, mas apresentá-la como "Candelária, a que "criou de Silva" não lhe pareceu correto; por isso, preferiu deixar a frase inconclusa.

— Candelária, esta é Camila de O’Gorman, minha mais íntima amiga.

Camila e Candelária se estreitaram as mãos com frieza.

— Se necessitar de algo, senhora de Silva, me chame — adicionou a negra antes de desaparecer atrás dos cortinados.

As jovens começaram a ascensão com menos entusiasmo que antes.

— Tem cara de bruxa, Deus me livre e guarde — sussurrou Camila.

— Parece uma bruxa, mas não é tão mal depois de tudo; embora, em certa forma, tem razão. É muito triste e séria. — Um sorriso de menina se desenhara nos lábios de Fiona. E tomando Camila pelo braço, adicionou: — vamos esquecer-nos dessa mulher; não quero que nada estrague este dia, sim?

— Está bem.

Camila sorriu; começaram a subir as escadas correndo, como meninas, e não se detiveram até que chegaram ao quarto de Fiona.

— Não posso acreditar no dormitório que tem. Olhe esta gaze... Que suave é... — disse Camila, esfregando contra sua bochecha o tecido do baldaquim. — Este homem te dá todos os gostos, Fiona — comentou, admirando os móveis e os braseiros de prata.

Fiona não dizia nada. Só observava como sua amiga ia ficando aniquilada em admiração por coisas que a ela em nenhum momento lhe tinham causado a mais mínima emoção. Mas, sim, devia reconhecê-lo, o luxo que a rodeava era certamente impressionante.

— Assim imagino que são as mansões em Paris. Não acha, Fiona?

Camila se voltou. Sua amiga, absorta, olhava através da janela.

— Fiona, escuta-me?

— Venha aqui. Olhe essa vista — exigiu Fiona, sem se voltar.

No parque da fazenda a primavera desdobrava em todo seu esplendor. O verde dominava tudo; os ciprestes, mais à frente as tipuanas, as minis colinas de pedra abarrotadas de agapantos violeta, a imensa fonte em cujo centro os brincalhões querubins de bronze arrojavam incansavelmente seus jorros de água cristalina.

De repente, Fiona compreendeu que via tudo aquilo pela primeira vez, e um

certo desassossego a invadiu. Mas a alegria que lhe provocava a presença de Camila voltou a impor-se, e se entusiasmou com a ideia de levá-la para conhecer a escola e o laticínio. Sentia-se orgulhosa de suas duas obras e queria compartilhar com ela. Também lhe contou a respeito de sua amiga do bosque e a levou para conhecê-la; para desencanto de ambas, Catusha não estava na casa, nem no jardim, nem nos arredores. Buscaram-na por um tempo, mas não a encontraram. Finalmente se deram por vencidas e retornaram. Talvez, pensou Fiona, Catusha tinha partido por alguns dias à cidade com seu filho.

— Por favor, Camila, não comente com ninguém minha amizade com Catusha. É um segredo — pediu, muito séria, enquanto caminhavam de volta. Camila assentiu, estranhando, mas não lhe perguntou nada.

Almoçaram em um bosquezinho que Fiona tinha descoberto em um de seus passeios a cavalo, a um quilômetro da mansão. Eliseo conduziu a carruagem e dormiu uma longa soneca depois do almoço, enquanto Camila e Fiona tagarelavam como periquitos.

— Já fiz amor com Ladislao — confessou Camila com o olhar sobre a erva e as mãos nervosamente entrelaçadas.

— Você está se sentindo feliz?

O'Gorman fixou seus olhos nos de Fiona. Estava um pouco desconcertada; talvez esperava um sermão, uma reprimenda ou um olhar de espanto. Nada disso.

— Sim, imensamente feliz — replicou ao cabo de alguns segundos. — E você, Fiona, é feliz agora?

— Não... Bem, não sei... Eu...

Não sabia o que responder. Sinceramente, como se sentia? Não tinha a menor ideia. Tinha abarrotado seus dias com todo tipo de atividades; talvez, para não pensar. Mas de noite... De noite era inevitável pensar.

— Está bem, Fiona?

Camila a pegou pela mão com preocupação; repentinamente, Fiona havia ficado pálida.

— Faz semanas que de Silva se foi. A última noite que esteve aqui, foi a meu quarto e, como eu tinha travado as portas para que ele não entrasse, abriu uma a chutes... Foi horrível, estava como louco.

Fiona conteve a respiração ao recordar.

— E, o que aconteceu?

— Disse-me que eu era uma malcriada e uma torpe, e que... — Não pôde

seguir; sentia humilhação e vergonha.

— O que aconteceu, Fiona?

— Disse-me que..., que se eu não queria que ele fizesse amor comigo que dissesse de frente.

— E logo depois disso não o viu mais?

Fiona assentiu.

— Eu o vi em Buenos Aires recentemente — disse Camila, e esperou a reação de sua amiga.

Fiona sentiu que o coração dava um salto.

— Quando o viu? Onde, Camila? Onde?

— Um momento, senhorita, um momento... Deixe-me ver, deixe-me ver... Bem...

— Camila, pelo amor de Deus! — exasperou-se Fiona.

— Bom, se tranquilize. Vi-o em uma tertúlia, em casa de Misia Joaninha, faz alguns dias. Não sei, umas duas semanas atrás, mais ou menos.

— Falou com ele?

— Sim; saudou-me, em Misia Joaninha, mas, além disso, esteve jantando em minha casa, alguns dias depois. Quando mamãe lhe perguntou por que você não tinha vindo com ele, disse que só estava de passagem pela cidade por assuntos de negócios; e que logo retornaria ao campo.

Camila tomou entre seus dedos um pedaço de compota e o deixou cair em sua boca, saboreando-o lentamente. Fiona parecia a ponto de perder a prudência por um pouco mais de informação.

— Vamos, Camila, me diga que mais sabe!

— Não muito. Mas, como é que você não sabe nada? Não pode averiguar?

— Embora pareça mentira, não — e moveu a cabeça, com preocupação. — Diga-me, dançou com alguém essa noite? Em Misia Joaninha, digo.

— Se dançou? Com todas, Fiona, com todas.

— Dançou com Clelia Coloma? — perguntou com medo.

— Sim, a maior parte do tempo.

Camila não podia saber até que ponto esse comentário ia impressioná-la. Fiona ficou muda; separou os lábios e arregalou ainda mais os olhos.

— Não entendo, Fiona. O que importa a você o que de Silva faz ou deixa de fazer? Não é que o odeia e que nada dele te interessa?

— Não... não... Não é que me importe, — Fiona tratou de repor. — Me importa porque não quero que falem. Sabe, por vovô — esclareceu, e desviou o

olhar dos olhos de sua amiga.

— Ah... Claro, pelo seu avô — repetiu Camila mecanicamente.

— Claro, por ele. Por quem mais, se não?

— Por você, Fiona de Malone, por você.

— Por mim! — Ela apontou para o peito, os olhos arregalados. — O que diz, Camila? Enlouqueceu? Jamais me interessaria — assegurou, com uma careta de aborrecimento.

— Bem, bem...não fique assim. Além disso, não grite ou despertará Eliseo e não poderemos continuar com a conversa.

Tomou o copo de sua amiga, cheio de limonada, e o ofereceu. Fiona o bebeu de repente.

— Deve se tranquilizar, noto-te muito inquieta — insistiu Camila.

— Sim, pode ser, me desculpe, não quis gritar contigo — respondeu Fiona baixando a vista. — Em realidade, não sei o que me acontece ultimamente. Sinto-me muito estranha, não sei. É como se, às vezes, necessitasse que de Silva estivesse na casa, embora que fosse para brigar com ele. Soa estúpido, não acha? Dá-me raiva. Muitas vezes penso nele e trato de recordá-lo com ódio pelo que me fez, mas não posso. Às vezes quero que esteja junto a mim, de noite.

— Acha que está se apaixonando por ele? — perguntou Camila quase com medo.

— Não!

Desta vez, sim, despertou o servo. De todos os modos, já era hora de voltarem.

Camila não desejava partir. Não este dia tinha passado maravilhosamente: além disso, custava-lhe deixar Fiona; não à via nada bem, não era a mesma de sempre. Mas seu desejo de retornar aos braços de seu amante, o padre de Tucumán, era mais poderoso. Na manhã seguinte, e apesar dos rogos da Fiona, partiu para Buenos Aires.

Capítulo 8

— Fiona... Fiona...

A mulher estremeceu sob o corpo nu de Juan Cruz quando o escutou murmurar esse nome. Mas não disse nada, não fez nada, limitou-se a seguir seus movimentos, como de costume.

Cloé Despontin era a amante de de Silva há mais de cinco anos. Mais velha que ele em anos, ainda conservava algo da espantosa beleza de seus anos de moça, e toda sua mestria na cama. Nisso ninguém a superava.

Cloé tinha chegado a Buenos Aires muitos anos atrás, escapando de um amante parisiense que a tinha ameaçado matá-la se voltasse a vê-la. E Paris não era tão grande. De modo que decidiu embarcar rumo ao desconhecido; assim foi como chegou a Rio de la Plata.

Logo se converteu na madame de um dos bordéis mais famosos da cidade, a ponto tal que sua fama chegou até as mais altas esferas do governo de Buenos Aires.

Em 1832, quando o ministro Tomas de Anchorena decretou o desterro das mulheres de vida pública, ela se valeu de seus contatos e pôde permanecer na cidade escondida em uma casa que lhe alugou seu mais novo amante, um jovem e belo militar.

Juan Cruz tinha dezesseis anos naquele tempo e estava acostumado a frequentar a casa de senhoras cada vez que Rosas o enviava à cidade com algum encargo. As meretrizes brigavam por atendê-lo: a potência e o tamanho de seu pênis eram coisas que todas conheciam. E, apesar de que Juan Cruz só quisesse deitar-se com ela, a madame do local lhe sorria sardonicamente, afagava-lhe a cabeça e lhe dizia: — Falaremos quando você deixar de ser menino.

Um dia em que Cloé estava na casa que lhe alugara um de seus novos amigos, Juan Cruz bateu na porta.

— Já deixei de ser um menino. Falemos agora.

A mulher ficou estupefata e boquiaberta. De Silva tinha então quase vinte e cinco anos, e certamente tinha deixado de ser um menino. Converteu-se em um homem que destilava virilidade pelos poros. Seu rosto, embora nada perfeito, era tão atraente que desejou beijá-lo nesse mesmo momento. E assim o fez.

Abandonou seu amante e a casa onde vivia, e se instalou em uma que Juan Cruz lhe alugou, longe da cidade, perto dos barracos do porto, onde acabara de abrir seu saladeiro.[46]

A relação foi explosiva desde o primeiro momento, desde o preciso dia em que ele chamou a sua porta. Jogou-a no chão do hall de entrada, chutou a porta para fechá-la e lhe fez amor ali mesmo. Fez quase com raiva, sem se interessar sequer se havia alguém dando voltas pela casa. Cloé também não pareceu se importar; sentiu que pela primeira vez em sua vida tocava o céu com as mãos.

— Casarei-me com ela por seu sobrenome — disse-lhe um dia Juan Cruz enquanto acendia seu habitual charuto, depois de haver feito amor.

— Apesar de meu dinheiro e a amizade com Dom Juan Manuel, para eles sigo sendo um bastardo. Preciso que minha descendência se libere desta carga.

Cloé sentiu que a transpassava com o olhar. Os olhos de Juan Cruz sempre a tinham estremecido; um pouco de temor, um pouco de paixão... um pouco de amor. De Silva não era homem com quem se pudesse brincar. Ela conhecia muito bem sua história e sabia que não era nenhum santo. Mais ainda, sabia que era capaz de qualquer coisa para cumprir seus objetivos e defender o que era seu. Era imprevisível. Sim ele o era.

O aluguel da casa não lhe importava, nem tampouco os vestidos que lhe comprava, nem os mantimentos que comia, nem os servos que a atendiam. Quão único que contava era que se apaixonou profundamente por ele.

— Fiona... — voltou a sussurrar de Silva. Cloé sentiu que o coração se contraía. Antes que Juan Cruz chegasse ao orgasmo, uma lágrima rolou por sua bochecha.

De Silva entreabriu os olhos; a luz que se filtrava pelas portas da janela lhe feriu a vista. Tinha dormido poucas horas. Depois de fazer amor com Cloé, ficou na cama, fumando seu charuto e pensando. O sono não tinha chegado a não ser quase ao amanhecer e agora deviam ser perto das dez.

Levantou-se da cama e esfregou os olhos. Girou a cabeça a um lado e outro. Tinha uma aguda dor na nuca e mau sabor na boca, mescla de tabaco e o álcool da noite anterior. Sentia o cabelo gorduroso e a pele suada.

Olhou para o lado; Cloé, nua, dormia placidamente a seu lado. Passou os dedos pelas suas costas, mas não conseguiu despertá-la. Só se moveu um pouco

entre os lençóis, murmurou algumas palavras ininteligíveis e seguiu dormindo, respirando ruidosamente. Juan Cruz sorriu.

Nesse momento se decidiu. Era hora de retornar.

Jamais terminaria de descobrir pequenos tesouros em A Candelária? Perguntava-se Fiona. Todos os dias apareciam ante sua vista paisagens incríveis. Aquele lugar, cheio de beleza e magnificência, era como uma caixa de Pandora.

A fonte dos vasos de barro. Assim a tinha batizado Fiona. Era um reservatório retangular, de dois metros de largura e vários de comprimento, cheia de nenúfares; longos jorros de água rompiam o espelho da superfície aquática e moviam as folhas que flutuavam a seu redor. Em sua borda, revestida de mármore branco, encontravam-se os vasos de barro; simples, de terracota, eram tantas e albergavam flores lindas que não pôde colocar outro nome que esse, "a fonte dos vasos de barro". Ao lado, cresciam ciprestes altos, agapantos, e plantas das mais variadas que Fiona jamais tinha ouvido sequer mencionar.

Instalou seu cavalete em um dos extremos do reservatório e, dispôs-se a desenhá-la em perspectiva. Não era tão boa com a pintura como com o piano, mas gostava de pintar e isso era quão único contava.

Era muito cedo, apenas oito horas. Candelária havia partido pressurosa ao laticínio depois de tomar o desjejum. Cada dia parecia mais entusiasmada com a fábrica, e até lhe tinha ocorrido que poderiam vender alguns dos produtos em armazéns de Buenos Aires. Para Fiona tinha parecido ser uma ideia fantástica. Mas, apesar de tudo, essa manhã não tinha vontades de trabalhar. Tomou o seu cavalete, uma grande folha de papel dura, lápis de desenhos, e se dirigiu na carruagem até a fonte.

O sol ia ser forte nesse dia. Assim ditavam as cigarras nas árvores, com um som monótono, algo cansativo, que no fim de um bom momento trouxe a paz do lugar. Os pássaros cantavam e as mariposas revoavam sobre as flores nos vasos de barro. Desejou que permanecessem um bom momento pousadas em uma flor, assim poderia desenhá-las.

Começou a mover a mão sobre o papel e o lápis se deslizou com suavidade, deixando um rastro negro em seu caminho. Não seria fácil, mas conseguiria; tinha decidido que depois o pintaria com aquarelas e o daria de presente a Catusha. Ficaria lindo na sala de sua cabana.

Fazia mais de duas horas que se empenhava sobre o seu cavalete e o esforço parecia estar dando seus frutos. As primeiras linhas, imprecisas e sem muita lógica, tinham começado a transformar-se em um reservatório cheio de vasos de barro em sua borda e com altos ciprestes a seu redor. Estava mais que concentrada; nem o sol, que batia totalmente em seus olhos e a obrigava a franzir o sobrecenho, parecia perturbá-la. Tampouco escutou os cascos de um cavalo que se aproximava. Só quando a sombra imponente do animal se projetou sobre o papel, Fiona se voltou, intrigada.

— Senhor de Silva! — exclamou.

Tinha-a tomado tão de surpresa que não soube que mais dizer. Ficou olhando-o como uma tola, entre embevecida e confusa.

Com as rédeas ainda em alto, Juan Cruz tratava de controlar seu garanhão, que se movia impaciente de um lado ao outro, soltando fortes bufos.

De Silva parecia irresistível essa manhã. Vestia calças azul escuro, e um colete claro que se ajustava a seu corpo e deixava ver a brancura das mangas de sua camisa de cambraia. Mas nada disso a atraiu tanto como o lenço vermelho que Juan Cruz tinha amarrado na cabeça como um "corsário" que segurava seu cabelo, deixando o seu rosto descoberto. Seu olhar a aniquilou.

O homem não disse uma palavra. Só a fulminou com seus olhos escuros antes de esporear seu cavalo e reatar a cavalgada.

Fiona não pôde retomar a tarefa. Depois que de Silva se perdeu na planície, tratou de voltar ao desenho sem muito êxito. A concentração de minutos atrás se esfumou. Sua mente aturdida dava voltas e voltas em torno de uma só certeza: ele tinha retornado.

Finalmente, tirou o papel do cavalete, fechou-o rapidamente e colocou todas suas coisas na carruagem. Decidiu retornar à mansão para arrumar-se um pouco; talvez de Silva almoçasse com elas.

Ao chegar, passou correndo ao lado de Dom Pietro Fidelio, o jardineiro italiano que de Silva tinha contratado para que ornamentasse o jardim de A Candelária. O homem a olhou estranhando; estava plantando hortênsias ao pé da escada e pensou que a proprietária de casa se deteria para conversar com ele sobre isso; sempre o fazia. Mas não desta vez; simplesmente lhe gritou "Bom dia, Pietro!", e começou a subir os degraus tão rápido quanto o vestido permitia. O jardineiro, logo depois de observá-la uns instantes, encolheu os ombros e continuou com sua tarefa.

— Maria, ele chegou! — exclamou Fiona quando entrou precipitadamente

em seu quarto. A serva deu meia volta e ficou olhando-a.

— Quem, pois?

— Ora, de Silva. Quem mais vai ser se não ele?

— Ah... de Silva. Sim, eu sei, chegou esta manhã, pouco depois que você saiu.

— E... falou com ele?

Fiona se aproximava com passos tímidos.

— Para que queria ele falar comigo, Fiona?

— Bem, Maria, não sei. Poderia ser que... bem... que quis saber onde eu estava.

— Não me perguntou nada. — Voltou-se, e a escrutinou fixamente. — E, por que tanta ansiedade?

— Ansiedade? Ansiedade, eu? Está louca — replicou, e foi sentar em uma das poltronas.

— Parece que sim.

"*Bendito seja Santo Antonio*", disse para seus adentros a mestiça.

— Não, só desejo falar com ele sobre a escola e o laticínio.

— Ah, claro... A escola e o laticínio. E, que desejas falar com ele sobre isso? Se é que posso sabê-lo, é óbvio — se apressou a adicionar ante o duro olhar da jovem.

— Há muitos peões que não deixam seus filhos vir à escola por medo de de Silva; o mesmo acontece com as mulheres. Desejo legitimar a situação. Isso, legitimar a escola e o laticínio.

— Acredito que deveria havê-lo pensado antes. Pressinto uma catástrofe. Já conseguiu que arrancasse uma porta da parede e que fizesse em pedacinhos uma cadeira mais que pesada. Que mais quer? Que a mate?

Ao escutar essas palavras, Fiona sentiu frio em todo o corpo.

— Não, como vou desejar isso, Maria. Que estupidez você diz?

— Então Fiona, me prometa que se portará bem de agora em diante. Que fará tudo o que se supõe que uma esposa deve fazer.

A criada se agachou e ficou quase agachada de frente a ela.

— Prometa-me. Não quero que te aconteça nada de mau.

— Mas, Maria...

A criada tomou entre suas mãos as de Fiona que estavam suadas e frias e as apertou com força.

— Prometa-me.

Maria estava com medo. Naqueles dias em A Candelária tinha ouvido as

histórias mais surpreendentes sobre de Silva e tinha amaldiçoado mil vezes a William Malone por ter entregue Fiona aquele demônio. Mas o estrago estava feito; ela tinha que enfrentar tudo agora.

— Está bem, Maria, está bem! Me comportarei como uma boa moça — replicou Fiona com um sorriso malicioso nos lábios.

Maria não soube se Fiona tinha conseguido interpretar o terror em seus olhos.

De Silva não almoçou com elas. Fiona e Candelária comeram sozinhas, como há várias semanas. Fiona morria por perguntar a respeito da chegada de Juan Cruz, mas mordeu a língua e não disse nada.

Depois de almoçar, preparou-se para ir à escola. Não quis que Eliseo a levasse porque já tinha percebido que preferia ficar entre os peões, fazendo as tarefas do campo. Em certa forma, isso a reconfortava.

Chegou à capela e se encontrou com as crianças que a esperavam fora. Os maiores se aproximaram da carruagem e a ajudaram a descer. Os menores brigavam por levarem suas coisas e as meninas se atropelavam por lhe entregar seus presentinhos. Tudo aquilo a fazia sentir-se bem.

Cada um conhecia seu lugar nos bancos e já não precisava repreendê-los para que entrassem como seres humanos e não como rebanho de vacas. Afinal, essa também era a casa do Senhor.

Os maiores abriram o cavalete e colocou o quadro negro em cima, ainda com restos de giz do dia anterior. Rapidamente, Fiona passou um trapo úmido e apagou tudo. Sem tempo a perder, começou com a aula. Escreveu onze frases curtas e simples no quadro negro, uma para cada aluno, e fez com que as lessem, um de cada vez. As meninas eram as que mais depressa aprendiam. Sempre dispostas, e muito minuciosas, eram as melhores da classe. Fiona lamentava que os homens as considerassem inferiores.

A porta da capela se abriu de repente, e os alunos voltaram-se para ver quem era o intruso. As meninas deram um grito e correram apavoradas para esconderem-se atrás de Fiona que, parada no altar, ficou rígida como uma estaca pelo inesperado da interrupção. Os menores imitaram às meninas; os maiores se apressaram a ficar de pé. Era o patrão.

De Silva começou a rir às gargalhadas quando divisou a cabecinha negra de um dos pequeninos aparecer sob a saia de Fiona, como se a criança tivesse se refugiado em uma barraca. Todos o olharam incrédulos. Quando Fiona viu o menino, suas gargalhadas não foram menos sonoras que as de seu marido.

— Vamos, Chicha... Saia daí, vamos — ordenou Fiona. — Por que se

esconde?

O garotinho saiu de seu esconderijo, não muito convencido. De Silva, de pé junto à porta, olhava-os com esses olhos que eles tanto temiam. Chicha se aproximou do ouvido de sua professora.

— É que está aqui o patrão, senhora — sussurrou.

Fiona lhe sorriu, e depois de lhe acariciar a bochecha suja, indicou ao resto que voltassem para seus lugares. Depois, percorreu a distância que a separava de seu marido disposta a enfrentá-lo.

— Senhor de Silva...

— Está tudo bem. Só queria confirmar com meus próprios olhos algo que não pude acreditar de Celedonio. — O tom de Juan Cruz era calmo. Então, consciente da ansiedade que embargava Fiona, adicionou: — Eu disse que está tudo bem. Vamos falar hoje à noite no jantar.

E dando a volta, abandonou a capela. Pela segunda vez no dia, Fiona o viu desaparecer sobre o lombo de seu cavalo e se sentiu mal.

Depois de tomar um banho com sais, Fiona se arrumou de forma especial. Fez Maria fazer vários penteados até que achou um melhor: as mechas emolduravam seu rosto começando no centro da cabeça, enquanto o resto caía pesadamente, tão cheio de cachos que Fiona tinha desmanchado alguns com os dedos.

— Assim está melhor — disse.

Estava realmente bela. Ao chegar ao salão se sentia segura; sua beleza lhe dava segurança. Juan Cruz ficou atônito ao vê-la, mas dissimulou.

Afastou-lhe a cadeira e permaneceu alguns instantes atrás dela, inspirando o aroma que emanavam de seu corpo. O vestido, era encantador, era de renda lavanda e o xale de caxemira marfim, estava enfeitado por fitas da mesma cor. Um cinto de tela do mesmo tom do traje, largo, muito largo, delineava com graça os contornos afinados e perfeitos de sua cintura. Sobre sua saia deixava cair uma corrente de ouro que se pendurava da fivela do cinto. E esse extravagante penteado, não era como o que usavam todas as portenhas, partido ao meio e esses dois coques sobre o rosto em forma de banana... Juan Cruz odiava os pentes ornamentados. Por sorte, disse-se, Fiona nunca os usava.

— Como foi em sua viagem, Juan Cruz? — perguntou de forma familiar

Candelária.

— Excelentemente bem. Cumpri velhos compromissos... — olhou para Fiona de soslaio, — e fechei negócios muito convenientes.

Candelária se assombrou de que se mostrasse tão loquaz com o tema de seus negócios; de todos os modos, pensou, melhor seria não perguntar mais.

— Diga-me, Fiona, o que tem feito todos estes dias?

O tom de seu marido era afável, mas aos ouvidos da jovem soou hipócrita.

— Oh, Juan Cruz, você não sabe de tudo o... — Candelária se interrompeu. O olhar furtivo e frio que de Silva lhe dedicou foi mais que eloquente.

— Perguntei a ela, Candelária.

— Bem... Não tenho feito muito, senhor... — apressou-se a replicar Fiona, sem muita ênfase. Toda sua segurança se desmoronou em apenas escutá-lo.

— Eu não acredito nisso. O que me diz da escola e do laticínio... — Girou a cabeça e fixou o olhar na negra.

— Oh, não senhor! Não a repreenda. Foi tudo ideia minha; ela só aceitou colaborar. Veja: fiz uma visita pelas casas dos peões. Quando percebi de que as crianças eram analfabetas e as mulheres pouco sabiam fazer, tomei o atrevimento...

— É claro que sim, foi um atrevimento — a cortou em seco Juan Cruz.

Naquele momento entrou no salão uma das mestiças com a comida. Enquanto ela servia o peru, ninguém abriu a boca. Fiona, que levou a taça nervosamente aos lábios, não podia evitar que suas pernas tremessem sob a mesa. Candelária, em troca, não parecia muito preocupada.

— Você causou grande revoo entre os peões com essas ideias, Fiona — disse finalmente Juan Cruz, quando a criada se retirou.

O que mais fazia Fiona estremecer era o tom. Parecia muito cordial. Perguntava-se se aquela não era a calma que predizia às tormentas.

— Eu...

— Colocou-os muito nervosos com todas essas ideias... — parecia procurar a palavra adequada. — ..escandalosas, eu diria.

— Escandalosas?

Fiona o olhou nos olhos com impertinência; nesse momento, a promessa que tinha feito a Maria horas atrás ficou no esquecimento.

— Eles não estão acostumados a essas coisas e...

— Senhor de Silva, com todo respeito — interrompeu Fiona. — O que tem de escandaloso em ensinar a ler e escrever um punhado de crianças? O que tem

de escandaloso em ensinar a fabricar queijos a um punhado de mulheres?

Fiona tinha elevado à voz. Tinha apoiado suas mãos com força sobre a mesa, e seu rosto tinha ficado vermelho de fúria contida. "*Muito bem*, pensou nesse momento, *já disse o que tinha que dizer; se quer explodir, que exploda.*" Mas voltou a equivocar-se. Em lugar da tormenta sobreveio um profundo silêncio durante o qual Juan Cruz lhe sustentou intensamente o olhar.

Sua esposa era, sem dúvida, pensou ele, *uma mulher corajosa*. Estava certo de que ninguém teria se atrevido a desafiá-lo desse modo.

— Ah, Fiona de Malone — disse finalmente Juan Cruz, com um suspiro. — É uma menina para compreender alguns costumes. Mas...

A jovem tentou lhe replicar, mas ele apoiou um dedo sobre os seus lábios.

— Deixe-me falar, querida. Acredito que é muito inteligente, e não se passará muito tempo antes que compreenda como se conduz o mundo realmente.

— Já sei como funciona. O que acontece é que eu não gosto dele — murmurou apenas. De Silva, é óbvio, escutou-a. Mas se limitou a lhe sorrir e a trocar abruptamente o tema de conversa.

Fiona pensava que depois do jantar lhe pediria que tocasse o piano. Mas não foi assim. Ordenou a Candelária que levasse seu mate a seu escritório e, depois, desapareceu pelo vão da porta.

Fiona não podia acreditar. Sentia-se humilhada, cheia de fúria. Imaginou mil desculpas para ir a seu escritório e brigar com ele, mas todas lhe pareceram infantis. Pensou em ela mesma lhe levar o mate para ter oportunidade de conversar com ele; da escola e do laticínio, é óbvio. Depois de tudo, na hora do jantar não tinham resolvido nada; nada ficou claro, pelo menos. Finalmente essa ideia não a convenceu. Abatida, decidiu partir para seu dormitório; talvez no dia seguinte poderiam falar melhor; e a sós.

Já em seu dormitório, começou a dar voltas na cama, sem poder conciliar o sono. Não queria apagar o lampião; temia a sensação de absoluta escuridão. Tampouco desejava ler; tinha-o tentado e sua vista se atrasava longos minutos no mesmo artigo. Tampouco queria levantar-se. Simplesmente, não achava paz.

Já era muito tarde da noite, e de Silva não havia retornado ainda a seu dormitório. Fiona tinha estado muito atenta a qualquer som que proviesse do quarto ao lado, e sabia que não se equivocava. Durante muito tempo esse dormitório tinha permanecido em silêncio; agora, estava ansiosa por escutar novamente seus sons. Os passos de de Silva quando retornasse, o suspiro que sempre exalava, o ruído da fivela de seu cinto ao golpear o respaldo da cadeira, o

som da água na bacia quando lavava o suor e o pó do rosto, os saltos das botas quando batiam totalmente contra as tábuas do piso, e os passos de desejos até o quarto dela. Fiona esperou, mas não escutou nada. Tudo estava na mais absoluta quietude.

Levantou-se da cama e, antes de deixar a antessala, envolveu-se em uma bata de musselina, que tinha a justa leveza para noites calorosas. Decidida, encaminhou-se pelo corredor para o escritório de seu marido; falaria com ele essa noite, ou não voltaria a conciliar o sono nunca mais em sua vida. Desceu as escadas quase adivinhando onde estavam os degraus. A escuridão era absoluta; nenhuma só vela parecia estar acesa e não se escutava nenhuma voz. Suas sapatilhas mal roçavam o tapete da escada.

O escritório também permanecia às escuras; de Silva não estava ali. Tampouco o achou no salão azul. Nem na biblioteca, nem no salão de baile, nem na cozinha. Cansou-se de procurar às cegas; já tinha se golpeado várias vezes e quase tinha atirado no chão um vaso de porcelana que seus reflexos lhe permitiram apanhar no ar. Já não o procuraria mais. O esperaria em seu dormitório; cedo ou tarde teria que retornar para dormir. Ou teria partido novamente? Sentiu-se mau, e tratou de superar isso. Sem pensar, ela entrou no quarto de Juan Cruz.

— Não deveria mortificá-la tanto com o assunto da escola. Está tão entusiasmada, a pobrezinha! — comentou Candelária.

Juan Cruz tomou o mate que lhe entregou a negra e se sentou frente a sua escrivaninha. Tinha o cenho franzido e o olhar pensativo.

— Teria que ter visto como se empenhou, contudo. Com o laticínio, com a escola... Tem um caráter! Dirigia os peões melhor que você — prosseguiu Candelária, sorrindo.

Taciturno, de Silva lhe devolveu o mate sem levantar a vista. A mulher o olhou de soslaio antes de voltar a servir. Sabia que o incomodava com tanta conversa, mas queria lhe contar tudo.

— As crianças estão muito contentes porque...

— Já não diga mais nada, Candelária! — bramou Juan Cruz.

A negra não se alterou. Mais ainda, já estava estranho que não tivesse reagido antes. Enquanto tomava seu mate, contemplou-o com carinho. Conhecia-o tanto que sabia exatamente o que Juan Cruz pensava nesse momento. Não era o assunto da escola o que o deixava sério, claro que não. Mas nem louca ia fazê-lo

soltar a língua para que lhe contasse. Ficaria feito uma fúria se suspeitava que ela pressentia o motivo de seu mau humor.

Depois de um longo silêncio, Candelária se levantou disposta a abandonar o escritório. Aproximou-se da escrivania para despedir-se de Juan Cruz.

— E desde quando a defende tanto? — perguntou de Silva de repente — Me pareceu que não gostava muito da pirralha.

— Não acredite que a adoro; mas não é tão má. O tolo foi você por escolher uma gata tão arisca. Embora tenha que admitir que é tão, mas tão bonita, que seus defeitos se dissimulam bem.

Juan Cruz a olhou com um sorriso que equivalia a um assentimento. Ficou de pé e caminhou sem rumo pela sala. Candelária compreendeu que era o único que podia ajudá-lo. Para isso, tinha que falar. E sabia perfeitamente o que era o que devia dizer.

— No outro dia me cozinhou de perguntas a respeito de você. Desde quando te conhecia, que dia tinha nascido, que isto, que aquilo — comentou a negra, como se não tivesse interesse.

Ao escutá-la, de Silva se aproximou de sua criada com o rosto alterado, como o de um menino ansioso. Ele percebeu imediatamente seu arrebatamento e tentou recuperar seu habitual costume; mas foi inútil: a impaciência por saber mais o delatava.

— E?

— E o que?

Candelária pôs cara de inocente; sabia que o estava exasperando, e que essa era a única maneira de obter que seus sentimentos aflorassem.

— Que mais te perguntou, mulher?

— Ah! Nada mais. Disse-lhe que se queria saber algo perguntasse a você. Zangou-se comigo, mas não me importei. Além disso, já passou. Não durou muito tempo suas manhas de criança — disse de propósito.

Com a desculpa de que estava muito cansada, a negra se despediu e o deixou sozinho. De Silva a seguiu com o olhar até que a mulher fechou a porta; depois, ajeitou-se no sofá. De repente, sentiu em seu corpo o esgotamento de um dia muito duro. Tinha saído de Buenos Aires antes do amanhecer, com a intenção de chegar à A Candelária para o desjejum, às sete. Uma demora involuntária jogou por terra seus planos. Um dos cavalos perdeu uma ferradura e teve que se desviar da estrada em busca de um ferreiro. De Silva se enfureceu com o peão que cavalgava o cavalo em questão; supunha-se que deviam revistá-los na cidade

para não perder um minuto na viagem do dia seguinte.

A viagem a cavalo, a linda paisagem da aurora e o clima benigno lhe devolveram o bom humor e a ansiedade com que havia partido da cidade. Chegou passando das nove. Decepcionou-se quando perguntou por Fiona e Candelária lhe informou que tinha saído muito cedo na carruagem, mas que não tinha ideia de onde se dirigia.

— Dissete que a vigiasse... — repreendeu-a de Silva.

— Sim, pedi-me isso; mas é impossível. Essa menina é pólvora e não se deixa conduzir tão facilmente. Acredita que posso estar lhe perguntando dia e noite que coisas faz? Várias vezes o tentei e me freou em seco. "*Candelária, sou uma mulher, não uma menina, não se esqueça*", dizia-me; dava meia volta e me deixava parada como estaca. Que queria que fizesse, que a atasse à perna de sua cama? Não acha...

— Bem, bem! Deixa de se queixar — interrompeu Juan Cruz. Depois, abraçou-a com carinho e a beijou em ambas as bochechas.

— Ai, minha negra linda! O que vou fazer com essa ruiva?

Enquanto Candelária lhe contava as últimas novidades, Juan Cruz tomava o desjejum na cozinha. Não tinha fome. Tinham comido algo no caminho, então depois de alguns minutos saiu com seu garanhão a percorrer a fazenda.

Encontrou-a na fonte, pintando. Não lhe disse nada; fascinado, limitou-se a contemplá-la. Depois, na capela, rodeada de crianças medrosas, pareceu-lhe encantadora. E agora sabia que sua esposa estava no quarto, preparando-se para ir à cama. Certamente Maria estaria penteando-a. Sempre cheirava tão bem... Sua pele naturalmente tinha esse aroma. Ergueu-se de súbito e abandonou o sofá.

Estava de mau humor, mas não se devia ao alvoroço que Fiona tinha armado essas semanas em sua ausência, nem o laticínio, nem a escola; nada disso. Finalmente, de Silva foi honesto consigo mesmo. Sentia terror de que sua esposa voltasse a rechaçá-lo. Sabia que não suportaria; o mataria, cheio de raiva e despeito.

O terror o atingiu! Ele, o grande de Silva, tinha medo de uma moça de dezoito anos. Deu um violento chute em uma cadeira. Melhor seria sair por um momento a excitar-se. Os peões o tinham convidado a roda de fogueira essa noite, era uma boa oportunidade para tirar o mau humor.

Receberam-no com afeto. Um deles escondeu uma garrafa de aguardente; os tinham proibido de beber. De Silva percebeu, mas se fez de bobo. Não tinha

vontade de repreendê-los. Tinha chegado até ali em busca de um pouco de distração. Possivelmente, até seria bom alguns goles de algo forte; entretanto, conteve-se: não era questão de desautorizar a si mesmo em frente de seus homens. Sempre teria que estar atento e não meter a mão para não estragar tudo.

As horas que passou com seu povo serviram bem. Divertiu-se e conseguiu afastar os maus pensamentos. Mas no outro dia teria que trabalhar, e muito duro; começava a época da tosquia, uma tarefa que, embora árdua, era estimulante para os peões. Organizavam concursos para ver quem tosquiava mais ovelhas em um tempo determinado. Os prêmios não tinham muito valor; sim a sensação de ser o mais rápido na tarefa. E nenhum queria competir com de Silva; a ele, ninguém se igualava.

Alguém apagou a fogueira lhe jogando terra, outro se fez cargo do mate e seu equipamento, e assim terminou a farra dos gaúchos. Despediram-se, encaminhando-se cada um a sua choça.

O estalo de uma pederneira a despertou. Olhou a seu redor, um pouco sobressaltada, e tratou de recordar onde estava; doía-lhe o pescoço e tinha dormido sobre um braço, no qual começava a sentir a irritante dormência. Esfregou seus olhos e tratou de ver através da luz de um lampião aceso, alguns passos mais à frente.

De Silva estava sentado em uma cadeira, com o respaldo para frente. Nesse instante guardava no bolso da calça sua pederneira de cauda de tatu e levava um charuto aos lábios. Depois, apoiou tranquilamente o queixo sobre o encosto de madeira e continuou observando-a com seriedade. Tinha o torso nu e só vestia as calças azuis que usara para o jantar.

— O que você faz aqui? — perguntou Fiona com voz sonolenta.

— Meu Deus, Fiona! — Seus lábios sorriram divertidos. — Chego a meu dormitório e a encontro adormecida em minha poltrona... Não acha que deveria ser eu o perguntar isso?

Fiona recordou. Tinha decidido esperá-lo em seu quarto; tinha-o aguardado um longo momento, até que o sono a venceu e adormeceu no canapé. Sentia vergonha; queria escapar dali a toda pressa: já não se importava em falar com ele, só queria fugir. Levantou-se, retirou as mechas encrespadas de seus olhos e tratou de acomodar a bata, que se abria, insinuante, ante o olhar lascivo de de Silva.

— Desculpe, senhor. Só queria falar com você. Será melhor deixar para amanhã. Agora deve estar muito cansado. — Enquanto o dizia, encaminhava-se para a porta comum entre os quartos.

— Um momento!

Juan Cruz se pôs de pé.

— Não acreditará que a observei dormir por mais de meia hora para me deixar agora com a intriga de que alguma coisa importante tinha para me dizer, que não podia esperar até manhã. Não, senhora. Você não se vai daqui até me dizer. — Aproximou-se lentamente, interpondo-se entre ela e a saída.

— Mas... — balbuciou Fiona, com o rosto rubro. — Talvez seja melhor que...

Não pôde seguir. Juan Cruz a puxou pelos ombros e começou a beijá-la tão febrilmente que lhe fez doer os lábios. Fiona sentiu que estava se afogando; mas o certo era que não queria detê-lo: começava a sentir o roce erótico das mãos dele sobre sua cintura, seus quadris, suas nádegas; logo, de novo sua cintura e em seus seios.

— Não... Não o faça... me deixe... — Tratou de vencer a tentação, tratou de afastar seu corpo: era-lhe impossível; tratou de sentir-se ultrajada e humilhada, mas não conseguiu.

— Por que não, Fiona? O que acontece? Você não gosta? — Enquanto suas mãos seguiam percorrendo-a, falava-lhe com os lábios apoiados nos seus. — Não me deseja, Fiona? Não entende que me consumo por esta paixão que sinto por você? Toque-me, por favor, me toque.

De novo essa voz torturada em seus ouvidos, em sua boca, em seus seios, em todo seu corpo.

— Por favor... senhor... me deixe... — Sua voz era um sussurro entrecortado.

Juan Cruz a afastou de si bruscamente; Fiona pensou que tudo acabaria nesse momento. Mas não. De Silva lhe tirou a bata, que caiu ao lado do corpo de Fiona; depois, tomou-a entre seus braços e a levou a cama. Desta vez, Fiona não esperneou, não gritou, não chorou, não o mordeu. Agarrou-se ao pescoço de seu marido e o deixou fazer; e o deixou fazer porque assim o queria. Já não podia negar: esse homem a enchia de um desejo físico que ela não podia controlar. Arrastava-a como um furacão, levando-a até ao topo e deixando-a cair como uma pluma depois de havê-la feito gozar com um prazer esmagador.

Essa noite, Juan Cruz fez amor com ela uma e outra vez. Fê-lo como nunca antes em sua vida; ele mesmo estava desconcertado. Percebeu que a tinha

desejado terrivelmente o que o deixou mais surpreso ainda.

Por momentos, Fiona sentia que devia detê-lo, deter-se. Mas não podia; aquilo a dominava como uma potente força externa, dobrava-a como uma papoula frente ao vento. Era impossível lutar contra ele. E os gemidos escapavam de sua garganta cada vez que Juan Cruz lhe acariciava o ventre, cada vez que lhe roçava os mamilos endurecidos com sua língua úmida e ofegante, cada vez que sussurrava "*Fiona... meu Deus... Fiona...*".

Quando finalmente terminaram, estendeu-se ao lado dela e, segurando-lhe a cabeça com a mão, permaneceu longos minutos observando-a dormir. Parecia tranquila; sua respiração era compassada e mal se escutava. Seu nariz era tão pequeno. Desejou roçá-lo com o dedo, mas temeu despertá-la. Seu cabelo ruivo se espalhava ao redor, sobre o travesseiro. Esse quadro era perfeito, pensou, enfatizava ainda mais a brancura de sua pele.

Recostou a cabeça; o cansaço começava a vencê-lo.

— Fiona... linda Fiona — sussurrou antes de adormecer profundamente.

Capítulo 9

Eram muitos os que pensavam que um grupo de compatriotas assassinou ao general Juan Lavalle^[47] na manhã de 9 de setembro de 1841 estavam, em realidade, à procura de Bedoya, o governador cordovês que dias atrás tinha passado a noite em Jujuy, na casa da família Zenarruya. Havia alguma verdade nessa suposição. Aqueles compatriotas sim, procuravam Bedoya, mas dias antes tinha se juntado a eles um moço de uns vinte e cinco anos que dizia estar procurando Lavalle. Foi esse jovem que, em meio da confusão do resto da partida, matou Lavalle de um balaço na garganta no momento em que o general se encontrava no saguão da residência Zenarruya, pronto para fugir. Antes de abandonar o lugar, o moço cortou com seu facão as medalhas que, agora ensanguentadas, tinham adornado o uniforme do militar unitário.

— Pelo coronel Dorrego,^[48] meu pai — disse Juan Cruz, enquanto Lavalle se retorcia sobre seu sangue. Nunca soube se o tinha escutado. Não lhe importava; tinha vingado a morte de seu pai e isso era suficiente.

Semanas depois, de Silva reapareceu no escritório da casa de Moreno e Peru propriedade da família da esposa de Rosas. Ninguém sabia onde tinha estado, nem sequer o governador. Muito menos Candelária, que permanecia angustiada na propriedade.

Quando Juan Cruz transpôs a porta, Rosas ditava uma carta a um de seus ajudantes. Seus olhares se cruzaram, e o governador entendeu que seu protegido precisava estar a sós com ele. Descartou os assistentes e se sentou em sua poltrona de couro, sem pronunciar uma palavra. Naquele dia soube que Juan Cruz era o filho bastardo de Dorrego.

— Primeiro por meu pai, o coronel Dorrego; depois, por você.

O jovem arrojou as medalhas sobre a mesa e se retirou do lugar. Rosas reconheceu imediatamente as medalhas de Lavalle, seu amigo de infância e seu inimigo na maturidade. Então, a incerteza que rodeava a história do moço se limpou e tudo veio à tona.

Desde muito pequeno, Juan Cruz tinha chamado a atenção, desde então, do próspero fazendeiro Dom Juan Manuel de Rosas. Era um menino muito inteligente e vivaz que sempre estava entre os peões escutando tudo, aprendendo

tudo. Tanto, que aos doze anos já tosquiava mais de dez ovelhas em uma hora, montava à perfeição e sabia atirar com um trabuco[49] melhor que muitos gaúchos. E Rosas lhe ensinou as artes do facão.

Afeiçoou-se muito ao pirralho. Havia algo em seu olhar, uma certa galhardia mesclada com soberba e inteligência, que lhe recordava uma outra pessoa, mas não sabia a quem. Além disso, era um menino educado; lia e escrevia à perfeição e Rosas tinha pedido muitas vezes sua colaboração para redigir suas cartas e cartões.

Mas a consagração do carinho para com o menino de Silva veio quando, estando Rosas exilado em Santa Fé, na época da anarquia, Cruz, como ele o chamava, tomou um dos cavalos de Cerrillos e partiu rumo a essa província ao encontro de seu patrão. Ao vê-lo aparecer, Rosas não pôde acreditar que esse menino de apenas dez anos tivesse contornado os perigos de semelhante viagem o que havia custado a vida a mais de um homem. Os saques e desmandos dos exércitos, os animais, a fome e o frio eram só algumas das escolhas. Mas Cruz tinha chegado a Santa Fé com vida, morto de fome e com um olho inchado pela picada de uma vespa.

— Para o que você mandar, meu patrão — respondeu com vaidade quando Rosas quis averiguar o motivo de sua presença.

E foi-lhe muito útil. Serviu como falso mensageiro de Laval, levando uma missiva ao general Paz, em que seu companheiro de luta lhe assegurava que tinha tudo sob controle e que a presença de seus exércitos não seriam necessários. Cruz entrou no acampamento de Paz e entregou a carta falsa em mão própria. Depois, voltou para a fazenda.

Rosas não pôde deixar de evocar intimamente aqueles episódios de anos atrás quando Juan Cruz transpôs a porta de seu escritório em Palermo.

— Ah, Cruz! Já quase não vem por aqui — disse o governador a modo de saudação.

— Bom dia, Dom Juan Manuel.

— Parece que o matrimônio te aprisionou entre suas garras e não o deixa escapar.

Tomou-o pelo ombro e lhe bateu em suas costas.

— Nem tanto, nem tanto — disse de Silva, com um sorriso. — Ultimamente viajei de propriedade a propriedade, tal como você me mandou dizer por Cosme. Para isso vim, para lhe contar as últimas novidades.

— Muito bem, sente-se e desembucha.[50]

Rosas olhou a seu redor, procurando entre seus empregados o Padre Vigué, seu bufão pessoal.

— Padre Vigué, diga a Manuelita que nos prepare um mate fresco para mim e para o Cruz.

— Sim, sua excelência, em seguida — replicou o bufão.

E como ficou ali imóvel, Rosas lhe deu um tapa nas costas, ao mesmo tempo em que vociferava: — Eu já disse, Padre Vigué! Ou você tem lama nos seus ouvidos?

Aturdido, o servo saiu rapidamente do salão temendo um golpe mais forte. Juan Cruz ria às gargalhadas da cena. Nunca tinha podido compreender o idiota do Vigué; Rosas o tratava com o pior dos piores, humilhava-o, insultava-o, golpeava-lhe, submetia-o aos tormentos mais espantosos e ele seguia ali, talvez por um prato de comida e um teto onde abrigar-se.

A atitude de Rosas com de Silva era diametralmente distinta. Juan Cruz era uma das poucas pessoas que o ditador na verdade respeitava. Em realidade, admirava-o. Admirava sua inteligência, sua sagacidade, e, por, sobretudo, sua frieza.

— Manuelita morre de vontade de conversar com sua esposa, mas ela nunca aceita os convites que lhe faz para as tertúlias das quartas-feiras.

Juan Cruz sabia que isso era uma recriminação mais que um simples comentário. Ninguém se animava a rechaçar um convite à casa do governador. "*Ninguém, exceto Fiona, é óbvio*", pensou de Silva.

— É que estive um pouco ocupada. Custa-lhe adaptar-se a seu novo lar e...

— Ou será talvez essa escola que armou para os filhos dos peões?

O governador cravou seus olhos nos de Juan Cruz, que pareceu não alterar-se. Enquanto isso, desvelava os miolos tratando de encontrar uma resposta melhor.

— Não, não acredito que seja isso — respondeu de Silva, sem maior ênfase.

Era incrível, não havia qualquer coisa dentro da Confederação que escapasse ao ditador; sempre sabia de tudo. Sua rede de informação era endiabradamente eficaz, nunca falhava.

— Não acha que é perigoso andar educando os filhos dos peões? Já sabe o que penso a respeito disso, Cruz.

— Sim; sei bem o que você opina. Mas tudo está sob controle, Dom Juan Manuel.

Com isso, de Silva pôs ponto final ao assunto.

— Se você o diz...

Rosas se aproximou da escrivaninha repleta de papéis e expedientes; tomou um e o estendeu a Juan Cruz.

— E agora, você que é mais rápido que eu com os números, quero que controle estas contas. Não me entendo com elas.

— Dormiu bem ontem à noite, Fiona?

Juan Cruz se sentou à mesa. Tinha chegado tarde de de Rosas e Fiona e Candelária estavam esperando-o para jantar.

— Sim, senhor, obrigada — sussurrou Fiona, com o olhar baixo. Não queria que se notasse o rubor em suas bochechas. A situação era embaraçosa; essa manhã tinha amanhecido na cama de seu marido e, embora ele já não estivesse ali, havia-se sentido estranha. Antes nunca tinha passado toda a noite junto a ele. E o desconforto se mesclava com uma sensação que há tempo não conseguia explicar.

Candelária observava o casal e, por momentos, suas atitudes a desconcertaram. Juan Cruz parecia contente, e Fiona, menos feroz.

— Convidaram-na a uma reunião em Palermo, na quarta-feira á noite — comentou Juan Cruz.

— Ah sim... E, qual é o motivo da reunião? Se posso sabê-lo, senhor... — perguntou Fiona sem olhá-lo.

— Nenhum em especial. A mesma de todas as quartas-feiras; divertir um pouco Manuelita e conversar de política. Haverá o mesmo jantar americano de sempre, se cantará um pouco, se dançará... Não sei, Fiona, o que está acostumado a fazer-se nessas ocasiões, você sabe.

De Silva levantou a vista do prato e a descobriu olhando-o fixo. Estava muito bela. De repente, sentiu uma excitação e um regozijo inexplicável.

— Você não gosta de festas e dessas coisas, verdade? — perguntou finalmente Juan Cruz.

— Não muito, senhor.

A jovem ainda lhe sustentava o olhar, sem um vestígio de acanhamento de minutos atrás.

— Que estranho que uma juvenzinha como você não se agrada de tertúlias! — comentou Candelária.

— O que eu não gosto, Candelária, é o que as pessoas fazem nessas tertúlias

— replicou Fiona. Seus olhos azuis não se afastavam dos de Silva, que a olhava impávido.

— E o que é o que as pessoas fazem nessas tertúlias, Fiona? — perguntou a negra, como se não soubesse.

— Veja você, Candelária... As jovens solteiras não comprometidas se oferecem aos cavalheiros solteiros ou viúvos como se fossem fruta no mercado. As mães ou as avós passam horas inteiras organizando os encontros de suas filhas ou suas netas com os homens mais enriquecidos; é humilhante, me acredite. Os homens, por sua parte, não perdem a oportunidade de caçar alguma presa mais ou menos atraente e, se for milionária, melhor. E se for de linhagem, bem! Isso é o elixir, Candelária.

Ambos a observavam divertidos. Fiona parecia possuída, enquanto destrambelhava contra a sociedade em que havia nascido.

— E não vai acreditar-me Candelária, mas também estão as enjeitadas.

— As enjeitadas?

— Sim, as enjeitadas. As mais feias, as mais fracas, as mais gordas... ou as mais pobres, qualquer uma que apresente algum defeito que a faça descartável, Pode acreditar nisso, Candelária? Passam toda a noite nos cantos ou nos pátios da casa porque nenhum convidado pediu-lhes nenhuma peça! E apesar de semelhante humilhação, continuam indo a cada um dos bailes aos que as convidam. Pois para mim, vão ao demônio com todos os bailes de Buenos Aires!

Fez uma pausa; deu-se conta de que estava dizendo de uma só vez mais palavras que as que tinha pronunciado desde que chegou à A Candelária. Tomou um sorvo de água e continuou, animada; depois de tudo, esse discurso, em parte, estava dirigido a seu marido.

— Eu adoro ficar com as enjeitadas. — Fiona percebeu a expressão de surpresa no rosto da Candelária. — Sim, Candelária. Geralmente são pessoas agradáveis, domesticadas pelo sofrimento de considerarem-se menos que o resto. Além disso, é o melhor lugar para ocultar-se se não desejamos dançar com algum cavalheiro a quem já lhe prometeu uma peça.

De Silva já não pôde conter-se e soltou uma gargalhada. Fiona o olhou desgostosa; esse não era o efeito que desejava lhe causar.

— Então era por isso que ninguém te encontrava em de Saénz aquela noite — afirmou Juan Cruz.

Fiona estava furiosa; ficou olhando-o como pronta para saltar em cima dele.

— Meu Deus, Candelária! Teria que ter visto o pobre Sole... A procurou

durante toda a noite, desesperado...

Voltou a rir, e a raiva da Fiona aumentou.

— O pobre diabo não conseguiu sequer saudá-la — retomou Juan Cruz com indisfarçável desprezo. Depois, afastou a vista de Fiona e permaneceu calado, com as mãos juntas sobre os lábios.

Palmiro Soler, um tipo mal parido. Desde o dia em que Rosas os apresentou, na quinta de São Benito de Palermo, achou-lhe insuportável. O governador acabava de nomeá-lo secretário geral da Sociedade Popular, um posto bastante cobiçado; o imbecil se acreditava um Deus por isso.

Juan Cruz desprezava o sorriso hipócrita de Soler e seus modos de criança pequena também. Sob sua aparência enganosa se escondia um homem baixo, sem princípios, com desejos doentios por subir no entorno que rodeava o governador. De Silva sabia que Soler o invejava. Enlouquecia por que Juan Cruz era tão especial para Rosas, como um filho, de sua inteira confiança; e para pior, milionário.

Foi por Misia Mercedes Saénz que soube que Soler há tempo cortejava Fiona, ou, mais exatamente, que estava meio louco atrás dela. Mas a jovem nem o olhava. Seu sangue gelava só de pensar que esse maldito pudesse pôr uma mão sobre sua esposa, embora só fosse para dançar o minueto. Mas não teve que preocupar-se. Soler estava longe, na cidade, ruminando sua derrota; em troca ele, desfrutava da vitória.

Voltou à vista para sua esposa. Ela o olhava fixo, com ânsia. Tinha que dizer algo; precisava desafogar da raiva que lhe tinha feito sentir com seus sarcasmos.

— Você sabia, senhor de Silva, que eu não danço com mazorqueros. É algo que tenho proibido a mim mesma.

— Seriamente, Fiona? Então, me diga... — arqueou as sobrancelhas e ensaiou sua cara mais inocente. — Por que não quis dançar comigo aquela noite? Que eu saiba, não sou mazorquero, nem penso sê-lo.

Definitivamente, essa não era esperado. Essa pergunta foi como um balde de água fria. Como se atrevia a lhe perguntar isso? Respirou profundamente e bebeu um sorvo mais de água. Devia manter a calma. Não permitiria que de Silva seguisse enredando-a em seus tentáculos com sua inescrupulosa habilidade.

— Você me pediu uma peça no momento em que eu me retirava da festa. Estava cansada e tinha uma terrível enxaqueca — mentiu Fiona.

— É óbvio — adicionou de Silva em tom irônico, pondo ponto final à conversa.

— Desejas mais bolo de milho, Juan Cruz? — interveio Candelária.

— Não, obrigado. — E adicionou; — Comam a sobremesa sozinhas, eu estarei em meu escritório arrumando alguns papéis. — Em seguida, desviou o olhar para Fiona. — Quando terminar, preciso falar contigo. Venha a meu escritório, por favor.

Fiona não respondeu; limitou-se a observá-lo até que desapareceu atrás da porta.

— Deverá deixar de dar aulas aos filhos dos peões, Fiona. — A voz de seu marido soou imperativa.

Fiona não chegou a sentar-se no sofá de couro; deu um salto e esteve outra vez em pé. Tratou de tranquilizar-se; sabia que se perdia a calma perderia também a batalha.

— Senhor de Silva... — começou quase com doçura. — Eu entendo que esta é sua propriedade e nenhum direito tenho a... — deteve-se bruscamente e com o dedo indicador reteve a de Silva que não a interrompesse. — Por favor, me deixe terminar.

Juan Cruz a olhou, divertido.

— É verdade que não tenho nenhum direito sobre sua propriedade ou sobre o pessoal de A Candelária — seguiu Fiona, imperturbável, — mas, como acredito que você é um homem muito inteligente, sei que compreenderá quão benéfica é a educação para as crianças. Porque tem que saber, senhor, que a ignorância é um inimigo encoberto que se deve combater sem quartel. Contra ela nada se pode, só resta eliminá-la.

De Silva, que tinha permanecido de pé atrás de sua escrivaninha, começou a caminhar pela sala, cabisbaixo, as mãos nas costas e o charuto entre os lábios.

— Certamente, Fiona, tem lido a muitos revolucionários europeus — afirmou, em tom severo.

— Como disse, senhor? — Fiona tratou de dissimular o melhor que pôde o estremecimento que lhe provocaram aquelas palavras.

— Digo-o por essas ideias sobre a educação das crianças e a ignorância. Tem lido muito sobre isso, verdade? — Agora a olhava direto nos olhos.

— Sim, é verdade senhor. Eu leio muito. Parece-me que, pelo menos nisso, você e eu concordamos. — Fiona olhou as paredes a seu redor. Altas estantes,

repletas de livros do chão ao teto.

— Não posso acreditar! Fiona de Malone admitindo que concorda em algo com seu marido.

A jovem sentiu vergonha e se ruborizou. Entretanto, não ia deixar se vencer tão facilmente.

— É mais singelo pensar que minhas ideias correspondem a outros, verdade? Nem sequer por um mísero instante pode acreditar que isto que lhe digo é algo no qual eu acredito firmemente e que nada tem que ver com minhas leituras?

— Sim, custa-me pensar que seja algo que surge de você como por arte de magia.

— Arte de magia! Arte de magia você o disse! Senhor de Silva, nada é por arte de magia. Você deveria sabê-lo já... Tudo o que eu sei e conheço, tudo o que penso e acredito, é meu maior tesouro. É algo meu; eu ganhei, e nada nem ninguém vai me tirar isso. Apesar de vestir saias e usar o cabelo recolhido em um coque, eu também sou capaz de criar minhas próprias ideias, senhor.

Sua postura era desafiante: a cabeça para frente, os braços sobre a cintura, o olhar fixo no rosto dele.

— Fiona... Fiona... sim você é uma mulher especial — murmurou de Silva para si. Estava se divertindo com a conversa, mas não desejava zangá-la muito; tinha outros planos para essa noite. Sentou-se na poltrona, sem afastar o olhar dela.

Entretanto, o tom condescendente de Juan Cruz avivou ainda mais a Fiona.

— É lamentável considerar "especial" uma mulher só por querer melhorar a si mesma e aprender um pouco mais que a minúcia do que somos ensinadas. — Um sorriso irônico se desenhcou em seus lábios. — Mas também tenho que reconhecer que a culpa não é de vocês, dos homens. Não, senhor. A culpa é nossa, das próprias mulheres.

De Silva arqueou as sobrancelhas com assombro, mas não disse uma palavra.

— Sim, das mulheres... — voltou a afirmar. — Porque são elas as que se submetem às normas que os outros lhes impõem sem sequer pensar por um minuto se lhes convém ou não. E não dizem nem mu sobre isso; ao contrário, humilham-se para obter a atenção de um "cavalheiro" que as possam pedir em matrimônio. Fazem qualquer coisa por isso; e uma vez que conseguem, as apanhadas são elas. Mas parece não perceberem. E assim vivem, vegetando. Como diz Eliseo: *"A culpa não é do porco, mas sim do que lhe dá de comer"*.

— Não acredito que todas as mulheres sejam como você diz — apontou de

Silva. — Não acredito que Misia Mercedes de Sáenz o seja.

— É óbvio que não! — assegurou Fiona com veemência. — Mas ela teve e tem ainda que suportar as línguas viperinas de muitas das mulheres de elevação de nossa sociedade. Ser assim, tão livre e aberta, causou-lhe sempre problemas; ela mesma me disse isso.

— E me disse que se sente feliz de ser assim — retrucou Juan Cruz.

— É óbvio — replicou Fiona, encorajada. — Ninguém pode sentir-se infeliz se fizer o que deseja com toda a alma.

— E você, Fiona, é feliz?

A pergunta que fazia tempo estava evitando formulava agora a pessoa menos indicada. Sua mente começou a girar em círculos; nada lógico lhe ocorria como resposta. As mãos suavam, as pernas tremiam.

Juan Cruz viu como Fiona se transformava, e sendo a mulher mais segura passava a ser a mais temerosa e vulnerável. Levantou-se e foi para a sua mesa, tentando esconder o gesto melancólico de seu rosto. Talvez, ele tampouco, queria escutar a resposta. Abriu uma das gavetas e tirou um livro encadernado em couro. Em seguida, aproximou-se de Fiona, e o estendeu.

— Tome.

Fiona o recebeu com mãos trêmulas e o apertou contra seu peito; depois, afastou-o para ler o título. Pôde ver as duas manchas úmidas que o suor de suas mãos havia impresso no couro da capa.

— Sugiro-te que leia a página cento e trinta e três; depois, se o desejar, dê-me sua opinião.

Fiona levantou o olhar do livro e se encontrou com os olhos escuros de Juan Cruz. Por um momento, sentiu um forte desejo de abraçá-lo; talvez por sua expressão, mansa e terna, talvez o tom de sua voz, mais doce e pormenorizado, enterneceram-na. Sem esperar mais, abriu o livro e procurou a página indicada. A cor sépia das folhas denotava sua antiguidade; passou-as com cuidado, parecia que poderiam rasgar-se como madeira ressecada.

— "O mito da caverna" — leu Fiona.

Olhando para trás para frente, pôde sentir a respiração de Juan Cruz, a só um passo de distância. Aproximou-se ainda mais dela e agora a contemplava dessa forma que tanto a impressionava. Sem tirar os olhos dela, Juan Cruz lhe tirou o livro e o deixou em uma mesinha próxima a eles. Em seguida, roçou com suas mãos as maçãs do rosto de Fiona, que sabia era suave como a seda. Ela, hipnotizada, conteve a respiração. Tinha as mãos inertes aos lados do corpo, a

boca entreaberta e o peito agitado.

Fiona sentiu que uma força animal a atraía quando o braço dele rodeou sua cintura e uma de suas mãos a segurou pela nuca. Beijou-a desafortadamente, enquanto a apertava contra ele; e, logo, quando baixou pouco a pouco as mãos para suas nádegas, e a empurrou contra sua virilidade endurecida, Fiona o escutou ofegar. Parecia ter enlouquecido, parecia outro.

— Abrace-me — ordenou de Silva finalmente, quase sem fôlego.

Fiona passou os braços por trás do pescoço de de Silva e se deixou levar mais uma vez. Não podia controlar-se, aquele desejo era mais forte que sua vontade. E embora não poder dominar-se a enfurecesse, teve que admitir que nunca havia sentido tanta felicidade como entre os braços do homem que odiava.

Com o olhar pesado, de Silva procurou com desespero um lugar onde pudesse fazer-lhe amor; pensou na escrivaninha, no sofá, no chão. Não, nada era adequado para ela. Fiona, ainda agarrada a seu pescoço, observava-o confundida, sem atrever-se a dizer uma palavra.

Juan Cruz a levantou no ar e saiu de seu escritório. Fiona se segurava a suas costas; agora que se agarrava lhe parecia mais larga e musculosa. O fôlego entrecortado dele a estremeceu e não pôde evitar beijá-lo; primeiro na mandíbula, depois na bochecha, um pouco áspera pela barba incipiente, e, finalmente, no pescoço. De Silva se contorcia cada vez que sentia os lábios úmidos de Fiona sobre sua pele. Era a primeira vez que o beijava dessa forma, tão voluntária, e aquilo terminou de desequilibrá-lo; depositou-a sobre o tapete do salão principal e começou a despir-se. Parecia alienado, e a expressão ofegante que animava o rosto de sua esposa o excitava ainda mais que seu próprio desejo.

Fiona observava seu corpo e a tensão de seus músculos à medida que ele se despojava da camisa, das calças e, finalmente, do calção. Afogou um gemido na garganta quando Juan Cruz lhe rasgou de um puxão sua bata, liberou-lhe os seios e começou a beijá-la e sugá-la. Um torvelinho de sensações começava a envolvê-la quando sentiu que a penetrava. Então, o éden.

— Senhor... senhor de Silva.

Fiona sussurrava em seu ouvido para despertá-lo. Ainda estavam estendidos sobre o tapete; ela, despida pela metade, ele, completamente nu. Parecia adormecido; um braço a envolvia pelas costas e o outro descansava em seu ventre; paradoxalmente, embora presa, não desejava sair dali.

— Senhor de Silva... — insistiu, levantando um pouco mais o tom.

A casa estava em silêncio; os servos dormiam, à exceção do guarda que passava

a noite vigiando possíveis ataques da torre. Estava muito longe, quase nos limites da fazenda, não havia riscos com ele. Mas, o que aconteceria se algum dos servos despertasse e os visse?

— Senhor de Silva, por favor, desperte! — Agora o sacudia freneticamente.

Juan Cruz dormia como uma criança a seu lado; de repente começou a mover-se com lentidão e a fazer sons estranhos com a boca. Isso a fez rir.

— Senhor de Silva, desperte de uma vez, por favor. Devemos sair antes que alguém nos descubra.

Juan Cruz se inclinou com uma gargalhada; doía-lhe as costas e tinha uma perna e um braço meio intumescidos, mas se sentia bem.

— Por que ri, senhor? — perguntou Fiona ofendida; e desviou o olhar ao perceber que Juan Cruz ficava de pé e seu corpo nu se projetava diante dela.

— Fiona, esta é minha casa; e você é minha esposa. — Levantou a calça do chão e começou a colocá-la. — Ninguém pode nos dizer nada, entende?

— Sim, mas é melhor irmos — disse ela, enquanto tratava de levantar-se.

Nesse momento Juan Cruz tomou suas mãos, atraiu-a para ele e a beijou nos lábios. Ela se ruborizou e ele sorriu.

— Deixe-me te ajudar com sua bata. Deixei-a em farrapos... — Contemplou-a maliciosamente, com as mãos ainda sobre o tecido. — Amanhã irá a Buenos Aires e encarregará todos os vestidos que deseje. Está bem?

— Não é necessário, senhor, tenho...

— Nada disso, Fiona. Minha esposa tem que ser uma rainha.

Recolheu a camisa e o calção do piso e os colocou no ombro. Fiona achou divertido vê-lo assim.

— Além disso, em minha última viagem a Buenos Aires aceitei alguns convites a tertúlias e festas. — Olhou-a de soslaio e pôde perceber um gesto de aborrecimento. Atraiu-a para ele pela cintura antes de lhe dizer: — Já sei que você não gosta; mas, faria-o por mim? — Cruzou com ela um olhar fugaz. — Melhor não me responder.

Juntos começaram a subir a silenciosa escada. De Silva seminu, ela, toda desalinhada.

— Senhor de Silva, poderei continuar com minha escola? — perguntou Fiona quando chegaram à porta de seu quarto.

— Amanhã falaremos disso.

Juan Cruz sabia que a resposta era não, mas não estava disposto a romper a magia desse momento por nada no mundo.

Com inocência, Fiona juntou as mãos como em uma prece e as levou a peito.

— Por favor, senhor, o suplico.

Juan Cruz pensou que poderia voltar a lhe fazer amor ali mesmo, com igual ímpeto.

— Não, Fiona. — Acariciou-lhe a bochecha. — Agora não. Amanhã veremos; agora estou muito cansado. — Voltou a beijá-la.

— É Rosas, verdade? Ele não quer minha escola, não é verdade?

Era tão sagaz. Possivelmente deveria ter escolhido uma mais tola; e menos impetuosa. Como Clelia, talvez. Mas não, era Fiona a quem mais desejava em sua vida.

— Vá dormir, amanhã falaremos.

Fiona entrou em seu quarto. Sabia que não devia insistir; não com de Silva.

— Qual é seu sobrenome, Candelária? — perguntou Fiona quando ela passou.

A mulher começou a tossir com nervosismo.

— Faz dias quero perguntar-lhe e sempre me esqueço.

— Bem... veja... este...

— Acontece-lhe algo mau, Candelária? — perguntou com fingida ingenuidade. — Eu só desejava saber seu sobrenome.

— E para que deseja saber seu sobrenome?

A voz profunda e viril de Juan Cruz se fez escutar nesse momento em que entrava na sala de jantar. Aproximou-se da negra e a beijou em ambas as bochechas, como cada manhã; depois, sentou-se.

— Por nada em especial, senhor — se apressou a responder Fiona. — Simples curiosidade, Juan Cruz não a olhava; parecia estar muito concentrado em desdobrar o guardanapo sobre seus joelhos. Enquanto, uma serva lhe servia café e Candelária lhe escolhia alguns pãezinhos.

— Seu sobrenome é de Silva, Fiona — disse finalmente.

Fiona franziu o cenho e olhou para mulher, que tinha baixado a vista, envergonhada.

— Isso significa que vocês são parentes, senhor? — perguntou quase com medo.

— Não, não o somos. Candelária me deu seu sobrenome porque ninguém

mais estava disposto a fazê-lo.

Fiona se ergueu um pouco mais na cadeira. Jamais teria imaginado que lhe daria uma resposta tão direta.

— Isso foi muito nobre de sua parte, Candelária — ela disse.

— Obrigada — murmurou a negra.

— Que deliciosa manteiga! — comentou Juan Cruz, pondo ponto final a este tema — É a que fazem no famoso laticínio?

— Sim — replicou Candelária uma resposta. — E isso que ainda não te dei para provar os queijos.

— Quase não posso esperar para comer um — disse ele, tomando-lhe a mão.

Fiona os olhou e compreendeu que se tratava de outro desses momentos nos quais ela não existia. Sentiu ciúmes.

— E também poderemos continuar com a escola, verdade, senhor? — disse, aproveitando o momento de euforia.

— Não, não poderá seguir com a escola.

Fiona sentiu raiva, tristeza, impotência, uma mescla muito difícil de controlar. E não pôde evitar algumas lágrimas.

— Por favor — pareceu suplicar de Silva.

Nesse preciso instante, Candelária se levantou e abandonou a sala. Isso a enfureceu mais ainda; era a mulher perfeita, sabia como proceder em cada ocasião, sempre fazia o que lhe agradava, jamais o zangava. Em troca ela, sempre cometia algum engano que terminava por enlouquecê-lo.

— Já falei com o professor Pellegrini para que venha te dar aulas de pintura. No outro dia te vi na fonte com...

— Não quero aulas de pintura! Quero minha escola!

Até para ela as frases soaram como as de uma garotinha caprichosa.

— Não pode seguir com isso. As crianças têm que trabalhar para ajudar a seus pais, e eles se queixam porque estão todo o dia debruçados entre livros...

De Silva tentava manter a calma, mas não estava acostumado que não se obedecessem suas ordens.

— É Rosas! É ele que não quer! — A jovem se levantou da cadeira. — Maldito tirano!

Fiona pensou que seu fim tinha chegado quando viu o braço de Juan Cruz elevar-se no ar. Instintivamente, ela se afastou, cobriu o rosto e afogou um grito de terror. Mas antes de tocá-la, de Silva deixou cair à mão. Então, de repente agarrou-a bruscamente pelos ombros, elevou-a no ar e a apoiou contra a parede;

os pés de Fiona dançavam freneticamente sem apoio.

— Desça-me, desça-me!

— Nunca mais volte a chamá-lo de tirano — disse Juan Cruz com os dentes apertados de raiva. — Entendeu? — gritou-lhe perto do rosto.

Como pôde, Fiona moveu a cabeça em sinal de assentimento. Ela tinha a pele arrepiada por todo o corpo e um tremor frio lhe sulcava as costas. "*Outra vez não*", pensou angustiada ao recordar a ocasião em que de Silva quase arrancou a porta de suas dobradiças e destroçou uma pesada cadeira.

Então, sentiu que de Silva descomprimia a força que tinha estado exercendo sobre seus ombros e, pouco a pouco, descia-a para terra firme. De todas as formas, não a deixou escapar; colocou ambas as mãos à altura de seu pescoço, tão perto que lhe cravava os polegares na carne. E o fazia doer. As mangas da camisa de de Silva escorregaram para cima e Fiona pôde ver como os músculos tensos sob sua pele bronzeada e suada.

— Eu sou um bastardo, Fiona. — Disse-o em um sussurro resistente, como querendo destroçá-la com os dentes. — Um bastardo — repetiu. — Você não tem ideia do que isso significa, nem a mais remota ideia. O que você sabe, pirralha malcriada, se jamais te faltou nada? — sorriu com ironia.

Ela se moveu um pouco, tratando de escapar das pinças que a mantinham aprisionada: era impossível. Pior ainda: mal se moveu, Juan Cruz tomou-a pelo pescoço.

— Tem asco por haver se casado com um bastardo? Por isso me rechaçou desde o princípio, porque sou um bastardo, verdade?

Os olhos de de Silva a queimavam. Fiona tratava de negar com a cabeça, mas sentia que a cada movimento os dedos dele lhe cravavam na carne. A dor era, momento a momento, mais intenso.

— Mentirosa! É uma maldita mentirosa! — bramou Juan Cruz.

Fiona sentiu o fôlego quente do homem em seu nariz e começou a tremer.

— Mas não me importa. E eu tenho você, é minha — disse ele com desdém.

— Me solte, por favor — choramingou a jovem.

— Não antes que escute o que tenho que te dizer.

Retirou sua mão do pescoço de Fiona e voltou a apoiá-la contra a parede.

— Quando Candelária chegou comigo à propriedade de de Rosas, eu tinha apenas dias de nascido. Estava morta de fome e sem forças porque tudo o que tinha trocava por leite para mim. — Fez uma pausa em que baixou a vista; depois, continuou com a mesma veemência. — Rosas a acolheu em seu campo,

deu-lhe um rancho onde viver e lhe ofereceu trabalho. Nunca nos deu de presente nada; sim nos deu uma chance de sobreviver quando todos nos desprezavam. Tratou-me sempre como a um filho, e eu o amo como a um pai.

Cansado ele baixou os braços e voltou para sua cadeira.

— Sente-se, Fiona.

Estava cansado de brigar com ela. Preferia-a mansa e disposta como quando faziam amor. Não queria brigar mais.

Obedientemente, Fiona se sentou à mesa, com as mãos sobre a saia e a vista na toalha; não queria olhá-lo nos olhos. Sentia-se miserável e triste; nesse momento compreendeu que Dom Juan Manuel era para Juan Cruz o que Sean Malone era para ela. Que fazia de Silva com ela? Depois de tudo, tinha que odiá-lo; mas não podia.

— Senhor...

— Fiona...

Os dois falaram com mesmo tempo. Depois de olhar alguns segundos, sorriram tristemente.

— O que você ia dizer-me?

— Queria lhe pedir perdão por chamar assim Dom Juan Manuel. Eu não sabia nada disso. — Voltou os olhos à toalha.

— Tudo bem, Fiona. Talvez a culpa seja minha por não haver-lhe contado isso, mas... é tão difícil falar contigo... Sempre à defensiva, sempre tão mordaz...

— Bem, senhor, você tampouco fica atrás — arguiu Fiona com novas presunções.

Juan Cruz se limitou a lhe sorrir.

— Fiona, o que vou fazer contigo? Por que insiste em me desafiar? — Perguntou, enquanto aproximava uma mão do pescoço de sua esposa e o acariciava; sabia que tinha lhe causado dor com seus dedos. Tinha uma pele tão suave, tão vulnerável.

— Eu não quero desafiá-lo. Só desejo continuar com minhas aulas. — Viu-o sobressaltar-se levemente na cadeira, e se apressou a adicionar: — É que não compreendo que mal faço ensinando a ler e a escrever as crianças.

— Há tantas coisas que não compreende... E não é porque não seja inteligente! — Adicionou em seguida ao ver que Fiona franzia o cenho. — É claro que você é; mas não viveu o suficiente para entender de tudo. O mundo é mais complicado do que você acredita.

Ele ficou de pé, disposto a abandonar a sala de jantar.

— Senhor... — chamou-o Fiona antes que ele cruzasse a porta. — E sua mãe, senhor? O que ocorreu com ela?

— Minha mãe está morta.

Capítulo 10

A negra Paolina se aproximou do mostrador da recepção. O homem que atendia estava concentrado em sua tarefa: anotava algo, com letra miúda e clara, em um enorme livro que tinha diante dele.

Paolina apoiou a trouxa de roupas que trazia em um espaço livre do mostrador e pigarreou, delatando sua presença. O homem levantou a vista por sobre seus óculos.

— Bom dia, senhor Keen — saudou a criada.

— Bom dia, Paolina. Perguntou por você três vezes até agora, esta manhã. Por que demorou tanto, menina? — perguntou Keen, o dono do hotel, um velho irlandês que há alguns anos vivia em Buenos Aires.

— Está zangado? — perguntou Paolina com medo.

O homem deu de ombros e fez um gesto com a boca.

— Com de Silva nunca se sabe, menina. O melhor é não fazê-lo se enraivar. Vamos, sobe; está no mesmo quarto de sempre.

A criada subiu com rapidez as escadas, mas demorou um pouco em bater na porta. Em realidade, embora de Silva nunca tinha sido mau com ela, sabia que podia sê-lo se não se cumprisse suas ordens. A verdade é que tinha tido toda a intenção de chegar mais cedo, tal e como sempre tinha acordado com ele; só que, com a senhorita Cloé rondando por aí, tinha-lhe tornado impossível.

— Adiante — disse de Silva, quando finalmente Paolina se atreveu a chamar. — Chega tarde. Eu já deveria que ter saído para a propriedade — a repreendeu.

A jovenzinha começou a tremer; as palavras não lhe saíam.

— Patrão, desculpe, mas... Perdão, patrão, o que acontece... Bem, não pude antes por que... É que...

— Paolina, por Deus, se explique de uma vez!

— A senhorita Cloé não me deixou em paz nem um minuto, patrão. Só agora pude escapar da casa porque ela saiu para fazer umas compras — explicou a negra, espremendo as mãos, com o olhar fixo no chão.

— Está bem. — Juan Cruz mudou o tom de voz e continuou. — A partir de agora, mande o Mateo; com ele será mais fácil.

— Sim, patrão.

— Trouxe-me o que te pedi?

A negra estendeu os braços e entregou a trouxa de roupas. Juan Cruz a jogou sobre a cama.

— Estas são todas as coisas delas que estavam na casa, patrão. Já não há nada mais — assegurou a jovem.

Sem falar, de Silva se aproximou de um móvel, tirou de uma das gavetas um saco com moedas, e o entregou a Paolina. Depois, dispensou-a.

— Vá agora. Não se esqueça de mandar Mateo no mês que vem.

A jovem estava a ponto de abandonar o quarto quando Juan Cruz a deteve.

— Como ela está? — perguntou.

A jovem soltou um fôlego de indigestão antes de responder.

— Como louca, patrão. Desde que você já não vai à casa, a senhorita Cloé está como louca. Não faz mais que me perguntar por você. Quer que lhe diga onde nos encontramos. Ela sabe que você me entrega o dinheiro todos os meses, por isso me pergunta, patrão. Mas eu não lhe digo nada, nenhuma palavra.

Esperou uns segundos antes de sair; talvez o patrão desejasse lhe perguntar algo mais. Mas de Silva deu meia volta e se dirigiu à janela. Dali divisou a Plaza de la Victoria e a Recova Nueva. Era um formigueiro de gente, alguns comprando, outros vendendo, todos entre meio aos cães e os cavalos. Um transtorno. Queria retornar logo à A Candelária; ali encontrava paz. Quando se voltou, Paolina já não estava.

Decidiu tomar um banho. Sempre retornava a sua casa com aroma de cavalo e todo suado; não gostava que Fiona o visse assim; menos ainda, que o abraçasse e o beijasse. Fechou os olhos, inspirou profundamente, e se entregou a pensar nela, cheio de prazer. Apesar do fato da escola, ela não tinha mudado com ele. Embora não deixava de dar rédea solta a seu caráter irlandês cada vez que podia, seguia bem disposta, e cada vez mais carinhosa. Por outra parte, pensou, o que seria de sua vida sem sua Fiona feroz e mordaz? Nada, disse-se.

A tina estava preparada. Deslizou-se dentro dela, até relaxar-se por completo. A água morna era um prazer. Desejou que Fiona estivesse ali nesse instante, banhando-se com ele. A pele lhe arrepiou de só pensá-lo. Imaginou-lhe ensaboando as costas, o pescoço, os seios. Sua mente recordou os mamilos rosados e translúcidos endurecidos pela excitação. Sentiu a ereção e se estremeceu.

A porta do quarto se abriu de repente. De Silva retornou de suas fantasias e se encontrou com Cloé, sob o dintel. Em um ato reflito, ficou de pé; a mulher

fechou a porta e avançou para ele.

— Pensando em mim, talvez? — perguntou, sarcástica, com a vista posta no membro ereto.

O rosto de Juan Cruz se transformou. Ele pegou uma toalha e se cobriu. Cloé não podia acreditar que estivesse envergonhado, e riu as gargalhadas.

— O que faz aqui? — repreendeu-a de Silva de mau humor, já fora da tina. Tratou de recompor-se. Não gostava que o vissem alterado. Não gostava que soubessem o que sentia, nem o que pensava.

— Como o que faço aqui? — Exclamou a mulher, fazendo-se de surpreendida. — Venho ver-te. Faz tempo que não visita minha casa. Sinto sua falta, meu amor. — Tinha abandonado o gesto pícaro, trocando-o por outro, carregado de desejo. Aproximou-se dele e lhe apoiou as mãos sobre o torso molhado. — Está irresistível — lhe disse ao ouvido, mordiscando seu pescoço.

De Silva permanecia de pé, com os braços ao lado do corpo. O contato íntimo com a mulher o incomodou. De fato, encheu-o de raiva. Que fazia ela ali? Como tinha chegado? Claro! Seguiu Paolina. Negra estúpida! Havia-lhe dito que tomasse cuidado.

— Solte-me, Cloé — ordenou, afastando-a dele.

— Antes enlouquecia se o tocasse. Recorda-se?

Outra vez se lançou sobre ele, rodeando-o com os braços, lhe beijando o peito. Tirou-lhe a toalha que o envolvia e lhe acariciou o traseiro. Um súbito calor envolveu o corpo de Juan Cruz, enchendo-o de desejo, mas o rosto de sua esposa se apresentou em sua mente e se desfez de Cloé com rudeza. Pegou a toalha do chão e voltou a cobrir-se.

— Mas, o que te acontece! — vociferou a mulher, furiosa.

— Dissete faz um tempo que o nosso caso já não pode ser. Pelo visto não me entendeu. Agora lhe repito isso! O nosso caso acabou, e basta.

Cloé lhe deu uma bofetada, com o gesto alterado pela raiva. Juan Cruz apertou os dentes para conter-se. Teria querido estrangulá-la. Com lentidão, voltou o rosto até encontrar-se com os olhos da mulher.

— Perdoe-me, meu amor, me perdoe — balbuciou Cloé, com as mãos sobre o peito e o olhar choroso.

De Silva não disse nada. Afastou-se dela e, encaminhando-se à cama, começou a vestir-se.

— Não pode me deixar, Juan Cruz, eu te amo.

De Silva pensou que a teria admirado mais se tivesse economizado esta

súplica, e tivesse abandonado para sempre sua vida. Essa mulher estava se convertendo em um perigo. Era do tipo cruel e ladina, e agora estava ferida em seu orgulho. Tudo isso, junto, era de tomar cuidado. Conhecia-a bem, sabia ser capaz de muito. Era um inimigo para respeitar.

— Cloé, eu jamais te prometi nada. Você sabia que o nosso caso podia terminar tal como tinha começado, de um dia para o outro.

— Mas eu me apaixonei por você, não entende? Não posso viver se não o sinto a meu lado, Juan Cruz.

Oxalá Fiona lhe dissesse essas coisas. Não, ela nunca as diria, embora ele o desejasse mais que nenhuma outra coisa neste mundo. Em troca as dizia uma mulher do qual já não sabia como desfazer-se sem armar um escândalo. Um escândalo com uma puta, pensou, seria o fim de seu matrimônio. Fiona jamais o perdoaria, e a sociedade de Buenos Aires tampouco. Mas, ao diabo com a sociedade! O único que lhe importava era sua esposa. Ela jamais devia inteirar-se da existência de Cloé.

— Não entendo, Juan Cruz, por que não podemos nos ver?

— Já lhe disse isso; esta é uma cidade muito pequena, aqui tudo se sabe. E não me convém um escândalo neste momento. Seria como jogar meus planos pela amurada — respondeu Juan Cruz, sem olhá-la, acomodando a gola na frente do espelho.

— Mentira! Isso é uma mentira! — gritou como louca Cloé.

De Silva a olhava pelo espelho; e o que viu não gostou. Era o olhar e o gesto de uma pessoa demente.

— O que acontece é que se apaixonou por essa moça! Maldita menina do demônio!

— Baixe o tom de voz, estúpida!

De Silva se aproximou rapidamente e, tomando-a pelo cotovelo, sacudiu-a com força.

— Sim — afirmou Cloé, olhando-o nos olhos. — Apaixonou-se por ela como um joventinho inexperiente. Eu te conheço, Juan Cruz de Silva. O escândalo e a sociedade lhe importam um nada. Caga em cima deles! Mas essa imbecil, a maldita Fiona, essa te enlouquece. Está completamente apaixonado por ela.

Cloé começou a rir convulsivamente. Suas gargalhadas eram doentias, tinha os olhos muito arregalados e uma expressão de loucura que não se apagava da cara.

— Que estupidez está dizendo, mulher! — exclamou de Silva, soltando-a com rudeza.

— Estupidez? Que estupidez? É a pura verdade.

Fez-se um silêncio incômodo. Cloé não tirava a vista dele. Ele, em troca, olhava para o outro lado.

— Sabe? — Começou a dizer Cloé com voz mais calma. — Estive averiguando a respeito de sua Fiona adorada.

Juan Cruz se voltou com o rosto distorcido.

— Sim. Disseram-me que é uma preciosidade, mas que não gosta que a leve para cama. Algumas das brigas que teve com ela chegaram até aqui, queridinho. Ai, a servidão...! Um mal necessário! — exclamou, com gesto de artista. — Não é tão linda como dizem, em realidade. Uns domingos atrás tive que aguentar uma missa completa no Socorro para conhecê-la.

Juan Cruz se aproximou da mulher e a olhou fixo, sem pestanejar. Cloé retrocedeu, temerosa, mas continuou com seu relato insidioso.

— Ali estava, com sua avó e seus parentes, rezando como uma freira. Ora! Seguias até a casa. Linda casa.

Juan Cruz tomou-a pelo pescoço e a empurrou contra a porta. Aproximou seu rosto até quase lhe roçar o nariz. Cloé tinha a cara vermelha e não podia respirar.

— Se voltar a se aproximar dela, eu vou te matar.

Soltou-a. A mulher caiu ao chão, ainda tonta. Ela esfregava o pescoço e respirava com dificuldade. Doíam-lhe o peito e a garganta, mas isso não importava. O que sim contava era que ela tinha razão. Juan Cruz estava perdido de amor pela maldita Malone.

— Agora vá, Cloé, e não volte mais. Seguirei te enviando dinheiro, todos os meses, como até agora, pelo tempo que você queira; mas não volte a me buscar. Entenda-o, não desejo ver-te mais.

Cloé ficou de pé, com o rosto cheio de lágrimas. Não eram lágrimas de tristeza: estava furiosa, cheia de ódio.

— Meta o dinheiro no cú! Não o quero! Eu sou uma puta respeitável. Pagamento recebo se presto o serviço — gritou, exaltada, e lançou uma curta gargalhada.

Juan Cruz se estremeceu.

— Entenda-o bem, meu querido... Não poderá se livrar de mim tão facilmente! Nunca poderá!

E se foi dando uma portada.

Capítulo 11

Fiona já não aguentava mais ficar assim, tão quieta. Fazia mais de uma hora que posava para um retrato e para uma miniatura. Seu marido tinha convencido a um dos artistas mais famoso da época, Enrique Pellegrini, para que a pintasse e fizesse para ele sua miniatura em marfim com moldura de ouro e brilhantes encrustados. Em realidade, Pellegrini tinha abandonado a pintura para radicar-se em um campo de Cañuelas.^[51] Mas ninguém podia negar-se a um pedido de de Silva, que, por outra parte, quando lhe pediu uma fortuna pelos retratos aceitou o preço sem qualquer duvidar.

— Você é mais bonita do que se comenta, senhora de Silva.

Fiona se limitou a sorrir.

— O senhor de Silva me pediu que lhe desse aulas de desenho e pintura — comentou Pellegrini. — Infelizmente, será impossível. Eu já me retirei. Entretanto, se você me permitir, posso lhe recomendar um discípulo meu que viria lhe dar aulas com satisfação.

— Está bem — respondeu Fiona sem muito entusiasmo. Em realidade, ela não desejava aulas de desenho; isso era algo que Juan Cruz tinha decidido para preencher seu tempo.

— Uns minutos a mais, senhora, e a deixarei em liberdade. Meu plano é levar estes traços a meu atelier e terminar as pinturas ali.

— Muito bem — disse Fiona.

— Calculo que mais ou menos em um mês estarão terminadas. Eu mesmo as trarei até aqui.

— É muito amável, senhor Pellegrini.

Fiona se sentia vazia sem suas aulas, sem seus alunos. E embora em ocasiões tivesse ido à casa de alguns deles para lhes ensinar algo, finalmente teve que resignar-se; não por ela, mas sim pelas súplicas das mães que, aterrorizadas, temiam serem descobertas. A ordem do patrão tinha sido: "não há escola". E ela, pouco a pouco, estava se acostumando à ideia.

Passava as tardes lendo na biblioteca, que era muito completa; havia livros mais que proibidos na Confederação e, mesmo assim, de Silva os conservava. Leu as obras completas de Shakespeare, Graziella de Lamartine e tantos outros.

Agradava-a tomar chá com Catusha e passar à tarde em sua cabana. Em ocasiões, sua amiga parecia esquecer-se dela e se isolava no jardim para dedicar-se a suas plantas e flores. Fiona a observava e até isso lhe era agradável. Algumas vezes, Catusha cantava velhas canções em inglês, com uma voz muito doce e afinada. Gostava de escutar; eram as mesmas que entoava sua avó nas festas familiares ou no Natal.

O salão azul se converteu em um de seus favoritos. Era um lugar especial, cheio de luz pela tarde. Dali, a paisagem do parque se apreciava em toda sua extensão e ela, enquanto tocava o piano, não afastava a vista da vegetação; passava horas praticando scherzo[52] que conhecia e as melodias que mais gostava. Às vezes visitava o laticínio, que ia de vento em popa. Apesar de que tinha sido sua iniciativa, o estabelecimento já não lhe pertencia; Candelária era ama e senhora dali. Mas isso não lhe incomodava; não pretendia passar o dia inteiro entre leite e queijos.

De repente, sua vida social adquiriu um ritmo e uma intensidade vertiginosa. Quase todas as semanas ia a Buenos Aires junto a de Silva a alguma tertúlia. Não pôde evitar participar de algumas quartas-feiras ao tradicional chá de Manuelita, e embora odiasse essas reuniões, a filha do governador era mais que encantadora; tinha certa ingenuidade que contrastava com o tosco e ladino de seu pai. Manuelita lhe dava atenção especial quando a recebia e nunca deixava de lhe dizer que a sentia como uma irmã muito querida. Nas poucas ocasiões em que cruzou com Rosas na quinta de Palermo se limitou a trocar com ele uma saudação formal e fria. Apenas o via, sentia o forte impulso de lhe falar algumas verdades, e se se continha era porque não desejava incomodar a Manuelita, e menos ainda a de Silva.

Essa noite havia uma festa muito importante em que Domingo Riglos, uma das personalidades mais destacadas de Buenos Aires, estaria presente e Juan Cruz parecia notavelmente interessado em participar. Tinha ordenado a Fiona que mandasse confeccionar o melhor dos vestidos, e para ele tinha encarregado um luxuoso casaco.

Fiona suspirou com aborrecimento: era hora de ir arrumar-se. Logo chegaria de Silva, e como era escrupulosamente pontual, queria sair com tempo se por acaso se apresentava algum inconveniente no caminho.

Começou a subir as escadas e, antes de chegar ao patamar, escutou a voz de seu marido que dava algumas indicações, certamente a Celedonio. Deteve-se e permaneceu uns instantes escutando-o, como enfeitiçada; estava profundamente

cativada por ele, e já não tinha sentido tratar de ocultá-lo. De Silva tinha conseguido meter-se na sua mente e no seu coração, até converter-se para ela no centro de tudo. Tinha começado odiando-o e tinha terminado... Isso que sentia, era amor? Aquilo do qual sempre lhe tinha falado tia Trícia? Aquilo que ela nenhuma vez tinha experimentado com nenhum outro? Todos lhe tinham parecido muito pouco homem. Em troca, Juan Cruz, com seu corpo bonito, seu rosto masculino, suas maneiras um tanto torpes, seu sorriso, sua fúria devastadora, seu cabelo liso e negro, era a virilidade feito carne. Reprimiu um gemido ao recordá-lo sobre ela, lhe fazendo amor.

Quando escutou seus passos firmes sobre o mármore dos primeiros degraus, subiu correndo os últimos degraus. Parecia uma menina escapando dele, mas preferia ocultar-se de seu olhar nesse momento. Seu olhar. Pensou que nem em cem anos poderia acostumar-se a ele. Às vezes, irritado, parecia queimá-la; outras vezes, excitado, parecia querer devorá-la; e quando era indiferente a enchia de desassossego, e ela sentia que algo muito importante lhe faltava. O que tinha feito dela esse homem? Já quase não dormia se não era em seus braços. Sentia vergonha por isso, mas muitas vezes o desejo turvava de tal forma seu pensamento que ela mesma escapulia pela porta comum, e se metia furtivamente entre os lençóis dele. E essas eram às vezes nas quais mais louco de paixão ele se tornava, até fazê-la gritar de prazer. Só assim Fiona conseguia dormir em paz.

Quando entrou em seu dormitório, Maria já tinha tudo arrumado. O vestido sobre a cama, as joias sobre a penteadeira, e os sapatos de cetim acomodados no chão.

— Vamos, se apresse, ainda deve tomar seu banho — a apressou a serva.

A água estava muito quente para uma tarde de verão, mas ao cabo de alguns minutos seu corpo se habituou até tal ponto à temperatura que, enquanto Maria a ensaboava, começou a adormecer.

O ruído da porta ao abrir a alertou. Era Juan Cruz.

— Maria, me deixe uns instantes com minha esposa.

A serva saiu mansamente.

Juan Cruz fechou a porta atrás de si, aproximou-se da tina, e se agachou na frente dela. Fiona se ergueu e ficou olhando-o com expectativa.

— Que deseja, senhor? — Perguntou. Ela seguiu com seus olhos os de de Silva e o rosto lhe ruborizou quando descobriu que a túnica que usava para banhar-se se ajustava a seus seios e os punha claramente em evidência.

— Vi-a com menos roupa que esta, Fiona — disse Juan Cruz quando

descobriu seu rubor.

— Senhor... por favor... — suplicou ela.

— Não me peça que não a olhe quando quão único desejo neste momento é te levar para cama, querida.

Fiona teve que esconder suas mãos sob a água para que Juan Cruz não descobrisse que tremiam.

— Muitas vezes não se pode fazer o que se deseja, não acha?

— Não para você, senhor. Você sempre faz o que quer.

De Silva riu. Acariciou-lhe a bochecha úmida e a contemplou com ternura.

— Só vim te avisar que esta noite ficaremos em Buenos Aires.

— Em casa de meu avô? — perguntou entusiasmada.

— Não; comprei uma casa na cidade. Ali ficaremos.

Pôde adivinhar o desencanto em seu olhar. Desta vez, entretanto, Fiona não fez um escândalo. Fazia um tempo estava mais tranquila, mais calma, parecia outra; apesar de que a picardia e a sagacidade não a tinham abandonado. Ele a preferia assim, como a moça rebelde e inteligente que tinha conhecido, a das respostas afiadas e as olhadas desafiantes.

— Está bem — aceitou finalmente com tom desiludido.

De Silva se levantou e abandonou a sala de banho.

— Pode entrar, Maria — o escutou dizer.

Ao entrar na casa dos Riglos de braço dado a seu marido, Fiona não soube que foram muitos os que suspiraram, e não foram poucas as que a contemplaram com inveja.

— Está muito linda, minha querida — disse o anfitrião ao recebê-la. Dom Riglos era um bom homem, muito amigo de seu avô. Tinha-a visto crescer e sempre tinha sido carinhoso com ela e com sua irmã. Fiona pensou que não era mais que um exagero. Entretanto, Dom Domingo Riglos nunca tinha sido mais sincero em sua vida. Realmente estava deslumbrante. O vestido de seda branca, como desenhos sobre suas curvas, parecia parte de sua própria carne. Os seios, que apareciam sugestivamente depois do decote do traje, davam um toque de voluptuosidade a sua figura pequena. As mulheres observavam atentas seu penteado. Recolhido no alto da cabeça, seu cabelo caía como uma cascata sobre suas costas em centenas de cachos. E entre eles, miríades de pérolas pequenas desciam da parte mais alta até perder-se entre os limites da raiz dos cabelos e os

cachos, lhe dando um toque de magia à cabeça mais bela da festa. Seus olhos azuis ressaltavam ao contrastar com sua pele translúcida semelhante à seda do vestido.

Juan Cruz se sentia orgulhoso. A atitude de Fiona, que bastante insegura e um pouco trêmula se agarrava a seu braço, enchia-o de felicidade. Ela era seu maior tesouro, sua joia mais preciosa.

Enquanto entravam no salão lotado de gente, Fiona olhou para seu marido com dissimulação. O casaco lhe sentava às mil maravilhas. Usava o cabelo penteado para trás, tal como ela gostava. Fiona olhou para um lado e se encontrou com os olhos de Clelia pousados insolentemente sobre o rosto de Juan Cruz. "*Te matarei se te atreve sequer a dançar o minueto com ele*", pensou, com os dentes apertados.

Logo soube o interesse especial que de Silva tinha por essa tertúlia. Ao chegar Rosas acompanhado de sua filha, Juan Cruz saiu a seu encontro e se perderam em meio de um grupo de comerciantes ingleses que acabavam de atracar de Londres. Fiona se perguntou como fariam para se entenderem com os londrinos se nenhum dos dois falava inglês. Pensou que poderia oferecer-se como tradutora, mas em seguida se arrependeu: era uma ideia muito ousada. Em pouco tempo apareceu George Thomas, o diretor da British Packet: ele seria o intérprete.

Entre o público, não descobriu ninguém que não tivesse visto nas outras tertúlias. Os Arana, os Coloma, os Anchorena, os Martínez de Hoz, os Mansilla... Sempre as mesmas pessoas. Também estavam Imelda e seu prometido. Fiona se alegrou muito de ver sua irmã. Era estranho, mas agora sentia que algo muito diferente as unia. Pensou que, paradoxalmente, a distância tinha conseguido aproximá-las. Tinham passado mais de sete meses desde sua partida do lar de seu avô, e a lonjura e as coisas vividas em A Candelária tinham feito uma mudança muito profunda nela. Já não era a mesma Fiona de antes.

Suspirou longamente. Era verdade, todos estavam ali, mas faltava a única pessoa que tinha desejos de ver. Camila de O'Gorman. Fazia mais de três meses que ela fugira com seu padre tucumano e ninguém sabia dela. Sua família, envergonhada pelo comportamento de sua filha, encerrou-se na propriedade da Matança. Suas irmãs já não participavam das tertúlias e o prometido de Clara, uma das mais jovens, tinha-a deixado plantada ao pé do altar. Fiona não podia acreditar no comportamento absurdo dos O'Gorman, mas conhecia de sobra a realidade anquilosada da sociedade em que viviam; nunca ninguém lhes

perdoaria a indecente façanha de Camila. Ela mesma se sentia um tanto deslocada essa noite; cada vez que se aproximava de algum grupo de mulheres, estas deixavam de conversar e a olhavam friamente e de soslaio. Toda Buenos Aires sabia que Camila e ela eram amigas inseparáveis; portanto, suspeitavam que Fiona conhecia seu paradeiro. Fiona não sabia nada. Quão único sabia, em realidade, era que estava muito contente por sua amiga; Camila amava Ladislao e seria feliz junto a ele. Isso lhe parecia o único importante.

— Fiona!

A voz de Misia Mercedes a trouxe para a realidade.

— Tanto tempo, querida!

A mulher tomou-lhe as mãos e a afastou da confusão para poder conversar. Sempre era um prazer falar com ela.

A reunião se desenvolvia normalmente. De Silva, Rosas, e outros fazendeiros portenhos, não se afastavam do grupo de comerciantes londrinos. De todas as maneiras, isso não impedia Juan Cruz de vigiar sua esposa; sabia que podia ser uma presa apetitosa para mais de um essa noite, em especial para Palmiro Soler, que não tinha tirado os olhos de cima dela desde que a viu transpor a porta principal. O mazorquero não era homem de dar-se por vencido facilmente.

Juan Cruz interrompeu sua conversa com os ingleses quando surpreendeu Fiona dançando o minueto com Soler. Sentiu que a jugular começava a lhe pulsar. Maldito Soler. Em um momento percebeu que a roçava sem necessidade e, pior ainda, que seus olhos esquadrihavam avidamente o decote de sua esposa. Na primeira mudança de peça, a arrebatou das suas mãos.

— Se me permitir, estimado Soler... Não pude desfrutar de minha esposa em toda a noite.

Tomando-a pela cintura, à fez girar no ar e a levou para longe dali.

— Obrigada por me salvar, senhor — disse Fiona, divertida.

— Por que aceitou dançar com ele, então? Comigo não teve muitos escrúpulos em rechaçar na casa de Mercedes de Sáenz aquela vez.

O tom de sua voz a desconcertou. Estava com ciúmes?

— Você não tem muito que me reprovar, senhor de Silva. Não há tertúlia em que não dance com essa estúpida da Clelia.

— Está com ciúmes, Fiona de Malone?

— Nem sonhe, de Silva. Só digo que você não tem autoridade moral para me recriminar com quem danço porque você não escolhe muito bem a sua companhia.

Estava furiosa e isso o fascinava.

— Não posso acreditar! Você me disse "obrigada" por te salvar de Soler e agora sou eu quem escolhe mal as companheiras de valsa.

— Olhe, senhor, que eu não tenha podido me negar a Soler porque desde que cheguei esteve me assediando, não é minha culpa. Em todo caso é culpa sua. Sim, sua — repetiu com veemência quando Juan Cruz elevou as sobrancelhas, surpreso, — por me haver deixado tanto tempo sozinha. De todas as formas, isso não significa que Clelia Coloma não seja a mulher mais melindrosa, afetada, vazia, estúpida... Ahhh!!

Deu meia volta e se dispôs a deixar o salão.

— Hei, detenha-se! — Juan Cruz elevou a voz involuntariamente e, agarrando-a pelo braço, a fez voltar sobre seus passos. — Não voltarei a deixá-la sozinha esta noite. É muito linda para andar por aí sem mim — murmurou perto de seu rosto, e a beijou na bochecha.

Tal como tinha prometido, não voltou a afastar-se dela no tempo que durou a festa. Soler teve que conformar-se em contemplá-la como se se tratasse de uma obra de arte em um museu.

Ao dia seguinte, quando Juan Cruz entrou em sua nova casa da cidade se encontrou com Soler, sentado na poltrona da sala, conversava animadamente com Fiona. Falava em um tom baixo e meloso, e sorria todo o tempo.

Fiona percebeu em seguida a expressão de aborrecimento que escurecia o rosto de Juan Cruz.

— Boa tarde, senhor — o saudou enquanto se levantava. — Soler está esper... — interrompeu-se, incômoda, ao dar-se conta de que seu marido não lhe prestava a menor atenção.

Juan Cruz esticou a mão para o visitante — O que o traz por aqui, Soler? — perguntou, em um tom deliberadamente neutro.

— Como está, de Silva? Antes de tudo, felicito-o por sua nova casa; é muito confortável.

Juan Cruz se limitou a fazer um movimento quase imperceptível com a cabeça.

— O que me traz por aqui é algo que faz tempo que venho lhe comentando — explicou Soler.

Nesse momento, de Silva cravou os olhos sombrios nos de sua esposa e a mensagem foi clara.

— Se me permitirem, cavalheiros, mandarei preparar um refresco.

Fiona, angustiada, abandonou o lugar com a certeza de que seu marido estava furioso com ela. Não compreendia por que.

De Silva e Soler esperaram até que Fiona desapareceu de vista. Juan Cruz percebeu com desgosto que o olhar do mazorquero se atrasava discretamente no meneio natural dos quadris de Fiona.

— Tome assento, Soler — Às palavras de de Silva soaram mais como uma ordem que um convite.

— Obrigado. Como estava dizendo, Dom Juan Cruz, vim por algo que você já conhece de sobra.

O homem fez uma pausa para acender um charuto. De Silva se apressou e tirou sua pederneira.

— Obrigado — disse Soler depois do primeiro trago. — tive uma conversa com o coronel Salomón. Hoje vim, justamente, lhe pedir uma vez mais, em seu nome, que você se incorpore à Sociedade Popular.

O coronel Salomón, um gordo bastante desagradável, de rosto redondo como uma roda, com carnes que se penduravam da papada, olhos pequenos e muito juntos, nariz violáceo e deformado pelo excesso de bebida, e lábios cor de fígado, era dono de uma mercearia e, também, presidente da Mazorca, ou Sociedade Popular, como a conheciam oficialmente. Centenas de cabeças estaqueadas na Plaza de la Victoria tinham sido colocadas ali por sua própria mão; vários corpos melados com breu tinham ardido lentamente graças a sua pederneira; era um personagem sinistro, desses que as autoridades sabem aproveitar muito bem para seus fins. Juan Cruz não queria que a língua repugnante desse cristão tivesse a oportunidade de mencionar seu nome sequer. Ele não era um santo, mas tampouco era uma besta.

— Sabe, Dom Juan Cruz, a honra que seria para nós se você integrasse nosso comitê diretor. Isso sim, você entraria na Sociedade como secretário geral, com toda a autoridade que emana desse cargo, e gozando de todas as prerrogativas dos sócios populares mais antigos.

Para a Mazorca, ter Juan Cruz entre suas hostes era benéfico por dois pontos de vista. Primeiro, era um dos melhores com o facão e com o trabuco. Por suas veias corria água gelada e não hesitaria um segundo se tivesse que derramar sangue pelo bem da causa. Era uma lenda entre o povo do campo e da cidade.

Conheciam suas grandes façanhas e se murmuravam que a vida de Lavalle tinha terminado sete anos atrás em Jujuy pelas mãos dele. Segundo, era o homem de confiança de Rosas. Ninguém estava mais perto do governador que ele e isso era mais valioso ainda que a anterior. Salomón o queria na Mazorca como fosse e Soler o desejava perto em alguma revolta com os unitários. Porque em uma circunstância assim, quem poderia afirmar que a bala que o matasse não provinha de um selvagem unitário? Nesses distúrbios, nunca se sabia de que lado viria à morte.

— Senhor Soler, acredito que falamos muitas vezes deste tema.

— Sei. De todos os modos, nós não perdemos as esperanças de contar com você, senhor. Como lhe disse, Salomón em pessoa me pediu que viesse vê-lo. Sua ajuda seria muito valiosa para a Confederação — se apressou a explicar Soler.

— O Brigadeiro Rosas conhece melhor que ninguém minha devoção à causa. Meu apoio às decisões do governador é total e não há coisa mais importante para mim que defender à Confederação desses asquerosos unitários. Mas... — deteve-se quando viu que a serva cruzava a porta com uma bandeja. — Gostaria de um pouco de limonada, Soler?

— Sim, obrigado. Este calor que não afrouxa... — comentou o mazorquero, enxugando a testa com um lenço. Logo, tomou o copo que lhe oferecia a mulata.

De Silva observava Soler através do cristal de sua taça, com olhos sérios e matreiros.

— Como lhe dizia, Soler, minha devoção à causa se expressa em outras ações, que o governador conhece e aprecia tanto como as de vocês. Meus negócios se fazem cada vez mais, próspera a economia da província e enriquecem os laços com grandes nações do mundo. Além disso, a administração das propriedades do governador me toma muito tempo. Não, Soler, agradeço-lhe enormemente pelo incômodo, e ao coronel Salomón por me considerar tanto, mas não acredito poder me fazer cargo de uma função tão importante sem descuidar de outras que não o são de menos.

— Parece muito convencido, Dom Juan Cruz.

Juan Cruz assentiu sombriamente.

— Ontem à noite, na casa de Riglos, vi-o muito animado conversando com esses gringos... — comentou Soler, como se quisesse trocar confidências com ele.

"Enquanto tratava de conquistar a minha mulher, maldito imbecil", pensou Juan Cruz, sem deixar de lhe sorrir.

— Bom, aí está. Esses são negócios muito importantes, e o governador quer

que se concretizem rapidamente. Dessa maneira daríamos às autoridades inglesas uma pauta de que este bloqueio sem sentido deve terminar. A Argentina e a Inglaterra devem ser amigas, não inimigas.

Intimamente, Juan Cruz sabia que com todo esse palavreado vazio não tinha satisfeito sua curiosidade.

Nesse momento apareceu Fiona. Soler pareceu esquecer-se de tudo.

— Senhora... — disse o mazorquero, ficando de pé.

— Desejava saber se gostaria de algo mais, senhor — disse Fiona sem afastar a vista de seu marido.

— Não, está bem. O senhor Soler já estava saindo.

Soler, extasiado na contemplação do rosto de Fiona, parecia não ter escutado. De repente, o mazorquero tomou consciência de seu comportamento imprudente e afirmou: — Sim, já partia, senhora. Obrigado pela limonada, estava deliciosa.

Os olhos de Soler, carregados de desejo, pousavam-se com insolência nos lábios de Fiona.

— Boa tarde — se despediu Fiona, enquanto o visitante lhe beijava a mão. A jovem se sobressaltou quando sentiu a umidade da língua de Soler sobre sua pele, mas tratou de compor-se: não desejava nenhum escândalo. Retirou rapidamente a mão e baixou a vista. Embora fosse muito tarde; de Silva se deu conta.

— Acompanho-o, Soler — disse Juan Cruz.

Tomou-o pelo ombro, guiando-o até a porta.

— Fiona, diga a Eliseo que apronte o cavalo do senhor Soler.

Quando chegaram ao saguão, de Silva fechou a porta atrás de si. O olhar que dispensou ao mazorquero foi inequivocamente ameaçador.

— Parece que você acha que minha esposa é uma mulher linda, senhor Soler?

Soler, surpreso, franziu o cenho; começou a levantar nervosamente as comissuras dos lábios.

— Senhor de Silva... Bom... Surpreende-me, pois, a pergunta...

— Acha ou não, Soler?

Aproximou-se dele e lhe falava sem tirar os olhos dele. Soler, muito mais baixo, levantava a cabeça para olhá-lo.

— Bem, senhor de Silva, ninguém pode negar que a sua senhora é muito linda...

Não pôde continuar, de Silva o tinha tomado pelo pescoço e o arrastava como a um menino. Finalmente, depois de apoiá-lo contra uma das colunas da

entrada, colocou um joelho sobre a virilha do mazorquero.

— Por favor... por fav...

Soler não podia falar; as enormes mãos de Silva cingindo como tentáculos a sua garganta.

— Se voltar a tocar em minha esposa, ou que simplesmente, detém seu olhar sobre ela embora seja por um segundo sequer, asseguro-lhe que jamais poderá voltar a fazê-lo. Eu mesmo me encarregarei de lhe arrancar os olhos e de lhe cortar as mãos. Compreendeu-me bem, Soler?

Só depois de que Soler assentiu como pôde, de Silva o soltou. O mazorquero começou a tossir sonoramente e a esfregar o pescoço, que tinha os dedos marcados de Juan Cruz.

— Aqui está seu cavalo — lhe indicou Juan Cruz com o mais suave dos tons.

Soler lhe lançou um olhar de soslaio carregado de ódio; entretanto, não pareceu intimidar a de Silva, que agora o contemplava com um sorriso nos lábios.

Capítulo 12

De Silva retornaria essa noite de Buenos Aires e ela, ansiosa, não podia ficar quieta.

— Maria, por favor, me prepare o vestido amarelo claro... Esse com rendas branca nas mangas. Sabe o que haverá para o jantar?

— Não, disse se encarrega Candelária.

Fiona caminhava nervosa pelo quarto.

— Por que quer sabê-lo, Fiona? — perguntou Maria, estranhando.

— Tinha pensado em carne de cordeiro assada com purê de abóbora. Talvez de entrada, humita.^[53] Não, humita não! Melhor um pouco mais leve. Te ocorre algo?

— Não sei, estaria bem uma salada. O que te deu de organizar o jantar?

— Ah, saladas, claro! Mas não sei que salada prefere de Silva. Não importa, perguntarei a Candelária.

— Não posso acreditar tanto alvoroço por um jantar para de Silva! Quem te viu e quem te vê, Fiona de Malone! — A criada sorriu com picardia.

— Ai, Maria! Às vezes é insuportável. — Deu meia volta, e se dispôs a abandonar o quarto. — Indique a Candelária como dispus o jantar antes que faça preparar outra comida — ordenou antes de sair.

— Como diga, senhora de Silva — respondeu Maria com tom malicioso.

— Ah! Hoje não te aguento.

Fechou a porta e partiu. O melhor seria sair por um momento para acalmar-se.

Fazia dias que não visitava sua amiga do bosque. Sempre era bom conversar com Catusha enquanto tomavam o chá. Fiona encontrava muita paz em sua cabana. De todos os modos, não podia queixar-se: as coisas estavam melhor com de Silva, depois de tudo.

Chegou e a encontrou no jardim, cuidando dos gerânios. Essa mulher tinha uma afinidade especial com as planta. A seu redor, tudo parecia crescer sem dificuldade. As flores eram mais bonitas, e suas cores mais brilhantes. Catusha falava com as roseiras e os gerânios como se fossem crianças. Dizia-lhes coisas bonitas e o quanto às amava. No princípio Fiona se sentiu muito incômoda;

chegou a pensar que sua amiga do bosque estava louca de pedra; mas aos poucos se acostumou.

Catusha ficou tão contente ao vê-la que Fiona se imaginava a pessoa mais importante para ela. A jovem se sentia a rainha do mundo quando visitava sua cabana: assim era como sua amiga a tratava. Enchia-a de cuidados e a mimava mais que ninguém. Conversavam de tudo durante horas, e Fiona sempre aprendia algo. Comiam os quitutes que ela mesma preparava, tocavam piano, e até liam juntas. Embora, em ocasiões, Catusha perdia o olhar ao longe e por longos minutos não dizia uma palavra; em especial quando mencionava Manuel, seu ditoso Manuel.

De Silva chegou à fazenda e farejou que algo estava acontecendo. E não parecia ser nada bom.

Candelária dava ordens a um grupo de peões na porta do estábulo principal; pareceu-lhe estranho não ver Celedonio; Maria chorava com desconsolo, enquanto escutava à negra dar suas instruções aos empregados. Eliseo tampouco estava à vista.

Candelária se calou quando viu Juan Cruz entrar no estábulo montado em seu garanhão. Maria afogou um grito de terror e seus soluços aumentaram.

— O que acontece? — perguntou alarmado, embora já estava imaginando.

— Juan Cruz...

— Vamos, Candelária, o que acontece!

— Fiona... Saiu muito cedo esta tarde e ainda não retornou.

— Meu Deus, senhor de Silva! Que não tenha acontecido nada! — exclamou Maria, com a voz quebrada.

— Cipriano, me passe esse lampião! — ordenou de Silva a um dos moços, que o olhava boquiaberto. — Sabem sequer que rumo tomou?

— Não... — replicaram a negra e a criada ao unísono.

Candelária se sentia um pouco responsável; Juan Cruz sempre lhe pedia que cuidasse de Fiona quando ele se ausentava.

— Celedonio organizou dois grupos de busca, um a cargo dele e outro a cargo do Eli... — A negra se interrompeu bruscamente; já não havia quem a escutasse.

De Silva tinha açulado o cavalo e se perdia na escuridão da noite a toda

velocidade; só viram por uns segundos mais a luz do lampião, que logo, pouco a pouco, também desapareceu.

Candelária suspirou, afligida; depois, pôs-se a chorar.

— Está tudo bem, Catusha, volte para sua casa. — Fiona não conseguia convencê-la. — Já está muito escuro, algo mau pode lhe ocorrer.

— A você também pode ocorrer algo mau. Eu já sou uma velha, o que poderia me acontecer? Mas você, querida, é tão bela... Qualquer burro poderia te fazer dano.

A mulher não afrouxava o passo, apesar de que sua voz soava agitada.

— Bem, Catusha, até aqui está bem. Olhe, lá está minha casa. — Assinalou mais à frente do bosque de tipuanas. — Pensando-o bem, acredito que o melhor será que esta noite fique em minha casa...

— Não! Nem o pense, querida Fiona! Posso retornar sozinha; conheço este caminho como a palma de minha mão. Vamos, corra até a casa grande. Assim eu posso vê-la.

Fiona começou a correr maquinalmente. De repente se deteve, deu meia volta, e tratou de distinguir a figura da mulher entre as árvores; mas Catusha já não estava ali.

Um momento depois, ao entrar na casa, encontrou Maria esparramada na poltrona do hall, chorando a mares; Candelária tratava de acalmá-la, mas ela também tinha a voz congestionada; o resto dos servos se apinhavam à entrada da cozinha, observando a cena.

Maria proferiu um grito de angústia ao vê-la sã e salva. Jogou-se de joelhos no chão, enquanto que com a mão em alto mostrava a imagem de São Patrício.

— Obrigada, muito santo São Patrício, obrigada! Bendito seja, bendito seja!

— Senhora de Silva! — exclamou Candelária.

Ajudada pela negra, Maria ficou de pé; com os braços estendidos, encaminhou-se para onde Fiona estava. A jovem a contemplava sobressaltada; sabia que já era noite, mas não tinha caído na conta do escândalo que provocaria. A tarde tinha passado como um relâmpago e, quando se deu conta, o sol se pôs.

Maria a abraçou forte.

— Minha menina, minha garotinha! — repetia uma e outra vez.

Ao cabo de alguns momentos, afastou-se dela. Tinha os olhos inchados e avermelhados de chorar. Fiona lhe passou a mão pela bochecha.

— Mas, onde esteve? — perguntou Maria enquanto lhe acariciava o rosto. — Quase nos mata da angústia.

Durante o desaparecimento de Fiona, cruzaram mil ideias pela cabeça de Maria, mas havia uma em especial que a torturava. *"Uma vez que tenha a certeza de que esse homem pagou todas as dívidas de meu avô, escaparei, fugirei para longe, onde ninguém possa me encontrar."*

— Bem, já passou Maria, se tranquilize.

Fiona rodeou com seus braços à criada. Seus olhos se cruzaram com os de Candelária que a olhava absorta de um canto do hall. Fiona a chamou e lhe estendeu o braço. A negra caminhou até ela e tomou sua mão.

— Me perdoem, sinto-o tanto. Olhem como as fiz sofrer. Só saí a dar um passeio, caminhando. De repente, percebi de que já era noite. Isso foi tudo.

— Nunca mais, entende? Nunca mais volte a fazê-lo — a repreendeu Maria.

— Senhora... o senhor de Silva saiu para procurá-la — balbuciou Candelária.

— O senhor de Silva já chegou de Buenos Aires?

Não o esperava. Agora sim, vai dar "Troya", como dizia Celedonio.

— Chegou faz mais ou menos uma hora e saiu a procurá-la, imediatamente. Todos estão procurando-a.

"Sim, definitivamente, confusão", disse-se Fiona com resignação.

Fiona parecia uma leoa enjaulada. Ia de um lado ao outro de seu quarto, olhando o chão e mordendo as unhas. Já eram mais das dez da noite e nenhum dos que tinham saído a procurá-la, tinham retornado.

Chegou à janela e, apesar de que a noite era fresca, saiu ao balcão. Sentiu que a pele se arrepiava e enrolou-se em seu lençol de cama. Quis esquadrinhar a imensidão do campo, mas mal alcançou a ver a fonte dos querubins.

O ruído dos cascos de uma turba de cavalos a tirou de seu devaneio. Eram Celedonio e seu grupo.

— Ela está aqui! — gritou Candelária.

Fiona a ouviu, mas não conseguiu vê-la. Também escutou as exclamações que lançaram o grupo de peões e a maldição de Celedonio.

— O senhor de Silva já sabe? — perguntou o capataz, ainda montado em seu alazão.

— Não, ainda está fora, buscando-a — respondeu a negra.

— E Eliseo tampouco retornou. — Agora era a voz torturada de Maria.

Fiona sentiu que se o criava um nó na garganta. "*Meu Deus, de Silva vai matar-me.*"

— Eliseo e seu grupo se uniram ao patrão faz mais ou menos uma hora — comentou Celedonio. Logo, dirigiu-se ao resto dos homens: — Guardem os cavalos e vão para suas casas. Eu irei procurar o patrão.

— Não quer que o acompanhe, dom Celedonio? — perguntou um dos peões.

— Não, está tudo bem. Irei sozinho. Já sei onde encontrá-los. — E sem mais, saiu a todo galope.

Passou mais de meia hora. Celedonio não aparecia. A angústia de Fiona ia aumentando.

Tinha voltado ao dormitório e tinha fechado as cortinas. Não tinha sentido ficar no balcão, morrendo de frio, olhando para o nada. De todos os modos, não pôde ficar quieta: percorria o quarto de uma ponta à outra, uma e outra vez.

D repente, escutou os saltos das botas de Juan Cruz no corredor e por segundos seu coração se deteve. De pé junto á beira da cama, com as mãos sobre o peito e os olhos muito arregalados, não se atrevia sequer a pestanejar. Um momento depois, a porta se abriu de repente.

Juan Cruz a olhava tão fixamente que Fiona não pôde evitar e começou a soluçar convulsivamente. Tremia como uma folha, tinha a vista nublada e não podia controlar o pranto que a fazia tão vulnerável frente a seu marido.

De Silva se aproximava dela lentamente. O ruído de seus passos sobre as tábuas de madeira era como uma marcha fúnebre nos ouvidos da Fiona. Era o fim, não tinha a menor dúvida.

Juan Cruz estava muito agitado. Apesar do frio noturno, tinha a camisa aberta até a metade do torso e seu peito peludo subia e descia em um intento por normalizar a respiração.

Quando esteve junto a ela, de Silva a rodeou com seus braços como se ao abraçá-la se mantivesse com vida. Apertou seu rosto contra o cabelo de Fiona e, depois, começou a beijá-la, primeiro na cabeça, depois nos olhos, no nariz, na testa, nas bochechas, na boca, com desespero. Fiona começou a gemer de excitação.

— O que fez comigo, Fiona? O que fez comigo que se não a tenho sinto que morro?

Aquelas palavras a surpreenderam. Jamais tinha sido tão doce e sincero com ela.

— Perdoe-me, senhor, me perdoe.

Era tudo o que podia dizer; ela também se agarrava a ele como uma desequilibrada. Com suas mãos lhe acariciava o cabelo, beijava seus olhos e lhe roçava as bochechas, ásperas já pela barba.

— Meu Deus! — gemeu Juan Cruz. — Se algo te acontecesse... — Levantou a cabeça e olhou o teto.

Fiona o beijou no peito.

— Onde você esteve? — perguntou, mal afastado dela.

— Perdoe-me, senhor. Eu... Saí a caminhar por aí, como sempre e, sem me dar conta, fez-se noite — respondeu Fiona, com pena por lhe mentir.

Sua voz de menina o enterneceu, e a espremeu novamente contra ele.

— Tola, não percebe que quase estamos no inverno e que escurece mais cedo? Se algo te acontecesse!

Fiona não podia acreditar no que estava acontecendo. Sentiu-se mal por ter pensado que de Silva a mataria, sentiu-se mal por não lhe contar a respeito de sua amiga do bosque, e se sentiu mal por... porque tinha deixado de abraçá-la e parecia que desejava partir.

— Já vai, senhor?

— Agora, que já sei que está a salvo, vou comer algo. Estou esfomeado. Candelária está preparando isso.

"Candelária, sempre Candelária", pensou Fiona. Alguma vez deixaria de sentir ciúmes dessa mulher?

— Ah... Bem... — olhou para baixo e deu meia volta. — Está bem, até amanhã — o dispensou, sem olhá-lo.

De Silva tomou-a pela cintura e a elevou no ar, lhe passando um braço sob seus joelhos.

— Embora, pensando-o bem... Para que jantar se aqui tenho a único que me sacia por completo?

Olhava-a e não podia acreditar que ainda se ruborizava quando ele dizia essas coisas. Depositou-a na cama com suavidade; logo, tirou a camisa.

— A porta... senhor.

Juan Cruz a olhou por um segundo antes de ir fechá-la. Fiona o observava da cama, apoiada em seus cotovelos. O torso nu, os músculos que lhe marcavam naturalmente e faziam um jogo de movimentos quando ele, ainda parado na

beira do leito, tirava as botas, as calças... E seu membro ereto... Decididamente, não podia deixar de olhá-lo.

Depois de lhe tirar o lençol da cama e a camisola, e sem dizer uma palavra, cobriu-a com seu corpo.

Candelária tinha partido cedo ao laticínio. Maria estava em seu dormitório, bordando. As servas, ocupadas em seus afazeres. Era o momento ideal, tal como tinha planejado. Mas Catusha não chegava.

Havia-lhe custado um mundo convencê-la de que viesse à mansão. Fiona desejava convidá-la para uma xícara de chá, com alguma saborosa bolacha da Maria, mas o que mais desejava era que tocasse em seu piano. Além disso, queria lhe mostrar a biblioteca de Juan Cruz. Não tinha demorado a descobrir que Catusha era fascinada em ler. Era uma mulher extraordinariamente culta e refinada; era incrível que alguém como ela vivesse isolada nessa paragem.

Começou a rir ao vislumbrar um par de olhos celestes que a observavam divertidos da janela do salão azul. Era Catusha. Com um gesto lhe indicou a porta principal; ela mesma lhe abriria.

— Entre, Catusha! Bem-vinda a minha casa!

A mulher permaneceu alguns instantes sob o vão, olhando de esguelha e com desconfiança. Depois, entrou.

— É tão linda por dentro como o é por fora, Fiona — sentenciou, com o olhar cravado no candelabro do hall.

O salão azul a deixou boquiaberta. Tinha-o espiado de vez enquanto da janela, mas, era óbvio, não tinha conseguido descobrir a beleza da sala.

— Que lindo piano!

Ela caminhou apressadamente e sem pedir permissão, levantou a tampa e brincou com as teclas.

— Está muito melhor que o meu. O pobre já está velho e um pouco desafinado.

A mulher cravou seus olhos nos de Fiona e lhe sorriu.

— Por isso queria que viesse a minha casa, para que tocasse em meu piano. Toca tão bem, Catusha! Além disso, quero que veja isto.

A jovem a puxou pela mão e a levou a sala da biblioteca.

— Por Deus! Isto parece à biblioteca de uma universidade!

— Sim — afirmou Fiona, orgulhosa.

Aproximou-se com dificuldade da escada e a apoiou em uma das prateleiras mais altas; subiu para pegar o livro que tinha pensado em lhe emprestar. Certamente, de Silva não se daria conta de nada.

— Aqui está — disse Fiona.

Tomou o tomo e o observou um momento. Depois, desceu com cuidado os degraus.

— Tome, Catusha, te empresto para que o leia — lhe disse, passando o livro.

— Para mim? — De novo essa atitude de menina. — Oh, obrigada! Mas vejamos do que se trata.

Catusha leu o título com atenção.

— O que faz aqui, mamãe? — A voz grossa de Silva ressoou na biblioteca.

Fiona levantou a vista e ficou lívida. "*Como, o que faz aqui, mamãe?*". Juan Cruz parecia tranquilo, mas seu olhar lhe deu pânico.

— Mamãe, estou falando contigo — repetiu.

Catusha tinha a vista perdida no primeiro capítulo do livro. Fiona não podia mover-se, nem pensar; só observava. Mas a vista estava se nublando e começava a sentir-se tonta.

— Ah, Manuelito! É você. — A voz de Catusha tinha adquirido um matiz estranho. — O que faz aqui? Deve ter muito cuidado, nesta casa vive um homem muito mau.

A mulher se aproximou de de Silva. Era muito mais baixa que ele, e teve que esticar bastante o braço para lhe mostrar o livro.

— Olhe, minha amiga Fiona vai me emprestar isso.

Catusha se voltou e fixou seus olhos na jovem, a quem já lhe custava manter-se em pé.

— Como "mamãe", senhor de Silva? — finalmente, e como pôde, perguntou a moça.

Só naquele momento Juan Cruz olhou para Fiona; viu-a tão pálida que se assustou. Com passo firme, aproximou-se dela, tomou-a pelos ombros e a guiou até o sofá.

— Fiona, sente-se mau? — Tomou suas mãos. Estavam geladas. — Candelária! — gritou.

Os lábios de Fiona empalideciam. Não pôde lhe explicar que a negra se encontrava no laticínio. Não conseguia modular as palavras; a língua lhe pesava toneladas e sentia a garganta seca como uma lixa.

— Mamãe! — Juan Cruz se voltou e viu que Catusha ainda tinha a vista fixa no livro.

— Mamãe! — gritou mais forte. — Procure alguma das servas e traga-a aqui. Entendeu? — Viu-a assentir com a cabeça. — Vamos, vá agora!

— Como mamãe, senhor? Você... Você me contou que estava morta... Morta...

— Fiona, se tranquilize, não é nada. Posso explicar tudo. Mas agora, deve ficar melhor — disse, lhe beijando os dedos; que seguiam frios.

Um momento depois retornou Catusha com uma criada. Fiona cheirou saís que lhe aproximou a mulher e começou a sentir-se melhor. Juan Cruz a carregou em seus braços e a levou ao quarto. Não tirava os olhos dela. Não podia deixar de pensar no que acabava de escutar. Catusha era a mãe de seu marido. Por que não vivia com eles? Por que o chamava de Manuel?

— Agora, trate de descansar — disse com doçura Juan Cruz, enquanto a criada fechava as cortinas.

— Não! — agarrou-se a seu braço e o atraiu para ela. — Não, senhor, por favor... me conte tudo, não posso esperar. Não se vá.

O desespero de sua esposa o angustiou.

— Mamãe, volte para a sala e fique ali. Compreendeu-me?

Catusha, de pé junto à porta do dormitório, observava impávida a cena. Finalmente, desapareceu.

— Acenda algumas velas, Branca — ordenou de Silva à serva. — Assegure-se de que a senhora permaneça na sala e mande alguém chamar Candelária no laticínio, agora mesmo. Que ela cuide da senhora.

Voltou os olhos para Fiona. Viu, com alívio, que lentamente as cores voltavam ao seu rosto.

— Quantos mistérios, senhor de Silva... Quantos segredos.

— Fiona, minha pequena e doce Fiona. Quanto te tenho feito sofrer! Poderá me perdoar algum dia? — Não quis esperar a resposta. — Não importa isso agora, talvez nem sequer mereça seu respeito. Fui tão duro contigo...

Fiona apoiou sua mão nos lábios dele.

— Isso já não importa. — Baixou o braço e retornou ao tema que a preocupava. — Ela é sua mãe, senhor?

— Sim — afastou a vista do olhar de Fiona. — Está louca, completamente louca.

Fechou os olhos. Sentiu-se protegido quando sua esposa o abraçou.

— Por que nunca me contou?

— Além de tudo, uma mãe louca... Não, Fiona, já me odiava muito! Não sei se ainda me detesta. E não posso suportá-lo... Mata-me por dentro.

Fiona se afastou dele, e tomou seu rosto entre suas mãos. Ensaiou um tom de voz mais pícaro e alegre.

— Saiba, senhor, que sempre me aparentou o contrário. Parecia que minha irritação nem o alterava. — De Silva sorriu com expressão afligida. — Louca por quê?

— Desde que ficou grávida de mim, conforme me contou Candelária, já começou a ficar estranha. Desvairava muito e se perdia durante horas em reflexões que pareciam atormentá-la. Eu recordo, era um menino ainda, que ela parecia estar bem, e de repente se calava, sentava-se em sua cadeira de balanço e por longo tempo não dizia nada. Podíamos gritar ao seu ouvido até ficarmos rouco e nada. Isso foi agravando-se com os anos.

— Por que não vive aqui, conosco?

— Ora! Essa é outra história. Em parte, porque eu não quis. Não desejava que chegasse e se encontrasse com ela aqui, dizendo asneiras.

Fiona o olhou com ar repreensivo.

— Não me julgue, Fiona, por favor. Ela tampouco desejava viver aqui, esta casa lhe dava medo. Não sei, era-lhe muito grande; sempre estive acostumada a viver em espaços pequenos. Além disso, sempre tive a sensação de que prefere estar sozinha; sabe conduzir-se tão bem como se estivesse em seus cabais. Por isso lhe construí uma casa, não longe daqui; suponho que já a conhece...

— Sim. Além disso, diz que meu marido é um homem mau. Mais de uma vez me perguntou se não lhe temo.

— E você, o que lhe responde?

— Respondo-lhe que, às vezes sim, temo-lhe.

De Silva cravou seus olhos nos de sua esposa. Olhou-a sério, com uma expressão de profundo abatimento; Fiona não teve medo desta vez.

— Sua mãe não tem família?

— Em realidade, em Buenos Aires, não tem a ninguém. Ela chegou da Irlanda.

— Da Irlanda!

— Sim, do Norte. Sua família vem do sul.

— Você está bem informado, senhor — disse ela ironicamente.

— Chegou da Irlanda em 1803; tinha apenas cinco anos. Ela e sua mãe

escaparam dos ingleses por milagre; acabavam de enforcarem seu pai, meu avô.

— Oh, não, Meu Deus! Pobrezinha!

— Sim, Robert Emmet; era um conhecido agitador irlandês; por isso o mataram. Uma vez me contou que ela e sua mãe presenciaram a execução de meu avô. Deus, como pôde sua mãe levá-la a semelhante espetáculo!

De Silva golpeou os nódulos contra o respaldo da cama com tanta força que Fiona sentiu necessidade de esfregá-lo. Ele a deixou fazer; depois, tomou a mão de sua esposa e a beijou.

— Minha avó morreu pouco depois de chegar. Não sei muito a respeito dela porque nem minha mãe se lembra. Minha mãe foi criada por uns irlandeses muito bons, os Keegan.

— Os Keegan! — exclamou Fiona. Eram uma das famílias mais tradicionais de Buenos Aires, de grande fortuna e muito cultos. Fiona compreendeu o porquê da delicadeza e da educação de Catusha.

— Sim. Conforme pude saber, quiseram-na como a uma filha. Nessa casa conheceu Candelária. — De Silva se calou, e por uns instantes brincou com os dedos de Fiona. — Bem, pode imaginar o resto.

— Não, não posso.

Juan Cruz soltou um suspiro e sorriu sem vontade.

— Quando tinha dezoito anos ficou grávida de mim. Por vergonha, escapou de seu lar. É óbvio, com Candelária atrás. Já eram carne e unha. Em realidade, minha mãe e eu devemos a vida a Candelária. Foi ela quem me deu seu sobrenome: minha mãe não queria fazê-lo. Foi ela quem pediu trabalho a Rosas na estadia "Os Cerrillos" porque não tínhamos aonde ir, nem o que comer. Minha mãe jamais trabalhou. Sempre foi Candelária quem trouxe o pão para casa e, bem, quando pude, comecei a trabalhar. Minha mãe, sempre como uma rainha... — Não o disse com rancor, mas sim, com orgulho.

— E quando você começou a trabalhar?

— Eh... — colocou a mão no queixo. — Mais ou menos, aos sete anos.

— Meu Deus! Tão pequeno...!

— Minha mãe me ensinou a ler e a escrever, em castelhano e em inglês.

— Sabe falar em inglês?

Fiona pensou nas muitas vezes em que havia dito a Maria, em inglês, coisas impróprias de Silva, estando justamente ele no mesmo ambiente, e mordeu os lábios. Juan Cruz torceu a boca: ele também recordava dessas ocasiões. Curiosamente, pensou, nada disso lhe importava já.

— E foi ela quem lhe ensinou a tocar o piano, verdade?

— Se se pode dizer que toco piano, Fiona. Mal sei algumas músicas.

— A ama, senhor de Silva? Digo, a sua mãe.

— Não sei, Fiona. Em realidade, a quem amo é a minha negra Candelária.

Era a primeira vez que a chamava assim diante dela; era tão doce ao dizê-lo que Fiona sentiu um comichão em todo o corpo. Nunca tinham conversado tão sinceramente, em tanta paz.

— Bom, basta de conversa. Melhor será que se recoste e trate de dormir. Sofreu uma forte impressão hoje, verdade? — disse ele, ajudando-a a cobrir-se com a colcha.

— Desde o dia em que o conheci, senhor, não faço mais que receber fortes impressões.

De Silva a olhou com uma mescla de ternura e perplexidade. Nesse momento, ali recostada, com esse rosto de menina indefesa, parecia extremamente vulnerável. Era uma imagem que contrastava tanto com a eloquência de suas réplicas que o desconcertava. Aconchegou-se a seu lado, sem tirar os olhos dela. Ela também lhe sustentava o olhar.

— Desde o dia em que te conheci, Fiona de Malone, não faço mais que te amar com loucura.

Beijou-a com entrega e paixão. Desta vez, ela não pôde nem falar.

Juan Cruz se sentia melhor. Recostado sobre o respaldo de sua cama, fumava impassível um charuto. Fiona, profundamente adormecida, fazia ruídos com o nariz e a boca, mal entreaberta. Sorriu. Era a mulher mais linda que tinha conhecido, e, além disso, pertencia-lhe. Era dele. Sua querida e adorada Fiona.

Quando tinha começado essa loucura, essa carreira desenfreada por conseguí-la, essa sensação de que se não a tomava entre seus braços pereceria? Supôs que tinha sido naquele dia, no Socorro, quando a voz senhorial de Misia Mercedes de Saénz verteu veneno em seus ouvidos... *Nem o pense, senhor de Silva. É inalcançável.* E, entretanto, aí estava ela, meio nua, estendida a seu lado.

Agora, depois que tinha revelado alguns de seus segredos mais temíveis, passavam virtualmente todas as noites juntos, em sua cama, ou na dela. Era estranho, mas ainda não se animava a lhe pedir que acabassem com essa absurda ideia dos dormitórios separados. Ora! Ele, o grande de Silva, não se animava.

Tirou o charuto apagado da boca e o jogou no chão com displicência.

— Que horas são, senhor? — Fiona esfregava os olhos tratando de dissipar sua sonolência.

— Segue dormindo, já quase amanhece. — Juan Cruz lhe acariciava as mechas que, desordenados, caíam-lhe sobre o rosto.

— E você, senhor, não dorme?

Juan Cruz encolheu os ombros.

— Ainda insiste em me chamar de senhor? — comentou, risonho.

Fiona se inclinou até ficar apoiada no respaldo, junto a ele.

— Nunca me pediu que o chamasse de outra forma.

— Poderia me chamar Juan Cruz? Por favor... — adicionou.

— Não, senhor.

A gargalhada de de Silva retumbou no quarto; ela também começou a rir.

— É incrível — disse ele entre risadas.

— Senhor, posso lhe fazer uma pergunta?

De Silva assentiu. Colocou a mão sob a manta e começou a lhe acariciar a curva da cintura.

— Essa noite, quando me salvou de ser atropelada pela volanta... Que fazia por ali, senhor? Lembro que chovia muito; era uma noite horrível para caminhar.

Juan Cruz curvou os lábios e os olhos faiscaram. Fiona o seguia com o olhar, ansiosa por saber.

— Essa noite cheguei tarde à tertúlia de Misia Mercedes; tinha-me demorado em uma mercearia com seu pai arrumando... Bem... Fechando o... Você sabe...

Fiona riu ao ver até que ponto aquela lembrança o perturbava. E se surpreendeu ao comprovar que já não a afetava.

— Sim — completou a jovem. — Arrumando o matrimônio entre nós.

— Sim, claro — respondeu de Silva, ainda incômodo. — Seu pai me disse que te diria de nosso compromisso essa mesma noite. Eu sabia que isso seria depois da tertúlia, porque Misia Mercedes a havia convidado especialmente a meu pedido, e me tinha confirmado que você iria.

— Misia Mercedes? Misia Mercedes tramando com você?

Fiona não podia sair de seu assombro. Estava cada vez mais interessada em conhecer o resto da história.

— Sim, Misia Mercedes de Sáenz. Poderia-se dizer que foi minha casamenteira em tudo isto. Graças a ela cheguei a te conhecer sem cruzar uma

palavra contigo. Vi-te uma vez no átrio da Igreja do Socorro, mas pareceu ser alguém impossível de chegar perto. Nunca foi a nenhum lado. O que outra coisa restava por fazer? Misia Mercedes organizou a tertúlia do Dia da Independência a pedido meu, para que você participasse. Assegurei-me que se a tertúlia era em sua casa, você iria.

— Não posso acreditá-lo!

— Também me contou que era muito impulsiva e que odiava seu pai. Por isso, depois que deixou a casa de Sáenz te segui, temendo algum problema. Além disso, tenho que te confessar, estava ansioso. Esperei sentado em minha volanta na frente da casa de seu avô. Não passou muito e saiu como louca. Lembro que me arrepiou a pele nesse momento. Jamais pensei que reagiria assim, escapando de sua casa.

Juan Cruz tomou suas mãos; tinha-as geladas. As esfregou um momento antes de continuar.

— Disse ao cocheiro que nos escoltasse de longe e te segui a pé. A chuva era intensa, mas podia te escutar chorar. Não compreendia o que tentava fazer, até que de repente a vi, quieta no meio da lama, esperando a volanta que se precipitava a toda velocidade sobre você. Bem, empurrei-te, e com o golpe desmaiou. Nós dois ficamos cheios de barro, cheirando a bosta de cavalo, mas não me importei, tinha-te entre meus braços, pela primeira vez.

Juan Cruz se levantou e se aproximou de sua esposa. Olhou-a fixamente e não encontrou rancor em seus olhos azuis; só paz, e um pouco de picardia. Atraiu-a para ele, e começou a beijá-la com frenesi. Ao afastá-la de seu peito, Fiona, com a boca entreaberta e os olhos fechados, parecia estar em outro mundo. Quando sentiu em seu ombro a mão firme e viril de Silva, beijou-a com doçura.

O frio de o iminente amanhecer os obrigou a cobrir-se outra vez com a manta. Fiona, aconchegada sobre ele, começou a brincar com o pelo de seu peito.

— Estive ontem com minha mãe... Insiste em que você deve escapar, o tal de Silva é um energúmeno, segundo ela — ele sorriu amargamente.

— Também insiste em chamá-lo Manuel, senhor. — Fiona calou, à espera de uma explicação.

— Juan Cruz Manuel de Silva, esse é meu nome. O Manuel é por meu pai.

Fiona se ergueu como impulsionada por uma mola.

— Por seu pai? Acaso seu pai é Rosas!? — exclamou com espanto.

— Não gosta muito dele, verdade? — Roçou com os dedos os lábios de sua

esposa. — Não, Fiona. Dorrego era meu pai.

— Dorrego? Que Dorrego? — Não podia acreditar. — O coronel? Que anos atrás foi governador? Que Lavalle fuzilou? — Viu-o assentir com os olhos fechados. Que outro segredo estaria ocultando de Silva, por Deus Santo? — Era... era muito amigo do vovô — disse como para si Fiona. De repente, havia-se posto triste.

— Já sei. — Uma sombra nublou os olhos de Juan Cruz.

Fiona viu, como em um relâmpago, toda a vulnerabilidade e a dor que se refletia no rosto sério de seu marido. Acariciou-o e o beijou na bochecha.

— Senhor... — murmurou-lhe Fiona.

Os braços de Juan Cruz se fecharam ao redor dela. Desejava fazê-la parte de sua carne. Tinha medo de afastá-la de seu corpo, como se alguém fosse arrebatá-la.

— Está tudo bem, Fiona. E tudo já passou. Ele morreu e jamais se inteirou de que tinha tido um filho com minha mãe. Já passou. Seriamente... o quão ruim ele tem sido na minha vida parece assombrar-me agora. Não como antes. — Tomou o rosto dela entre suas mãos; o contraste entre o branco da pele de Fiona e o bronzeado de seus dedos o excitou. — Agora está você; minha vida é você; é minha paz, minha felicidade, tudo. Nunca me abandone, Fiona, meu amor, Nunca me deixe; isso sim não poderia suportar. Já não me odeie tanto, por favor... Por favor... Não me odeie mais... — Sua boca roçou os lábios da jovem e suas mãos percorreram as curvas de seu corpo.

— Não o odeio, senhor... Eu não o odeio, não o odeio... — repetia Fiona entre suspiros entrecortados.

Logo amanheceu. Não se deram conta. Seguiam fazendo amor.

Capítulo 13

Fiona entrou na cozinha e encontrou Maria sentada perto do braseiro. Chorava sem consolo, com seu olhar na imagem de São Patrício em uma mão e, na outra, um lenço empapado. Algumas das servas tentavam tranquilizá-la. Fiona estava desconcertada: não tinha a menor ideia do que estava lhe acontecendo. Pensou que talvez brigou com Eliseo. Fazia tempo que se deu conta de que eram amantes.

— Maria, o que está errado? Vamos lá, deixa de chorar. Branca, por favor, me traga um pouco de água fresca — ordenou a jovem.

— Fiona, Meu Deus... Como farei para lhe dizer isso?

Branca deixou o copo de água sobre a mesa, perto de Maria, e se retirou dali. Fiona sentiu uma aguda opressão no peito.

— O que acontece, Maria? — perguntou com medo.

— Fiona... Não sei como lhe dizer isso sem que...

— Aconteceu algo a de Silva?

— Não, minha menina, ele está bem. Trata-se... trata-se de... Camila. Os soldados de Rosas a apanharam, a ela e ao padre. Trazem-nos para Santos Lugares.

— Não, Por Deus!

Fiona, afligida, deixou-se cair em uma banquetta, com a cabeça entre as mãos. O cárcere de Santos Lugares... Ninguém saía com vida dali.

— Como sabe? — perguntou finalmente.

— Eliseo levou hoje o patrão a Buenos Aires e trouxe a notícia. Disse que Rosas está furioso. A família dela também. Ninguém se anima a falar em seu favor. Nem sua mãe, nem seu pai.

— Malditos sejam! Malditos covardes! — Fiona deu um murro sobre a mesa e ficou subitamente de pé.

— Vamos, Fiona, não fique assim. Já verá que tudo vai se solucionar e...

— Com Rosas pelo meio? Nem o sonhe, Maria! Esse... esse... Jamais os perdoará. — Fez uma pausa e voltou a sentar-se. — Quem é ele para perdoar ou não a alguém que não causou nenhum dano? Meu Deus! Acredita ser o dono de nossas vidas!

— Fiona, por favor, se cale — rogou Maria, enquanto se assegurava de que não houvesse nenhuma serva por perto. Era mais que sabido: elas, os lacaios e criados eram os espiões mais eficazes do governador. Por isso, sempre estava informado de tudo.

— Sabe algo mais?

— Não, minha menina.

— Disse que de Silva está em Buenos Aires?

— Sim. Ele não te disse que hoje partiria à cidade? — perguntou-lhe incrédula.

— Não. Jamais me diz o que vai fazer.

Fiona se levantou com presteza. Estava decidida a fazer algo. Era óbvio, se notava nos olhos.

— Vamos, Maria, iremos a Buenos Aires. Preciso falar com o governador. Se ninguém interceder por Camila, eu o farei.

— Não, Fiona! Não o faça! O colocará furioso, e quem sabe o que poderá resultar. — A criada a segurava pelo braço, com pânico no olhar.

Fiona a observou uns instantes, tempo suficiente para compreender que devia refletir a respeito de seus arrebatamentos. Muitas vezes tinha tido que arrepender-se deles; desta vez, o assunto era muito delicado. Se atuava por impulso Rosas saberia rebatê-la habilmente. Não, esperaria e pensaria.

— Está bem; vamos ver o que acontece.

Transcorreram vários dias que esteve como louca. Fazia quase uma semana que Juan Cruz tinha partido para a cidade e não retornara ainda. Precisava falar com ele. O que esperava para retornar? Desejava consultá-lo, lhe perguntar qual era exatamente a situação de Camila e Ladislao, o que podiam fazer. Estava inquieta, afligida, e nada a acalmava. Tratava de passar as horas lendo, mas não podia concentrar-se. Os passeios tampouco sortiam efeito. Foi visitar Catusha, como sempre, mas não quis lhe contar nada. Temeu perturbá-la mais do que estava. Depois de tudo, a história de sua amiga com o padre era tão clandestina como tinha sido a dela, trinta anos atrás. De todas as formas, Catusha conseguiu fazê-la rir com seus feitos e comentários, entre inteligentes e infantis.

Quando disse que queria ir a Santos Lugares, onde ainda os mantinham presos, Eliseo lhe advertiu que não o fizesse: não deixavam entrar ninguém.

Arrumou vários pacotes com roupas limpas e comida fresca. Sua imaginação a torturava; pensava no estado lamentável em que se encontraria sua amiga, em meio de uma cela fria e imunda, alimentada com comida de presidiários, e se desesperava. Eliseo levou os pacotes, mas voltaram intactos. Tinham proibido O'Gorman e Gutiérrez receber qualquer coisa.

Finalmente se decidiu: iria a Buenos Aires para falar com de Silva. Já não podia seguir perdendo um minuto mais; além disso, a espera terminaria com sua prudência.

Um pouco a contragosto, Maria aceitou acompanhá-la. Eliseo era o cocheiro, também à força. Sabia que Dom Juan Cruz não aprovaria. Mas não pôde negar-se ao pedido de Fiona. Além disso, seria melhor que ele a levasse; do contrário, Fiona chegaria à cidade embora fosse caminhando.

Entraram em Buenos Aires de noite. A neblina que se espalhava pelas ruas dava à cidade um aspecto fantasmagórico que era um reflexo perfeito do estado de ânimo de Fiona. Era difícil distinguir a luz mortiça das velas entre a espessura da bruma.

Ela enfiou a cabeça pelo guichê da volanta. O ar úmido e frio, que bateu totalmente sobre seu rosto, obrigou-a a fechar os olhos. Voltou a afundar-se no assento. Naquele momento, Eliseo deteve os cavalos; o relincho que soltaram foi tão estrondoso que a assustou. Estava tão sensível que qualquer coisa a sobressaltava ou a fazia chorar. Estaria enlouquecendo?

Voltou a olhar pelo guichê e divisou a casa que de Silva tinha comprado tempo atrás, escura e silenciosa. Parecia abandonada.

— Senhora de Silva... — murmurou a serva que lhes abriu a porta, com expressão de surpresa.

— O que acontece, Lucia? — perguntou, zangada.

Não esperava que a recebesse lhe fazendo festas, mas tampouco que ficasse olhando-a como se se tratasse de uma desconhecida.

— Não, nada, senhora.

A mulher reagiu rapidamente, afastando-se da entrada. O que acontecia era que a notícia de O'Gorman tinha se deslocado pela cidade como rastro de pólvora e todos conheciam a amizade entre ela e Fiona. Por isso, quando a viu ali...

— Por que está tudo tão escuro lá fora? Faça acender os lampiões agora mesmo.

Antes que a serva se dispusesse a cumprir a ordem, deteve-a.

— Um minuto, Lucia. Meu marido está?

— O senhor disse que esta noite não retornará à casa, senhora.

A resposta foi um golpe muito duro. Como que não passaria a noite em casa? Onde a passaria, então?

— Não disse onde estaria esta noite? — Sentia-se humilhada. Não suportava ter que perguntar a uma serva onde se supunha que dormiria seu marido.

— Passará a noite na casa do saladeiro, nos barracos. Surgiu um problema ali e devia estar à primeira hora da manhã.

— Está bem, Lucia. Vá agora.

Sentia-se mais tranquila; depois de tudo, eram questões de negócios que obrigavam Juan Cruz a pernoitar em outro lugar.

Depois de algum tempo, depois que teve guardado a carruagem na cavalaria, Eliseo apresentou-se pela porta que dava ao pátio da servidão.

— Come algo e mais tarde nos leva ao saladeiro, Eliseo. Preciso falar com meu marido esta mesma noite.

O aroma de carne podre começava a arder o nariz. Tirou um lenço e o colocou sobre seu rosto. Maria já tinha feito o mesmo um momento antes. Fiona se lamentou pelo pobre Eliseo; certamente, estaria se chateando com o aroma fétido que enchia o lugar.

As tábuas da ponte do Márquez rangeram quando a volanta a cruzou. Por debaixo, o Riacho, e, mais à frente, o saladeiro maior de toda a Confederação, o "Esmeralda". Depois de que "As Higueritas",^[54] que tinha pertencido a Rosas, Ursinho, ou "Esmeralda" tinha passado a ser o mais importante. Cada dia se sacrificavam ali ao redor de quatrocentas cabeças de gado; muitos quilogramas de charque se secavam em outros tantos quilos de sal; centenas de couros se curtiavam ao sol; mais de duzentos empregados trabalhavam em suas instalações. Era uma indústria extremamente próspera, e de Silva era seu dono. Tudo graças a Rosas, que em seu momento tinha emprestado o dinheiro para adquiri-lo. Naquela época estava virtualmente abandonado; parecia desolado, e não havia mais de quinze ou vinte cabeças de gado dando voltas pelo pasto. Ao cabo de dois anos era o que era agora. O primeiro que fez de Silva foi devolver o dinheiro a Rosas; mais ainda, ofereceu-lhe uma participação no negócio. Embora não aceitasse, o Restaurador se sentiu adulado pelo convite de seu protegido. Mas já estava muito

comprometido com a causa federal e não queria meter-se em um problema a mais. *"Quem muito abrange, pouco apura, Cruz"*, havia-lhe dito nesta oportunidade, batendo em suas costas.

Fiona jamais tinha estado no "Esmeralda", mas tinha escutado muito sobre ele. Era um lugar imponente. Mais à frente, quase no final de tudo, os barracos. Eram várias construções de tijolos brancos com tetos de palha que pareciam um casario em meio do pampa.

O lugar estava bem iluminado. As luzes enormes permitiam vigiar cada centímetro do lugar. Uma precaução necessária para evitar o saque noturno e o roubo de animais, muito comum na época. Vários gaúchos armados até os dentes faziam guarda noturna apostados em distintos pontos da propriedade.

Fiona percorreu o lugar com o olhar. Ao longe, perto do barraco principal, havia um grupo de peões rodeando a fogueira. Viu três homens sentados sobre o espinhaço de uma vaca, como se se tratasse de uma banquetta. A seus ouvidos chegaram os sons de um violão e uma voz melodiosa. Os sons e as vozes daqueles gaúchos foram se fazendo cada vez mais audíveis à medida que a volanta se aproximava do abrigo, até que, ao chegar ali e fazer-se visível, o ruído cessou como por encanto.

Fiona ficou na carruagem enquanto Eliseo conversava com um dos empregados do saladeiro que se afastou da fogueira para recebê-los. Pelo modo caloroso como se saudaram pareciam conhecer-se. Depois de um tempo, Eliseo apareceu ao interior da volanta.

— Menina Fiona, o patrão está dentro do barraco, reunido com alguns homens.

— Está bem, entremos, então.

Maria preferiu ficar na volanta, com o lenço no rosto.

Depois de começar a caminhar, Fiona se acostumou ao aroma. Os empregados a olhavam, alguns estranhando, outros com o desejo pintado no rosto, mas nenhum se animou a dirigir-se a ela; era a mulher do diabo. Fiona passou junto a eles como se não existissem; só queria chegar onde seu marido estava ansiosa por vê-lo.

Finalmente, chegaram ao lugar onde estava de Silva.

— O que faz aqui? — perguntou ele, enquanto a perfurava com o olhar. Era evidente que estava muito zangado. — Por que a trouxe? — perguntou a Eliseo, que baixou a cabeça sem saber o que responder. O criado sabia tão bem quanto ele que era muito arriscado chegar ao saladeiro; mais ainda à noite.

— Não diga nada a ele, senhor de Silva. Eu lhe pedi que me trouxesse.

Fiona olhou a seu redor. O lugar era bastante confortável por dentro. Havia várias camas de armar e duas mesas enormes no centro. Em uma delas, de Silva e dois homens trabalhavam sobre alguns papéis grandes; pareciam planos. O calor que dava o braseiro a reanimou.

De Silva, confundido, não tirava os olhos dela, como os dois homens que o acompanhavam. Juan Cruz captou o olhar libidinoso de seus empregados.

— Me esperem lá fora — ordenou em um tom resistente.

Os homens abandonaram o barraco com a cabeça baixa, conscientes de sua indiscrição.

— Você também, Eliseo.

Ficaram sozinhos. Fiona sentiu que uma ardência de prazer invadia seu corpo. O olhar devorador de Silva a fez estremecer-se; sabia que o tinha enfurecido indo ali, mas era imperioso que se falassem. Juan Cruz não pensava o mesmo. Aproximou-se, tomou-a entre seus braços e a beijou com paixão. Como sempre, a reação de seu marido a desconcertou; finalmente, relaxou-se, e mais uma vez se entregou a ele sem oferecer a menor resistência.

— Meu Deus... — murmurava de Silva. — Não tinha reparado em quanto sentia saudades, meu amor...

Enquanto acariciava todo seu corpo, transbordado pelo desejo, sua boca arremetia contra a dela. De repente, começou a afundar o rosto em sua cabeleira, como se quisesse embriagar-se com o perfume de sua pele. O perfume de sua pele... Havia algo mais excitante para ele que o aroma da pele de Fiona? Essa delícia em seu nariz fazia desaparecer como por arte de magia a podridão que o rodeava. Ela era sua distração, o recreio mais desejado depois da tarefa, o melhor prêmio depois da luta.

— Por favor... Senhor... Eu...

Sabia que não devia esquecer o motivo que a tinha levado até esse lugar, mas não o obtinha; não podia desfazer-se da atração de Juan Cruz. Mais alguns minutos e de Silva lhe teria feito amor em uma das camas de armar do abrigo; mas era impossível, disse-se; seus homens estavam lá fora, junto a Eliseo. E Maria estava aguardando na carruagem. Devia controlar-se.

— O que faz aqui? — sussurrou sem afastar os lábios dos dela.

— Precisava falar com você... senhor.

Tinha as mãos ao redor do pescoço de de Silva e sentia as dele lhe ajustando a cintura. Pouco a pouco, Juan Cruz foi se afastando.

— O que aconteceu? — perguntou preocupado.

— Como, senhor? Não sabe o que aconteceu? Camila... Camila de O’Gorman, minha amiga.

— Sim, já me inteirei — afirmou Juan Cruz.

— Temos que fazer algo, senhor. Vim até aqui para lhe pedir que fale com o governador.

De Silva se afastou bruscamente para trás e a olhou com dureza.

— Deve saber uma coisa, Fiona... — Olhou para o chão antes de continuar.
— Camila está grávida.

Fiona afogou um gemido, aterrada. De Silva se aproximou outra vez dela.

— Vamos. Fiona — disse com pesar. — Melhor será que te leve para casa.

Juan Cruz entrou no dormitório de Fiona e a encontrou chorando. Estava sentada em um tamborete e sua cabeça se movia ao ritmo desigual de seus soluços.

Chamou-a da porta. Viu-a girar sobre si e olhá-lo. Entre suspiros, indicou-lhe que entrasse.

De Silva se aproximou lentamente, como se temesse espantá-la, e se agachou diante dela.

— Vamos, Fiona, não chore. Algo faremos por ela.

Fiona chorou com mais vontade ainda. Juan Cruz afastava suas mechas e secava suas lágrimas com a ponta do dedo.

— É que... É que... Não desejo que... que nada de mau... aconteça-lhe... Ela é minha melhor amiga, senhor.

Finalmente, ela pareceu começar a acalmar-se. Juan Cruz tomou-a pelos ombros, atraindo-a para ele.

— Vamos, pequena. Venha; se deite e tente descansar.

Não podia vê-la assim. Partia-lhe o coração. Recostou-a sobre o leito, e lhe tirou a bata e os sapatos. Cobriu-a com a colcha e a agasalhou.

Fiona, mais tranquila, contemplava-o absorta. Gostava de sentir o roce das mãos ásperas de Juan Cruz sobre seu corpo. Gostava de observá-lo. Gostava de sua expressão quando tirava sua bata ou a cobria com o cobertor. Gostava de contemplar seus olhos, perdidos em alguma reflexão que, como sempre, ela não podia descobrir. Gostava... Gostava de seu marido como jamais pensou que

gostaria.

— Amanhã mesmo falarei com o governador por Camila — disse ele, enquanto se sentava na beira da cama. — Agora, trate de dormir.

Beijou-a na testa. Fiona sentiu a pele se arrepiar.

— Senhor... — chamou-o com a voz congestionada.

— O que, Fiona? — perguntou ele da porta.

— Obrigada.

— Está louco! — exclamou Rosas. O murro que descarregou sobre a mesa fez tremer a seus ajudantes. — Desapareçam todos de minha vista, agora! — Ordenou depois de um momento. Os ajudantes e o Padre Viguá se esfumaçaram, aterrados. Rosas, furioso, parecia lançar labaredas pelos olhos.

Só Juan Cruz, que promovera essa fúria, permanecia sentado, com gesto indolente e despreocupado. Rosas podia agir assim com todos, menos com ele. Conhecia-o muito e sabia que o ditador estava acostumado a utilizar a técnica do terror. A ele não ia intimidar.

— Começemos de novo — disse Rosas zangado. — Deseja que eu liberte a O'Gorman, verdade?

Juan Cruz assentiu.

— E, pode-se saber por quê? — continuou Rosas, cada vez mais alterado. — Não, não. Não me diga nada, eu lhe direi. É por sua mulherzinha, verdade? Fez uma cena de choro e te comoveu — arrematou, olhando-o direto nos olhos.

O jovem pareceu não alterar-se, e isso incomodou mais ainda ao governador. Devia aceitar, era o único que não se chateava quando ele gritava.

— Foi ela, verdade? Ela te pediu que viesse ver-me, não é verdade? — insistiu Rosas.

Juan Cruz não falava. Olhava-o sem pestanejar.

— Sim, você colocou essa China^[55] na cabeça, né? Realmente, tenho que reconhecê-lo, é uma das mulheres mais lindas que vi em minha vida. Pode enlouquecer a qualquer um, disso não tenho dúvidas. A qualquer um, mas não você, Cruz. Você é muito inteligente para se deixar enrolar por um par de olhos lindos.

— Não foi Fiona quem me pediu que viesse vê-lo, Dom Juan Manuel — mentiu de Silva, abandonando o sofá. — Vim por minha própria vontade —

continuou. — Não vou negar que minha esposa está desfeita com tudo isto de O'Gorman. Como você sabe, são amigas de infância. Apesar de tudo, vim aqui por você.

— Por mim! Por mim, disse? — repetiu Rosas, acalorado. — Olhe o que os outros estão fazendo por mim! — Jogou-lhe na cara alguns periódicos que tirou da mesa. — Os que estão remarcados com tinta — Indicou Rosas, friamente, agitando o dedo no ar.

De Silva leu em voz alta.

— "... Ontem um sobrinho de Rosas que no princípio se disse ser..." — passou pelos os nomes e seguiu: — "... tentou também roubar outra jovem, filha de família; mas se pôde impedir a tempo o crime. Qualquer um dos dois, é da escola de Palermo, aonde nessa linha, venha-se os exemplos e se ouvem conversas que não podem se dar outros frutos. Não podem, meu Deus! Pois aquilo, meus amigos... lhe deixaremos sem mais a dizer". — Terminou de ler e levantou a vista.

— Esse é o maldito da Alsina, no *Comercio del Píala*. Esse não me importa tanto, mas, vamos, lê o outro, o do *Mercurio* — ordenou Rosas.

— "chegou a tal extremo a horrível corrupção dos costumes sob a tirania espantosa do 'Calígula *del Plata*', que sacerdotes ímpios e sacrílego de Buenos Aires fogem com moças da melhor sociedade sem que o infame sátrapa...[56] — De Silva fez uma pausa neste ponto e o olhou de soslaio; Rosas tinha o rosto vermelho. Seguiu lendo: — ... adote medida alguma contra essas monstruosas imoralidades."

— Agora entende por que tenho que mandar fuzilá-la, Cruz? — Parecia que se acalmou um pouco.

— Não, ainda não compreendo.

Rosas pensou que de Silva desfrutava provocando-o. Novamente, a fúria se apoderou dele.

— Mas m'filho! Sim, você está lento hoje!

— Acalme-se, Dom Juan Manuel, acalme-se e me escute.

De Silva começou a caminhar com os polegares enganchados nos bolsos do colete e o olhar fixo no chão.

— Embora você ache que estou aqui por minha esposa, minha imparcialidade no assunto está garantida. Não venho aqui por pedido dela, a não ser para lhe aconselhar que, por seu próprio bem, não a fuzile.

— Por meu próprio bem? — Rosas o olhou, incrédulo.

— Em tudo isto há gato escondido, Dom Juan Manuel. Algo que aprendi de você é que as coisas não são o que aparentam ser. Sempre tomei isto como um dogma e não me foi tão mal acreditando-o nisso. Veja, em todo este assunto há algo que não entendo.

— Não tem que entender muito, Cruz. A O'Gorman e o padre estavam mais quentes que carvão no fogo e fugiram. Isso é tudo...

— Isso eu entendo. Em realidade, o que não compreendo é isto — replicou, balançando os periódicos.

— Agora quem não entende sou eu — Rosas o olhou carrancudo.

— É evidente. O estão açulando para que a fuzile, para que depois se voltem contra você, argumentando que é um monstro sem piedade que nem sequer se compadece de uma pobre moça.

— Mas, não tem lido esses artigos?

— Sim, mas nenhum deles se pronuncia sobre qual deveria ser o castigo a dar. Limitam-se a falar de uma reprimenda sem dizer qual tem que ser. Isso deixam, maliciosamente, em suas mãos.

Rosas tinha levado a mão ao queixo e caminhava pela sala com o olhar fixo no chão. Não tinha pensado nessa possibilidade.

— Além disso, Dom Juan Manuel, O'Gorman está grávida; isso complica tudo ainda mais — concluiu de Silva.

— Não sei, Cruz, não sei. O que fez essa estúpida é muito grave. Parece-me que a única saída que resta é fuzilá-la. Toda a Confederação está furiosa com o comportamento desses dois idiotas. O que posso fazer?

— Não a fuzile, Dom Juan Manuel. Não o faça.

Fiona estava decidida, iria ela mesma ver o governador. De Silva se reuniu com ele dias atrás e não tinha obtido nada. Não podia ficar de braços cruzados; algo devia fazer, alguém devia falar.

Chegou a Palermo e se encontrou com dezenas de pessoas que faziam fila nas galerias, à espera de que lhes concedessem uma audiência com o governador. Alguns fazia dias que estavam ali; dormiam sobre catres de palha e comiam as provisões que tinham levado. Fiona sentiu pena deles, mas sua causa era mais importante.

Uma das servas negras de Rosas a levou até Manuelita, que atendia a alguns

convidados no salão principal. Sem se importar muito com suas hóspedes, levantou-se do canapé e se encaminhou ao encontro de Fiona.

— Fiona, querida! Que alegria que tenha vindo! — disse, enquanto tomava delicadamente suas mãos.

— Para mim também é uma alegria voltar a vê-la, Manuelita, mas o motivo que me traz a esta casa é mais que triste.

— O que aconteceu, Fiona? — perguntou Manuelita com fingida ingenuidade.

Em um primeiro momento, Fiona sentiu fúria. Acaso Manuelita não conhecia a estreita relação entre ela e Camila? Do que outra coisa viria lhe falar? Tratou de acalmar-se.

— Como sabe, Manuelita, Camila está presa. Por esse assunto de...

— Oh, sim, claro! — apressou-se a exclamar a filha de Rosas. — Em realidade, pensei que procurava por Cruz.

— Ah! Meu marido já está aqui... — Fiona, surpreendida, tratou de dissimular o melhor que pôde.

Obviamente, Fiona tinha viajado até a quinta de Palermo sem que de Silva soubesse, ou jamais teria lhe permitido que fosse falar com Rosas. Mas já estava a poucos metros de quem podia decidir sobre a vida ou a morte de sua melhor amiga, e não voltaria atrás por Juan Cruz. Em todo caso, depois suportaria sua ira em A Candelária.

— Chegou esta manhã, muito cedo. Está no escritório, com tatita, discutindo assuntos das propriedades, ou algo assim.

— Manuelita, poderei ver seu pai... agora? — animou-se a perguntar, apesar do medo que a embargava. Sabia que não era fácil chegar ao governador.

— É óbvio, Fiona.

Manuelita a guiou através da imensa casa. Tinha sido construída segundo o típico desenho das casas espanholas com reminiscências árabes, em que os quartos eram circundado com vários pátios centrais. Fiona, subjugada pelo estilo francês de A Candelária, pensou que nunca mais voltaria a gostar dessas antigas construções coloniais.

Depois de cruzar vários salões e deixar para trás a mais de quinze pessoas, as duas mulheres chegaram à porta do escritório do governador. De fora, podia-se escutar claramente a voz de Rosas. Fiona sentiu que as pernas tremiam e, por um instante, duvidou em entrar. Mas não podia permitir-se medo. Respirou profundo e entrou atrás de Manuelita.

— Fiona! — exclamou Juan Cruz, surpreso.

Era a primeira vez que ela percebia certo pânico na voz de seu marido.

— Fiona! Que grata surpresa! — Rosas se aproximou dela, tomou-a pelos ombros e a beijou na bochecha. — Que bela está esta tarde! Agora, eu me pergunto, como você, uma jovem tão linda, pode se apaixonar por um feioso como Cruz.

O comentário do governador a fez rir. Olhou de esguelha para de Silva e pensou que, sem ser belo, tampouco era feio. Pelo menos, não para ela.

De Silva a olhava com dureza, contendo a respiração. A visão das mãos enormes de Rosas sobre os ombros diminutos de sua esposa lhe provocou um estremecimento. "*Não, Fiona, pelo amor de Deus, não o faça*", pensou.

— Obrigada por me receber, senhor governador. Aprecio-o muito; sei como é ocupado — disse, sem olhá-lo.

Rosas lhe tirou seus mãos dela e isso a tranquilizou.

— Aqui me tem, querida. Seu marido sempre me traz problemas para resolver. Em realidade, prefiro vê-la e não a ele; você é muito mais bela — Rosas riu.

De Silva, mudo, espectador, sentia desejo de matar Fiona.

— Vim senhor...

— Ainda não perguntei por que veio, menina — Rosas a parou em seco.

— Tatita... — murmurou Manuelita, envergonhada.

— Fiona, melhor me esperar na carruagem... — interveio Juan Cruz. — Eu já...

— De maneira nenhuma — o interrompeu Rosas. — Evidentemente, ela veio falar comigo, não para encontrá-lo, Cruz. Ela não vai sair sem explicar a honra de sua visita.

— Eu vim para pedir-lhe que liberte Camila de O'Gorman — disse Fiona sem vacilar.

— Ah, o assunto da O'Gorman! — Comentou Rosas, como se não tivesse sabido desde o primeiro momento que ela tinha vindo a Palermo para isso. — Mas, filha, pensei que era algo mais grave!

— Mais grave! Mais grave, disse! — Fiona sabia que estava gritando e que era inútil lamentar-se: a indignação a tinha feito perder o controle.

De Silva não suportou mais e decidiu tomar o touro pelos chifres. Aproximou-se de sua esposa e a agarrou pelo cotovelo disposto a tirá-la dali.

— Vamos, Fiona.

— Não, Cruz. Vou escutar o que sua mulherzinha tem para me dizer, até o final — o desautorizou Rosas.

Fiona não entendia que Rosas se propôs fazê-la perder a compostura para humilhá-la; era muito malicioso para uma mente tão cândida como a dela. De todos os modos, ao perceber que de Silva, resignado, soltava-lhe o cotovelo, tomou coragem outra vez.

— Senhor governador — tentou um tom menos displicente. — Como já lhe disse, vim para lhe pedir, para lhe rogar se for necessário, que liberte Camila. Ela não fez nada de mau, não prejudicou a ninguém, senhor. É uma jovem de grande coração e boas intenções. Sua filha Manuelita pode dizer-lhe por que são amigas... — Girou a cabeça, mas Manuelita já não estava ali. Tragou saliva. — Como lhe dizia. Camila é uma boa pessoa, muito federal, sempre defendeu a causa. Sua divisa da Confederação era uma das maiores eu a vi, sempre a usava. Além disso, ajudava na Igreja do Socorro...

— Sei — a interrompeu Rosas. — Justamente ali foi onde começaram os amores com o sacrílego de Gutiérrez.

— O suplico, senhor... Por tudo o que mais queira no mundo, deixe-a viver.

O pranto afogou suas últimas palavras. Transtornada, aproximou-se de Rosas e o pegou pelas mãos.

— Deixe-a viver, por favor... A ela e a seu filho — repetiu entre soluços.

O ditador a olhou fixamente. Nesse momento compreendeu o amor que seu protegido sentia pela juvenzinha. Ele mesmo teria gostado de levá-la à cama.

— Não, Fiona. Não o farei.

Rosas deu meia volta. Sentia pena por ter que dizer-lhe assim, tão frontalmente.

— Ela não fez nada de errado! Por Deus! Quem é você para dizer quem deve morrer ou quem deve viver!

De Silva estremeceu; agora sim, tudo estava perdido.

— Tem ideia do que sua amiguinha esteve fazendo com esse padre todo este tempo? Tem a menor ideia, Fiona? — Rosas havia se transtornado e lhe gritava na cara.

— Isso a você não importa — disse ela, em voz baixa, mas firme.

— Dom Juan Manuel, melhor será... — interveio Juan Cruz.

— Como que isso não me importa! Tudo o que aconteça na Confederação me importa! — bramou Rosas sobre o rosto de Fiona. A audácia da jovem o enlouquecia.

— Esse é um tema privado entre ela e o senhor Gutiérrez — insistiu Fiona.

— Está muito equivocada, menina. Eles atentaram contra os bons costumes, contra a honra e contra Deus. Eu tenho que...

— Você é capaz de me falar de bons costumes, de honra, de Deus? Você? Você, que faz mais de dez anos mantém a sua amante Eugenia dentro desta casa como se fosse só uma serva?

Ninguém tinha se atrevido a tanto. Rosas não duvidou um instante.

— Tire-a de minha vista, Juan Cruz! Tira-a já, antes que me esqueça de que é sua esposa!

De Silva tomou Fiona pelo braço e a tirou arrastando-a da sala.

O governador os seguiu com o olhar. Quando desapareceram de sua vista se aproximou da porta e a fechou de um chute. Depois, foi a sua escrivaninha, tomou um tinteiro de bronze e o jogou contra o móvel com pequenas gavetas, estava fora de si. Ferido em seu orgulho, humilhado em sua própria casa, e por nada menos que por essa estúpida Malone. Agora sim, o momento tinha chegado. Os malditos Malone se inteirariam de quem mandava na Confederação.

Juan Cruz arrastou a Fiona através dos pátios da casa de Rosas e em um momento estiveram fora. Bruscamente, obrigou-a a subir a sua carruagem e a depositou no assento como se fosse um saco de batatas.

Fez um gesto ao cocheiro que havia trazido Fiona para que os seguisse. O homem o olhou confundido, mas não se atreveu a perguntar. Finalmente de Silva subiu a volanta e fechou a portinhola de um golpe. Fiona deu um salto e se enrolou no outro extremo, o mais longe possível de seu marido.

Escutou a ordem do cocheiro e o som do látego, e os cavalos foram colocados em marcha para A Candelária. Juan Cruz, sentado de frente a sua esposa, olhava pela janela sem pestanejar, com o gesto tenso. Estava agitado e tinha a testa perolada pelo suor.

— Em que merda estava pensando quando te ocorreu que devia ver Rosa? — bramou de Silva subitamente.

Fiona tremeu; se afastou e se afundou na almofada do assento. Tinha desejo de chorar e lhe custava muito conter-se. Embora não fosse a fúria de seu esposo o que mais a atemorizava; temia que sua reação arrebatada com o governador

tivesse piorado a situação de Camila.

— Me responda! — vociferou novamente Juan Cruz.

— Em salvar a vida de minha amiga! Nisso estava pensando! — Gritou Fiona mais forte que ele. Sua voz soou firme e isso a encheu de coragem. Levantou-se e o enfrentou. Sustentaram-se o olhar; tinham os rostos contorcidos, vermelhos de cólera.

Juan Cruz, lançou um sopro de raiva e se atirou para trás, afastando a vista de sua esposa.

— Com a cena que você montou acabou de enterrar sua amiga — disse de Silva finalmente, em um tom mais calmo, embora cheio de sarcasmo.

Ao escutar essas palavras, Fiona sentiu como lhe aplicavam um golpe no peito. Por um instante, faltou-lhe o ar; formou-se um vazio a seu redor e não escutava nem via nada. Tudo havia se tornado escuro em torno dela.

De Silva notou que sua esposa empalidecia e que respirava com dificuldade. Tinha os lábios escuros e o olhar vidrado. Rapidamente, Juan Cruz se sentou a seu lado e tomou suas mãos geladas.

— Fiona! O que há de errado? — Tomou-a pelos ombros e a sacudiu.

A jovem não reagiu; seus olhos, excessivamente abertos, tinham perdido seu brilho natural. Ele continuava chamando-a, mas Fiona não respondia.

Juan Cruz abriu uma pequena porta sob o guichê e tirou uma garrafa. Tirou a cortiça com os dentes e a aproximou do nariz de sua esposa. O aroma forte da bebida a encheu, e começou a respirar ruidosamente.

— Tome um gole disso, vamos... — Juan Cruz aproximou a garrafa dos seus lábios e verteu um pouco do líquido em sua boca. Fiona sentiu que a queimava por dentro. De todos os modos, a bebida a ajudou. Depois de um tempo tinha superado a crise, embora estivesse muito tonta.

De Silva a atraiu para seu peito e a envolveu com seus braços. Ela ainda tremia e suas mãos seguiam frias.

Ao sentir a ternura de seu marido, Fiona começou a chorar como uma madalena. De Silva a apertou mais ainda e começou a lhe sussurrar palavras de consolo.

Juan Cruz se amaldiçoou por lhe haver dito isso e desejou poder voltar o tempo atrás. Não suportava vê-la assim; queria que o sofrimento de sua pequena Fiona terminasse rapidamente, que se esfumasse, e que ela voltasse a sorrir. Mas não conseguia, não sabia como fazê-lo; nunca havia sentido a impotência que o afligia nesse momento. Impotência, ele? Nada era impossível para lhe provocar

essa sensação; ele podia com tudo. Mas Fiona... Fiona sempre o fazia viver coisas novas.

— Por... por minha culpa... vai matá-la... — disse a jovem, entre palavras afogadas.

— Não, pequena. Você não tem nada que ver neste assunto.

Fiona permaneceu calada um momento. Queria acalmar-se para falar com de Silva. Precisava conhecer as consequências de seu arranca rabo com o governador.

— Você me disse que eu tinha terminado de ente...

— Disse-o em um momento de raiva — a interrompeu de Silva. — Não é verdade; esquece-o já — lhe pediu.

Juan Cruz pensou que, em realidade, teria que repreendê-la pelo que tinha feito em casa de Dom Juan Manuel. Apresentar-se assim no escritório do governador, mediar por O'Gorman, e jogar na cara de Rosas que ele não tinha autoridade moral para julgar Camila... Deus Santo! Sentiu frio ao recordar o que sua esposa acabava de fazer. Entretanto, devia aceitar, sentia-se orgulhoso dela; era a mulher mais valente que tinha conhecido. Finalmente, de Silva decidiu deixar a reprimenda para outro momento.

Embora Fiona se acalmara, continuava apoiada sobre o peito de seu marido, entre seus braços. Não queria que Juan Cruz deixasse de abraçá-la; assim se sentia segura e tranquila, e com as sensações que há dias não experimentava, desde que os soldados tomaram Camila e Ladislao prisioneiros.

Fiona suspirou, e de Silva lhe beijou a cabeça. Nesse momento, enquanto escutava os batimentos do coração de Juan Cruz, e sentia suas fortes mãos ao redor de sua cintura lhe pareceu que tudo estava bem.

De Silva deixou passar alguns dias antes de voltar a Palermo para falar com Rosas e lhe pedir desculpas. Embora soubesse que Fiona tinha razão, também era consciente de que seu gênio impulsivo a tinha levado a agir da pior maneira. Sentia que devia recompor as coisas. Conhecia muito bem o Restaurador para deixar tudo liberado ao azar. E apesar de que Camila e Gutiérrez seguiam com vida, por nada no mundo mencionaria o assunto.

— Cruz! — exclamou Rosas ao vê-lo passar a porta de seu escritório.

— Viva a Santa Federação! — proclamou Juan Cruz olhando aos ajudantes, que lhe responderam o mesmo, ao unísono.

— Dom Juan Manuel — lhe estendeu a mão. — Preciso falar com você, em privado.

— Reys! Despache os escrivães; que continuem com o trabalho na outra sala.

— Sim, senhor — sussurrou o homem, ao mesmo tempo em que fazia um gesto aos jovens sentados em torno da escrivaninha.

Rapidamente, todos deixaram a sala. Rosas se aproximou do canapé onde dormia o Padre Viguá e deu-lhe um chute nas nádegas.

— Fora daqui, cão pulgoso! — ele gritou.

O idiota saiu correndo da poltrona.

— Vamos! Fora daqui eu disse!

Quando ficaram sozinhos, o governador o convidou a falar.

— Agora sim, Cruz, me diga o que o traz por aqui.

— Em nome de minha esposa, Don Juan Manuel, vim lhe pedir desculpas pela cena do outro dia.

Rosas o olhou fixamente por instantes. Juan Cruz sustentou seu olhar. O ditador baixou o rosto e começou a caminhar pela sala.

— E, por que não veio ela mesma?

— Está indisposta; mas me pediu que viesse pessoalmente e lhe entregasse esta carta em que roga o seu perdão. Sabe que se comportou como uma malcriada e uma mal educada.

De Silva tirou de sua levita um sobre lacrado e o entregou a Rosas.

Tinha sido impossível arrastar Fiona de volta a casa do governador. Ficou como louca quando Juan Cruz lhe ordenou que viesse, e por mais que a ameaçasse de mil maneiras, não conseguiu nada. Tão somente lhe arrancou umas palavras escritas, lacônicas e falsas, nas que lhe pedia perdão.

— Está bem — disse Rosas, depois de ler em silêncio o bilhete. — Mas me deixe te dizer, Juan Cruz, que tem uma mulher muito perigosa a seu lado. Uma mulher que pode te levar a perdição se não a controlar. E mais: se não lhe ensinar a comportar-se, conseguirá te arruinar. Parece-se com O'Gorman. Com todas essas estupidezes românticas. — Rosas, muito sério, não tirava os olhos de de Silvia. — Não só é uma malcriada. Além disso, está cheia das ideias unitárias do avô.

— Ideias unitárias? De que fala, Dom Juan Manuel? Não, Fiona é fiel à causa federal. Você acredita que teria me casado com ela se tivesse duvidado por um instante de sua lealdade à causa? Não, minha esposa é tão federal como eu. Reconheço que é uma jovem díscola e impulsiva e, em ocasiões, não sente o que diz; mas daí a ser unitária... Não, Don Juan Manuel, o juro. O que acontece é que Fiona adora Camila. São como irmãs, criaram-se juntas, você sabe; e tudo

isto a tem muito mal. Mas nada mais que isso. Nada mais...

Rosas percebeu que seu protegido sentia medo. Tanto amava a essa juvenzinha que era capaz de urdir essa mentira para lhe fazer acreditar que ela estava arrependida e brigava por seu perdão?

— Sei que seu avô é leitor assíduo dos jornais de Montevideo e Santiago. Tem algum contato no exterior e assim os consegue. Sua família jamais participa das reuniões federais; em troca, é sempre âncora de amigos com os quais tenho pontuados de asquerosos unitários. Minha cunhada disse que usam as divisas federais menores de toda a Confederação, que se terá que revistá-los com lupa para descobrir.

Embora não tenha mencionado, Rosas tinha muito fresca em sua memória à rebelião de quarenta. Não podia esquecer que Malone tinha ajudado a muitos unitários a cruzar Montevideo ou a chegar ao Chile; um espinho cravado no lado que desde muitos anos o governador desejava arrancar.

— Então, Cruz, o que posso pensar de tudo isso? Depois, sua neta irrompe em meu escritório, me insulta e me ofende como ninguém jamais se atreveu a fazê-lo. É muito, não acha? — Tomou pelos ombros Juan Cruz e os apertou até lhe fazer doer os ossos. — Entende que por muito menos a teria mandado fuzilar. Mas você está no meio e por isso não farei nada.

A afirmação de Rosas soou como mentira aos ouvidos de Silva.

Capítulo 14

Tinha passado mais de um mês desde a morte de Camila, e Fiona não conseguia superar a dor e à tristeza do que para ela não tinha sido outra coisa que um crime. Calada e taciturna, era difícil lhe arrancar um sorriso.

De Silva não podia tirar da cabeça aquela manhã de 18 de agosto de 1848. Eliseo tinha sido enviado a Santos Lugares para trazer notícias e quando chegou com o anúncio de que Camila e seu sacerdote tinham sido fuzilados, Fiona começou a tremer. Não chorava, tão somente tremia. De Silva a abraçava muito forte, mas o corpo de Fiona continuava estremeando-se.

Com dificuldade, fizeram-lhe beber um pouco de láudano. Uma hora mais tarde descansava na cama, em um sono intranquilo, desassossego, murmurando incongruências.

"Meu Deus, não permita que lhe aconteça o mesmo!" Suplicava seu marido. Juan Cruz não podia deixar de pensar em Catusha.

Fiona jamais chorou. Depois daquele dia, abismou-se em um longo e profundo silêncio. Juan Cruz teria preferido que gritasse e esperneasse, que o culpasse dessa desgraça se fosse necessário. Seu desejo não se cumpriu.

Estava abatido; não suportava ver Fiona naquele estado. Chegou a odiar Camila; estava com ciúmes dela. Não podia deixar de perguntar-se se Fiona seria capaz de sofrer por ele tanto como pela O'Gorman. E a ideia de que ele não era motivo suficiente para que Fiona recuperasse a alegria de viver o machucava como nada.

Catusha visitava a casa grande quase todos os dias. Era uma excelente companhia para Fiona; estava acostumada a lhe falar de bobagens e, por momentos, a fazia esquecer sua dor. Além disso, liam juntas e, às vezes, até tocavam piano.

Em uma das manhãs em que Fiona, sem ânimos para sair da cama, tinha pedido que lhe levassem o desjejum a seu dormitório, Catusha apareceu por ali com a bandeja de chá. No princípio, Fiona se sentiu incômoda; não era esse o lugar nem eram essas as circunstâncias em que estavam acostumadas a encontrarem-se. Entretanto, a naturalidade com que Catusha aproximou uma cadeira a beira da cama e se sentou em frente dela, com as mãos cruzadas sobre o

colo, fez com que seu mal-estar se dissipasse.

— Ninguém melhor que eu pode te compreender neste momento — disse Catusha com simplicidade.

Era a primeira vez, desde a morte de Camila, que lhe falava nesse tom. Até esse dia tinha atuado como se não estivesse inteirada da tragédia. Fiona a olhou espectadora.

— Eu conheço tanto sua dor, querida, tanto... — continuou a mulher. — É como se tivessem enterrado uma adaga aqui, no coração, e o revolvessem por dentro, uma e outra vez. Dói tanto... Tanto que sinto que enlouquecerei de sofrimento. Talvez por isso não estou do todo louca... — Sorriu, com amargura. — Quando fuzilaram meu Manuel, eu... — Por um momento, a voz de Catusha se quebrou, mas não demorou a superar. — Eu sei, Fiona, por que meu filho me odeia. Ele pensa que eu enlouqueci quando fiquei grávida dele. Não... Eu estava feliz levando-o em meu ventre. Era tão feliz... Pobre de meu anjinho! Quanto o tenho feito sofrer! Filhinha não cometa o mesmo erro que eu. Não perca o melhor de sua vida por alguém que nunca mais estará ao seu lado. Não o faça, Fiona. Deve superar e voltar a ser a mesma jovem cheia de vitalidade que sempre foi. Faça-o por ele, não lhe faça mais dano do que eu lhe fiz. Suplico-lhe isso.

— Mamãe!

As mulheres se sobressaltaram. A figura imponente de de Silva na porta as sobressaltou.

— Vamos, mamãe; Fiona deve descansar — disse Juan Cruz, com autêntica preocupação.

Catusha e Fiona cruzaram um olhar cúmplice.

Desde aquele dia em que Catusha se mostrou mais sensata, Fiona começou a sentir-se melhor e, pouco a pouco, recuperou sua vontade de viver. Voltou para seus passeios pela fazenda, a visitar as casas dos peões, a encharcar os pés na fonte dos vasos de barro. Enfim, sentia-se outra vez ela mesma.

Em um desses dias, justamente, sentiu de repente que algo novo, desconhecido, estava ocorrendo em seu corpo. Nunca soube como se deu conta. Sentiu-o, assim, de repente: estava grávida. E, embora estivesse segura de que não se equivocava, decidiu esperar alguns dias antes de dizer a Juan Cruz. Não seriam muitos de todos os modos: o atraso de sua regra lhe daria a confirmação antes de uma semana.

Na manhã que teve a certeza definitiva de sua gravidez se arrumou com um delicado vestido de seda rosa pálido que antes não tinha querida usar, segura de

que não combinava com seu cabelo vermelho. Esse dia se sentia diferente e lhe pareceu que era o melhor vestido. A bata, ajustada a seu corpo, era de musselina transparente da cor do vestido, e lhe acentuava as curvas dos seios e os quadris. Deixou os cabelos soltos, lisos, sem se importar que não se usasse assim. Desarmou uma hortênsia e colocou suas flores desordenadamente entre os cabelos. Coloriu um pouco mais suas maçãs do rosto e se pintou os lábios.

— Eliseo, viu de Silva esta manhã?

Temia que tivesse partido para a cidade. Ultimamente, viajava muito frequentemente e de improviso.

— Sim, menina. Está no celeiro pequeno, com os peões — respondeu Eliseo. O celeiro pequeno estava bastante afastado da mansão, pelo caminho da alameda. Fiona se deteve alguns instantes no começo do percurso. A espessa bruma matinal parecia dissipar-se entre as copas dos álamos. Inspirou profundamente a brisa fresca, cheia do aroma do campo, e se sentiu muito bem.

Deixou para trás o arvoredor e começou a aproximar-se da região de mais movimentação da fazenda. De Silva não gostava que frequentasse esse lugar, de modo que ela virtualmente não ia nunca. Ali estavam os poteiros onde juntavam as vacas no pasto, os celeiros onde armazenavam a alfafa, os bebedouros, os currais com as ovelhas. Não entendia por que Juan Cruz lhe proibia aproximar-se desse lugar.

Os peões, assombrados, viam-na como uma aparição. Alguns, mais atrevidos, não tiravam a vista do seu decote. Aproximou-se de um galpão de homens empenhados em uma tarefa.

— Sanc Nietél! — chamou a jovem.

Os homens interromperam o trabalho e a olharam, intrigados. O índio Sanc se afastou do restante, e se encaminhou para Fiona. Ao chegar perto da patroa, tirou o chapéu de palha e começou a retorcê-lo entre as mãos.

— Senhora de Silva! Que alegria, patroa!

— Como anda essa perna? — perguntou Fiona, lhe apontando o lugar da ferida.

— E como quer que ande se tive a melhor das doutoras?

Ambos riram em uníssono. Depois, a jovem lhe perguntou por sua família. O índio se mostrou preocupado: dias atrás, sua filha Ayelén fugiu com um moço e ainda não conheciam seu paradeiro. Fiona perguntou se podia fazer algo por ele; Sanc respondeu que não.

— Procura o patrão, senhora?

Fiona assentiu.

— Está no abrigo. Aí, olhe... — Assinalou-lhe um celeiro a uns metros.

Fiona se despediu do índio e se encaminhou aonde lhe tinha indicado. Apareceu no portão do abrigo, quase com medo. Ficou atônita. Juan Cruz estava com o torso nu, usava calças brancas que chegavam aos joelhos, e tinha o cabelo em um rabo de cavalo à altura da nuca. Lutava com um bezerro que parecia ter a força de dez homens. Os músculos de seus braços e suas panturrilhas se esticavam sensualmente à medida que a tarefa ficava mais dura. A transpiração empapava seu corpo, fazendo brilhar sua pele. Finalmente, dobrou-o. O animal tinha ficado preso entre as mãos de de Silva, que lhe pressionava seu cangote com um de seus joelhos e, desse modo, lhe impedia de mover a cabeça.

— Fique quieto! — gritou de Silva. — Zoilo, me passe o linimento! — ordenou a um dos peões.

Fiona pôde ver uma série de feridas repugnantes no lombo do bezerro. De Silva afundou a mão dentro do balde que continha à mistura e lubrificou as lesões com cuidado.

— Um minuto mais, fique quieto só um momento mais — murmurava Juan Cruz.

Nem de Silva nem os três peões que o rodeavam tinham reparado nela, meio oculta atrás do portão. Estava hipnotizada pela cena: não podia deixar de olhar. Nunca o tinha visto trabalhar. Parecia outra pessoa, com esse traje rústico, as mãos meladas com o linimento e o rosto vermelho. Para Fiona era irresistível.

— Juan Cruz... — chamou com suavidade.

Os três peões e de Silva se voltaram ao mesmo tempo, sobressaltados. Em outras circunstâncias, de Silva teria se surpreendido de vê-la aparecer por ali. Agora, quase não tinha tido tempo de pensar nisso. Só podia pensar que aquela era a primeira vez que a voz erótica e envolvente de Fiona o tinha chamado por seu nome.

Os ajudantes se deram conta de que estavam demais e abandonaram sigilosamente o celeiro. Já sozinhos, Fiona avançou alguns passos para seu marido, que ainda emudecido pelo que acabava de escutar, limpava as mãos com estopa.

— Vamos ter um bebê — anunciou Fiona.

De Silva arqueou as sobrancelhas. A estopa escorregou das suas mãos. Não podia mover-se, estava como preso ao chão. Tinha-o desejado tanto... Já começava a temer que não pudessem ter filhos, e ele desejava ver a casa cheia de

crianças.

— Fiona... — Foi tudo o que pôde dizer.

Aproximou-se dela e a contemplou longamente. *"Em seu estado, deveria deixá-la tranquila"*, pensou. Mas não pôde. Tomou-a de assalto, como estava acostumado a fazer. Ela sentiu que uma das mãos dele se agarrava à parte mais fina de sua cintura, enquanto a outra percorria amorosamente seu decote.

Depois, enquanto a sustentava com um braço, esticou o outro tudo o que pôde para fechar a porta do celeiro. Uma vez que teve passado o ferrolho, apoiou-a contra a parede de madeira e a beijou febrilmente. Sentia que as mãos de Fiona percorriam suas costas nuas, e escutava os suspiros entrecortados e os pequenos gemidos que escapavam de sua boca entreaberta.

Elevou-a em seus braços, levou-a até um monte de feno sobre o qual se desdobrava uma manta, e a depositou delicadamente nela.

Fiona pôde ver como Juan Cruz tirava as calças, como se deixou cair lentamente sobre ela até ficar com os joelhos cravados na manta, aos lados de seu corpo, pôde sentir como a despojava com destreza do vestido e da bata íntima, e, finalmente, como seus seios, com os mamilos endurecidos pela excitação, revelavam-se para ele.

— Fiona... Fiona... — sussurrou enquanto lambia sua pele e seus seios com avidez.

Fiona desejava senti-lo dentro de si, desejava vê-lo bombar sobre ela enlouquecido de desejo. Nesses momentos de Silva era completamente dela.

— O que faz de mim? — perguntou ele com voz rouca. — Têm-me a seus pés vencido como em uma batalha... Poderia fazer de mim o que quisesse. Em troca, faz-me o homem mais feliz do mundo — seguiu murmurando, sem separar os lábios de seu pescoço.

— Amo-te... Eu te amo... — murmurou Fiona.

Por um momento, o delírio de Juan Cruz se interrompeu ao escutá-la. Então, sorriu de felicidade.

— Eu também te amo, meu amor. Amo-te sempre, desde o primeiro momento que te vi... Tão linda, tão sensual...

Levou os lábios ao rosto de Fiona e a beijou em todas as partes.

Pela primeira vez, Fiona tinha sido completamente aberta com ele, tinha deixado escapar os sentimentos que fazia tempo a confundiam. Sentiam-se plena fazendo o amor ali, em meio de um celeiro. De Silva, sujo e suado; ela, nua sobre uma manta rude.

Juan Cruz descarregou sua virilidade dentro de Fiona; depois, escutou-a gemer e ofegar quando o orgasmo encheu seu corpo de prazer.

Capítulo 15

Como de Silva devia percorrer as propriedades do Sul da província, Fiona dispôs passar uns dias na casa de seus avós. A ideia de deixá-la por umas semanas não convencia Juan Cruz. Mas devia cumprir com o que Rosas lhe tinha pedido; ataques recentes tinham destruído várias construções e roubado centenas de vacas; sua presença era imperiosa: ele era o único que podia avaliar os danos e dispor medidas de vigilância.

Fiona estava bem; além disso, as descomposturas matinais que a tinham afligido nos primeiros dias já tinham desaparecido.

Juan Cruz a via mais linda que nunca. E não perdia uma oportunidade de dizer-lhe. Como quando Fiona tocava o piano, e ele, sentado escarranchado atrás dela, começava a acariciá-la e a beijá-la no pescoço. Chegava um momento em que se sentia tão excitada que tinha que deixar de tocar, e o único que desejava era que lhe fizesse amor ali mesmo.

Fiona ria sem nenhum recato quando Maria, baixando o rosto e balbuciando as palavras, dizia a de Silva...

— Bem... Você sabe... Não é bom nestes primeiros meses de gravidez...

— O que não é bom? — Fiona insistia que seguisse, sabendo o que custava à mestiça.

— Fiona, menina, você sabe!

Nesse momento, a jovem soltava uma gargalhada.

— E quem detém de Silva, Maria? Não pude fazê-lo quando me horrorizava a ideia de que me tocasse, menos agora que me enlouquece que o faça.

— Fiona! Deus e Ave Maria muito pura! — Maria se benzia mil vezes.

Finalmente, no dia seguinte que Juan Cruz partiu para o Sul, Fiona viajou a Buenos Aires acompanhada por Eliseo e Maria. Já tinha começado a sentir saudades. A noite anterior, antes que ele se fosse a despedida tinha sido longa e fogosa. Não podia acreditar no que estava vivendo junto a esse homem, o homem ao qual ela acreditou odiar. Agora se entregava a ele, de corpo e alma, e isso a fazia se sentir a mulher mais ditosa do mundo; e não só eram seus beijos, suas palavras, suas mãos que lhe tinham conquistado cada canto do corpo. De Silva era tal e como ela tinha imaginado: o homem de seus sonhos. Inteligente,

sagaz, às vezes frio e calculador, às vezes mau, às vezes bom. Tudo a enchia de desejo. Seus arrebatamentos de fúria e de paixão, quando a puxava da cintura de surpresa, no momento menos esperado. Seus arrebatamentos de bondade, quando lhe acariciava a bochecha e lhe contava uma anedota de sua infância. Fiona o amava. Sempre.

Chegou à cidade e o primeiro que fez foi visitar a Igreja do Socorro; desejava rezar por Camila e o padre tucumano. Não chorou, só recordou as palavras que Juan Cruz lhe havia dito dias atrás.

— Camila e o padre sabiam em que se exporiam quando escaparam, Fiona. Mas esse era seu desejo, isso era o que mais desejavam na vida: estarem juntos. Arriscaram tudo e morreram lutando por algo no qual acreditavam, e que os faziam felizes.

Era verdade, Camila tinha morrido lutando pelo que mais amava. Suspirou. Pensou que, certamente, no céu, Deus tinha reservado um lugar para eles. Fez o sinal da cruz e saiu à rua. Sentia-se mais aliviada. Era hora de ir para casa de seu avô.

Os de Malone a esperavam ansiosos. Dias antes, Eliseo tinha levado a boa nova e, desde esse momento, o avô Sean e outros não tinham podido com sua ansiedade.

— Vai se chamar Sean — sentenciava, muito seriamente, o futuro bisavô.

— Se cale, irlandês vaidoso! — repreendia-o sua esposa. — Nem sequer sabe se será varão.

— É óbvio que o será! — afirmava ele, desafiante.

Foi um acolhimento muito emotivo. Tia Ana e Brigid choramingavam; Imelda, que já se casara com de Senillosa, abraçou-a sinceramente; e Sean... Sean não pôde falar, só se limitou a estreitá-la entre seus braços. Seguia sendo tão pequena como quando menina e parecia que lhe perdia no peito.

Todo aquilo era estranho. Em geral, as famílias ocultavam a chegada das crianças. As mulheres grávidas dissimulavam o ventre com roupas apropriadas e, nos últimos meses, nem apareciam à porta. Mas os de Malone, não. Eles estavam felizes com a gravidez de Fiona e lhes importavam um cominho os costumes da sociedade.

Embora passasse dias magníficos na casa do avô, não havia um momento em que não lembrasse de Juan Cruz. Às vezes, angustiava-se pensando nos perigos que o espreitavam perto da última fronteira. Quão único a consolava era a certeza de que seu marido era um homem hábil e conhecia a região como o

melhor dos baquianos.

Durante sua estadia em Buenos Aires, ela e Maria compraram todo o necessário para preparar o enxoval com que o pequeno de Silva se encontraria ao chegar a este mundo: lã, tecidos, agulhas, fios de cores, rendas e fitas. Passavam tardes inteiras confeccionando as roupas do bebê, costurando os lençóis para o berço, fazendo as fraldas, cortando o tule do berço.

Coquita bateu na porta do dormitório de Fiona.

— Entre — disse Fiona de dentro.

— Menina Fiona?

— Sim, Coquita, aqui estou.

— Há uma senhora que a busca.

— A mim? — perguntou surpreendida. — Há esta hora? — Era a sesta e, como fazia um calor intenso, a família inteira dormia.

— Não me lembro o nome, menina. É mais difícil que fazer gargarejos de barriga para baixo. É algo assim como... — Pensou um momento. — Não sei, não me lembro — disse, finalmente.

— Está bem, Coquita, já vou.

Ao entrar na sala principal, encontrou-se com uma senhora de meia idade, belamente vestida, de figura atraente. Seu rosto, um pouco envelhecido, conservava não obstante sua beleza.

— Boa tarde — saudou Fiona.

A mulher se apressou a se levantar do canapé. Aproximou-se lentamente, com um andar sensual e estudado. Olharam-se direto nos olhos.

— Boa tarde, senhora de Silva — respondeu a mulher. — Meu nome é Cloé Despontin.

Cloé Despontin estava nua, estendida na cama. Olhava sem muito entusiasmo ao homem que, a poucos passos, tinha começado a vestir-se. Um jovem cheio de brios, pensou. Tinha que reconhecê-lo, não tinha sido tão mal com ele, mas, ter saboreado o melhor em outra época a tinha convertido em uma mulher muito exigente.

O jovem abotoou as calças e começou a colocar a camisa. Por um momento, contemplou-a em silêncio. Fazia um tempo que eram amantes e nunca podia ser tenro com ela depois de lhe fazer amor. Ora! O amor. *O amor*, disse-se, *só o teria feito com Fiona, não com ela, uma velha e estranha prostituta.*

— Amanhã, a Malone estará em casa de seu avô — comentou o homem, enquanto calçava um dos sapatos.

A mulher não pareceu alterar-se.

— O imbecil de Silva está no Sul, trabalhando nas propriedades de Rosas. É o momento indicado para que o faça. Escutou-me?

— Sim — respondeu a mulher, cortante.

— Tem em claro tudo ou devo repetir.

— Não.

— Não o que?

— Não precisa que o repita — esclareceu ela, sem se importar com a repentina irritação de seu amante.

O homem se aproximou do espelho da penteadeira e passou um pente pelo cabelo. Depois, olhou-se de perto nos olhos: tinha-os cheios de olheiras; melhor seria dormir um pouco. Ultimamente, não conseguia conciliar o sono nem meia hora seguida. Este tema o mantinha acordado, algumas peças não conseguiam se encaixar. De todos os modos, já era muito tarde para voltar atrás, havia muito em jogo. Recolheu o saco, ainda atirado ao chão, e se dispôs a sair.

— Soler! — chamou-o a mulher. Tinha abandonado o leito e se aproximava dele. — Não vai se despedir?

— Não preciso que finja comigo, Cloé — A olhou com certa compaixão. — Te deixei o sobre com o dinheiro no móvel da sala. Faça-o amanhã, na hora da sesta, quando todos dormem. — Fechou a porta e partiu.

Já na rua, Mateo, o cocheiro de Cloé, deu-lhe o cavalo. Soler galopou depressa até sua casa, perto da Plaza de la Victoria. Entrou como louco, chamando a gritos seu servo.

O homem se apresentou tremendo. Conhecia os momentos de transtorno de seu amo e o temia.

Soler lhe ordenou que preparasse um baú com roupa para dez dias. Iriam ao campo. Tinha decidido desaparecer de Buenos Aires até que o plano se concluísse.

Quando entrou em seu dormitório, o servo já preparava as mudas. Soler se encaminhou ao roupeiro disposto a se encarregar do resto. Entre as coisas da gaveta, tomou um lenço de renda branca. Era de Fiona. O tinha roubado em uma tertúlia tempo atrás, enquanto dançavam a valsa. Recordou com um sorriso o desconcerto da jovem enquanto o procurava por toda parte. Ele mesmo tinha ajudado na busca.

O levou ao nariz e o cheirou. Apesar do tempo, ainda conservava esse perfume tão característico dela. Fechou os olhos, recordando-a. A mais linda das mulheres, pensou; nenhuma se comparava a ela. Sentiu uma ereção e o desejo acendeu ainda mais seu ressentimento. Também recordou como a Malone o tinha rechaçado, sempre. Ele sabia que ela não o suportava. Mas, por quê?

Menos agradável foi pensar no maldito de Silva. "*Bastardo, filho da puta!*", disse entre dentes, espremendo o lenço no punho. Com sua enorme figura e seus milhares de pesos, tinha-a comprado como a um objeto. Soler se sentiu um imbecil; não tinha feito nada enquanto o bastardo a arrebatava das suas mãos. De todas as formas, devia admiti-lo, ele não teria podido com o soldo de dívidas dos Malone, não era o suficientemente rico.

Cheio de fúria e impotência, afastou uma banquetta de um chute. O servo se sobressaltou e abandonou depressa o quarto. Agora seu patrão precisava estar sozinho: voltaria mais tarde.

Soler deixou o lenço sobre seu travesseiro e se sentou na cama. Tomou o rosto entre as mãos e sentiu desejo de chorar. Não o fez, estava muito encolerizado para poder chorar.

Recordou o dia não tão longínquo em que Rosas o tinha mandado chamar e ele se apresentou imediatamente em Palermo. A proposta lhe soou desequilibrada em um princípio. É óbvio, Soler sabia do ressentimento do governador com o velho Malone. A Mazorca o tinha seguido de perto nos anos da anarquia, conheciam seu espírito unitário e a ajuda que tinha prestado aos exilados. Mas nunca puderam apanhá-lo em nada estranho, sempre lhes escapava. Era uma presa escorregadia, um homem muito hábil.

Sim, Soler sabia bem do ódio que Rosas sentia pelos Malone. Apesar de sua reticência inicial, teve que reconhecer que, se as coisas acontecessem como as tinha planejado o governador, atiraria ao velho irlandês um golpe do que dificilmente poderia repor-se.

— Salomón é história — lhe havia dito Rosas para que picasse a isca do anzol.
— Se fizer bem esta missão que te encomendo Soler, a presidência da Mazorca é tua.

Fez-lhe água a boca. Ele, Palmiro Soler, convertido de boas a primeiro sócio popular e presidente do respeitado Mazorca. Fiona já a tinha perdido. Além disso, não podia lhe perdoar os contínuos desprezos. Não a queria agora, toda manuseada por outro, um bastardo arrivista. Então, por que não? Rosas lhe sugeriu o nome de Cloé. Soler e ela já eram amantes. Sabia que a mulher o

ajudaria com prazer. Sentia tanto ódio e raiva de de Silva como ele. Sim, de um princípio soube que contaria com Cloé.

— Se não for minha, Fiona de Malone não será de ninguém! — exclamou o mazorquero, atirando no chão o lenço de renda.

Naquele momento, Fiona caiu na conta de que a mulher tinha nas mãos um pacote, não muito grande, envolto em papel de seda.

— Tome assento, por favor, senhora Despontin.

Em um momento, entrou Coquita, com uma bandeja. Trazia limonada e algo para comer.

— Que agradável! — comentou Cloé ao sorver a bebida. — Está fazendo tanto calor que não há com o que combatê-lo.

Havia certa cadência singular em sua voz. Por certo, não era portenha, pensou Fiona.

— Sinto incomodá-la, senhora de Silva, mas me falaram tanto de você, amigos em comum que não pude evitar a curiosidade e quis conhecê-la.

— É muito amável, mas, que amigos temos em comum? — Fiona a olhava intrigada. Era a primeira vez que essa mulher e ela se encontravam. Que amizades podiam compartilhar? Jamais a tinha visto em nenhuma das tertúlias, nem na Alameda, nem em Manuelita Rosas.

— Soler, por exemplo. Palmiro Soler. Esse é um amigo em comum que temos.

Cloé percebeu que Fiona se acomodava nervosamente na poltrona.

Desde aquela vez em que Soler lhe roçou a mão com a língua, não havia tornado a cruzar com ele. Viu-o em uma ou outra tertúlia, mas o homem parecia não conhecê-la; não a saudava, não a convidava para o minueto, nem sequer a olhava. "*Melhor assim*", tinha pensado Fiona. Não desejava que seu marido e Soler tivessem uma briga por sua culpa. Depois de tudo, Soler era um conhecido mazorquero, com bastante poder dentro da Sociedade Popular.

— Ah, sim, o senhor Soler! Conheço-o.

— Ele a tem em grande estima, senhora de Silva.

— Bem... — murmurou a jovem. Começava a inquietar-se pelo giro inesperado que tomava a conversa. Decidiu passar à ofensiva. — Diga-me, senhora Despontin, você vive aqui, em Buenos Aires? Jamais a tinha visto antes.

— Sim, vivo aqui faz anos. O que acontece é que minha casa está um pouco afastada, perto dos barracos, na boca do Riacho, e venho pouco à cidade. Sou, quase, uma eremita — disse, com um sorriso zombador.

— Ah... E, vive sozinha? Perdoe-me, não quero lhe parecer intrometida — se desculpou Fiona rapidamente.

— Não, senhora de Silva, não se preocupe. Sim, vivo só com meus criados, Paolina e Mateo.

"Paolina?" Onde tinha escutado esse nome? A pergunta ficou sem resposta.

— Desculpe, senhora Despontin, não quero parecer mal educada. Mas, sinceramente, não compreendo o motivo de sua visita.

— Sim, tem razão. Desculpe-me. Não quero lhe tirar um minuto mais de seu tempo. Em realidade, vim hoje até aqui para lhe devolver isto.

E, estendendo os braços, entregou-lhe o pacote.

— Devolver? A mim? — perguntou-lhe Fiona, enquanto recebia o pacote.

Desfez-se do papel de seda e, no princípio, não o reconheceu. Tinha passado tanto tempo que o tinha esquecido. Era o vestido da festa na casa de Misia Mercedes, que tinha usado na noite em que conheceu de Silva, a mesma noite em que seu pai lhe disse que se casaria com ele, a noite que...

— Como chegou isto a suas mãos? — Fixou seu olhar no de Cloé. Tinha uma feia sensação na boca do estômago.

— Juan Cruz o deixou em minha casa, logo depois de levá-la ali, faz mais de um ano. E Paolina custou muito voltar a pô-lo em condições. Estava virtualmente arruinado pelo barro e, sinceramente, é uma pe...

— Juan Cruz? Juan Cruz de Silva? — Fiona ficou de pé, com o vestido entre as mãos.

— Sim, Juan Cruz, seu marido.

Quem era esta mulher que chamava com tanta confiança seu marido de "Juan Cruz"?

— Conhece-o? — perguntou Fiona, decididamente perturbada.

— Se o conheço? Valha-me Deus, faz muitos anos que o conheço! — Fez uma pausa. — Ele e eu somos amantes, senhora de Silva.

Fiona sentiu que o chão se movia sob seus pés. Empalideceu mortalmente e começou a tremer. O vestido lhe escorregou das mãos. Depois de alguns segundos, deu-se conta de que tinha estado contendo a respiração. Soltou um gemido, e caiu na cadeira.

Cloé a observava. Pôs-se de pé e a olhava de cima, triunfal. "*Aí eis, você sente o*

mesmo que eu, maldita. " agachou-se para recolher o vestido.

— Deixe-o! Não se atreva a tocá-lo! E fora de minha casa, maldita mentirosa! Fora daqui!

Fiona voltou a erguer-se. Com um enorme esforço, sobrepôs-se ao enjoo que a ameaçava fazendo-a perder o equilíbrio. Desejava lhe arrancar os cabelos, mordê-la, lhe fazer dano, o mesmo dano que ela acabava de lhe fazer. "*Não, meu Deus, não pode ser verdade!*", disse-se, desesperada. Mas as circunstâncias se confabulavam de tal maneira que só podia pensar que era verdade. Cada vez que de Silva viajava à cidade, e eram muitas, ela insistia em acompanhá-lo e ele se negava. Sempre se negava.

— Eu não sou uma mentirosa, senhora de Silva. Juan Cruz e eu temos sido amantes por um longo tempo e é justo que você saiba.

Cloé fez uma pausa e observou atentamente a sua rival, os olhos de Fiona lançavam chamas de ódio, tinha os punhos fechados aos lados do corpo e os lábios, apertados, tremiam-lhe de fúria contida.

— É excelente na cama, verdade? Ah, querida! Asseguro-lhe que é o melhor — Cloé começou a rir de forma afetada. — Ele também converte em farrapos seu vestido antes de penetrá-la? Ou, possivelmente, senta-a nua em seus joelhos e lhe faz amor aí mesmo, sobre a cadeira, como a mim... Deus! Nosso homem é um semental!

Fiona começou a chorar. Aquilo era humilhante, não podia suportá-lo mais. Sem esperar que a mulher partisse, saiu correndo para a rua.

Cloé permaneceu de pé frente à porta, olhando para fora, desconcertada. Parecia congelada, não lhe movia um cabelo, não pestanejava. Não era assim como deviam se desenvolver as coisas; não o tinham planejado dessa forma. Soler lhe havia dito que a Malone era muito impulsiva e que reagiria lançando-se em cima como uma gata raivosa. Esse seria o momento preciso para que ela...

A mulher baixou o olhar e o fixou por alguns segundos na adaga que tinha mantido escondido entre as dobras de seu vestido. Depois, abandonou o lugar.

— Alguém viu a Fiona? — perguntou Sean Malone aparecendo pela porta da cozinha. Maria levantou a vista, repentinamente alarmada.

— A última vez que a vi estava em seu quarto, patrão — respondeu à mestiça.

— Não, dali venho e não está. Não sabe se tinha pensado sair esta tarde?

— Não, patrão. Justamente, hoje tínhamos decidido não sair a nenhuma

parte. Pelo calor...

O grupo de servas viu Sean Malone partir com o rosto cheio de preocupação.

Um momento depois, Coquita, que parecia muito concentrada em sua tarefa de cortar ervilhas, interrompeu o que estava fazendo, ficou de pé, caminhou decididamente para onde estava Maria e se plantou frente a ela. A criada ficou meditando, pensando onde poderia estar Fiona, e quase não prestou atenção ao desdobramento de Coquita.

— Eu sei o que aconteceu com a menina. Eu escutei tudo.

Fiona tinha saído correndo, já era de noite e ainda não retornara. Sentiu-se comprometida a contar toda a verdade a Maria.

— O que diz, Coquita?— perguntou Maria, alarmada.

Todas a olharam, sobressaltadas.

— Que eu sei o que aconteceu à menina Fiona.

— Como que você sabe o que aconteceu a Fiona? Vamos! Fala de uma vez!

— Maria ficou de pé, e apoiou as mãos sobre a mesa, quase ameaçadora.

— Hoje, à sexta, veio uma mulher muito estranha ver a menina. Chamava-se Solé, Colé ou algo assim. Não posso me lembrar.

— Como era?

— Era mais ou menos de cinquenta anos, bastante linda e bem vestida. Tinha um traje assim, cheio de enfeites e rendas, como os da menina Imelda. Nunca antes a tinha visto. Além disso, falava estranho.

— Estranho, como?

— Não sei, Maria, como se fosse fanhosa ou estivesse resfriada.

— Vamos, Coquita, não se detenha. Me diga que mais sabe.

— Foi terrível, Maria. — Custava-lhe contar o que tinha escutado.

— O que foi terrível? Não me tenha sobre brasas, Coquita!

— Essa senhora disse à menina Fiona que era a amante de Dom de Silva.

— Que era o que? Meu Deus! — Maria se deixou cair novamente na cadeira.

— A menina Fiona começou a chorar como uma Madalena e saiu correndo à rua. Faz mais ou menos três horas isso.

— Mas, como não me contou isso nesse momento, diacho? Agora, Deus sabe o que aconteceu com Fiona. — Maria sentiu um nó na garganta.

— Eu pensei que ela retornaria sozinha, uma vez que a raiva tivesse passado. Não queria que Dona Brigid voltasse a me censurar por estar espiando nos...

Maria já não a escutava. Levantou-se de um salto e correu à sala para contar ao patrão.

Depois de escutar Maria, Sean Malone tratou de ordenar os fatos em sua mente. Eram mais das dez da noite e Fiona não tinha retornado ainda. Finalmente, decidiu que Eliseo e ele saíssem para procurá-la pelos arredores.

Ao retornar, o velho irlandês e o servo tinham o rosto distorcido pela angústia. Nem um traço de Fiona. Percorreram várias quadras ao redor e mais à frente também. Foram à casa de Misia Mercedes, pensando que ela poderia haver-se refugiado ali. Perguntaram em de O'Gorman, mas não a tinham visto. Entraram na igreja do Socorro, talvez estivesse ali, rezando. Mas nada. E já eram mais das duas da manhã.

Ao entrar na sala, Sean se encontrou com sua esposa, sua filha e as servas, que rezavam o rosário de joelhos. Várias velas se consumiam ao redor de uma imagem de São Patrício.

— Apaguem essas velas — ordenou Sean de maus modos. O aroma era insuportável.

Sem fazer muito caso ao mau humor de seu marido, Brigid se aproximou dele com gesto suplicante.

— Já a encontrou, verdade, Sean? Já trouxe minha menina de volta a casa, verdade? — perguntou a anciã, embora soubesse intimamente que não era verdade.

— Não, Brigid, não a encontramos.

A mulher cobriu os olhos; começou a chorar, e a balbuciar algumas palavras em inglês.

Sem reparar em sua esposa, Sean tomou pelo cotovelo ao Eliseo, que permanecia mudo atrás dele.

— Alguém deve avisar a de Silva — disse ao servo.

— Eu irei, patrão, sei onde encontrá-lo. Mas tomará vários dias chegar, talvez três ou quatro. Está perto de Tandil.

— Está bem. Enquanto isso, eu organizarei grupos de busca e darei parte à polícia. O delegado Cuitiño não poderá me negar ajuda.

— Sim, patrão.

— Vamos, Eliseo. Será melhor que saia esta mesma noite.

Capítulo 16

Estava sonhando ou, acaso, como temia, aquilo era realidade?

Uma vez mais, e por culpa de de Silva, abandonava a casa de seu avô, em fuga para nenhuma parte.

Correu. Correu até que teve que deter-se porque seu coração batia enlouquecido. Tratou de acalmar-se; pensou que não devia deixar se levar por outro de seus arrebatamentos. Tentou normalizar a respiração, mas o que não conseguia ordenar eram os fatos.

O que tinha feito de Silva com ela? Por que a tinha enganado assim? Por que lhe havia dito que a amava? Por que tinha essa mulher por amante? Ela não era suficiente? Agora estava sempre disposta a agradá-lo; e mais, estava sempre desejosa de que lhe fizesse amor. E Juan Cruz parecia desfrutá-lo tanto quanto ela. Por que, então? Ela não necessitava de nenhum outro homem; a ideia de um amante jamais tinha aparecido em sua mente, nem nos piores momentos de sua relação. Por que Juan Cruz o tinha feito, então?

"Talvez seja mentira", tratou de convencer-se; mas sentiu que estava se enganando. Para que faria isso a tal Despontin se tudo era uma farsa? Além disso, as contínuas viagens de Silva a Buenos Aires... Viajava quase todas as semanas, e ela nunca podia acompanhá-lo.

Já era noite. O céu, nublado, pressagiava uma tormenta. A rua estava sumida na escuridão. Os lampiões das esquinas estavam apagados e não havia um só sereno as acendendo.

Não obstante, vigiou um grupo de pessoas que partiam rumo ao rio. Tinha começado a época estival e era costume arraigado dos portenhos tomarem banhos ao pôr do sol, quando a escuridão lhes servia de aliada para não revelar sua semi nudez.

Instintivamente, Fiona os seguiu de longe. Não sabia o que fazer, aonde ir. Quão único sabia era que não desejava retornar a sua casa. Mais, não queria voltar a ver de Silva em sua vida. Tinha caído sob seu feitiço como uma mosca caia em um frasco com mel. Tinha-a seduzido como a uma adolescente namoradeira. Tinha-a usado como a um trapo, só para conseguir posição social e respeitabilidade, enquanto ria dela, e do que sentia por ele. Certamente, a tal

Despontin e ele ririam juntos depois de terem feito amor. Sacudiu a cabeça tratando de apagar essa imagem de sua mente.

Sentiu uma terrível vergonha. Tão disposta com ele na cama, e tudo não tinha sido mais que um erro... Até lhe tinha confessado que o amava. Também lhe havia dito que a amava, que nunca tinha sentido o mesmo. Para que tinha mentido assim? Tudo teria sido mais fácil se nenhum dos dois houvesse dito nada nesses momentos de excitação. Mas o tinham feito.

Quando o grupo fez um alto há vários metros mais à frente, ela se deteve. Começaram a desdobrar alguns lençóis sobre a superfície barrosa da beira. Nunca tinha compreendido o que tinha de atraente o Prata, de cor escura e fundo lamacento. Mas aí estava, observando aos banhistas que se aprontavam para jogarem-se no rio. Jogar-se no rio. Não era má ideia. Talvez assim, terminaria com tudo.

— Não! — exclamou em voz alta, mas ninguém a escutou.

Jamais faria algo assim, não era o que realmente desejava. Levou a mão ao ventre e o acariciou. Agora tinha ele, seu filhinho. Nunca o machucaria.

— O que faz aqui, sozinha?

Fiona deu um coice. Deu-se a volta e se encontrou com uma mulher, de idade indefinida, de olhos lindos e olhar triste. Vestia um traje grosseiro, de confecção rude, abarrotado de cores vistosas. Estava descalça, os pés enlameados. O cabelo lhe caía nos olhos. Em uma mão levava um balde com água turva e, sob o braço, um maço de feno.

— O que faz uma juvenzinha tão linda como você, aqui, sozinha? — insistiu a mulher.

— Passeava — mentiu Fiona.

— Bem, melhor será que dê por finalizado seu passeio e volte para casa. A tormenta virá feroz esta noite. — A mulher começou a afastar-se.

— Ei, espere, senhora! — Fiona se aproximou dela à carreira. — Permita ajudá-la — disse, e tentou lhe tirar o maço de feno.

— Não, juvenzinha. Já te disse, melhor será que volte para casa.

— Não tenho aonde ir. — Fiona baixou a vista; sentiu que o pranto retornava.

A mulher ficou olhando-a. Aquela moça não parecia ser o tipo de pessoa que anda por aí, vagabundeando. Era muito bela e elegante; estava limpa e cheirava a flores-de-laranja. Tudo era muito estranho.

— Está bem, me acompanhe, sempre há lugar para um a mais no "Sarquis"

— concedeu a mulher, e lhe passou o maço de fenos.

Fiona ficou observando-a. O que seria o Sarquis? Brincou de correr uns passos até alcançá-la.

— O que é o "Sarquis"?

— O "Sarquis"? Ora! É o melhor circo de toda a Confederação — afirmou a mulher, orgulhosa. — Como se chama?

— Fiona.

— Lindo nome. E seu sobrenome?

Fiona não sabia o que responder. Qualquer um de seus dois sobrenomes eram mais que conhecidos em Buenos Aires. Malone era uma das famílias potentadas e prestigiosas. E de Silva... Bem, de Silva era de Silva.

— Só Fiona — replicou finalmente.

— Está bem. Se assim o desejar, só Fiona.

— E você, senhora, como se chama?

— Clementina, mas ninguém me chama assim. Todos me conhecem por Tina.

O resto do trajeto o fizeram em silêncio. Era evidente que Clementina não estava em bom estado físico. Caminhar e falar, conduzindo, além disso, o peso do balde, se fazia muito difícil. Agitada, respirava ruidosamente pela boca. Por sua parte, Fiona não desejava seguir falando.

Perto do rio havia um grupo de quatro carretas. Estavam dispostas em semicírculo, coladas uma com a outra, formando uma espécie de ferradura. Os toldos que as cobriam eram de listras grossas, bicolores, vermelho e branco ou amarelo e negro. Eram arrastadas por bois, que agora pastavam mansamente. Tinham-lhes tirado os jugos, deixando-os a um lado das carretas. Fiona só viu dois cavalos.

À medida que se aproximavam da caravana, crescia um murmúrio. Alguém gritava dando ordens; os bois mugiam; um dos cavalos relinchava e um homem, bastante robusto, martelava algo sobre uma pedra.

— Sixto, deixa de fazer esse ruído! — vociferou Clementina. O homem, um jovem de pele escura, certamente mulato, deteve-se, deu meia volta, e ficou um momento olhando Fiona com atenção. Depois, e sem se importar o pedido de Tina, continuou martelando.

— Coloca o feno aí, diante de Merina — indicou Tina a Fiona. — Vamos, me siga, não fique aí papando moscas! — repreendeu-a, com um sorriso amistoso. Fiona obedeceu de boa vontade.

— Julio! — gritou Tina a um juvenzinho que colocava lenha em um pequeno buraco. — Viu a Dom Tadeo?

— Está em sua carreta — respondeu o moço. As duas mulheres se encaminharam para ali. À medida que se aproximavam, podia escutar uma melodia divertida. — Aonde vamos, Tina?

— Tenho que te apresentar ao dono do circo. — A mulher se deteve e deu meia volta. Retrocedeu os passos que a separavam da Fiona e adicionou: — Não acredito que haja problemas para que fique. É justo o que ele está procurando... — E retomou a marcha.

— O que ele está procurando? E, o que você está procurando, Tina?

— Uma beleza assim, como você.

— Para que? — perguntou, não sem inquietar-se.

— Necessita de uma ajudante para seu número de magia.

Chegaram à carreta e não pôde seguir perguntando, embora estivesse cada vez mais intrigada. Magia. A ideia pareceu lhe agradar.

Tina abriu a porta e, de para dentro da carreta, saltou uma coisa escura que lançava um chiado estranho. Fiona deu um passo para trás, proferindo um grito.

— Sisi! Sisi! Maldita Sisi, venha aqui! — vociferava uma voz de homem. — Tina, sabe que deve bater antes de entrar!

Fiona seguiu com o olhar Sisi, sem saber do que se tratava. Evidentemente, era um animal, não muito grande, talvez do tamanho de um gato gordo.

— Entra, Fiona. — Tina a instou a subir o degrau de entrada à carreta. — Não faça conta, é um velho resmungão. A macaca já voltará sozinha, quando tiver fome.

— A macaca? O que é isso?

— Um bichinho de Deus, como qualquer outro.

— O que acontece? Sabe que a estas horas ensaio com o Sisi e... — O homem se calou quando viu Fiona na porta. — Quem é esta? — perguntou, não muito amavelmente.

— Não faça conta, Fiona. Nem sempre tem este humor de cão. — Voltou-se, e disse ao homem: — Anda procurando trabalho. Pareceu-me indicada para que te ajude no número de magia.

Dom Tadeo Sarquis, um homem baixo, gordinho, com bigodes enormes, nariz grande e vermelho, olhos saltados e desagradáveis, escrutinava Fiona, que não se moveu do lado da porta.

— Chama-se Fiona — se apressou a dizer Tina.

— Ahá... O que a traz para cá, Fiona? — perguntou o homem.

— Estou procurando trabalho e um lugar para viver.

— Isso vejo, você não parece ser uma juvenzinha muito necessitada de trabalho — comentou com ironia, ao mesmo tempo que passava a mão pela renda do punho de Fiona.

A jovem afastou o braço.

— Epa...! Não ia te fazer nada! — Continuou, sem tirar os olhos dela.

— Bem, ora, nos diga, fica ou não? — perguntou Tina, um pouco irritada.

— Está bem. No princípio, só comida e um lugar onde dormir. Mais adiante, e se for boa, falaremos de pagamento. Se o quiser assim, tome-o; se não, parta.

Sarquis se voltou, dando as costas às mulheres. Fiona sentiu que Tina lhe apertava o antebraço.

— Está bem, aceito — disse Fiona. "*Não tenho nada o que perder*", pensou.

Depois, as duas abandonaram a carreta de Dom Tadeo.

O lugar onde dormir que tinha falado o dono do circo acabou sendo a carruagem em que viviam Tina e sua filha Sacramento. Essa noite, recostada sobre seu catre, finalmente a sós com seus pensamentos, entregou-se a refletir a respeito da estranha situação em que se encontrava.

Estava ali, em meio de um circo, disposta a abandonar tudo o que até esse momento tinha amado. Levantou-se subitamente. "*O que estou fazendo? Estarei enlouquecendo?*" Recordou de seu avô, sua avó, tia Ana, a Imelda... Pensou em Catusha, na Candelária... E logo em Maria e em Eliseo. Os rostos das pessoas queridas apareciam em sua mente cada vez mais confusa e, por uns momentos, pareciam exortá-la a desistir da fuga. Depois, a imagem de Silva, e, outra vez, a fúria.

De repente, no meio da noite, desabou uma forte tormenta. As tempestades Sudoestes eram famosas. Não era estranho que arrasassem com tudo. Um relâmpago assustador a obrigou a recostar-se novamente e a cobrir-se com a manta. O som persistente de uma goteira começou a adormecê-la. Estava confundida, angustiada, cansada... Muito, muito, cansada, — Juan Cruz... — murmurou antes de adormecer.

Capítulo 17

Eliseo tinha encontrado Juan Cruz depois de quatro dias, em uma das propriedades de Rosas, perto de Tandil, montado em seu garanhão.

— Patrão! Buscam-no! — chamou-o um peão que tinha interceptado Eliseo um trecho antes.

Ao ver o servo, Juan Cruz intuiu que algo mau acontecia.

— Patrão — disse Eliseo, tirando-a boina vermelha.

— Boa tarde, Eliseo. O que aconteceu que anda por estas paragens? — De Silva tratava de aparentar calma.

— Trago más notícias, patrão. É a menina Fiona...

— O que aconteceu?!

— Faz quatro dias que o busco, patrão. Para lhe avisar, sabe?

— Para me avisar, o que, Eliseo! Por Deus, fala!

— A menina Fiona desapareceu, patrão.

— Como que Fiona desapareceu!

Os peões escutavam atentos os gritos do protegido de Rosas.

— Faz quatro dias, patrão. Estava na casa de Dom Malone e depois, não a vimos mais.

— Mas, como que não a viram mais, Eliseo! Alguém tem que ter visto ou ouvido algo! — estava-se voltando louco.

— Sim, Coquita viu tudo.

— Coquita?

— Uma das mulatas que trabalha para Dom de Malone. Ela diz que a menina Fiona recebeu a uma mulher essa tarde; a mulher disse algo que incomodou muito a menina, que logo depois saiu como louca à rua. A mulher saiu também, depois de alguns minutos.

— Uma mulher? — "*Não, Meu deus, que não seja ela!*", pensou de Silva.

— Sim. Coquita não se lembrava bem o nome. Algo assim como Colé, Solé... Bom, algo pelo estilo.

Já não restavam dúvidas. Era ela. Maldita Cloé, o que havia dito a Fiona? Que mentira tinha inventado para lhe perturbar tanto? De Silva golpeou com o punho o bordo da estacada do curral.

— E, sabe o que lhe disse essa mulher? — perguntou, quase com medo.

— Sim, patrão. — Eliseo baixou a vista, envergonhado.

Então, de Silva entendeu.

— Disse-lhe... Pois... Disse-lhe que... você e ela eram...amantes, patrão.

De Silva não pôde manter a calma. Com uma maldição, golpeou de novo a estacada, tirando-se sangue. Eliseo olhou para baixo, espremendo a boina entre as mãos.

Juan Cruz se amaldiçoou por sua estúpidez. Todo esse tempo tinha estado papando moscas. Teria que haver se assegurado de que Cloé não voltaria a incomodar. Depois que abandonou o quarto do hotel naquele dia, lívida de fúria, ele pensou que, finalmente, a tinha tirado de cima dele. Estúpido! Tinha deixado solta a uma gata louca e raivosa e não tinha feito nada para detê-la. Agora, sua felicidade e a da Fiona pendiam por um fio por causa de sua própria inépcia.

— Patrão, eu saí de Buenos Aires faz quatro dias. Talvez, a menina Fiona já esteja de volta, sã e salva.

— Sairemos agora mesmo para a cidade. Não vou esperar um segundo mais. Joaquín!

Um moço se aproximou a trote.

— Você manda, patrãozinho.

— Acompanhe Eliseo à cozinha. Diga a Martina que lhe dê tudo o que lhe peça. Enquanto isso, prepara um cavalo novo e provisões para uma viagem de quatro dias.

Estavam perto de A Candelária; de Silva tinha decidido passar por ali com a esperança de que Fiona estivesse na casa grande. Não se importava em encontrá-la enfurecida: não se importava se lhe gritasse e o insultasse. Só desejava voltar a vê-la.

Já amanhecia. Estavam esgotados; tinham cavalgado toda a noite e tinham os traseiros escaldados e as pernas intumescidas.

Com o sol, de Silva pôde divisar de longe os tetos da mansão. Estava ansioso por chegar e encontrar-se com sua esposa. Cada dia tinha desejado encontrá-la na sala de jantar, pronta para jantar, perfumada com sua loção de lavanda, atraente em seus trajes insinuantes. O coração se encolheu ao pensar que algo

mau tivesse podido lhe acontecer.

A casa já estava em pleno movimento. Algumas servas poliam a prataria do salão principal, outras sacudiam as cortinas. Tudo parecia tão normal que de Silva se sentiu bem. Até que se encontrou com Candelária.

— Juan Cruz! — exclamou a negra. O tom de sua voz era de mau augúrio. Abraçaram-se.

— Não esteve por para cá, verdade? — disse Juan Cruz, sem afastar à mulher de seu peito.

— Não, querido. Dom de Malone mandou um grupo de homens para ver se ela estava aqui. Isso foi a mais de uma semana, Juan Cruz. Não sei nada mais. O que aconteceu, pois? Ninguém sabe, realmente.

— Tudo é por minha culpa, Candelária.

— Sua culpa! Mas, se você estava longe, nas propriedades de Dom Juan Manuel. — desfez-se do abraço de Silva.

— Depois te contarei. O importante agora é achá-la. Devo partir para Buenos Aires quanto antes, não posso perder mais tempo. — Encaminhou-se para a escada principal. — Alguém foi à cabana de minha mãe? Talvez esteja ali — disse de repente, esperançado.

— Eu mesma fui, quase todos os dias. Revisei cada canto da casa de sua mãe e cada curva do jardim. Sinto muito, filho, não está ali.

À manhã seguinte de sua fuga, Fiona despertou sobressaltada. Alguém a sacudia.

— Vamos, Fiona, vamos! Há muito trabalho que fazer... — Era a voz de Tina.

Fiona se levantou na cama de armar tão de repente que teve desejo de vomitar. Inspirou profundamente, e, pouco a pouco, começou a sentir-se melhor.

Olhou a seu redor. A carreta se via distinta à luz do sol. As cores das cortinas se refletiam como um arco íris nas paredes de madeira e lhe davam um aspecto menos triste que na noite anterior. A um lado, Sacramento se lavava em uma bacia de louça; causou-lhe graça a forma como a moça se arrojava água com uma bacia. Fiona caiu na conta de que essa manhã não teria sua acostumada tina cheia de água aromatizada e quente, nem estaria Maria para massagear suas

costas com azeite de coco, nem para penteá-la, ou conversar a respeito de trivialidades.

Começou a vestir-se rapidamente, decidida a retornar à casa de seu avô; depois de um tempo, a caravana ainda permanecia na margem do rio, a poucos quarteirões dos de Malone.

— Esse anel que usa, Fiona, é de algum apaixonado? — perguntou Tina.

Fiona olhou a mão. Os brilhos das pedras preciosas a deslumbraram, e não pôde deixar de recordar aquela tarde, na casa de seu avô, quando de Silva lhe entregou o anel. Também recordou que nunca tinha odiado tanto a uma pessoa como naquele instante o Juan Cruz. E agora, o que sentia?

Tina se deu por vencida. Era óbvio, jamais lhe daria uma resposta.

— Espero-te lá fora, Fiona — disse. — Deve ajudar a preparar o jejum. — E se preparou para sair sem esperar uma resposta.

— Sim, você é estranha, Fiona — comentou Sacramento. Fiona se limitou a olhá-la, confundida. Tinha estado por longos momentos perdida em seus pensamentos. Compreendeu que, se continuasse assim, acreditariam que era louca.

Sacramento terminou de trocar-se e abandonou a carreta.

— Se apresse, queridinha, aqui não é a princesa que parece ser. Deve ajudar — disse antes de fechar a porta.

Os olhos de Fiona se encheram de lágrimas; a lembrança da tarde em que de Silva lhe entregou o anel havia tornado a confundi-la, sumindo-a em uma sensação espantosa. Agora também o detestava, mas não como naquele momento. Detestava-o mais ainda, porque agora Juan Cruz sabia que ela estava louca de amor por ele. Tinha-lhe confessado que o amava. Em seu ventre crescia, dia a dia, o resultado de seu amor. Não podia acreditar no que de Silva lhes tinha feito, a ela e a seu filho. Não, não voltaria nunca.

Arrumou-se um pouco e saiu ao acampamento. O movimento entre os membros do circo já era frenético apesar de que mal amanhecia. Encaminhou-se decidida para Tina, que atizava lenhas que ardiam sob o braseiro.

— Finalmente se decidiu vir! Vamos, menina, há muito trabalho que fazer. — Essa frase era seu lema.

— Sim, Tina. Diga-me no que posso ser útil.

A mulher tomou suas mãos desajeitadamente.

— Humm... Tem as mãos mais suaves que já vi em minha vida. — Levantou a vista. — Alguma vez em sua vida fez algum trabalho doméstico, Fiona? — Seu

tom não era depreciativo.

— Nunca.

— Meu Deus!

— Mas aprendo rápido tudo que me ensinar, Tina. Asseguro-lhe isso.

— Está bem, te ensinarei — replicou Tina, e lhe soltou as mãos. — Essa manhã sirva o mate cozido em cada uma das tigelas de lata e corte em fatias o pão com torresmo.

Mais tarde, apareceu Dom Tadeo. Ninguém o saudou, e ele tampouco saudou ninguém. Limitou-se a dar uma olhada de soslaio a todo o acampamento antes de acomodar-se em sua banqueta e pedir a gritos o desjejum.

— Quem é o dono aqui, Tina? Esqueceu-se? Todos estão tomando o desjejum, menos eu. Deveria ter levado o desjejum à carreta!

— Ah, sim, como não! Pode esperar sentado! Cansará muito! Além disso, resmungão de porcaria, estaria tomando o desjejum como todos se se levantasse mais cedo em lugar de vadiar como um duque — o repreendeu antes de lhe entregar a tigela.

— Ora...! Se cale, prostituta!

Fiona observava a cena e não podia acreditar que Tina se atrevesse a tratá-lo assim. Olhou a seu redor; ninguém parecia preocupar-se com a discussão entre a mulher e o dono do circo. Nem sequer Sacramento, que continuava bebendo seu mate cozido.

— Não há nada para comer, maldita seja? — Tadeo jogou um olhar furioso a Fiona.

— Vamos, Fiona, lhe dê um antes que o eu mesma o coloque no seu nariz — sussurrou Tina.

O comentário à fez rir, mas conteve a risada. Lentamente, aproximou-se de Dom Tadeo, estendeu a mão e lhe deu a fatia de pão de longe, como se temesse aproximar-se muito. O homem tomou o bocado e o levou de uma vez à boca. Mastigava com dificuldade, deixando cair migalhas pelas comissuras. Fiona ficou olhando-o, atônita.

— Que olha! — vociferou Tadeo.

O grito a trouxe de volta a realidade e, rapidamente, retornou a seu lugar.

Mais tarde, Fiona e Tina se encarregaram de alimentar os animais.

— Apresento a Merina e a Sinfonia, os queridinhos do circo.

Tina se aproximou, primeiro da égua e depois do cavalo, e os acariciou carinhosamente.

— São lindos — comentou Fiona.

O cavalo mais belo que tinha conhecido era o de de Silva. Um garanhão imponente, muito alto e esbelto. Era feroz; só Juan Cruz podia dominá-lo. Mas aqueles dois exemplares também eram magníficos.

— Depois de Sisi, são o que Tadeo mais ama na vida. — Repentinamente, a mulher deixou de acariciá-los. — Sixto é quem os monta no espetáculo. Já o verá, não há quem lhe compare fazendo piruetas em cima de Sinfonia e Merina.

— E eu, Tina... O que terei que fazer?

— Você será a ajudante de Tadeo no espetáculo de magia. Ele lhe explicará isso mais tarde, certamente. Vamos, Fiona, devemos continuar.

De Silva decidiu que antes de tudo, iria à casa dos Malone. Talvez, Fiona tivesse retornado a seu avô. Desejava tanto que estivesse ali, a ideia de perdê-la o aterrava. Tornou-se dependente dela; estar longe de Fiona todo esse tempo o tinha torturado. Sua esposa se converteu em uma obsessão: significava tudo para ele, e sabia que não poderia viver sem ela a seu lado.

Uma culpa incontrollável o atormentava: não tinha feito bem em retornar a casa de Cloé depois de casado. De todas as formas, tratou de aplacar sua consciência pensando que só tinham sido umas poucas vezes, na época em que Fiona o rechaçava. Mas a culpa voltava, uma e outra vez.

— Puta maldita! — gritou, ao mesmo tempo em que golpeava sua bota com o chicote.

Eliseo, que cavalgava ao seu lado, olhou-o pela extremidade do olho.

— Já estamos por chegar, patrão.

— Sim, já sei — respondeu de Silva, sem tirar a vista da frente.

Eliseo tinha chegado a gostar de Juan Cruz tanto quanto de Sean. Era um homem trabalhador, cheio de força e ímpeto, conhecia o trabalho como ninguém e gozava de grande autoridade entre seus peões. Além disso, era muito inteligente e sagaz; tinha que sê-lo para ter conseguido conduzir à menina Fiona. Sabia que a amava e que todo esse assunto da amante não era verdade. Mas também conhecia o espírito precipitado de Fiona e entendia que não seria fácil fazê-la entrar em razão.

Entraram pelo Sul, até desembocar na Plaza de la Victoria. O ruído dos cascos dos cavalos chapinhando no barro das ruas, o grito das negras vendedoras de

pamonha, o sino da carreta do vendedor de água, o barulho de crianças tratando de apanhar a um cão, mas nem um indício de Fiona. Juan Cruz procurava com o olhar por sua esposa entre a multidão. Tinha todo o aspecto de um desequilibrado enquanto esticava o pescoço tratando sem sucesso encontrá-la.

Escaparam da algazarra do centro rumo à mansidão dos bairros vizinhos. Só viam umas poucas senhoras caminhando pelas calçadas estreitas e alguns cavalheiros falando de política. Ao reconhecê-lo, dispensavam-lhe um movimento de cabeça, frio e distante. A intriga da fuga de Fiona tinha chegado a todos os lares e era a fofoca do momento. Por mais que os Malone tivessem tentado mantê-lo em segredo, era impossível em uma casa cheia de servas desejosa de receber uma moeda por uma informação valiosa.

Assim chegaram à casa dos de Malone; de Silva, de um salto, precipitou-se ao saguão da mansão. Coquita lhe abriu a porta.

— Senhor de Silva!

— Minha esposa está aqui? — perguntou, sem entrar na casa.

— Não, senhor. Ninguém sabe onde está.

Coquita reprimiu um grito quando de Silva chutou a coluna da entrada e proferiu um insulto subido de tom.

— O que aconteceu, Coquita?

Era a voz de Brigid; então, de Silva entrou na mansão.

— Senhor de Silva! — exclamou Brigid.

— Senhora Malone... — Não sabia o que dizer.

— Entre, meu marido está ansioso para falar com você. — O tom da anciã era duro e cheio de ressentimento.

Entrou na sala e esperou, sem sentar-se, com o chapéu entre as mãos. Quando percebeu que ainda usava o lenço vermelho como corsário, o tirou rapidamente, e enxugou a testa com ele.

— De Silva.

A voz grave de Sean o sobressaltou. Ao se voltar, encontrou-se também com William, o pai de Fiona, que o olhava com desprezo.

— Senhores... — Inclinou a cabeça. — tiveram alguma novidade?

— Não — respondeu o pai de Fiona laconicamente. Juan Cruz lhe lançou um olhar de advertência. *"Será meu aliado nisto ou tenho a forma de te destruir na frente do velho."* William, que não era tolo, abrandou imediatamente sua expressão.

— Senhor Malone... — Juan Cruz se dirigiu a Sean. — Antes de tudo queria

lhe explicar que todo este assunto...

— Sinceramente, senhor de Silva, importa-me um rabanete seu assunto. Não tem que me dar suas explicações sobre isso. Quão único desejo agora é encontrar a minha neta, sã e salva. O resto não me interessa... pelo menos por enquanto.

— Sim, compreendo.

— Conhecemos suas estreitas relações com o governador e desejamos que as utilize para encontrar Fiona. Já falamos com o Cuitiño, mas ele disse que a polícia a seu cargo não pode mover um dedo sem a ordem do governador. E por mais que fui todos os dias para ver Rosas, não pude... ou não quis me receber. — Sean fez um gesto de desgosto.

— De todas as formas — continuou William, — armamos grupos com nossos peões que saíram a percorrer a província. Mas até o momento, nada, absolutamente nada.

Juan Cruz tinha permanecido calado, com o olhar perdido. Sentia que estavam procurando uma agulha em um palheiro. Mas ele não se daria por vencido; revistaria cada canto da Confederação; em algum lugar a encontraria.

— Enviarei Eliseo de volta A Candelária para que organize grupos de busca. Eu irei agora mesmo ver Rosas e lhe pedirei ajuda.

Moveu a cabeça a modo de despedida e saiu.

Chegou à rua e inspirou profundamente; tinha o corpo tenso e as mãos ainda suavam. Como supôs que iram recebê-lo os Malone? Com grande alarde? De todos os modos, pensou, isso não lhe importava tanto como a falta de notícias.

— Senhor! — Eliseo não podia ocultar sua inquietação. — Alguma novidade, senhor?

— Nada, Eliseo, ninguém sabe nada. Mas, vamos, se apresse. Quero que volte para A Candelária e, junto a Celedonio, armem grupos de cinco homens cada um e que saiam imediatamente a percorrer a província, do Norte ao Sul, Este ao Oeste. Não deverá ficar um lugar sem investigar. Eu permanecerei alguns dias aqui. Quero que cada grupo me mantenha informado com um mensageiro, entendido?

— Perfeitamente, senhor.

— Avisa a todos que haverá uma boa recompensa para o grupo que a encontre. Vamos, homem, saia agora mesmo para a fazenda, não há tempo a perder.

O barulho na Plaza de la Victoria interrompeu as reflexões de Silva. Uma multidão se amontoava no meio, ao redor do mastro. Trataria-se de algum

espetáculo, talvez, de alguma rixa, ou possivelmente uma cabeça unitária estaqueada pela Mazorca. Logo voltou para seus pensamentos. Enquanto se encaminhava à quinta de Palermo analisava cada palavra que diria ao governador, e calculava suas possíveis respostas.

— Senhor de Silva!

O grito atraiu sua atenção por cima do bulício da praça.

— Senhor de Silva!

— Paolina! — exclamou Juan Cruz ao reconhecer que a negra corria para ele.

De Silva fez girar seu garanhão para aproximar-se da jovem, que tentava abrir-se passagem entre a aglomeração na Recova Nueva.

— Senhor de Silva... — repetiu a serva, sem fôlego. — Finalmente retornou, patrão. Fui todos os dias ao saladeiro para buscá-lo; preciso falar com você.

— O que aconteceu? — perguntou-lhe de Silva de mau modo, sem apejar do cavalo.

Ainda não tinha decidido o que faria de Cloé e não estava de humor para fazê-lo. Encontrar-se com Paolina implicava pensar em algo, e rápido, porque certamente a negra lhe pediria instruções.

— Patrão, preciso falar com você agora mesmo.

Os olhos exagerados da Paolina o surpreenderam.

— Agora não posso. Talvez, mais tar...

— Patrão, não pode esperar, o asseguro — insistiu a negra.

— Está bem, mas não naquela casa — advertiu de Silva.

— Se for pela senhora Cloé, patrão, vá tranquilo. Ela não está aí.

Juan Cruz estava aguardando na sala da casa de Cloé quando chegou Paolina. Mateo, o cocheiro, havia a trazido do centro da cidade na volanta. A negra passou como um raio para a cozinha com uma cesta cheia de verdura.

— Paolina, venha! Não tenho todo o dia! — gritou Juan Cruz ao vê-la.

Antes de entrar na sala, a serva se benzeu várias vezes. De Silva sempre lhe tinha dado pânico, com mais razão nesse momento.

— Senhor de Silva, você não pode imaginar como o procurei todo este tempo para lhe contar, senhor — exclamou a negra com voz chorosa.

— Onde está a senhora Cloé?

— Bem... Pois...

— Vamos, fala!

A negra se estremeceu com o grito.

— Na verdade, não sei... Não sei exatamente, patrão. Acredito que está na

casa de Dom Soler.

— De Soler? De Palmiro Soler?

Juan Cruz ficou de pé e franziu o cenho.

— Sim, patrão, o mazorquero. O senhor Soler e a senhora são amantes agora.

— Amantes?

— Sim, senhor! Mas desde que você a deixou! Antes, não, senhor, antes, não, o juro, o juro — repetia uma e outra vez, fazendo a cruz sobre a boca.

— Mas, por que não me disse isso, Paolina? Acaso eu não te pagava para que me mantivesse informado de tudo o que acontecia nesta casa?

Os olhos duros de Silva a encheram de pânico e começou a chorar.

— Basta, não chore agora e continua me contando.

— Faz um tempo o senhor Soler veio visitar à senhora e ficou um longo tempo conversando com ela. Eu não pude escutar bem porque se encerraram no escritório, mas cada momento mencionavam seu nome e o de sua esposa.

— Filho da puta! — Golpeou a mesa com o punho. — Vamos, continua!

— O senhor Soler vinha todas as tardes para vê-la e ficava até o amanhecer. Eu não lhe avisei nada porque pensei que, como você e a senhora... Bem, pensei que já não estava interessado nos assuntos desta casa.

— Sim, mas o sobre com o dinheiro para os gastos chegava todos os meses, verdade? — repreendeu-a de Silva.

— A senhora Cloé dizia a Mateo e a mim que você não pagava mais os gastos da casa, que agora os pagava o senhor Soler — murmurou Paolina.

— Mas, que estúpida! Não recebia o sobre com seu dinheiro todos os meses?

— Não, senhor, o juro! — gritou entre lágrimas. — Há meses não recebo um centavo!

— Mas se lhe enviei isso por... maldito traidor! — Outro golpe na mesa. — Onde está Mateo? Rato miserável! Mateo! — gritou enfurecido.

Passaram alguns segundos; o cocheiro não apareceu. De Silva decidiu que arrumaria o assunto com Mateo mais tarde; agora se concentraria em Soler e Cloé.

Paolina terminou de lhe relatar o que conhecia do assunto, que não era muito. Contou-lhe que dez dias atrás a senhora Cloé se foi da casa. Ela supunha que se alojara na casa Soler, mas não estava segura. De todas as formas, na semana anterior tinha recebido um bilhete de sua patroa lhe indicando que não retornaria em vários dias, que mantivesse tudo ordenado e que lhe enviaria dinheiro para os gastos.

De Silva abandonou a casa de sua antiga amante muito perturbado. Permaneceu uns minutos no saguão, quieto, com o olhar perdido. A confusão o afligia e não o deixava pensar. Tinha esquecido seu objetivo de falar com Rosas, e nem sequer sabia que rumo tomar nesse momento.

De repente, sua mente pareceu clarear-se. Montou seu garanhão e saiu a todo galope. Já tinha decidido o que devia fazer, e nada o faria voltar atrás.

A casa de Soler estava muito silenciosa. As portas das janelas permaneciam fechadas e ainda ardia a vela do lampião do saguão. De Silva caminhou para a entrada; ficou uns minutos imóvel frente a ela, atento a qualquer possível indício de atividade em seu interior. Depois, chamou na porta, agitando várias vezes a aldrava. Abriu-lhe um homenzinho que reconheceu como o ajudante de Soler.

— Bom dia, senhor de Silva — disse o servo, sem abrir do todo a porta.

— Soler está? — perguntou com rudeza Juan Cruz.

— Não, não se encontra, senhor de Silva.

O chute que de Silva deu na porta enviou o servo a alguns metros mais à frente.

— Onde está, rato miserável? Mostre sua cara, covarde de merda! — vociferava Juan Cruz, à medida que avançava.

O servo caminhava para trás, tremendo e balbuciando.

— Não está, senhor, não está... O asseguro.

— Saia de onde esteja, Soler filho da puta!

Juan Cruz se deteve no meio da sala principal, escrutinando cada canto.

— Vamos, Soler! Não seja covarde! Ou só se anima com as mulheres, maldito filho da puta?

— O que quer, de Silva?

Juan Cruz girou sobre si. Soler, que acabava de aparecer por uma das entradas, sustentava um trabuco que apontava para de Silva diretamente no rosto. O canhão da arma tremia.

— Ah! Aí estava...! — Juan Cruz avançou para ele com um sorriso desdenhoso.

— Não dê um passo a mais ou faço voar sua cabeça! — Palmiro Soler tinha o rosto vermelho e brilhante pelo suor.

— Só me diga o que fez com minha esposa e depois partirei — Avançou um trecho. — Onde está Fiona, asqueroso rato?

Soler retrocedeu alguns passos, tremia como uma folha.

— Basta! Não siga avançando, de Silva, porque te asseguro que tiro sua

cabeça do lugar!

— Você? Você tirar minha cabeça do lugar? — Juan Cruz soltou uma gargalhada estrondosa. — Você não pode matar uma mosca, Soler. É um maldito covarde. Só tem guelra para se meter com mulheres.

A expressão de ferocidade de de Silva aumentava o pânico de seu rival.

— Cale-se, cale-se, bastardo!

O servo, que momentos atrás se escorregara por uma das entradas, reapareceu na sala, com outro trabuco nas mãos. Aproximou-se de seu patrão, e juntos apontaram para Juan Cruz.

— Diga-me o que fez com Fiona — repetiu de Silva.

— Nada, eu não fiz nada. E agora saia de minha casa ou não respondo por mim.

Soler tomou coragem, aproximou-se de Juan Cruz, e lhe apoiou o canhão na testa.

— Me diga onde está minha esposa — repetiu de Silva, sem alterar-se.

— Já te disse que não sei nada a respeito de sua mulherzinha! O que aconteceu? Fugiu de você a maldita? É difícil de domar essa Malone, verdade? Eu a queria para mim, mas ela me desprezava. Asquerosa presunçosa! — Soler começava a encorajar-se. — Devo admitir que é a mais bela de todas. Tem um par de...

Não pôde terminar. De Silva, com um movimento rápido e certo, despojou-o da arma com uma mão, e com a outra lhe aplicou um golpe demolidor, que o fez rolar pelo chão. Foi atrás dele sem perder um segundo, colocou um pé na sua garganta, e lhe apoiou o trabuco sobre a testa.

— Não me mate, de Silva! Não me mate! — suplicou Soler, a ponto de chorar.

— Me traga sua arma ou não vai reconhecer o focinho de porco de seu patrão! — ordenou de Silva, sem sequer olhar para o servo.

O homem se aproximou, temeroso, com a arma baixa. A passos de Juan Cruz, depositou-a no piso. Aproximou-se ainda mais, por ordem de de Silva. Quando o teve ao alcance, Juan Cruz lhe deu uma coronhada na fronte com tanta força, que o servo caiu inconsciente, ao lado de seu patrão. Soler gritou ao ver seu servo, com a fronte partida, caído a seu lado. Juan Cruz arrojou longe o trabuco que tinha nas mãos e lhe deu um chute atrás de outro, que ele foi parar sob o sofá. Rapidamente, tirou de sua bota uma adaga e a apoiou na garganta de Soler.

— Agora... — disse-lhe com os dentes apertados, — me dirá o que fez com

minha mulher.

— Eu não sei nada de F... Ahhh!

De Silva lhe abriu um sulco na bochecha. A ferida sangrava profusamente e o homem começou a choramingar de pânico.

— Agora, me dirá onde está ou te abrirei por partes, até que morra sangrado... Compreende, Soler?

— Não, por favor, basta, basta. Te direi tudo, mas não me faça mal. Tudo saiu errado, nada foi como o tínhamos planejado. — Falava entrecortadamente, quase sem fôlego. — Ela...Cloé, não pôde fazê-lo...

— O que ela não pôde fazer?

— Ela... Ela devia matá-la...

O peito de Juan Cruz se contraiu dolorosamente e sentiu que as forças o abandonavam. "*Matá-la? O que vem tudo isto?*", pensou, aturdido.

— Matá-la? Soler, filho da puta! — gritou, enfurecido, e lhe cravou a ponta da adaga na garganta, lhe fazendo um corte superficial. "*Não devia matá-lo*, pensou. *Não ainda.*"

— Não, basta! Não a matou, não a matou. — Soler tinha o terror pintado nos olhos. — Não pôde fazê-lo... sua esposa saiu correndo da casa dos de Malone e nunca mais voltamos a vê-la. Ninguém sabe onde está, asseguro-te que nós não temos ideia de onde está. Por favor!

Juan Cruz tomou Soler pelo pescoço da camisa e o levantou; depois, sem tirar a adaga da sua garganta, apoiou-lhe o corpo sem forças de seu rival contra a parede.

— Por quê? Diga-me, por quê? — perguntou Juan Cruz, abatido. — Diga isso ou não voltará a ver mais nada em sua vida. Eu mesmo lhe arrancarei os olhos — disse isso, aproximando a arma dos seus olhos.

— Não! — Gritou Soler, espantado. — Não foi minha ideia, não foi minha ideia! Tudo foi um plano de Rosas para vingar-se de sua esposa e de sua família. Eu não idealizei nada disto, asseguro-lhe... Por favor, não me faça mal.

Soler sentiu que a pressão em sua garganta cedia e que o fio da adaga se afastava de seus olhos. Juan Cruz ficou olhando-o fixamente, desconcertado, como se não pudesse entender o que acabava de escutar.

— O que disse? — balbuciou de Silva. — O que disse? — Cheio de ira, aprisionou-o outra vez contra a parede, disposto a esfolá-lo vivo.

— Juan Cruz! — A voz de Cloé ressoou em toda a sala.

De Silva girou rapidamente sem soltar sua presa, e pôde ver que a mulher lhe

apontava com uma pistola. Juan Cruz se jogou no chão no preciso momento em que Cloé apertava o gatilho. A bala acertou totalmente no rosto de Soler, que caiu instantaneamente.

Um segundo depois, de Silva se aproximou do corpo do mazorquero. Soler estava irreconhecível; o tiro lhe tinha destroçado a cara, e seu sangue se espalhava rapidamente pelo chão.

— Está morto — disse Juan Cruz para si.

Ao escutá-lo, Cloé lançou um gemido angustiante. De Silva se voltou e tratou de chegar a ela. Mas já era muito tarde: nesse momento, a mulher levou a pistola à boca e detonava um tiro mortal. Caiu sem vida, estremecendo-se no piso antes de ficar completamente inerte.

Juan Cruz correu para Cloé e se agachou a seu lado. Tomou-a entre seus braços, apoiou-a em seu colo e a olhou com compaixão. Um instante depois, quando fechou os olhos de Cloé, as mãos tremeiam.

Naquele momento, de Silva compreendeu tudo. Cloé era uma idiota, e Soler um covarde. Rosas tinha sabido usar a humilhação e o ódio do mazorquero e o ciúmes da prostituta para vingar-se de sua esposa e de sua família.

Sua garganta se fechou e um frio lhe percorreu o corpo. Apesar de que os fatos pareciam tornarem-se mais claros e as peças começavam a se encaixar, sentiu que tudo a seu redor se tornava escuro. Entendeu que, talvez, nunca mais voltasse a ver Fiona; e que, se algum dia a encontrasse e ficassem juntos novamente, não poderia ser nunca mais ali. O Restaurador não o permitiria.

Capítulo 18

Dom Tadeo tinha decidido partir para o Sul. Tanto tinha insistido Tina em que seria bom conhecer Tandil e Baía Blanca que finalmente o tinha convencido. Além disso, no trajeto encontrariam muitos povoados onde apresentar o espetáculo.

O brilho e colorido que adornava o espetáculo a cada entardecer se perdia depois, quando os habitantes se afastavam do cenário e tudo voltava para a normalidade. Uma sensação de angústia embargava Fiona nesses momentos e, em ocasiões, precisava chorar a sós. Procurava um lugar afastado, sentava-se no chão e, afundando o rosto entre os joelhos, soluçava. Mas, pouco a pouco, a tristeza e o pranto depois do espetáculo foram ficando para trás. Com o tempo, cada vez se sentia melhor. Apesar do mau humor de dom Tadeo, os sarcasmos de Sacramento e a vadiagem de Sixto, Fiona estava bem.

Fazia pouco mais de dois meses que estava com eles e tinha aprendido muitas coisas. Era a assistente no ato de magia, e da macaca Sisi quando esta dançava e fazia piruetas sobre o realejo. Sixto tinha tentado convencer Tadeo de que lhe permitisse treiná-la no número com os cavalos, mas o dono do circo se negou. Fiona suspirou quando finalmente o velho disse "não" a Sixto; em seu estado não teria podido sequer trotar levemente.

Tina e Sacramento eram as malabaristas. Essas mulheres, tão rudes, tinham resultado muito hábeis jogando coisas ao ar e pegando novamente sem que nenhuma caísse ao chão. Fiona ficava pasma durante a apresentação, tanto que continha a respiração assaltada pelo temor que algo falhasse; mas isso nunca acontecia: sempre saíam vitoriosas.

— Vamos, Fiona, move seu traseiro para outro lugar! — ladrou Sacramento.

A jovem começou a levantar-se.

— De maneira nenhuma — disse Sixto. — Este é seu lugar, Fiona. Você fica aqui, ao meu lado.

Mas Fiona não queria problemas com sua companheira de carreta. Sabia que era uma mulher sem escrúpulos, capaz de qualquer coisa para conseguir o amor de Sixto. De modo que abandonou o lugar: Sacramento o ocupou com seu volumoso traseiro, e ficou olhando o homem com rabugice.

— Olá, querido — murmurou Sacramento ao ouvido de Sixto.

— Ora! — foi à resposta do homem, que se encaminhou para onde estava Fiona.

— Por favor, senhor Sixto, o rogo... Sacramento vai odiar-me — disse ela, sem tirar a vista do rosto vermelho da jovem desprezada.

— Não preste atenção a essa gata no cio. Eu desejo estar contigo, e ela não vai me impedir.

Essas palavras se chocavam nos ouvidos de Fiona, mas não replicava. Nada de rixas em sua nova vida. Com ninguém. Só desejava estar em paz, fazer um pouco de dinheiro e partir sem que ninguém se desse conta. Dias atrás, Dom Tadeo tinha prometido que começaria a lhe pagar alguns pesos depois de cada função. Ela necessitava desse dinheiro para o momento em que seu filho nascesse.

A verdade, Sixto não era mau com ela; ao contrário, tratava-a com muita deferência, e suas maneiras não eram tão rudes. Notava-se que estava apaixonado. "Eu lhe quero bem", confessava-lhe o homem em cada oportunidade. Fiona ensaiava mil e uma formas para poder afugentá-lo sem humilhá-lo. Sabia que um homem ferido em seu orgulho podia ser perigoso. Mas não parecia ser o caso de Sixto, sempre cavalheiro e galante.

Durante o resto do jantar não disse uma palavra. Só escutava como um eco longínquo os relatos de Sixto, os relinchos de Sinfonia e Merina, os chiados de Sisi, o som do vento enredado nas copas das árvores. Sua mente se concentrava em uma só coisa: seu bebê.

Havia momentos nos que enlouquecia de pânico e só pensava em retornar. Poderia viver na casa do seu avô; ali nada lhes faltaria, seu bebê teria o necessário, e muito mais também. Mas a imagem de de Silva chegava como um açoite a sua mente e perturbava a ideia de voltar. Teria que enfrentá-lo e sabia que não poderia contra ele. Queria lhe tirar seu filho e, certamente, o conseguiria. Com Rosas a seu lado, não haveria forma de impedir-lhe. Além disso, ela sabia que o governador a odiava e que faria o impossível para destruí-la.

Nesses momentos, não podia deixar de evocar a sua sogra. Ela tinha conseguido sobreviver, sozinha, com um filho. Mas ao pensar nisso, caía na conta de que Catusha tinha tido Candelária ao seu lado. Então, recordava de Maria e o quanto a necessitava.

— Fiona! — Sixto tratava de tirá-la de suas reflexões. — Parece como se estivesse a mil léguas daqui.

— Me perdoe, senhor Sixto. É que estava pensando em outras coisas.

— Que coisas são, que lhe encham os olhos de lágrimas? Nem sequer tocou na comida.

Fiona começou a engolir o locro[57] para assim não ter que falar mais. Só assentia ou negava com a cabeça e tratava de ser o mais fria e distante possível; pelo menos enquanto Sacramento não tirasse os olhos deles.

"E o senhor Sixto?", pensou. Por um segundo o olhou pela extremidade do olho. Não era nada mal e era doce com ela, faltava-lhe um pouco de educação, sim, mas nada que não pudesse polir. Estava convencida de que faria qualquer coisa se pedisse, até dar seu sobrenome ao filho de de Silva. Não necessitou de muito tempo para desistir da ideia. Ela não poderia querê-lo e a vida junto a ele se tornaria um calvário. Só tinha amado uma vez e sabia que jamais poderia voltar a fazê-lo.

Nessa noite, no catre da carreta, sentiu-se muito intranquila. Dava voltas e voltas e não conseguia dormir. Estava sozinha com Sacramento e isso a punha mais nervosa ainda. Tina, como sempre, tinha partido para a carreta de Tadeo para passar a noite com ele. Antes do amanhecer retornaria com o mesmo sigilo com o qual se foi; escorregaria entre os lençóis, e na manhã seguinte, simularia ter dormido toda a noite ali.

Fiona não compreendia o que encontrava Tina de atraente nesse homem gordo e desagradável, mas não era assunto dela. Apesar de que a malabarista era boa com ela, jamais lhe tinha dado a confiança suficiente para perguntar-lhe.

Já quase amanhecia; soube por que escutou Tina retornar de sua escapada noturna. Fechou os olhos, e, sem querer, dormiu.

Em comparação com os povoados em que tinham atuado, Tandil era quase Buenos Aires. O mesmo de sempre, embora maior e com mais movimento. A praça, e em torno dela, a catedral, e negócio de ramos gerais, o edifício da comunidade.

As pessoas se detinham para observar essa estranha caravana multicolorida, com dois formidáveis cavalos cobertos com mantas de cetim e um pequeno bichinho que chiava como louco em uma jaula. As pessoas de Tandil eram indivíduos desconfiados e pouco amáveis; viviam ao limite da fronteira final, e a investida contínua dos ataques os tinha convertido em habitantes de olhar turvo e movimentos rápidos.

Dom Tadeo decidiu acampar perto da saída Sul de Tandil, preparado para continuar a viagem em algumas semanas para Baía Blanca. O lugar era tranquilo e as emas lhe davam um marco imponente. Fiona passava longos momentos as contemplando, absorta em seus pensamentos.

— Vamos, Fiona, venha aqui! O que tanto olha? Há muito trabalho que fazer — a repreendeu Tina.

Os ajudantes mais jovens, Cipriano e Julio, riscavam o diâmetro da pista segundo as indicações de Sixto, que necessitava muito espaço para suas piruetas equestres. Sacramento varria os tapetes que se colocavam no cenário, e cobria com um trapo o nariz e a boca para proteger-se da espessa poeira que se levantava.

— Seria melhor atirar estas porcarias aos porcos! Já nem cor têm! — queixava-se sem deixar de varrer.

— Cale-se! — ordenou Tadeo, comodamente sentado em sua cadeira.

— Poderia ajudar em vez de sentar-se para mimar essa macaca estúpida — replicou Sacramento desafiante.

Tadeo a olhou de esguelha. Ficou de pé e, depois de devolver Sisi a sua jaula, aproximou-se da jovem malabarista com as mãos nas costas e a vista fixa no chão. Sacramento o olhava aproximar-se; deixou de varrer, afastou o lenço do rosto e o olhou desafiadora, pronta para enfrentá-lo.

A bofetada de reverso que lhe deu Sarquis a atirou sobre o tapete. O dono do circo ficou imóvel, a passos da jovem esparramada. Tina jogou o que tinha na mão e correu, com Fiona atrás, para socorrer sua filha. Sixto contemplou um momento a cena e continuou dando ordens aos jovens.

— Que eu me deite com sua mãe não significa que a converta em minha filha — disse Tadeo, com olhos de ódio.

— Tadeo, por Deus! — gritou Tina, enquanto ajudava a sua filha a ficar em pé.

— Me solte, estúpida! — vociferou Sacramento quando Fiona tentou tomá-la pelo outro braço, e lhe deu um tranco que quase a joga ao chão.

— Sim, você é uma cadela retorcida, Sacramento. — Tadeo voltou para ataque. — Deixe-a, Fiona, não vale a pena. E me escute bem, nunca em sua vida volte a me dar ordens ou as insinuar sequer. Está claro? Ou a encontrarão degolada na sarjeta de alguma estrada perdida.

Fiona se estremeceu ao escutar essas palavras. Tadeo era mal-humorado, sim, mas aquilo era um pouco demais. Havia alguma promessa que se cumpriria nisso

de "degolada em uma sarjeta".

— Basta, Tadeo! Que estupidez está dizendo! — Tina estava a ponto de chorar. — Venha, vamos, filha.

Tadeo e Fiona as seguiram com o olhar até que entraram na carreta. Sacramento ia esfregando a bochecha enquanto sua mãe, tomando-a pela cintura, murmurava-lhe algo ao ouvido.

— Está bem, Fiona?

A pergunta de Tadeo pareceu tão estranha que o olhou sem lhe responder.

— Perguntei se está bem, Fiona. Digo, porque essa idiota te empurrou.

— Ah, sim, Dom Tadeo! Estou bem, não foi nada!

Ela não iria acreditar que o velho inculto e energúmeno pudesse ser degolador de jovens malabaristas, mas, e esse doce homem preocupado por seu bem-estar? Isso já não poderia concebê-lo sequer uma ideia. Viu-o afastar-se, com esse andar de obeso desajeitado, em meio de uma fileira de maldições e sibilos.

Em alguns dias fariam a primeira apresentação. O circo se converteu em tema de conversa para o povoado inteiro; não só as crianças, mas também as mulheres, e inclusive os homens, estavam desejosos de assistir à primeira apresentação.

E apesar de que não havia uma alma em todo Tandil que não estivesse informado, Dom Tadeo caprichou como nunca em fazer propaganda. Durante dois dias, Fiona pintou pôsteres com aquarelas de cores vistosas e o nome Circo Sarquis em tinta negra. Em realidade, preferia fazer isso em lugar de alimentar Sisi e os cavalos, ou limpar ou cozinhar. Mas como tudo, as aquarelas lhe traziam lembranças que a atormentavam.

Tadeo e Fiona, acompanhados pelos jovens ajudantes, foram à cidade para pegar os anúncios. Sacramento morria de vontade de ir, mas seu orgulho lhe impedia de rogar. Desde o dia da bofetada, não havia tornado a cruzar palavra com o amante de sua mãe. Sentia desejo de enforcar a Fiona com suas próprias mãos quando a viu subir na carreta. Essa joventinha da cidade, tão refinada e bonita, crispava-lhe os nervos de ciúmes e inveja. Sixto estava louco por ela e agora até Tadeo a tratava com amabilidade.

Penduraram os pôsteres por toda parte. Debaixo do mostrador da bancada de várias lojas, na porta da mercearia, no hotel, inclusive no edifício da comunidade. Ninguém poderia evitar vê-los.

— Vocês dois, voltem para a carreta e esperem ali — ordenou Dom Tadeo.

Sem dizer uma palavra, Cipriano e Julio os deixaram sozinhos.

— Venha, Fiona, convido-te a tomar um gole — disse o velho.

— Talvez seja melhor retornar, Dom Tadeo, há muito trabalho que fazer.

— Ah, menina! Não diga isso que me recorda de Tina. — antes de insistir, sorriu amavelmente. — Vamos, vamos, merece um gole.

Tomou-a pelo cotovelo e a obrigou a entrar na mercearia. Ela mantinha seu corpo afastado do de Tadeo, que não deixava de atraí-la para si.

— Que desejás tomar? — perguntou quando se sentaram.

— Um copo de leite, por favor.

— Um copo de leite?

— Sim — murmurou Fiona, envergonhada.

— Está bem. Merceeiro, um copo de leite e outro de licor! Rápido!

Voltou-se e, ao olhar para Fiona, já não era o mesmo homem que tinha estado vociferando ao dono da mercearia; seu olhar se suavizou.

Colocou uma pequena bolsa sobre a mesa. Depois, arrastou-a para o extremo da mesa onde estava Fiona.

— Isto é para você — disse.

A jovem tomou a bolsa e as mãos tremeram. Abriu o cordão que a envolvia e olhou dentro. Muitas moedas.

— Por Deus, Dom Tadeo, isto é muito!

— Não, Fiona. Devo-lhe isso. Trabalhou duro e é a melhor assistente que tive. Além disso, aí também vai o pagamento pelos pôsteres.

Chegou o merceeiro e lhes deixou a bebida. Fiona, com a bolsa ainda na mão, não sabia o que dizer. Nesse momento, um sentimento de ambição misturado com um pouco de necessidade imperiosa se apoderou dela. Alguma vez tinha se importado o dinheiro? Jamais. Sempre o tinha tido, e em abundância. Mas agora, não. Necessitava-o muito, muitíssimo. Seu filho o necessitava.

— Está bem, Dom Tadeo, aceito-o. Obrigada.

— Bem! — vociferou o homem ao mesmo tempo em que dava um golpe na mesa.

Fiona lhe sorriu hipocritamente.

— Às vezes acredito... — retomou Tadeo. — Merceeiro, mais licor! Às vezes acredito que eles vêm para ver-te e não a mim, o grande mago Sarquis!

Fiona engoliu com dificuldade seu leite.

— É muito linda, sabia?

Sarquis esticou sua mão gordinha para encontrar a dela. Fiona a tirou imediatamente fora de seu alcance.

— Hei! O que acontece? Só queria tocar sua mão.

O aroma do leite começou a invadi-la e um asco incontrollável lhe revolveu as vísceras. De repente, a figura de Tadeo se fez imprecisa, e sentiu que o piso se movia. Sem querer, derrubou sua bebida ao chão. Logo, saiu cambaleando para tomar o ar fresco da rua.

— O que te aconteceu?

Ao cabo de uns instantes, e enquanto inspirava profundamente tratando de recompor-se, Fiona escutou a voz de Tadeo. Mais do que entendê-las, adivinhou suas palavras.

— Nada, nada, Dom Tadeo. De repente me senti tonta. Melhor será retornar ao acampamento — respondeu com voz fraca.

Sem olhá-lo, encaminhou-se à carreta. Com Cipriano e Julio estaria a salvo.

Sempre a levaria consigo, pendurada em seu espartilho, enganchado a uma das aspas. Jamais o deixaria na carreta; não confiava em ninguém. "*Por dinheiro dança o macaco, verdade? Se não, olhem para Sisi*", pensava, enquanto terminava de costurar a bolsinha com moedas a sua anágua. Colocou o vestido de assistente do mago e coloriu suas bochechas com carmim. Depois, saiu.

Era a primeira apresentação e o povo começava a chegar. Preparou-se um lugar especial, sob um toldo, onde colocariam as autoridades. Até o padre viria.

Dom Tadeo estava muito nervoso, porque, desde Buenos Aires, não tinham tido outra apresentação tão importante como essa. De todos os modos, nada podia sair errado: tinham ensaiado até a indigestão.

O representante do Restaurador Rosas, o Brigadeiro Zola, chegou junto a sua esposa e a suas filhas; mais tarde, as autoridades da tropa, o comandante do exército de fronteira e o padre; até o médico obteve um lugar de privilégio.

— Boa tarde, Brigadeiro Zola, é uma honra tê-lo entre meu público. Você honra meu espetáculo com sua presença — saudou Tadeo, quase sem respirar, inclinando uma e outra vez para frente.

— Por favor, senhora Zola. Entre, e fique cômoda. Cipriano! Sirva às filhas do Brigadeiro a limonada. Padre Octavio! Finalmente se decidiu a vir. — Ao lhe beijar o anel, empapou-lhe o dedo.

— Sim, filho, sim. A sã diversão também é boa para o espírito — exortava o padre, enquanto limpava sem dissimulação o dedo na batina. — Não como essas peças de teatro francesas que, inteirei-me, estão estreando no Teatro da Victoria,

em Buenos Aires — adicionou, indignado. — São um insulto à Igreja, à moral e aos bons costumes.

— Meu marido e eu fomos à Victoria semanas atrás e vimos uma ópera de...

— A mulher de Zola levou a mão ao queixo.

— Donizetti, senhora — a ajudou seu marido.

— Ah, sim! E, qual era? A...

— A favorita, senhora — disse Zola, enquanto a olhava envergonhado.

— Mas não vimos nenhuma obra francesa, Padre — atalhou a senhora Zola.

— Tenho certeza de que se não estiverem de acordo com a causa federal, o governador não deixasse passar muito tempo antes de proibir... Não se inquiete Padre Octavio — sentenciou o brigadeiro.

— Isso espero, filho, isso espero.

A figura do Sarquis, vestido em um traje vermelho e azul, apresentou-se no meio do cenário e vociferou o início do espetáculo. Sempre começavam igual, com Cipriano e Julio disfarçados de palhaços fazendo tolices. Os meninos desfrutavam muito desse número e esperavam ansiosos a caramelada que repartiam os comediantes antes de abandonar o cenário. Depois, continuava o número das malabaristas, um dos que mais agradava o público. E quando chegava a vez do mago Sarquis, Fiona já sabia que os homens lhe assobiarão, gritarão obscenidades e lhe farão gestos estranhos que ela nunca compreenderia. No princípio, tudo aquilo a tinha agitado; ficava como estancada no meio da pista, sem poder mover-se; mas agora, acostumou-se e agia como se ninguém reparasse em sua presença. O povo de Tandil não foi exceção e, novamente, teve que armar-se de coragem para suportar os assobios e as caretas carregadas de lascívia.

Quando aparecia no cenário com Sinfonia e Merina atrás, Sixto aparecia formidável em seu traje de couro. Os espectadores continham o fôlego enquanto o cavalo galopava e Sixto fazia malabares vertical sobre os arreios. Aclamavam-no ao vê-lo erguer-se sobre os animais, com um pé em cada arreio, uma mão estendida agarrando as rédeas e a outra saudando o público. Logo, subia na égua pelas ancas e descia pelo lado quando o animal galopava a grande velocidade; mal tocava o piso com a ponta da bota e se acomodava rápido no lombo de Merina. E de novo descia pelo outro lado, agarrado às crinas da égua. Repetia estes movimentos várias vezes, muito depressa, e o público aplaudia eufórico.

Quando Merina e Sinfonia terminaram sua apresentação, Tadeo anunciou ao público que o espetáculo tinha finalizado. Todos aplaudiram uma vez mais antes

de abandonar suas localizações.

Sem perder um minuto, Sarquis se aproximou do grupo de espectadores de luxo, e os convidou a uma taça, que se serviria em sua carreta, para festejar o êxito da primeira apresentação. O brigadeiro Zola despachou a sua esposa e a suas filhas e se encaminhou com o circense a sua toca, junto ao padre e às demais autoridades militares.

Beberam muito, e todos um pouco ébrios, começaram a abandonar a carroça. O primeiro em partir foi o Padre Octavio, com a desculpa da missa das seis; mais tarde, o comandante do exército da fronteira, que tinha que partir muito cedo pela manhã; e assim todos, até que Zola e Sarquis, sentados sobre almofadas, sem soltar o copo sempre cheio, ficaram sozinhos.

— Assim pensa seguir até Baía Blanca, Dom Tadeo.

— Sim, brigadeiro. Dizem que é uma cidade importante. É aí onde se faz bom dinheiro com estes espetáculos.

— Claro, compreendo.

— Outra taça, brigadeiro?

— Sim, obrigado.

Tadeo verteu a bebida no copo.

— E me diga, Dom Tadeo, quem é essa preciosidade que o acompanha em seu número de magia?

— Quem? Ah, sim, Fiona! É bonita, verdade?

— Fiona? Fiona, do que?

Tadeo franziu o cenho e pensou uns segundos. Não tinha a menor ideia; jamais lhe tinha perguntado o sobrenome.

— A verdade, brigadeiro, não sei. O único que me importa é sua cara de anjo e seu corpo esplêndido; o resto não me interessa... — disse, em meio de uma forte gargalhada — é o que realmente atrai ao público.

— Informou-me o comandante da fronteira que nas últimas semanas houve muitos ataques de índios. Estou pensando que se você mantiver a ideia de viajar para o Sul, pode ser muito perigoso. Algum deles poderiam atacar sua caravana e matar a todos.

— A minha caravana? Não, brigadeiro! Faz mais de dez anos que sulco a Confederação de Norte ao Sul, e Leste ao Oeste, e jamais tive problemas com os índios. É gente tola e sempre soube mantê-los à distância.

— Não, não, Dom Tadeo, agora é diferente. Andam como loucos não sei por que assunto. Destroçam as caravanas que encontram, procurando vingança por

algo.

Sarquis pigarreou nervosamente e se ergueu nos almofadões.

— Ah... E, sabe-se que assunto é esse que os deixou como loucos?

— Não. Mas parecem feras. Por isso lhe digo, Dom Tadeo, é muito perigoso que siga além de Tandil. A menos que... bom, a menos que aceite uma escolta de vários soldados bem armados que eu posso lhe oferecer.

— Sim? Faria isso por mim, brigadeiro?

— Bem, Dom Tadeo, como homem de negócios compreenderá que tudo tem seu preço.

— Sim, claro. E, qual é o preço?

— Veja, em realidade, não lhe custará muito. Só lhe peço que me deixe a sua assistente pelo tempo que você esteja de viagem.

— A minha assistente?

— Sim.

— A Fiona?

— Sim.

A verdade era que Zola se consumia de desejo por Fiona. Tinha-a visto várias vezes no centro de Tandil e, desde o primeiro momento, não tinha deixado de pensar nela. Fantasiava dia e noite com seu rosto soberbo, com seu corpo nu e suado junto ao dele, com sua boca, que imaginava capaz de lhe deixar sulcos incandescentes nas suas costas. E essa tarde, no meio do cenário, com esse traje dourado que lhe rodeava a cintura e revelava impudicamente seus seios... Ah, não suportava mais!

Tadeo ficou pensativo uns instantes antes de responder.

— Está bem, brigadeiro — disse finalmente. — Volte amanhã pela tarde; terei tudo preparado para você.

— Cipriano! Julio!

Tadeo começou a chamá-los quando, finalmente, o brigadeiro Zola e seu cavalo se perderam na escuridão.

— Cipriano! Julio! — insistiu, aos gritos.

— Sim, patrão, você manda.

— O que aconteceu? Estão surdos ou o que?

— É que estávamos na carreta. Faltou algo por fazer, Dom Tadeo?

— Preparem tudo que saímos agora mesmo para Baía Blanca.

— Agora?

— Sim, agora! Ou me esqueci de que devia pedir permissão a vocês? Par de

inúteis! Vamos, movam esse traseiro que em menos de uma hora quero estar a caminho!

— Sim, patrão, sim.

— Tina! — gritou. — Tina, venha aqui!

— O que aconteceu, Tadeo? Ficou louco? — perguntou a mulher com cara de sono, aparecendo na janela da carroça.

— Prepare tudo. Partimos agora mesmo para Baía Blanca.

— O que?

— O que aconteceu, mamãe?

— Você se cale e começa a preparar tudo! — ordenou Tadeo a Sacramento, de fora.

— Cale-se você! Estávamos dormindo!

— Sacramento, por favor! — exclamou Tina. — O que é isso de que partimos agora, Tadeo? Agora mesmo?

— Sim, mulher. Em que outro idioma tenho que lhe dizer isso.

— Ah, não, Tadeo! Eu não me movo de Tandil — se irritou Tina.

Saiu da carreta e, com os braços cruzados, olhou fixamente a seu amante.

— Ah, sim. E, poderia me informar, sua majestade, o motivo? — perguntou Sarquis quando a teve de frente.

— Você me prometeu que se a primeira apresentação fosse um êxito, poderia ir ao povoado para mandar fazer os vestidos novos que necessito. Já escolhi os estilos; até falei com a costureira e desenhamos os modelos. Tadeo, por favor, só serão dois ou três dias a mais! Não pode esperar?

Sarquis arqueou as sobrancelhas, como se estivesse pesando os prós e os contra.

— Está bem, ficará alguns dias em Tandil, com o Cipriano — disse, com magnanimidade. — Logo, nos alcançarão pelo caminho.

— Obrigada, querido, obrigada!

Tina se lançou ao seu pescoço e lhe estampou um sonoro beijo na boca.

— Vamos, se apresse! E começa a preparar tudo.

Sem Tina, tudo seria mais fácil.

A cortina estava aberta e a luz da lua se filtrava na carreta. Por isso Fiona pôde ver que uma massa disforme havia se jogado sobre ela, que lhe manuseava os

seios e tratava de lhe tirar a camisola, era Dom Tadeo. O hálito cheirando a álcool a decompunha e o peso de seu corpo a deixava sem respiração.

— Basta! — gritou, tratando de tirá-lo de cima. — Saia, asqueroso!

— Vamos, Fiona, preciosa — dizia o circense, muito bêbado. — me dê um beijinho... Vamos, seja boa comigo...

— Ajuda! — voltou a gritar Fiona.

— O que acontece? — perguntou Sacramento, mais adormecida que acordada.

— Sacramento, me ajude! — suplicou Fiona.

Por um instante, Tadeo afastou o rosto dela e olhou à filha de Tina.

— Vamos, Sacramento! Saia daqui!

A jovem, sentada em sua cama de armar, olhava a cena sem compreender.

— Sacramento, me ajude! — gritou Fiona uma vez mais.

— Se cale! — ordenou Sarquis tampando sua boca. — Sacramento, estúpida, saia daqui!

— Como você ordenar, patrãozinho. Que desfrute, Fiona — disse com ironia, antes de deixar a carreta.

Tadeo começou a rir, e Fiona a espernear-se sob seu corpo obeso. Com as mãos lhe dava golpes nas costas que não lhe faziam nada. Sacudia as pernas de forma frenética, mas não conseguia movê-lo nem um centímetro. Por fim, mordeu-lhe a mão e pôde voltar a gritar.

— Socorro! Sixto, ajude-me!

— Aaaiiii, puta maldita! — uivou Tadeo.

O homem se inclinou apenas e a esbofeteou com força.

— Cale-se ou a degolo!

E como Fiona se movia, aplicou-lhe outro golpe. O nariz começou a sangrar e lhe custava respirar.

Tadeo nem se chateou; seguiu com suas carícias e suas frases luxuriosas. Era um incômodo para Fiona, que tinha ficado inerte debaixo dele. Enquanto lhe tampava a boca com uma mão, começou a lhe arrancar a camisola com a outra. Seus seios ficaram descobertos e eram presas fáceis de Sarquis em um instante. Fiona, aterrada, não sabia o que fazer. Voltou a lhe morder a mão: não lhe fez nada; arranhou-lhe a cara, mas o homem, acalorado de luxúria, mal se alterou. Estava como possuído. De repente, começou a tirar as calças, mas com uma só mão era difícil.

— Ajuda! — exclamou Fiona quando Tadeo liberou sua boca por um

momento para desfazer-se das calças.

— Cale-se! — Tampou-lhe a boca com um trapo. — Vamos, Fiona, seja boa comigo. Eu fui contigo, aceitou com prazer as moedas que te dei. Acredita que lhe dava porque é uma boa assistente? — Começou a rir. — Não, Fiona! Agora deverá pagar por cada uma dessas moedas que te dei de presente.

Fiona sentiu que lhe rasgava a roupa interior. Em seu desespero, tratou de mover a cabeça, as pernas, os braços, mas cada parte do corpo parecia-lhe pesar toneladas. Não conseguia nada; só conseguia cansar-se mais. Entre o sangue que lhe emanava do nariz, e o trapo na boca, quase não podia respirar.

De repente, o peso de Tadeo cedeu e deixou de manuseá-la. Levantou-se de cima dela, e dirigiu seu olhar à porta da carreta.

— O que aconteceu, Sacramento? — vociferou Sarquis. — Você fica quieta! — ordenou perto do rosto de Fiona.

Nesse breve instante de alívio, Fiona escutou um grito da filha de Tina, e Merina e Sinfonia que relinchavam enlouquecidos. Algo grave devia estar acontecendo lá fora.

— O que acontece? — voltou a gritar Tadeo, sem sair de em cima de Fiona. — Nem sequer posso estar tranquilo um instante? — vociferou, com raiva.

A porta da carreta se abriu com uma violência inusitada. Tadeo se afastou torpemente de Fiona, que finalmente pôde ver-se livre daquele peso entristecedor. Em meio da confusão que se seguiu ao alívio, o último que a jovem pôde ver foi uma silhueta colossal que rompia velozmente na carreta. Depois, já sem forças, Fiona se desmaiou.

Capítulo 19

A velha esfregava em círculos o ventre de Fiona, olhando para cima e proferindo umas litanias incompreensíveis. A cada momento, aproximava ramos fumegantes do rosto da jovem, e repetia a invocação.

— Está grávida — sentenciou no fim a velha, sem olhar ao homem que, de pé na porta da choça, seguia com atenção seus movimentos.

— Ora! Com razão tanto dramalhão — disse o homem, antes de retirar-se.

Fiona começou a despertar; custava-lhe levantar as pálpebras. Via tudo nublado e escutava ruídos estranhos a seu redor. Tratou de inclinar-se, mas não o conseguiu; estava muito tonta. Esfregou os olhos, e embora ao cabo de um momento pôde ver melhor, não conseguiu reconhecer o lugar.

— Onde estou?

Levantou-se, assustada, e uma repentina tontura a obrigou a desistir de seu intento. Um rosto magro e enrugado que a olhava sem expressão se aproximou dela.

— Fique quieta, minha filha, não está bem. Deve ficar quieta.

Fiona a olhou sobressaltada.

— Filho, venha, acaba de despertar! — gritou a anciã.

— Onde estou? — voltou a repetir, a ponto de chorar.

— Está em minha casa, senhora de Silva — respondeu uma voz masculina.

Fiona se ergueu um pouco, o suficiente para ver um homem de meia idade, de pé a uns passos dela. Contemplou-o uns segundos e voltou a baixar a cabeça, confusa.

— Deus Santo! O que aconteceu? Onde estou? Quem são vocês?

— Tranquila, minha filha — disse a anciã. — Traga água — ordenou ao homem.

Fiona bebeu a água com lentidão, ajudada pela velha. Depois, retornou a sua posição inicial; não suportava estar muito tempo erguida.

— Não se lembra de mim, senhora? — perguntou o homem, já junto ao leito.

Fiona o olhou atentamente mais uma vez.

— Sanc? Sanc Nieté? É você?

— Sim, senhora, o próprio.

— Oh, Deus, não compreendo nada!

— Menina, não tente se levantar! — repreendeu-a a anciã, e a obrigou a recostar-se.

— Não se altere, senhora. Eu posso explicar-lhe tudo.

O homem aproximou uma banquetta rústica ao catre no qual jazia Fiona.

— Dormiu por mais de oito horas — lhe explicou.

— O último que recordo... Não sei, tudo é tão confuso. Estava dormindo na carreta e... Bem...

Calou-se, angustiada; as visões que iam a sua mente eram espantosas.

— Está tudo bem, senhora, já passou. Não pude salvar ela, mas quis Soychu^[58] que salvasse você. Como você a mim, aquela vez, em A Candelária. Agora estamos quites.

— Mas, o que aconteceu, Sanc? O que aconteceu com o povo do circo?

— Com o povo do circo, nada. Foi o dono quem recebeu seu castigo.

Sanc disse algumas palavras mais em outra língua, que Fiona não compreendeu.

— Esse Sarquis era um animal, senhora, um miserável. Fazia tempo que o buscávamos... — golpeou a mão com o punho fechado. — O que tentava fazer com você, senhora, fez com minha menina.

— Sua menina?

— Minha filhinha. Minha filhinha Ayelén. — Fez um nó na sua garganta ao mencionar seu nome. — Desculpe, senhora, devo ir — disse com outro tom de voz.

Sanc Nieté partiu. Fiona, desconcertada, olhou à anciã como lhe pedindo uma explicação.

— Não pode esquecer. O espírito de minha neta vaga por esta aldeia e não o deixa em paz. Talvez, agora que... De onde conhece meu filho?

— Ah, bem... Sanc trabalha durante a temporada de tosquia na fazenda de meu marido. Daí o conheço.

— Ah...Tem marido.

— Tinha — replicou Fiona.

O índio Sanc Nieté sempre tinha odiado aos crioulos; tinham-lhes tirado a terra, tinham dividido às tribos, e os tinham confinado a lugares remotos e áridos. Agora, os índios necessitavam deles para subsistir. Por isso, cada vez que Sanc estava escasso de pesos, deixava sua aldeia rumo a Buenos Aires. Aí sempre

conseguia um bico. Mas desde que trabalhou para Dom de Silva, nunca mais procurou outro patrão; embora fosse restrito, tratava-os bem. Além disso, dava-lhes boa comida e albergue cômodo. Quão único que teria que evitar para não enfurecê-lo era embriagar-se, brigar ou não cumprir com a tarefa. Sentia de Silva como um deles. Era bastardo e ninguém sabia quem eram seus pais; só conheciam a negra Candelária, a mulher que o tinha criado.

O respeito que tinha por de Silva tinha desaparecido quando o patrão se casou com essa mimada da Malone. Não obstante, esse ano também lhe pediu trabalho, e de Silva o levou a trabalhar em sua nova aquisição, A Candelária.

Uma noite, Sanc não pôde controlar-se e esvaziou uma garrafa de licor sozinho. Estava tão bêbado que nunca pôde recordar como começou a briga com esse peão; ao cabo de algumas horas despertou em um celeiro. A cabeça lhe dava voltas e tinha desejo de vomitar. Ao ficar de pé, perdeu o equilíbrio e caiu ao chão como um saco de batatas. Sentiu uma pontada na perna direita e mordeu a mão para não gritar de dor. Uma facada bem dada lhe tinha aberto a perna em duas. Quando pôde examinar melhor a ferida, compreendeu que a coisa era grave.

Não pôde ter pior sorte; nesse momento entrou no celeiro a esposa de de Silva junto a sua criada. Sanc tratou de esconder-se atrás de umas tábuas, mas seus movimentos eram torpes e não passou muito antes que o descobrissem. Mais tarde, quando Fiona e Maria lhe limparam a ferida, e depois, quando a curaram durante dias, teve que engolir os qualificativos com os quais tinha adornado à mulher do patrão. Fiona jamais lhe perguntou como se machucou; limitou-se a ajudá-lo, sem irritantes interrogatórios. Ele teria morrido de vergonha se sua senhora soubesse de que, por está bêbado, tinha-lhe acontecido à facada da perna. Sanc não podia reprimir a risada quando recordava o medo que havia sentido só de pensar na ira que teria se apossado de de Silva se tivesse conhecimento da verdade.

— Se o patrão se inteirar que estive aqui ferido, sem fazer nada e sendo cuidado como um rei me mata, senhora — repetia Sanc uma e outra vez.

— Nunca vai se inteirar — assegurava Fiona.

Sanc Nieté apareceu pela entrada da choça. Daí, divisou Fiona junto a sua esposa. Pareciam felizes juntas, fazendo pão. Tinham passado vários dias desde que a encontrou na carreta do circo e não sabia o que fazer com ela. Embora lhe devesse a vida, sua dívida com de Silva não era menor. Além disso, se o patrão se inteirava de que a mantinha oculta em sua aldeia, o mataria. Mas tinha

prometido a Fiona não entregá-la e cumpriria sua palavra.

Voltou o olhar para ela novamente. Apesar de que tinha uma gravidez avançada, mal se notava o ventre. Estava muito magra e isso o consternava ainda mais. Se algo acontecia ao primogênito de de Silva... Sentiu o peso do mundo sobre seus ombros.

— Quer falar de Ayelén? — perguntou-lhe um dia Fiona. Tinha-o procurado, até que o encontrou sentado à beira do riacho. Com um palito, desenhava coisas sem sentido sobre a restinga e, cada momento, suspirava.

— Não — respondeu Sanc Nieté sem sobressaltar-se.

— Talvez te ajude. Posso me sentar?

Sanc se afastou para dar um lugar a seu lado.

— Vamos, Sanc, cont...

— Você não compreende, senhora, a angústia que se sente quando alguém da família desaparece sem deixar rastro. — Cravou-lhe um olhar carregado de intenção. — Depois que Ayelén escapou, busquei-a durante semanas inteiras, mas não pude encontrá-la.

— Por que escapou? — perguntou Fiona timidamente.

— Porque eu não lhe permitia casar-se com um crioulo. Martín se chamava... Tinha-o conhecido na cidade. Escaparam juntos e não soubemos mais deles; até que o moço chegou um dia aqui com a notícia.

— Que notícia?

Por um momento, Fiona pensou que o índio não voltaria a falar. Baixou a cabeça, retomou seus desenhos na areia e suspirou várias vezes antes de continuar.

— Em pouco tempo de escapar, ela e Martín se uniram ao circo. Ali trabalhavam; tinham comida e teto. Mas esse maldito canalha do Sarquis enlouqueceu por minha Ayelén e uma noite... bem, fez-lhe o que a você não pôde.

— E Martín? Não estava com ela?

— Essa noite, o canalha do Sarquis o tinha mandado para longe com algum pretexto. Assim que se divertiu a suas costas... Filho da puta... Maldito... Depois a enforcou e a jogou em uma ravina, aonde a encontrou Martín. O circo tinha desaparecido e... — Por minutos, o índio não falou. Arregalava os olhos e tinha a cara vermelha.

— Mas já passou. Eu mesmo lhe abri a garganta de lado a lado com meu facão. Sarquis, maldito... — concluiu com uma mescla de fúria e desgosto.

Fiona estremeceu. Logo, aproximou-se um pouco mais de Sanc e tomou sua mão.

— Sinto-o muito, Sanc.

— Está tudo bem, senhora. Agora só tenho que encontrar um pouco de paz.

Permaneceram um longo tempo calados, acompanhados pelo murmúrio da água do riacho correndo entre as pedras e o chiado incansável das cigarras nos espinheiros. Fiona tinha tirado os sapatos e molhava os pés na água fresca. Sanc continuava com seu palito sobre a areia.

— Ai! — Exclamou Fiona, levando a mão ao ventre. — Se moveu, Sanc, moveu-se! Vamos, ponha a mão.

— Não sei se devo...

— Vamos, não seja tolo!

Fiona lhe arrastou a mão para ela, e fez com que a apoiasse sobre seu colo.

— É verdade, move-se! — exclamou o índio, assombrado. Sorridente, manteve a mão alguns segundos sobre o ventre de Fiona. Depois, retirou-a de repente. O gesto de seu rosto tinha mudado; agora estava sério. — Senhora Fiona, senhora Fiona... O que farei com você?

A jovem baixou a vista, tirou os pés da água e começou a colocá-los nas botas de cano longo.

— Senhora Fiona, tenho que lhe dizer algo, não se zangue comigo. A semana passada, quando estive em Buenos Aires, andei averiguando sobre seu marido, sabe?

Fiona levantou a vista.

— Dizem que está como louco procurando-a, que não faz outra coisa há meses. Deixou a administração das propriedades de Rosas, e as suas estão a cargo de Celedonio e Eliseo. Dizem que não para um minuto de procurá-la. Tem vários grupos percorrendo a Confederação e até oferece recompensa a quem puder lhe dar alguma notícia. Vários quiseram vender informação falsa, mas ele se deu conta. Não deve faltar muito para que ele ou algum de seus grupos venham por esta região. O que faremos se isso acontecer? — O índio deixou vagar a vista pela restinga.^[59] — Pobre homem! Eu sei o que ele está sentindo. Está desesperado e...

— Basta. Sanc! Basta, por Deus! Acha que tudo isto é fácil para mim? Acha que não desejaria estar junto dele? — Começou a choramingar. — Ele me enganou, Sanc, disse-me que me amava e não era verdade. Isso jamais poderei perdoar-lhe.

Soluçou um momento, cabisbaixa, mordendo os lábios, e com os olhos apertados para que Sanc não se desse conta. Depois, recompôs-se e lhe pediu que a deixasse sozinha. O índio se perdeu entre a espessura do bosque; então, Fiona se recostou sobre a borda e chorou.

Fiona se sentia bem ali, embora não fosse mais que um casario de tijolo cru e palha e apesar de que devia trabalhar duramente todo o dia ajudando às mulheres. Certo que, de vez em quando, angustiava-se pensando no futuro. Voltaria algum dia? Tinham acontecido tantas coisas em sua vida que temia responder a essa pergunta. Agora não seria tão fácil retornar. Pensava em sua família, na Maria, no Eliseo, e o coração se contraía de angústia. Estavam sofrendo. Ela os estava fazendo sofrer. Isso a torturava dia e noite. Mas não se sentia capaz de voltar, não ainda. Ainda não contava com as forças suficientes para encará-lo; o rosto de Juan Cruz aparecia uma e outra vez em seus pensamentos. Fiona sentia que aquilo a desequilibrava. Mas devia ser forte e suportar a tortura, logo chegariam tempos de paz; então, ela poderia voltar para enfrentá-lo. De Silva era um homem inteligente, muito hábil; se existisse o menor raio de debilidade nela, Juan Cruz saberia encontrá-lo e aproveitar-se dele. E ela ficaria a sua mercê, como sempre. Devia pensar.

— Olhe, Fiona, o que encontrei!

A mãe do Sanc a resgatou de suas reflexões.

— O que, Aimara?

— Isto era de meu filho. Olhe... Encontrei-o entre umas coisas velhas, talvez sirva para o gauchinho — disse, lhe roçando o ventre.

Fiona tomou a roupa esfarrapada e agradeceu.

— Que pequenina — disse Aimara, observando a roupa.

— Você a fez?

— Claro, minha filha. Quem mais se não eu? Antes que nascesse Sanc Nieté, passei dias inteiros costurando e costurando.

— Sanc Nieté... — murmurou Fiona para si. — Que nome estranho, verdade? Não se parece com nenhum dos outros nomes indígenas que conheço.

— É que não é nome pampa. Meu marido o pôs. Ele me disse que era nome de uma tribo de terras muito longínquas, muito mais velha que esta.

— Sabe o que significa?

— É o nome de uma lenda, mas não recordo seu significado.

— De uma lenda?

Alguém chamou a Aimara e a pergunta da Fiona ficou sem resposta.

Essa noite Fiona se sentia mais triste que de costume. A fogueira e todos em torno dela lhe recordava os peões de “A Candelária”, sentados ao redor do fogo, contando histórias de almas e espíritos malignos. Muitas vezes, de Silva se unia a seu povo nessas reuniões e não voltava até muito tarde da noite. Fiona permanecia acordada até que o escutava entrar em seu dormitório; só então dormia. Faziam amor quando ele retornava, Juan Cruz estava suado, cheirava a fumaça e tinha o cabelo revolto. A pele de Fiona se arrepiou com a lembrança e baixou a vista para que ninguém a visse perturbada.

O som monótono da dança ao redor da fogueira a atraiu de novo.

— Senhora Fiona. — Sanc Nieté se sentou a seu lado. — Se sente bem, senhora?

Fiona o olhou nos olhos e Sanc lhe sustentou o olhar.

— Vamos, Sanc, me conte a lenda de seu nome — lhe pediu.

Alguém da tribo, perto deles, escutou à senhora da cidade e se uniu a seu pedido.

— Anda, Sanc, nos conte a lenda.

A dança terminou e os índios permaneceram em silêncio em torno do fogo, esperando a história. Por uns momentos, só se escutou o crepitar das lenhas e os uivos de algum animal no cio perdido no bosque.

Com voz tranquila, Sanc começou o relato.

— Faz muito tempo já, muito antes que o crioulo chegasse a estas terras, muitíssimo antes, existiam duas tribos, muito poderosas. Eram vizinhas de séculos e sempre tinham estado em guerra. Milhares de homens morriam nas batalhas e a população diminuía sem cessar. Então, os caciques das tribos, com penas por tanto sangue derramado e tanta morte, decidiram fazer as pazes e acabar finalmente com essa guerra que nem sequer recordavam porque seus ancestrais tinham começado. Os chefes das tribos se reuniram em um bosque afastado de seus territórios e fizeram um acordo de que não voltariam a guerrear. E para selar essa promessa, decidiram casar seus filhos para que a descendência unisse as duas tribos em uma só poderosa e rica. E assim o fizeram. O cacique da tribo do Norte entregou a sua filha mais bela e mais inteligente e o cacique do Sul deu seu único filho. A jovem se chamava Tamlika, que significa “eterna”, e o jovem se chamava Sanc Nieté, “o que busca”. A moça era tão bela e esperta que Sanc Nieté não demorou muito em apaixonar-se por ela. Tamlika, um pouco presumida e rebelde, também o amava, a sua maneira. Viviam felizes em um palácio que ambos os caciques tinham construído e adornado com as coisas mais

caras que encontraram. Em pouco tempo, os caciques morreram e Sanc Nieté foi o chefe de todos. Era um bom cacique e o povo de ambas as tribos o amava. Mas havia alguém que o detestava: um de seus cunhados, o irmão mais novo de Tamlika. O jovem, pouco inteligente e muito invejoso, tinha desejado sempre a morte de seu pai para apoderar-se da tribo e comandá-la a seu desejo. Por isso, o fato de que se uniram as duas tribos e o resultado dessa união, que seu cunhado fosse o chefe de tudo, levou-o, dia a dia, a odiar cada vez mais Sanc Nieté. Com o coração cheio de perfídia, encaminhou-se uma tarde para visitar sua irmã Tamlika na tenda do cacique. Sua irmã, que o amava muito, alegrou-se de vê-lo. Pouco depois de chegar, o irmão disse a jovem que seu marido tinha assassinado aos dois caciques, o do Norte e o do Sul, para apoderar-se de tudo e ser o chefe supremo para sempre. Além disso, disse-lhe que Sanc estava planejando matar toda a família de Tamlika, inclusive a ela mesma, para não ter que compartilhar seu poder e fortuna com ninguém. *"Para você dispôs o tortura mais horripilante, porque te odeia mais que a ninguém e deseja vê-le sofrer."* Depois de mentir, o irmão da jovem partiu da tenda.

Tamlika, enlouqueceu de fúria e começou a gritar e a quebrar tudo a seu redor. Odiou a seu marido com todo seu coração e o único que desejou foi vê-lo padecer. Abandonou a tenda, cheia de rancor, e correu pelo bosque pensando em como machucar Sanc. Sem dar-se conta, chegou a uma região proibida para ela, que só podiam entrar os sacerdotes e suas vítimas. Era a fossa onde se sacrificava às jovens virgens para apaziguar a ira dos deuses. Tamlika se aproximou da beira do poço e se jogou dentro: preferia morrer do que cair nas mãos de seu marido. Mas como não era virgem, os deuses se enfureceram com ela, tiraram-na das entranhas da fossa e a converteram em eucalipto, plantando-a à beira do poço. Ao inteirar-se de que sua esposa tinha desaparecido, Sanc Nieté chorou. No dia seguinte, começou a procurá-la e não deixou um lugar de seu território sem explorar. A perda de Tamlika o atormentava e não o deixava em paz. Sentia tantas saudades que cada noite dormia chorando. Seu rosto se tornou da cor das cinzas e seus cabelos estavam cada vez mais embranquecidos.

Um dia, Sanc chegou à região proibida do poço. Sem saber onde estava, aproximou-se do fosso e o contemplou por minutos. Depois, recostou-se sobre o tronco de Tamlika, e adormeceu. Sua esposa o chamava do interior da árvore, mas Sanc não a escutava. Estava arrependida e sofria pela dor do cacique, porque os deuses lhe haviam dito que seu irmão mentira. Tamlika o chamava, uma e outra vez, mas o jovem não a escutava e continuava dormindo. Os deuses, que

sabiam que Sanc era um bom homem, que amava a seu povo e respeitava aos supremos, tiveram piedade dele.

Então, o despertaram. Quando o jovem abriu os olhos, esqueceu-se de tudo. Seu rosto era viçoso novamente e seu cabelo tão negro como antes. De repente, olhou para trás: do fosso das vírgens emergia nesse momento uma jovem muito linda que lhe sorriu ao vê-lo. Sanc se apaixonou por ela e, sob o eucalipto, pediu-lhe que fosse sua esposa.

Por isso, essas gotas grossas e pegajosas que jorram do tronco do eucalipto são as lágrimas de Tamlika, que nunca deixou de chorar pelo amor perdido de Sanc Nieté.

Fiona despertou sobressaltada e olhou, aturdida, a seu redor. Alguns índios dormiam perto dela, junto à fogueira. O fogo já não existia, só algumas brasas ainda incandescentes. Ainda não tinha amanhecido, embora o céu estivesse claro no horizonte.

Tratou de ficar de pé, mas não o conseguiu; tinha as pernas intumescidas e a cabeça pesava. Primeiro se sentou; depois, pouco a pouco, levantou-se. Caminhou entre as pessoas adormecidas procurando Sanc. Foi até a choça do índio e olhou pela abertura. Sua esposa dormia sozinha no catre. Perguntou-se, intrigada, onde poderia achá-lo.

Encaminhou-se ao riacho e o encontrou sentado sobre um tronco, desenhando com um palito sobre a restinga, como sempre. Aproximou-se dele sigilosamente; não desejava sobressaltá-lo. Tudo estava tão quieto ali que tampouco queria romper o silêncio do lugar. Finalmente, chamou-o.

— Sanc...

O homem lhe dispensou olhares aprazíveis, sem dizer uma palavra. Fiona fixou os seus olhos nos escuros olhos do índio; então, pediu-lhe: — Me fale de de Silva, Sanc.

Fiona se sentou ao lado do homem e se dispôs a escutá-lo. Sanc Nieté jogou o no rio e levou as mãos à cabeça, arrumando o cabelo. Depois, olhou um momento a corrente da água e suspirou.

— Sabe o que mais respeitamos de seu marido, senhora? Que é um de nós. Sim senhor, de Silva é igual a cada um de nós. É bastardo, além de um... como é que chamam vocês os pobretões que se fazem ricos?

Fiona não falou. Permanecia muda escutando-o e olhando-o.

— Um *Guarango*! — recordou de repente Sanc Nieté; — Isso! Um tipo sem linhagem que por um golpe de sorte se fez muito rico. Bem, de Silva é isso, rico, mas com um passado não muito distinto ao meu ou ao de Celedonio.

O índio tomou uma rama do chão e começou a mastigá-la. Não falou por longos minutos, tranquilo e pensativo como estava de repente, pareceu encontrar sua linha de argumentação.

— O senhor de Silva conhece o trabalho como ninguém. Não há em toda a Confederação homem que conheça melhor as tarefas de uma fazenda que seu marido, senhora.

Olhou-a. Fiona baixou a vista, mas não se sentiu triste. Um calor lhe invadiu o peito, orgulhosa de escutar essas palavras. Sim, Juan Cruz amava o que fazia, por isso o fazia bem. Seus campos eram dos mais ricos; seu saladeiro, o mais importante e próspero, montava como ninguém; era um prazer para Fiona ver como dominava seu garanhão teimoso e dobrá-lo à vontade. Tal como tinha feito com ela. Esses dias de ódios e lutas voltaram a sua mente e a fizeram sorrir.

— O patrão não teme a nada. Não tem medo de encher as botas de bosta, nem de ajudar a uma égua em um parto.

A jovem recordou aquele dia no celeiro, quando o encontrou lutando com o bezerro. Depois o tinha visto afundar sua mão no linimento fedido e passar-lhe pelas feridas infectadas. Sabia que Sanc não lhe mentia; ela era consciente de cada coisa que o índio lhe dizia, mas precisava escutar de sua boca.

— Sabe tanto que ninguém lhe faz sombra. E quebrou o lombo como ninguém para conseguir tudo o que tem; ninguém lhe deu de presente nada. Tem as bolas bem colocadas o patrão!

Fiona se ruborizou ao escutar essa expressão, um pouco rude para seus ouvidos. Mas que era verdade! Pensava que sabia muito bem que seu marido era um homem com todas as letras, ninguém tinha que dizer-lhe, o comparou com os que tinha conhecido em sua vida e entendeu que, à exceção de seu avô e Eliseo, tinha estado rodeada por crianças; crianças sem convicções ou força no coração.

— Por que o chamam "o diabo", então? — perguntou a jovem.

— Não foi sua gente quem lhe pôs esse apelido, senhora, o asseguro. O patrão é bravo, ninguém o nega, mas também é justo quando se cumpre o que pede, e até generoso. Isso, seus peões, o sabemos. Não sei, talvez alguém que o inveja muito lhe pôs o mote de "o diabo". Seu marido é uma pessoa muito

afortunada; não deve faltar algum mentecapto viado que o inveje. Além disso, minha senhora, de Silva é o homem mais ditoso de Rio de Plata, me acredite.

Sanc Nieté se levantou, disposto a retornar ao casario. Tinha coisas que fazer e o tempo voava quando se sentava para conversar com sua senhora.

Fiona levantou a vista e lhe estendeu as mãos para que a ajudasse a ficar de pé. O ventre tinha crescido nesses dias e se sentia um pouco torpe e inútil. Sacudiu as saias e arrumou o cabelo. Depois, olhou o índio e falou.

— Me leve para casa, Sanc já é tempo de voltar — disse com simplicidade.

Capítulo 20

Depois de cinco dias de busca, Eliseo encontrou de Silva perto de Carcarañá, ao Sul de Santa Fé. Juan Cruz seguia a pista que um comerciante lhe tinha vendido.

O grupo acampava à beira do rio. Tinham decidido passar a noite ali e seguir no dia seguinte rumo a Córdoba.

Três meses atrás, de Silva tinha abandonado A Candelária em busca de sua esposa, jurando-se que, até que não a achasse, não retornaria a seu lar. Voltaria com ela ou não voltaria. Cada dia que passava, a desesperança e o desespero tomava conta dele. Nenhuma pista certa, nada que lhe indicasse que realmente se tratava dela. Sempre ia acompanhado de um grupo de cinco homens que trocava a cada quinze dias, era o lapso de tempo do qual retornavam A Candelária, para deixarem seus lugares a outros peões que se uniam na busca. Seus homens estavam desconcertados com o comportamento do patrão. Tinha renunciado à administração das propriedades de Rosas, e tinha deixado A Candelária e os outros campos nas mãos de Celedonio. O saladeiro estava a cargo do segundo de de Silva nesse lugar, um homem de sua confiança. "*Mas o olho do amo engorda o gado*", repetiam os peões nas fogueiras noturnas, preocupados com o destino das fazendas.

Eliseo chegou ao acampamento ao entardecer, mas não encontrou Juan Cruz. Um dos peões lhe indicou que galopava por algum lugar não muito longínquo.

— Sempre faz o mesmo antes de jantar. Monta o garanhão e desaparece por horas. Depois chega, tão calado como se foi, janta, e se perde por aí, caminhando — explicou o homem a Eliseo. — Ficou meio tocado com todo este assunto da mulher.

Eliseo decidiu esperá-lo no acampamento. O peão lhe ofereceu um mate amargo e um pão com gordura que engoliu com prazer. Estava esfomeado; fazia mais de um dia que não comia. Tinha abandonado tão depressa a casa dos de Malone que não teve tempo de preparar as reservas suficientes para uma viagem tão longa. Além disso, pensou que acharia a de Silva antes; jamais o imaginou tão afastado. Segundo o último mensageiro, encontrava-se ao Norte da província de Buenos Aires, perto de Satt Nicolás.

Quando escureceu, os homens se aproximaram da fogueira para devorar o guisado. Comiam calados, só se escutava o estalo das colheres sobre os pratos de lata. De vez em quando, um deles lançava um comentário curto que ninguém prestava atenção.

Voltaram-se quando escutaram os cascos do garanhão de de Silva. A escuridão lhes impedia de vê-lo, mas em poucos momentos a imponente figura de Juan Cruz sobre o cavalo se apresentou ante o grupo. Freou o animal perto da roda de homens e, sem apeiar-se, perguntou: — Chegou um mensageiro?

Ninguém lhe respondeu. Então, Eliseo se incorporou e, tirando a boina, saudou-o.

— Viva a Santa Federação. Boa noite, patrão.

Juan Cruz aguçou o olhar e reconheceu o homem. Apeou do cavalo e se encaminhou para ele, entre surpreso e preocupado.

— Eliseo? O que faz aqui, homem? Aconteceu algo?

Juan Cruz ficou pálido, embora ninguém o notou na penumbra noturna. O pulso se acelerou; pressentia algo ruim.

— Posso falar com você, patrão? — perguntou-lhe Eliseo, afastando-se um pouco do grupo de homens.

Encaminharam-se à única barraca do acampamento, que era de de Silva. Entraram. Um catre, uma mesinha pequena com alguns papéis e uma banqueta de lona eram todo o mobiliário. Juan Cruz acendeu o lampião de azeite e desdobrou uma cadeira.

— Sente-se, Eliseo. Vamos... me diga o que aconteceu.

— A menina Fiona retornou, patrão.

De Silva ficou de pé de um salto e levou as mãos ao rosto.

— Obrigado, meu Deus! — exclamou. — Está bem, Eliseo? Ela está bem? O bebê... me diga o que for, Eliseo, o que for!

Juan Cruz tomou-o pelos ombros com tal ímpeto que o obrigou a ficar de pé. Começou a sacudi-lo. O peão o olhava atônito; nunca o tinha visto tão descontrolado.

— Tranquelize-se, patrão. A menina Fiona está muito bem. O doutor Rivera a consultou no mesmo dia que apareceu e a achou muito bem. A ela e a criança.

De Silva o sentou na banqueta de novo. Eliseo percebeu que se tranquilizava. Depois, Juan Cruz colocou a cabeça pela entrada da carpa.

— Rodrigo, me traga duas xícaras de café bem forte! — Voltou-se, e escrutinou o peão com o olhar. — Quando apareceu?

— Faz seis dias, patrão, mas faz cinco que o busco.

Calou-se, esperando uma nova pergunta de Juan Cruz. Mas nada. Este continuava olhando-o fixamente.

— Você quer retornar amanhã, patrão? — perguntou Eliseo, intimidado pelo olhar de Silva.

— Não, Eliseo. Voltaremos agora mesmo. Já.

De Silva ia todos os dias a casa dos Malone. Embora Fiona não desejasse vê-lo, ele visitava a mansão da Rua Larga só para saber como estava sua esposa. Conversava longamente com Brigid e Ana e, em algumas ocasiões, com Sean. O ancião, embora se mostrasse mais frugal que o resto, começava a ceder.

Cada vez, Juan Cruz levava uma carta para Fiona. A entregava a Maria, e no final de alguns minutos a criada retornava com o bilhete intacto, meneando a cabeça de um lado ao outro.

— Está tudo bem, Maria, não se preocupe — murmurava de Silva. Recebia a carta rechaçada, e a guardava novamente no bolso.

A serva estava desfeita pela pena que lhe inspirava seu patrão, mas não havia forma de convencer Fiona de que o recebesse ou lesse suas cartas.

Desde que retornou um mês atrás, Fiona permanecia todo o dia em seu quarto. Falava muito pouco e quase não comia, o que exasperava Maria.

— Menina, não seja caprichosa! Coma, embora não tenha desejo. Faça-o pela criança — a repreendia dia a dia, aproximando a colher de sua boca.

A jovem a rechaçava, fazendo um gesto de asco.

— Ahhhh! É teimosa como uma mula — exclamava a mestiça, e a deixava sozinha por um momento.

Mal Maria fechava a porta de seu dormitório, Fiona se colocava a chorar. Estava muito confundida, e não sabia o que fazer.

— Parece que foi tudo mentira — disse Maria um dia como se não tivesse interesse.

Fiona não comentou nada porque sabia a que se referia sua criada. Estava desejosa de saber de seu marido, mas preferia morder a língua e não perguntar nada. Por isso, quando Maria começou a falar, não a deteve.

— Em poucos dias de seu desaparecimento, o patrão retornou do Sul, das propriedades de Rosas. Estava desesperado, menina, deveria havê-lo visto.

Parecia a ponto de chorar...

— Chorar!? De Silva chorar?

A repentina irritação de Fiona sobressaltou Maria. Tinha estado tão taciturna todo o tempo que não imaginou uma reação como essa.

— Sim, Fiona, chorar. Ele te ama, menina, embora você não queira entendê-lo.

A serva se calou, disposta a não falar mais. Por minutos, o silêncio foi insondável. Fiona estava inquieta; desejava que continuasse, mas não queria demonstrar-lhe.

— E?

— E, o que? — disse Maria.

— O que aconteceu depois?

Maria lhe lançou um olhar cheio de irritação.

— Logo soubemos de tudo. O senhor de Silva foi à casa de Soler...

— De Soler? De Palmiro Soler?

— O próprio, menina. Esse maldito e essa Cloé andavam juntos nisso.

— O que?

Fiona ficou de pé.

— Que Soler estava combinado com a... — não podia nem sequer dizer seu nome.

— Sim. Queriam vingar-se de você e do senhor de Silva. Parece que o Soler andava enlouquecido por você... Bem... E essa desvairada... Pois... Já sabe... — balbuciou a criada.

— Não, Maria, não sei! Fala claramente.

— Bom, essa louca e o senhor, pois, parece que... Bem... Tinham sido amantes.

Fiona sapateou no chão repetidas vezes com o taco do bota de cano longo, golpeando-a mão com o punho.

— Eu sabia! Eu sabia que era verdade! — repetia a jovem enfurecida.

— O senhor jura e perjura que não voltou a vê-la desde que se casou contigo. Ele disse a seu avô, menina. Por favor, se acalme.

— Mentira, isso é mentira! De Silva sempre viajava sozinho a Buenos Aires e por mais que eu insistisse em acompanhá-lo, ele se negava. Era para encontrar-se com essa... essa... — Apertou os dentes e fechou os punhos aos lados do corpo.
— Ahhhh! Odeio-o, odeio-o!

— Me escute, Fiona! Escute-me! — Maria a tinha tomado pelos ombros. —

É óbvio que a tinha deixado por você. Se não, para que ela urdiu junto com Soler toda essa patranha? Entenda que nenhuma mulher teria atuado assim se o homem que deseja está ao seu lado.

— Sim, mas você não sabe se a deixou antes ou depois de casar-se comigo — choramingava Fiona.

— No mesmo dia que chegou a Buenos Aires — continuou a criada, — não sei por que, foi à casa de Soler. Talvez, intuiu algo de tudo isto, não sei. A questão é que foi vê-lo. Ali se encontrou com essa louca... — Fez uma pausa. — A louca tentou matar seu marido com um balaço.

— Meu Deus! — exclamou Fiona. Deixou-se cair na beira da cama, levando as mãos ao rosto.

— Bom, o patrão se esquivou da bala, mas esta acertou na cabeça de Soler. O canalha morreu ali mesmo. A mulher, ao ver Soler morto, suicidou-se com um tiro. Tenho entendido que o patrão tentou detê-la, mas estava muito longe e não...

— Tentou detê-la!

— Fiona, Por Deus! Ninguém pode permitir que outro morra sem salvação! Embora seja a mulher que mais odeie não pode pensar que o patrão não teria que havê-la ajudado.

Maria abandonou o quarto, furiosa com sua ama. Fiona, por sua parte, não cessava de pensar: *"Tentou detê-la, ele tentou detê-la"*.

Só três pessoas conheciam a verdade e duas delas estavam mortas. De Silva nunca revelaria o segredo; não enquanto Fiona estivesse perto de Rosas e sua vida corresse perigo. Frente a todos, o mazorquero e a prostituta seriam os únicos culpados da desgraça. Frente a Rosas, Juan Cruz agiria como sempre, só que agora o conhecia melhor. Depois decidiria os passos a seguir. Embora, nesse tempo, manteria os olhos bem abertos, disposto a esperar o inesperado.

Sanc Nieté se hospedou algumas semanas na casa dos de Malone antes de retornar a seu povo. Ele relatou à família os fatos, já que Fiona pouco lhes tinha contado. Todos estavam muito agradecidos ao índio que tinha salvado a vida da jovem. Sean lhe ofereceu trabalho permanente em uma de suas propriedades, mas Sanc replicou agradecido que só trabalhava para o patrão de Silva. Ao escutar isso, Fiona se retirou ao seu quarto. Nesses dias, até o nome de seu

marido a enchia de desassossego.

Sanc tinha se convertido em um grande amigo de Fiona. Com ele se sentia a vontade e não era difícil em expressar os pensamentos que a atormentavam. O índio a olhava tranquilo, escutava-a durante horas, e no final, sempre lhe dizia algo que a obrigava a pensar quase toda a noite. Apesar de que Sanc defendia Juan Cruz, Fiona ficava fascinada escutá-lo falar dele. Por momentos, esquecia-se de suas dúvidas e temores, e se deixava levar pela imagem de herói que o índio tinha de seu marido.

Uma tarde, Fiona lia no pátio e parecia estar de melhor ânimo que outros dias. Então, Sanc aproveitou para lhe anunciar que devia voltar para seu lar.

— Não, Sanc, não vá, suplico-lhe. Necessito-te. O que farei sem você? — Os olhos da jovem tinham começado a brilhar.

— Mas, senhora, e minha senhora, o que me diz? Se você é a mulher mais querida de toda a Confederação. E sobre seu avô, sua avó, Maria, todos? Não há quem não a ame nesta casa. Todos se esforçam para que você esteja melhor a cada dia. Além disso, senhora, seu marido a ama por sobre todas as coisas.

Fiona se jogou nos braços do índio, chorando como uma menina.

— Não, Sanc, não vá!

Soluçou um momento, desconsolada. Sanc Nieté a deixou chorar. Depois de uns minutos, prosseguiu.

— Senhora, devo retornar, devo fazê-lo. Tenho poucos dias para arrumar alguns assuntos em minha casa antes de voltar para o trabalho em A Candelária. Já falta pouco para que comece a época em que meu patrão de Silva precisa de mim.

Fiona baixou a vista. Todos pareciam amar a seu marido por esses dias; todos menos ela.

— Além disso — continuou Sanc, — necessito dos pesos que me paga o patrão de Silva. Lembra-se que lhe contei que queria comprar um rebanho de ovelhas?

A jovem assentiu, sem poder pronunciar uma palavra, chorosa outra vez. Deixou passar alguns segundos em silêncio, pensando que devia deixá-lo ir. Não podia agarrar-se a ele; Sanc tinha que continuar com sua vida e ela com a dela. Já era hora de tomar o touro pelos chifres e deixar de criancices. Sanc Nieté tinha razão, todos a amavam e se esforçavam por seu bem-estar; ela, em troca, nada fazia a não ser encher seus corações de desassossego, mais do que já lhes tinha causado com o desaparecimento, e que ninguém lhe tinha reprovado ou

repreendido, nunca.

— Está bem, Sanc, tem razão. Te deixarei ir, mas com uma condição.

Olhou-o com picardia. Depois, tirou de seu decote a bolsinha com as moedas de Sarquis.

— Isto é para você, para que possa comprar algumas ovelhas a mais. Não é muito, mas é o que tinha economizado para mim e para meu filho. Dou-te isso. Este dinheiro pertence mais a você que a mim, me acredite.

Entregou-lhe a bolsa, que o índio recebeu desconcertado. Abriu-a e descobriu as moedas em seu interior.

— Não, senhora, é muito! Além disso, você não me deve nada. Eu o fiz por você e pelo patrão de Silva. — A devolveu.

— Sanc, por favor, suplico-lhe. Se desejas ver-me feliz, pegue a bolsa com moedas.

Fiona voltou a pôr o saco de couro em suas mãos.

— Está bem, senhora. Eu aceito as moedas e lhe agradeço, mas sei que só há uma forma de vê-la feliz.

Fiona o olhou com desconfiança, franzindo o cenho.

— Volte com o senhor de Silva, senhora. Só junto a ele será feliz de novo.

O índio deu meia volta e partiu. Nessa noite, Fiona não pôde dormir.

Bateria na porta como todas as tardes. Abriria-lhe Coquita, o deixaria entrar e lhe pediria que esperasse sentado por Misia Brigid e a Dom Malone. Como sempre, tomariam juntos o chá, falando especialmente de Fiona e de alguma outra banalidade. Depois, chegaria Maria que o saudaria muito cordial e lhe receberia a carta. Durante minutos, aguardaria ansioso, mas ao ver retornar à criada com cara de angústia e o bilhete na mão, saberia que, também hoje, Fiona a tinha rechaçado. Apesar de tudo, jamais se daria por vencido. Retornaria, uma e outra vez, até que ela o recebesse. A ansiedade por tê-la entre seus braços o enlouquecia pelas noites, e a necessidade de escutá-la lançar com fúria suas frases impertinentes o atormentava durante o dia.

Apesar de que sua esposa não o tinha recebido sequer uma vez, ele tinha estado ansioso para vê-la. Fiona não saía à rua mais que para a missa no Socorro aos domingos pela manhã. Nessas ocasiões, Juan Cruz chegava primeiro na igreja, esperando que ela aparecesse. À saída, observava-a subir rapidamente na

volanta de seu avô, e se perdia uma vez mais na beleza de seu rosto. Nesse momento e enquanto a volanta dobrava na primeira esquina, Juan Cruz sentia vontade de chorar.

Apeou do garanhão. Um dos moços da cavalaria de Malone tomou as rédeas, e se afastou com o animal. Bateu na porta e Coquita o recebeu. Alguns minutos depois, Brigid e Sean se apresentaram na sala. Saudaram-se como de costume e se sentaram para tomar o chá.

— Queria lhes comentar que talvez me ausente por algum tempo — disse de Silva.

Os avós da Fiona o observaram com gesto desconsolado.

— Há meses que deixei meus negócios em mãos de meus homens e, embora se conduzam bastante bem, agora requerem minha presença. Você entenderá o que trato de lhes explicar, Dom Malone — adicionou.

— Sim, é óbvio, entendo; mas, por quanto tempo se ausentará de Silva? — perguntou Sean.

— Talvez um mês. Estamos por começar com a tosquia e a ferrar os animais.

— Sim, é verdade — afirmou o irlandês.

Maria entrou à sala, recebeu a carta de costume, e se voltou a partir.

— Como está Fiona? — perguntou Juan Cruz com não dissimulada ansiedade.

— Está muito bem. Ontem partiu Sanc e pensamos que isso lhe causaria grande tristeza; em troca, estive de bom humor todo o dia. Inclusive acompanhou a Maria ao mercado, como estava acostumada a fazer desde pequena — respondeu Brigid entusiasmada.

— Isso sim é bom — afirmou de Silva. — Mas... Bem, não perguntou por mim?

— Não, senhor de Silva, infelizmente não — demarcou a anciã, baixando os olhos.

Retornou Maria e lhe devolveu a carta como sempre.

— Está bem, Maria, não se preoc...

— Não, senhor, não é o que você pensa. A menina Fiona disse que a espere, que hoje o receberá.

Fiona chegou à sala e seus avós não estavam ali. De Silva, de costas para ela,

olhava pela janela. Entrou silenciosamente, tanto que Juan Cruz não a escutou, absorto como estava na paisagem exterior.

— Boa tarde — sussurrou, revelando sua presença.

De Silva voltou-se. Com o olhar fixo nela, não atinou a abrir a boca. Depois de tanto tempo, outra vez a tinha na frente dele. E novamente sua beleza o deixou sem fôlego. Olhou-a de acima a baixo, sem recato, detendo-se no ventre volumoso. Tinha tantos desejos reprimidos que avançou decidido para ela, disposto a beijá-la.

Fiona levantou a mão, lhe indicando que se detivesse. Não podia falar; tinha a voz embargada. Tinha ensaiado essa cena em sua mente centenas de vezes, mas agora as palavras se desvaneceram. Não sabia como começar, o que lhe dizer. Levantou o olhar, e se encontrou com seu rosto a alguns passos dela. Contemplou-o atentamente. Essa levita que usava não conhecia, era nova. Cortara o cabelo e já não tinha o rabo de cavalo que a ela tanto gostava. Estava magro e abatido. Seguiu olhando-o, sem acanhamento.

— Fiona...

A forma como de Silva pronunciou seu nome e o brilho em seus olhos destroçaram as convicções com que Fiona se apresentou. Tinha se proposto que seria firme e dura com ele, que o faria sofrer, que lhe faria sentir na própria carne a humilhação e o desgosto. Mas tudo isso ficou para trás, e as firmes decisões desapareceram logo que escutou sua voz.

— Fiona... Por favor...

De Silva começou a aproximar-se; ela retrocedeu.

— Meu amor, não me rechace — suplicou Juan Cruz.

A jovem levantou a vista ao escutar as últimas palavras. A voz de Juan Cruz lhe soou estranha, trêmula, e isso a angustiou. Depois, se recordou.

— Não me rechace? Disse não me rechace? — Olhou-o fixamente uns instantes, sem falar. — Apesar de tudo, senhor de Silva, eu o aceitei. Foi você quem me rechaçou, foi você que me colocou de lado, me enganando com essa... com essa... senhora.

Fiona fechou os olhos e apertou os dentes. Juan Cruz fechou o trecho que os separava e tomou suas mãos. Fiona se sobressaltou; deu um passo atrás, e se soltou de seu marido.

— Não me toque — ordenou em um sussurro resistente.

De Silva sentiu um murro no estômago ao escutá-la.

— Por favor, Fiona, me perdoe. Jamais te enganei com ela. Isso é coisa do

passado. Desde o primeiro dia em que a vi, no Socorro, amei-te. Ainda o recordo; estava tão linda com seu vestido lilás e sua manta branca... Seu rosto estava radiante. Lembro-me que ria forte e apesar de que sua avó se escandalizava, você não deixava de fazê-lo. Recorda por que ria? Sempre quis sabê-lo.

A pergunta a desconcertou. Ficou muda, olhando-o, enquanto Juan Cruz esperava a resposta.

— Eu... Pois... — resmungou Fiona. — Não, não recordo — disse finalmente. — Talvez, não sei, ria de alguma das velhas. Sempre me davam vontade de rir, com seus penteados fora de moda, meio rígidas dentro de seus espartilhos ajustados... Tinha que ajudá-las que ficassem de pé. — As comissuras de seus lábios se elevaram um pouco. Respirou profundo e baixou a vista.

— Sim, certamente que ria de algum desses carcomamos. Desde o começo soube que detestava toda essa falsidades. Parecia tão natural como uma flor. Nada em você parecia medido. Movia-se sensualmente, mas eu percebi de que era ingênua. É tão sensual...

Fiona manteve o olhar baixo porque sabia que tinha o rosto como pimenta. Percebeu que de Silva se aproximava mais alguns passos, mas não se moveu de onde estava.

— Depois, dessa noite, na casa de Misia Mercedes... Bem, aí confirmei todas as teorias a respeito daquela que seria minha esposa. — Juan Cruz sorriu, sem tirar os olhos dela. — Desde o primeiro momento em que a vi soube que seria minha, embora Misia Mercedes pensasse o contrário. Ela me disse que jamais olharia para mim, que era inalcançável para mim.

Fiona se surpreendeu. Embora tratasse de dizer alguma coisa, não encontrou as palavras.

— Pensei que me dizia isso porque eu era um arrivista, um bastardo, criado por uma negra. Fiz o que fiz com seu pai porque pensei que me desprezaria por ser assim, e que jamais me aceitaria. Teria-me asco e me rechaçaria.

— Não! — exclamou Fiona, com um nó na garganta, dando um passo para frente. — Não... — sussurrou depois, sentindo-se vulnerável uma vez mais na frente dele. — Jamais rechaçaria a ninguém por isso, senhor de Silva.

— Viu-me com Clelia essa noite, verdade?

Fiona deu um salto, envergonhada de ouvi-lo falar daquilo. Conteve a respiração e não pôde falar.

— Foi isso, então... Viu-me com ela — repetiu Juan Cruz.

— Sim — sussurrou Fiona.

— Com razão pensa de mim o pior. — Sorriu com tristeza. — Essa noite te desejei desde o primeiro momento em que a vi. Você parecia alheia a tudo, a léguas da casa de Misia Mercedes. Tinha o olhar perdido e parecia aborrecida. Mais tarde, busquei-te e não a encontrei. Um momento depois, tive vontade de matar o irmão de Clelia, que tinha conseguido dançar uma peça contigo. Estava com tanto ciúmes e desejoso de você... Bem, você sabe.

— Me diga, o que é o que devo saber.

— Estava raivoso, tinha que descarregar com alguém. E Clelia se mostrava tão disposta que... — Fez uma pausa, desviando o olhar. — Depois, quando me rechaçou para a valsa... — Outra vez, o aspecto triste em seu rosto. — Ainda o recordo: "*Antes prefiro estar morta*", disseme, tão decidida como sempre.

De Silva soltou uma curta gargalhada. Fiona também sorriu, embora tratou de dissimulá-lo.

— Acredito que com essa resposta a desejei mais ainda. — Aproximou-se dela e tomou-a pelos ombros. — Ah, Fiona, jamais pensei que te amaria tanto! Amote e não posso evitá-lo. Não posso tirá-la de minha mente um só instante. Você e só você. Estou enlouquecendo sem você. Não durmo de noite porque não está ao meu lado, não poss...

— Senhor, por favor — o interrompeu Fiona, se desfazendo de suas mãos e afastando alguns passos. — Eu não estou preparada ainda. Sofri muito com seu engano e...

— Não, Fiona! Eu não te enganei!

Juan Cruz tratou de acalmar-se; estava gritando, e Fiona parecia assustada.

— Fiona, entenda, tudo foi uma patranha urdida por Cloé e Soler. Eles armaram isso, tudo era mentira.

— Mas ela foi sua amante, senhor! Você mentiu para mim!

— Sim, mas antes de conhecê-la! Depois não! — Mentiu de Silva. Jamais a perderia por causa de uma prostituta que não havia valido um ardite^[60] para ele.

Fez-se silêncio. De Silva estava agitado. Fiona tinha baixado os olhos e tentava conter o pranto. Não desejava quebrar-se na frente dele. Se sentia vulnerável, conseguiria despedaçá-la. Respirou profundo e recomeçou.

— Senhor de Silva, passaram tantas coisas que estou muito confusa. Não estou segura de poder acreditar, não sei, não posso. Só quis vê-lo hoje para lhe comunicar minha decisão. Bem... O melhor será que eu permaneça na casa de meu avô e não voltemos a nos ver. Quando nascer...

— Nãoo! — gritou de Silva, caindo de joelhos na frente dela, e agarrando-se a sua cintura. — Não, meu Deus, não me diga isso!

O homem chorava como um menino. Fiona ficou sem fôlego frente à reação de Juan Cruz. Jamais pensou que viveria para vê-lo chorar. A cabeça de de Silva apoiada em seu ventre, tremia ao ritmo de um pranto que não acabava.

— Fiona, por favor, tenha compaixão de mim! — dizia Juan Cruz entre suspiros. — Não posso viver sem você. Este é meu castigo por te haver feito sofrer desde o primeiro momento. Em troca você, você só me fez feliz, meu amor. Perdoe-me! — Por um momento parecia afogar-se com os soluços; depois, continuava. — Perdoe-me! Diga-me que me perdoa, por favor! — Seguia de joelhos, agarrado a sua cintura. — Preciso de seu perdão para seguir vivendo!

A jovem permanecia rígida. Aquela reação a tinha deixado impotente e sem palavras, mas de repente tudo estava claro. Ela também o rodeou com seus braços e já não pôde conter mais as lágrimas.

Um momento depois, Fiona apoiou suas mãos sobre a cabeça de Juan Cruz, e entrelaçou os dedos com aquelas mechas negras que tanto gostava.

— Por que o amo tanto, senhor de Silva? — Perguntou, sorrindo.

Sentiu que seu marido a apertava mais ainda e isso a encheu de sensações estranhas.

— Agora sei que o amei desde o princípio, desde aquela noite em que me senti tão atraída por você. Jamais tinha conhecido a alguém tão viril. Caminhava como um rei e olhava a todos com ar desafiante. Eu gostei tanto que me assustei.

Juan Cruz se levantou. Fiona se sobressaltou ao ver seu rosto empapado e seus olhos avermelhados. Não pôde evitar e o acariciou.

De Silva a tomou entre seus braços e a apertou contra seu peito. Desesperado, procurou a boca de sua esposa e a beijou, a beira da loucura. Depois, sem separar seus lábios dos dela, falou-lhe como acostumava fazê-lo. Com uma ordem.

— Nunca mais volte a me abandonar, Fiona.

— Nunca mais, senhor.

Epílogo

O táxi se deteve na *Rue Duret*, a meia quadra da *Avenue Foch*. Era mais uma daquelas noites parisienses sombrias. Chovia e fazia frio. Olhou os matizes da noite pelo guichê antes de descer do automóvel. Havia luz na planta alta da mansão. A cortina se abriu e ali estava ela, olhando o táxi de cima, com irritação. A moça sorriu antes de abandonar o veículo.

— Fique com o troco — disse, sem olhar ao condutor.

— *Merci beaucoup, mademoiselle*.^[61]

A chuva, cada vez mais forte, obrigou-a a correr até a entrada da mansão. Antes que chamasse, uma serva lhe abriu a porta.

— *Bonsoir*,^[62] Dorothy.

— *Bonsoir, mademoiselle* Ariadna.

A jovem transpassou o saguão e esperou ao pé da escada. Tirou a capa impermeável e sacudiu a cabeleira.

— Ariadna, deixe de se sacudir como um cão — ordenou alguém do andar de cima.

— *Grand-mère*!^[63] — exclamou a jovem.

— Chega tarde, menina — disse a anciã enquanto descia.

— Só alguns minutos, *grand-mère*, não seja rabugenta — replicou a jovem, aproximando-se do pé da escada. Sua avó se manteve uns segundos no último degrau, contemplando-a.

— *Jeunesse*!^[64] — exclamou finalmente, com aborrecimento. — Se não a amasse tanto...

Ariadna sorriu. Sua avó se empenhava em aparentar uma modéstia e uma retidão que não tinha, ao menos que não tinha com ela. Desde pequena a tinha deixado agir livremente; tinha-a mimado mais que ao resto de seus netos. Entre elas havia algo muito especial que aumentava com os anos; como o velho costume de esperar o aniversário de Ariadna desde a noite anterior, jantando sozinhas, bebendo champanhe.

— Vamos, *chérie*,^[65] passemos a sala de jantar. O jantar está pronto — convidou sua avó. — Tem apetite?

— Muito — respondeu Ariadna.

— Então, não poderá resistir ao pato que preparou Gerard.

Durante a noite conversaram da família, de política e de arte e, apesar de não concordarem com algumas coisas, escutaram-se. Saborearam lentamente o Dom Pérignon. As árias de Carmen soavam no toca-discos cada vez mais longínquas e uma sonolência se apoderava de ambas as mulheres.

O relógio do saguão bateu as doze badaladas. A avó se sobressaltou e, ficando de pé, disse-lhe: — Bou anniversaire, ma chère Ariadna!

Beijou-a em ambas as bochechas, e a jovem a abraçou. Um pouco intimidada pela amostra de afeto de sua neta, encaminhou-se ao móvel com pequenas gavetas de onde tomou uma caixa. Abriu-a, tirando uma outra menor, e a entregou a Ariadna.

— Abre-a, é seu presente de aniversário.

A jovem abriu o estojo. Continha uma miniatura com o retrato de uma mulher. Era de marfim, com moldura de ouro e brilhantes engatados.

— Vovô, é muito bela! Muito obrigada — exclamou Ariadna, sem tirar os olhos do presente.

— Oh, sim! É uma joia muito bela...

— Sim, é óbvio, a joia também o é, vovó, mas me referia à mulher pintada.

— Certamente, chérie. Era minha avó, a mãe de minha mãe. Chamava-se Fiona de Malone. É linda, verdade? Agora já sabe de quem herda esse vermelho de seu cabelo que tanto detesta — adicionou sua avó, sorrindo.

A jovem não respondeu. Continuava aniquilada observando a miniatura.

— Ah, quase me esquecia do mais importante! — exclamou a anciã, tirando da caixa três cadernos perfeitamente forrados com couro.

— Tome, estes são os diários de minha avó Fiona. Estão em inglês, mas não terá problema para entendê-los.

Ariadna tomou os cadernos e os contemplou com avidez.

— Dou-lhe porque, bem, com essa ideia que tem de ser escritora, acredito que podem te ser úteis. Tem certeza de que não deseja ser advogada ou médica? Olhe que ganham muitos mais francos, chérie.

— Não, grand-mère, tenho certeza — respondeu a jovem.

— Bem, então, estes três diários são o melhor presente que posso te dar, me acredite.

Era uma e meia da madrugada quando Ariadna chegou a seu apartamento. Estava tão ansiosa por ler os diários que tinha passado o sono. Tomou um banho rápido, colocou o pijama e preparou uma taça de café bem forte. Depois de colocar os três diários sobre a mesa, se sentou em seu divã. Sorveu um pouco de café. Depois, tomou um dos diários ao acaso, e o abriu na primeira folha. Tinha um aroma estranho e suas páginas de cor sépia pareciam a ponto de rasgar-se, como folhas secas. Acomodou-se um pouco mais no divã e leu.

Londres, 7 de setembro de 1849

Apesar de que faz somente dez dias que estamos aqui, ainda não conseguimos pôr ordem na casa que o senhor de Silva comprou. Maria e Candelária não dão conta e eu pouco posso fazer com meu bebê tão pequeno.

A casa fica perto de Bond Street, a umas poucas quadras da casa de tia Trícia. Ela é um grande consolo para mim, agora que estou longe de todos. Meu filho é lindo e saudável; alheio a todas as mudanças, sempre sorri, em especial quando escuta a voz de seu pai. Acredito que ele o mima muito, mas eu nada posso fazer."

Adiantou várias páginas e continuou lendo.

Londres, 13 de setembro de 1849

Finalmente, consegui que o senhor de Silva me confessasse o verdadeiro motivo de nossa partida tão repentina de Buenos Aires e nosso assentamento nesta cidade. A história de "assuntos de negócios" não me convencia. Finalmente me disse que foi o malvado tirano de Rosas quem urdiu o plano com Soler e a prostituta. Confessou-me de Silva que Rosas odeia a minha família porque acredita que somos unitário. Maldito seja, homem do demônio!

De Silva acreditou conveniente partirmos de Buenos Aires para evitarmos uma nova patranha do ditador, mas eu estou sem consolo pensando no vovô e no resto de minha família. O senhor de Silva diz que não devo me preocupar, que meu avô sabe cuidar-se sozinho.

Fez bem em me confessar isso longe de Buenos Aires, porque eu mesma teria matado a esse malvado.

Londres, 10 de março de 1852

Hoje fui visitar tia Tricia, lançando alguma luz para o estranho comportamento do Sr. de Silva nos últimos dias. É que Rosas caiu!! Derrotou-o o General Urquiza no princípio do mês passado. Dizem que acaba de chegar à Inglaterra, como refugiado. Não podíamos ter pior sorte. Mas já não nos importa, pelo menos, já não me importa.

Ela tinha adormecido no divã, com o caderno sobre o peito. Olhou o relógio na parede: eram duas da tarde. Levantou-se sobressaltada; depois se tranquilizou: era sábado. Banhou-se e se vestiu com roupas folgadas. Tinha pensado ficar todo o dia em casa, lendo e escrevendo. Estava muito entusiasmada com a história de sua tataravó e já não podia esperar mais. Logo, conectou a secretária eletrônica; não tinha desejo de que a interrompessem. Tinha certeza de que mais de uma pessoa telefonaria para saudá-la no dia de seu aniversário; devolveria as chamadas mais tarde, depois de ler as ocorrências no diário.

Almoçou algo leve e retornou ao trabalho. Pegou o diário que tinha lido na noite anterior e apesar de que não o tinha terminado, sua ansiedade habitual a levou direto à última página.

Paris, 28 de julho de 1890

Acredito que ficarei vivendo em Paris, com a minha filha Camila. É uma cidade linda, apesar de que chove mais que em Londres. Além disso, minhas duas netas são meu conforto nos dias de hoje. Meu filho Juan Cruz está bem situado em Londres, continuando os negócios de seu pai. Não tenho que me preocupar com ele. Logo conseguirá uma boa mulher e se casará.

Eu decidi que este é o último dia em que eu escrevo minhas vivências. Agora que Juan Cruz não está comigo, nada faz sentido. Tudo se limita à lenta espera do destino; final é irremissível que me una a ele. Amei-o até o desespero; tanto que por momentos acreditei perder a razão. Mas não me arrependo, fui livre junto a ele e não me reservei em nada que agora pudesse me fazer sentir mesquinha ou afligida.

Às vezes penso, cheia de angústia, no paradoxal que foi minha vida. O homem a quem acreditei detestar, meu pai, converteu-se no responsável para que eu fosse a mulher mais feliz do mundo junto a meu adorador Juan Cruz. Faz muitos anos que perdi a meu pai e já nada posso fazer; deixei-o partir sem lhe dizer o muito que o amava.

Camila me perguntou dias atrás como tinha sido meu amor por seu pai. Tomou-

me por surpresa e não pude lhe dizer nada. Pensei-o muito após, e estremei com tantas lembranças, em especial com o de nossas bodas. Deus bendito! Se meus filhos soubessem o que senti esse dia...

Por enquanto direi a Camila que amei seu pai com paixão, por sobre todas as coisas, além do céu sem fim, do bem e do mal; e que o amarei sempre, sem importar o tempo, por toda a eternidade.

Talvez, algum dia me atreva e lhe confesse que, em realidade, para mim tudo começou com ódio, na manhã de minhas bodas, quando o senhor de Silva tomou-me como sua esposa em troca das avultadas dívidas de meu pai.

Ariadna enxugou as lágrimas com o punho da camisa. Não era sentimental, mas a sinceridade dessa mulher a tinha sobressaltado.

Sentou-se frente a sua máquina de escrever, arrancou a meia folha escrita, e colocou uma nova, em branco. Esticou os dedos, e escutou com prazer o rangido de seus nódulos. Depois, centralizou a folha e se concentrou para digitar o título de seu novo romance. Escreveu: "*Bodas de ódio*"

Notas de Rodapé

[66]

[1] Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas - Foi um político e oficial militar argentino que governou a província de Buenos Aires e brevemente a Confederação Argentina. Nasceu em uma família rica, porém mesmo assim conseguiu acumular uma riqueza pessoal, adquirindo grandes extensões de terra no processo. Rosas colocou seus trabalhadores em uma milícia particular, algo comum para proprietários rurais da época, e participou de disputas entre facções que levaram a várias guerras civis no país. Foi bem sucedido na guerra, conseguiu influência pessoal e era seguido por um exército particular leal, tornando-se o modelo do caudilho, como os senhores provinciais da região eram conhecidos. Rosas eventualmente alcançou a patente de brigadeiro-general, a mais alta do exército argentino, e tornou-se o líder incontestável do Partido Federal.

Rosas foi eleito governador em dezembro de 1829 e estabeleceu uma ditadura apoiada pelo Terrorismo de Estado. Para muitos ele foi considerado o grande restaurador, pelos costumes conservadores.

[2] Misa - Tratamento de cortesia ou respeito equivalente a minha dama, minha senhora, que é usado no discurso popular de muitas regiões e que precede o nome da mulher a quem ela se refere

[3] Mate - Erva mate que faz o chimarrão que é degustado diariamente. Substitui o café.

[4] Tertúlia - uma festa no final da tarde e entrando na noite.

[5] *What are you doing, girl?* - *O que você está fazendo garota?*

[6] *Good heavens* - *Deus do Céus!*

[7] Grammie - Vovò - forma simplificada de grandmother. Em espanhol seria abuela. Seria uma mistura de inglês e espanhol.

[8] *Grandpa* - *forma simplificada de grandfather*. Em espanhol seria abuelo. Seria uma mistura de inglês e espanhol.

[9] Tatita - o mesmo que papito: papai.

[10] Minueto - Dança de origem francesa, surgida no século XVII, caracterizada pela leveza e solenidade; a música em compasso ternário executada durante essa dança.

[11] Marzuca - Dança polonesa a três tempos, misto de valsa e de polca, originária da província de Mazuric.

[12] Mazorquero - parceiro populares: membro do "Popular Restoration Society" criado pelo governador de Buenos Aires Juan Manuel de Rosas em 1833 para defender a causa federais de seus oponentes, unidade. Ela era conhecida pelo nome de Mazorca, que simboliza a unidade dos seus membros com grãos de milho. Seus detratores o chamou de "mais-enforcamento". A cor foi identificado como vermelho federal. azul claro e branco, os Unitários.

[13] O termo usado pela autora foi planchadoras - expressão de origem Argentina. Planchadora vem de planchar, ou seja, engomar, o que não cabia como tradução ao português. Essas mulheres, conforme a descrição, ficam nos cantos desprezadas, ignoradas, esquecidas, abandonadas e isoladas - exceto pelas as outras que estão no mesmo nível.

[14] Aunt - tia

[15] Unitária - que é do partido da união.

[16] de Silva - A preposição "de" nos sobrenomes é obrigatório na Argentina. Determina que pertence "a". Se for mulher pertence "a" sobrenome do pai e se casada ao marido. O homem também trás a preposição indicando que é filho 'de'. No caso de Silva, ele pertence a família Silva. Exemplo Josefina de

Ortiz - que pertence ao senhor Ortíz.

[17] Estabelecimento onde se prepara a carne-seca; charqueada ou peixes para sua conserva.

[18] Lacompte - Um nome de uma loja de moda.

[19] Dudignac - uma localidade no centro de Baires pertencente ao partido Nueve de Julio. Refere-se também a uma cidade nas proximidades de Buenos Aires.

[20] Galera - carruagem/ou carroça grande de quatro rodas, geralmente coberta com um toldo grosso. Barco de guerra antigo com velas e remos.

[21] Sereno - Pessoa que se dedica profissionalmente a vigiar as ruas durante a noite e que vai informando o horário a cada hora, eles também trabalham como cuidador de um local que fecha suas portas a noite. Nas cidades do interior da Argentina ainda existem serenens.

[22] Volanta - carruagem baixa, coberta com capô chato, fixado em suportes de ferro, que pediam nas laterais e na traseira, com portinholas e cortinas ajustáveis. Muitas tinham assento que acomodavam confortavelmente seis pessoas.

[23] O scone é um bolinho inglês, geralmente feitos de trigo, cevada ou aveia, e que são feitos em porções individuais, assim como o cupcake.

[24] Expressão que quer dizer: É mais fácil ignorá-la para caminhar junto dela.

[25] Mangas gigot - mangas bufantes do cotovelo para cima, e do cotovelo ao punho colado.

[26] Crinolina - Grande saia entufada e bufante, sustentada por lâminas de aço ou barbatanas.

[27] Merino - lã de ovelha ou carneiro

[28] Plaza de la Victoria - Praça da Vitória,

[29] Diario la Gacela - periódico ainda existe na Argentina.

[30] La Recova - é um centro comercial, estilo shopping atualmente.

[31] Perichona: desprezo ao sobrenome de Ana Maria Perichon. Sobrenome tirado da atriz de Lima no século XVIII, Micaela Villegas, o "Perricholi" que, como Ana Maria Perichon, tinha sido a amante de um vice-rei. Perricholi significa "cadela prostituta", "cadela mestiça"

[32] Tucumán - província , a maior cidade a Noroeste da Argentina.

[33] Gaúcho - Gaúcho é uma denominação dada às pessoas ligadas à atividade pecuária em regiões de ocorrência de campos naturais, do bioma denominado pampa, que ocorre no sul da América do Sul, em países como a Argentina, Uruguai e no Sul do Brasil, como Rio Grande do Sul.

[34] Caudilho - é o exercício do poder político caracterizado pelo agrupamento de uma comunidade em torno do caudilho que são lideranças políticas carismáticas ligadas a setores tradicionais da sociedade e que baseiam seu poder no seu carisma.

[35] El Bajo - O Baixo é uma zona da cidade de Buenos Aires identificada popularmente com este nome já que se encontra em uma zona onde as barrancas de de Baires antigamente caíam no Rio da Prata. Boca - ou República de la Boca é um bairro de Buenos Aires na Argentina onde está o famoso estádio de futebol Boca Juniors, Seu nome se deve a localização entre o Riachuelo e o Ria de Prata.

[36] Cuyo - é uma região geográfica da Argentina formada pelas provincias de San Juan, Mendoza e San Luis.

[37] Candombe - Dança do folclore ribeirinho, que se executa muito vividamente, ao ritmo dos tambores, deslizando os pés no chão em passos muito curtos; Tem sua origem nas tradições culturais dos escravos negros que chegaram ao Rio da Prata durante a colonização.

[38] Los rositas - referente ao governo e regime sócio-econômico de Rosas

[39] Mote - apelido, alcunha.

[40] Alto dos Riglos - foi uma dos principais centros de reunião da alta sociedade portenha, pertencente a Miguel Riglos um comerciante, funcionário e legislador argentino.

[41] A mansão no estilo descrito para a estadia "La Candelária" apareceu recentemente em Buenos Aires no final do século XIX. Enfim, este é um edifício que segue os princípios da arquitetura francesa do século XVII.

[42] Troya ou Tróia - jogo de bolas de gude s que consiste em traçar um círculo na terra onde se coloca um tronco ou mais, para depois tentar tirá-lo do mesmo círculo golpeando-o com as suas bolas de gudes. Mas no caso da linguagem regional, é confusão, discussão, briga.

[43] *Tipuana* é um género botânico pertencente à família Fabaceae. Ciclo de Vida: Perene. A tipuana é uma árvore decídua e florífera, de copa ampla e densa, que já foi largamente utilizada na arborização urbana tanto no Brasil como em outros países. Algumas cidades, como São Paulo e Porto Alegre, com certeza teriam uma paisagem bem diferente sem suas tão características tipuanas ladeando as ruas e parques. Um fenómeno ocorre com a árvore que parece chorar em certas épocas do ano.

[44] *Agapantos* - planta nativa do sul da África e pode atingir mais de 1 metro de altura.

[45] tapeçaria ou estofos feitos, a partir do século XVIII, em ricos tecidos ilustrados com notáveis composições, da Manufacture Nationale des Gobelins (França), ainda hoje em funcionamento.

[46] Saladeiro - Estabelecimento onde se prepara a carne-seca; charqueada.

[47] Juan Galo de Lavalle (Buenos Aires, 17 de outubro de 1797 - San Salvador de Jujuy, 9 de outubro de 1841) foi um militar e político argentino, protagonista da Guerra de Independência da Argentina e da América do Sul e líder militar e político durante as guerras civis naquele país.

[48] Manuel Dorrego nasceu como Manuel Crispulo Bernabé do Rego (Buenos Aires, 11 de junho de 1787 - Navarro, província de Buenos Aires, 13 de dezembro de 1828) foi um militar e político argentino que participou da guerra de independência e guerras civis Argentinas. Destacou-se como uma das principais referências do nascente federalismo do River Plate e foi governador da Província de Buenos Aires em duas ocasiões: em 1820 e entre 1827 e 1828. Foi derrocado pelas forças unitárias do general Juan Lavalle, derrotado na batalha de Navarro e executado por ordem do próprio Lavalle.

[49] Trabuco - Espingarda de boca larga, espécie de bacamarte.

[50] Desembucha - força de expressão, o mesmo que fala logo.

[51] Cañuelas é uma localidade da Província de Buenos Aires, na Argentina

[52] scherzo (no plural scherzi) é um género musical de nome dado a certas obras ou a alguns movimentos de uma composição que possui maior duração, como uma sonata ou uma sinfonia

[53] *Humita* - A grosso modo, humita seria uma pamonha salgada, embalada também na própria palha de milho. A humita tem sua origem no Peru, mas todo povo andino consome esse produto. No Chile, ela é preparada juntando os grãos de milho frescos com cebola picada e frita na manteiga com manjerição. Às vezes, agrega-se ainda o ají verde, uma espécie de pimenta muito consumida pelo povo chileno. Envolve-se o conteúdo nas palhas de milho e cozinha-se a humita com água e sal. Ainda pode ser servido com adição de açúcar, sal, tomate, azeitona ou páprica. Na Argentina, ela é preparada com milho ralado ou triturado. Na Bolívia, a humita é assada no forno. No Equador, o ovo também faz parte do seu conteúdo. E no Peru, o queijo e o doce de leite também recheiam essa iguaria

[54] Fábrica de Erva mate

[55] China - No campo argentino, mais na língua do gaúcho, China é menina ou moça. É um termo afetivo.

Chino - Referir-se a uma pessoa como um filho da puta ou algo em menor grau

[56] Sátrapa - Governador de uma província. Pessoa que leva uma vida faustosa, déspota.

[57] *Locro* - O locro (do quíchua ruqru ou luqro) é um ensopado a base de abóbora, poroto (uma espécie de feijão branco), milho, muito consumido na região da Cordilheira dos Andes. Existem numerosas receitas, mas um locro de lei leva vários tipos de carne (boi, porco, linguiça branca, linguiça vermelha, bucho e bacon), além de incluir alhos e abóbora. Alguns cozinheiros gostam de colocar ainda batata e batata doce. A hipercalórica caldeirada, que tem o aspecto e a consistência de um ensopado, deve ferver lentamente entre três e quatro horas numa enorme panela. Até aí, as semelhanças com a feijoada

[58] *Soychu* - Os pampas tinham uma religião dualista, com o deus do bem e do mal. os Toluheches e Diviheches. Chamam de Soychu que em sua linguagem é o Presidente da Terra, chamado de bom e imaginado como um homem velho com a criança na alma. O Tehuelche, Guayava-cuni, isto é O Senhor

dos Mortos. Vivia no céu como um deus do sol esperando que eles morressem; mas também era a proteção social de se opor ao medo que a natureza inspirava.

[59] Restinha - A restinga é um espaço geográfico formado sempre por depósitos de areia que se forma na costa marítima ou nos estuários dos rios, pela disposição de sedimentos, dando origem a formação de rios ou assoreamentos.

[60] Ardite - antiga moeda castelhana de escasso valor.

[61] Merci beaucoup, mademoiselle - Muito obrigado, senhorita.

[62] Bonsoir - Boa noite.

[63] Grand-mère - Vovô

[64] Jeunesse - juventude

[65] Chérie - querida

[66]